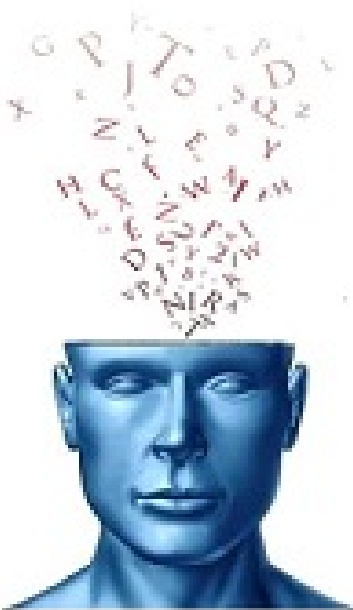


ANAIS DE RESUMOS DO

I SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE LINGUAGEM E COGNIÇÃO (I LINCOG)



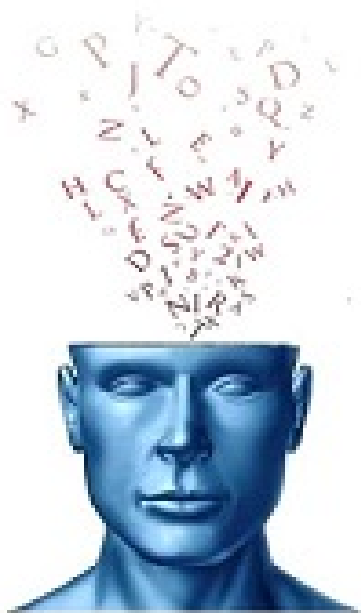
V Seminário do Projeto de História do Português Paulista

IX Encontro Anual do Grupo de Pesquisa Linguagem e Cognição



ANAI DE RESUMOS DO

I SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE LINGUAGEM E COGNIÇÃO (I LINCOG)



V Seminário do Projeto de História do Português Paulista

IX Encontro Anual do Grupo de Pesquisa Linguagem e Cognição

Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas

São Paulo

2014

Presidente

Maria Célia Lima-Hernandes, USP-FAPESP-CNPq

Vice-Presidente

Paulo Roberto Gonçalves Segundo, USP

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo

S612 Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição (*1. : 2014 : São Paulo, SP*)
Anais de Resumos do I Simpósio Internacional sobre Linguagem e Cognição (I LINCOG), 10 a 14 de novembro de 2014 / Organizadores: Elisângela Baptista de Godoy Sartin... [et.al.]. — São Paulo : FFLCH/USP, 2014.
185 p.

Ocorreram também durante o Simpósio, o V Seminário do Projeto de História do Português Paulista II, e o IX Encontro Anual do Grupo de Pesquisa Linguagem e Cognição.

ISBN 978-85-7506-245-6

1. Linguagem e cognição. 2. Linguística cognitiva. 3. Psicolinguística. I. Sartin, Elisângela Baptista de Godoy, *coord.* II. Almeida, Evaldo Grubisich de, *coord.* III. Tabuzo, Virgínia Comazzetto, *coord.* IV. Moreli, Joice da Silva, *coord.* V. Mano, Andréia Hiromi, *coord.* VI. Lima-Hernandes, Maria Célia, *coord.* VII. Segundo, Paulo Roberto Gonçalves, *coord.* VIII. Defendi, Cristina Lopomo, *coord.* IX. I LINGOC. X. Título.

CDD 401.9

ORGANIZADORES

Elisangela Baptista de Godoy Sartin (UNIB/USP)

Evaldo Grubisich de Almeida (USP)

Virgínia Comazzetto Tabuzo (USP)

Joice da Silva Moreli (USP)

Andréia Hiromi Mano (USP)

Maria Célia Lima-Hernandes (USP)

Paulo Roberto Gonçalves Segundo (USP)

Cristina Lopomo Defendi (IFSP)

ANAIS DE RESUMOS DO
I SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE
LINGUAGEM E COGNIÇÃO (I LINCOG)

V Seminário do Projeto de História do Português Paulista
IX Encontro Anual do Grupo de Pesquisa Linguagem e Cognição

10 A 14 DE NOVEMBRO DE 2014

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

SÃO PAULO – SÃO PAULO – BRASIL

Organização

PRESIDENTE

Maria Célia Lima-Hernandes, USP

VICE-PRESIDENTE

Paulo Roberto Gonçalves Segundo, USP

TESOURARIA

Karina Viana Ciocchi Sassi, USP

Cristina Lopomo Defendi, IFSP

Flaviana Veríssimo Silva, USP

SECRETARIA

Alexandre Yuri Ribeiro Guerra, USP

Elisangela Godoy Sartin, USP

Renata Barbosa Vicente, USP

Andréia Hiromi Mano, USP

Winola Weiss Pires Cunha, USP

Bianca Areas Silva Marques, USP

COMISSÃO DE APOIO

Aline Magna de Aguiar Vieira, USP

Claudia Cardoso Castanheira, USP

Douglas Rabelo, USP

Evaldo Grubisich de Almeida, USP

Fabiana Francisca Santos da Silva

Hiago Vinícius da Silva, USP

Isabela Pereira da Silva, USP

Joice da Silva Moreli, USP

Karoline Santiago de Macedo, USP

Lídia Spaziani, UNINOVE, USP

Marcello Ribeiro, UNINOVE, USP

Maria Cristina Lopes Araújo, USP

Nathália Pim, USP

Patrícia Elisa Kuniko Kondo Komatsu, USP

Rafael Henrique Lima Fulanetti, USP

Ricardo Inoue, USP

Tomás Penha, USP

Virgínia Comazzetto Tabuzo, USP

Winola Weiss Pires Cunha, USP

AGÊNCIAS DE FOMENTO

[Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo \(FAPESP\)](#)

PROGRAMAÇÃO

PROGRAMAÇÃO

10 de novembro (segunda-feira)

Horário	Programa
8h	Credenciamento e Entrega de Material <i>Local: Prédio de Geografia</i>
8h30	Cerimônia de abertura <i>Local: Auditório da Geografia</i>
9h	Conferência de abertura <i>Edwiges Morato (UNICAMP): Linguagem e Cognição em Interação: desafios e perspectivas para a pesquisa neurolinguística</i> <i>Local: Auditório da Geografia</i>
10h15	Coffee-break
10h45-12h15	Mesa de abertura <i>Local: Auditório da Geografia</i>
12h15-14h	Almoço
14h-15h30	Sessões de Comunicação 01-02 <i>Locais: Auditório da Geografia e Sala 107 (Letras)</i>
15h30-16h	Coffee-break
16h-17h30	Sessões de comunicação 03-04 <i>Locais: Auditório da Geografia e Sala 107 (Letras)</i>

11 de novembro (terça-feira)

Horário	Programa
8h30-10h	Sessões de comunicação 05-06 <i>Locais: Auditório da Geografia e Sala 09 (Geografia)</i>
10h-10h30	Coffee-break – Apresentação de Pôsteres
10h30-12h	Sessões de comunicação 07-08 <i>Locais: Auditório da Geografia e Sala 09 (Geografia)</i>
12h-14h	Almoço
14h-17h	Minicurso <i>Dirk Geeraerts (KU Lueven): Diachronic Semantics in Cognitive Linguistics</i> <i>Local: Auditório da Geografia</i>

12 de novembro (quarta-feira)

Horário	Programa
8h30-10h	Sessões de comunicação 09-10 <i>Locais: Auditório da Geografia e Sala 09 (Geografia)</i>
10h-10h30	Coffee-break – Apresentação de Pôsteres
10h30-12h	Sessões de comunicação 11-12 <i>Locais: Auditório da Geografia e Sala 09 (Geografia)</i>
12h-14h	Almoço
14h-17h	Minicurso <i>Dirk Geeraerts (KU Lueven): Diachronic Semantics in Cognitive Linguistics</i> <i>Local: Auditório da Geografia</i>

13 de novembro (quinta-feira)

Horário	Programa
8h30-10h	Sessões de comunicação 13-14 <i>Locais: Sala 09 e Sala 01 (Geografia)</i>
10h-10h30	Coffee-break – Apresentação de Pôsteres
10h30-12h	Mesa 01 <i>Locais: Sala 09 (Geografia)</i>
12h-14h	Almoço
14h-17h	Minicurso <i>Dirk Geeraerts</i> (KU Lueven): Diachronic Semantics in Cognitive Linguistics <i>Local: Sala 102 (Letras)</i>
17h-17h30	Coffee-break
17h30-18h30	Conferência <i>Dirk Geeraerts</i> (KU Lueven): New trends in Cognitive Linguistics <i>Local: Sala 102 (Letras)</i>

14 de novembro (sexta-feira)

Horário	Programa
8h30-10h	Sessões de comunicação 15-16 <i>Locais: Sala 09 e Sala 01 (Geografia)</i>
10h-10h30	Coffee-break
10h30-12h	Sessões de comunicação 17-18 <i>Locais: Sala 09 e Sala 01 (Geografia)</i>

SESSÕES DE COMUNICAÇÃO E MESAS

SESSÕES DE COMUNICAÇÃO E MESAS

10 DE NOVEMBRO – SEGUNDA-FEIRA

10 de novembro (segunda-feira) – MANHÃ: das 10h45 às 12h15	
Mesa de Abertura – Auditório Geografia	
Nome	Título
Briseida Dogo de Resende	Influência Social na Aprendizagem: uma abordagem evolucionista
Fraulein Vidigal de Paula; Júlia Maria Migot	Desenvolvimento lexical da criança: interfaces entre cognição e linguagem
Paulo Roberto Gonçalves Segundo; Maria Célia Lima-Hernandes	Processos atencionais e linguagem em perspectiva cognitivista
Maria Célia Lima-Hernandes; Marcelo Módolo	Diagnóstico auxiliar de autismo: problemas e encaminhamentos da linguagem

10 de novembro (segunda-feira) – TARDE: das 14h-15h30	
Sessão 01 – Sala 107 (Letras)	
Nome	Título
Rodrigo Lazaresko Madrid	Subjetificação na narração de futebol: o caso do verbo sair
Thalita Maria Lucindo Aureliano; Danielly Lopes de Lima; Jan Edson Rodrigues Leite	A motricidade e a direcionalidade dos verbos: um estudo experimental
Talita Rodrigues da Silva	Os verbos do Pykobjê-Gavião (Timbira) analisados sob a perspectiva da linguística funcionalista cognitiva
Paulo Jeferson Pilar Araújo	Comparativismo categorial e gramaticalização de construções de CÓPULA + COMITATIVO em português e línguas bantas
Lauriê Ferreira Martins; Nathália Félix de Oliveira	O papel dos mecanismos da analogia e da reanálise na mudança linguística

10 de novembro (segunda-feira) – TARDE: das 14h-15h30	
Sessão 02 – Auditório Geografia	
Nome	Título
Mario Santin Frugieuele	Bumbos em batuques: estudo do vocabulário do samba de bumbo
Bruna Baldini de Miranda	Considerações preliminares sobre o diálogo entre Notícia do Brasil e Tratado Descritivo do Brasil em 1587
Selmo Ribeiro Figueiredo Junior	DIALETO CAIPIRA NA REGIÃO PAULISTA DO MÉDIO TIETÊ: Projeto de registro de variações fonético-fonológicas e semântico-lexicais
Letícia Costa Feiteira	Manuscritos da escravidão (sécs. XVIII e XIX): edição e estudo
Milena Borges de Moraes	Estudo semântico-lexical do item lexical “corrupção” em Cáceres-MT

10 de novembro (segunda-feira) – TARDE: das 16h-17h30	
Sessão 03 – Sala 107 (Letras)	
Nome	Título
Cláudia Madalena Feistauer	Um olhar sobre um letramento especial: o das crianças com Síndrome de Down
Marcus Vinicius Brotto de Almeida	Contribuições da consciência metatextual para o letramento linguístico
Patricia Klein Gomes	A produção de texto infantil e as marcas de oralidade: atividades de textualização e revisão possibilidades e encaminhamentos
Aila Figueiredo	Prog. Univer. na Melhoria da Escrita e Leitura: gêneros e sequências textuais na construção do conhecimento para produção escrita
Vanessa Cavalcante Pequeno; Sandra Ataíde Ferreira	O gênero no ensino de Língua Estrangeira na perspectiva da ISD

10 de novembro (segunda-feira) – TARDE: das 16h-17h30	
Sessão 04 – Auditório Geografia	
Nome	Título
Vanessa Martins do Monte	As formas de tratamento em documentos paulistas do século XVIII
Rosicleide Rodrigues Garcia	A escolarização como fator fundamental na formação da prosódia caipira paulista na região do Médio Tietê
Eduardo Penhavel Alessandra Regina Guerra	Análise do processo de Organização Tópica em Cartas de Redatores de jornais paulistas do século XIX
Renata Ferreira Munhoz	As relações intersubjetivas em correspondências administrativas setecentistas

11 DE NOVEMBRO – TERÇA-FEIRA

11 de novembro (terça-feira) – MANHÃ: das 08h30-10h	
Sessão 05 – Auditório Geografia	
Nome	Título
Ieda Maria Alves; Galames Santos	A crise econômica mundial e as imagens de suas repercussões na imprensa Iolanda espanhola e brasileira
Patricia Carvalhinhos	Aspectos cognitivos na Toponímia
Ana Flávia Souto de Oliveira; Maity Simone Guerreiro Siqueira	Concepções de significado prototípico na Semântica Cognitiva Lexical: implicações metodológicas
Luciana Monteiro Krebs	Variantes terminológicas em uma ontologia do domínio jurídico brasileiro
Elaine Cristina Silva Santos	O processo interacional: intenções e avaliações do falante

11 de novembro (terça-feira) – MANHÃ: das 08h30-10h	
Sessão 06 – Sala 09 (Geografia)	
Nome	Título
Taisa Peres de Oliveira	Parameters of conditional constructions
Anna Carolina Ferreira Carrara; Neusa Salim Miranda	A Construção Superlativa Prefixal – uma abordagem construcionista da morfologia derivacional
Gabriela da Silva Pires; Luiz Fernando Matos Rocha	Alguns aspectos semânticos da construção concessiva comparativa (CCC) “para X, Y” como recurso avaliativo
Marcia dos Santos Machado Vieira	Construções com verbo suporte: graus de lexicalização
Vanessa Gonçalves Ferreira; Thais Fernandes Sampaio	As construções Binominais N-de-N no Construction do Português do Brasil

11 de novembro (terça-feira) – MANHÃ: das 10h30-12h	
Sessão 07 – Auditório Geografia	
Nome	Título
Dedilene Alves de Jesus Maria Lúcia Leitão de Almeida	O comportamento do adjetivo privativo falso na perspectiva da linguística cognitiva
Gustavo Fontes; Joceli Catarina Stassi-Sé	Transparência, opacidade e processamento discursivo na relação adverbial Propósito no português
Viviane da Fonseca Moura Fontes; Orientadora Lilian Vieira Ferrari	Ponto de vista e construal: estratégias cognitivas nos dêiticos “nós” e “a gente”.
Patrícia Miranda Machado; Neusa Salim Miranda	Solteiríssimo, solteiraço, solteirésimo: um caso de desencontro das propriedades semântico formais da construção superlativa sintética
Diogo Pinheiro; Karen Alonso	Idiomaticidade e subjetificação em uma rede de construções gramaticais do português brasileiro

11 de novembro (terça-feira) – MANHÃ: das 10h30-12h	
Sessão 08 – Sala 09 (Geografia)	
Nome	Título
Fabiana Francisca Santos da Silva; Isabela Pereira da Silva	Acessibilidade e percepção visual na USP
Mábia Nunes Toscano; Jan Edson Rodrigues Leite	Construções metafóricas convencionais e não convencionais: um estudo com idosos portadores de alzheimer e idosos não patológicos
Aline Bisotti Dornelas; Esther Pascual	O discurso reportado como estratégia comunicativa na fala espontânea de crianças com transtorno do espectro autista
César Costa Vitorino	Linguagem e cognição: compreensão de provérbios por pessoas com acidente vascular cerebral no LPI e/ou Alzheimer conhecidas de p professores-alunos do Programa Plataforma Freire da UNEB.
Vivian Meira de Oliveira	A Importância da Neurolinguística Discursiva para a Recuperação da Capacidade Comunicativa de Sujeitos com Lesão Cerebral: Um estudo sobre o agramatismo e a afasia semântica

12 DE NOVEMBRO – QUARTA-FEIRA

12 de novembro (quarta-feira) – MANHÃ: das 08h30-10h	
Sessão 09 – Auditório Geografia	
Nome	Título
Maity Siqueira;Daniela Marques	Can deaf people understand primary metaphors?
Isabela Pereira da Silva	A plasticidade da visão: o lugar da fala
Saulo César Paulino e Silva	A inclusão de alunos com deficiência no ensino superior e a percepção de suas identidades sociais: uma análise comparativa entre Brasil e Espanha
Débora Klemens Oliveira	Onde não haveria nada. Interação social, linguagem e cognição humana: algumas questões a respeito dessas relações observadas a partir do autismo
Flaviana Veríssimo da Silva	Gradação e prototipia nos Transtornos do Espectro do Autismo (TEA): testes de produção comunicativa

12 de novembro (quarta-feira) – MANHÃ: das 08h30-10h	
Sessão 10 – Sala 09 (Geografia)	
Nome	Título
Argus Romero Abreu de Moraes	Análise do Discurso e Realismo Experiencial: implicações para uma memória cognitivo-discursiva
Kaline Girão Jamison; Ana Cristina Pelosi	A construção de empatia no discurso de mulheres vítimas de violência conjugal
Aldo Luiz Bizzocchi	Semiótica hiperprofunda e cognição: como a mente concebe a realidade
Marcela de Almeida Moschem	Processos de referenciação em Redações Científicas: uma abordagem sociocognitivo-interacionista
Milton Gabriel Junior	Crônica jornalística – por uma caracterização do gênero

12 de novembro (quarta-feira) – MANHÃ: das 10h30-12h	
Sessão 11 – Auditório Geografia	
Nome	Título
Marcos Gonzales	A metáfora da fôrma
Giselli Freitas Neves	O tratamento dos conceitos via leitura das expressões homofóbicas segundo a teoria da metáfora conceitual de Lakoff
Camila Aparecida Martins; Henrique Alvarenga Cosenza	Esquemas Imagéticos, Metáforas Conceituais e Metonímias na Produção de Narrativas Oraís de Crianças em Período Escolar: Uma Breve Análise
Samanta Kélly Menoncin Pierozan	Investigando a metaforicidade dos phrasal verbs sob a ótica da semântica cognitiva
Luís Henrique Serra	As metáforas conceituais na imprensa do setor canavieiro no Brasil

12 de novembro (quarta-feira) – MANHÃ: das 10h30-12h	
Sessão 12 – Sala 09 (Geografia)	
Nome	Título
Maria Cristina Damianovic; Iago Broxado	O papel da argumentação crítico-dialógica na construção de tomada de decisão entre professores em formação via facebook
Silvia Albert Bachur	Coesão, Coerência e referenciação: processos sociocognitivos e suas implicações para a produção escrita
Luciana Kinoshita Barros	Competência leitora: inter-relação de aspectos cognitivos entre ler em LM e em LE de alunos calouros de Letras Inglês da UNIFESS
Rita Angélica de Oliveira Luz	A construção de interfaces entre linguagem e cognição na competência leitora em inglês
Ana Lucia Farias da Silva	A pesquisa em cognição: um andaime para um ensino do texto do gênero literário crônica no Ensino Fundamental
Cristina Lopomo Defendi	(Inter)subjetivação no processo de conclusão textual

13 DE NOVEMBRO – QUINTA-FEIRA

13 de novembro (quinta-feira) – MANHÃ: das 08h30-10h	
Sessão 13 – Sala 09 (Geografia)	
Nome	Título
Cacilda Vilela de Lima	A gestualidade como ação antecipatória na produção de enunciados discordantes
Juliana Ángel-Osorno	Os tempos de enunciação, referência e evento numa análise semântica do tempo em espanhol andino colombiano
Alessandra Maria Mamere Caixeta Martins	A “álgebra mágica” de Guimarães Rosa: linguagem, mito e pensamento
Anna Karolina Miranda Oliveira gramática	Grounding, espaços mentais, memória e recursividade: do discurso para a
Renata Barbosa Vicente	Iniciar um texto é a parte mais difícil?

13 de novembro (quinta-feira) – MANHÃ: das 08h30-10h	
Sessão 14 – Sala 01 (Geografia)	
Nome	Título
Jan Edson Rodrigues Leite; Mabia N. Toscano; Marinesio J. Gonçalves	Compreensão de inferências na doença de Alzheimer
Alexandre Yuri Ribeiro Guerra	A percepção de intencionalidade e de causalidade no uso linguístico por crianças
Joice da Silva Moreli	A fonte para a construção de um contexto: a relação entre faixa etária, tamanho de contexto em pessoas típicas e com transtornos.
Rafahel Jean Parintins Lima	Alinhamentos interacionais em entrevistas com integrantes do centro de convivência de afásicos do IEL/UNICAMP
Tomás Reis Barreto Penha	Construções sinalizadoras de “planos e desejos” e de “desânimo, decepção e resignação” em relatos de pessoas com envelhecimento normal e com Doença de Alzheimer

13 de novembro (quinta-feira) – MANHÃ: das 10h30-12h	
Mesa 01 – Sala 09 (Geografia)	
Nome	Título
Nilza Barrozo Dias	As construções completivas impessoais com verbo ser +nome e o controle do sujeito
Tony Berber Sardinha	A multi-dimensional perspective on metaphor use in English
Jussara Abraçado	Gramaticalização e subjetificação no estudo do futuro perifrástico no português brasileiro
Paulo Chagas de Souza	Conqueísmo: a extensão de uma construção com verbos de dinâmica de forças
Luiz Carlos Cagliari	Estudo da Expectativa numa Perspectiva Cognitiva

14 DE NOVEMBRO – SEXTA-FEIRA

14 de novembro (sexta-feira) – MANHÃ: das 08h30-10h	
Sessão 15 – Sala 01 (Geografia)	
Nome	Título
Jocineia Andrade Ramos	Construções completivas impessoais: verbo ser+nome
Marcela Zambolim de Moura; Fabiane Amaral da Cunha Lacerda	Esquematicidade das orações encaixadas subjetivas em processo de Patrícia gramaticalização
Marcello Ribeiro	O papel funcional-discursivo das correlativas adversativas: um exercício cognitivo
David Edson Farah	Causalidade e aspectos cognitivos de sua codificação: Os conectores causais da língua alemã.
Renata Margarido	Gramaticalização das construções correlativas condicionais (com “se..., é porque”)

14 de novembro (sexta-feira) – MANHÃ: das 08h30-10h	
Sessão 16 – Sala 09 (Geografia)	
Nome	Título
Andréia Hiromi Mano	Atenção conjunta: sinalizadores de polidez no mandarim, no coreano e no português
Nathalia Regina Pim do Nascimento	Amostras do Português falado em Macau no século XXI
Francisco das Chagas de Sousa	Aquisição de L2 sob a luz da Hipótese do Período Crítico
Patrícia Elisa Kuniko Kondo Komatsu	Perseguição dos imigrantes japoneses em São Paulo: O contexto da segunda guerra mundial
Márcia Schmaltz	An Empirical-Experimental Study of Problem Solving in the Translation of Linguistic Metaphors from Chinese into Portuguese
Tang Sijuan	O ensino de português brasileiro aos chineses

14 de novembro (sexta-feira) – MANHÃ: das 10h30-12h	
Sessão 17 – Sala 01 (Geografia)	
Nome	Título
Fernanda Raquel Oliveira Lima; Neusa Salim Miranda	O papel dos frames semânticos como ferramentas de descrição e explicação da significação discursiva
Tatiane Silva Tavares; Thais Fernandes Sampaio	Os Esquemas Imagéticos e a motivação conceptual da Construção Binominal de Quantificação Indefinida
Francisco das Chagas de Sousa	A construção dos sentidos sob o prisma da integração conceptual
Maucha Andrade Gamonal; Daniela Simões Gomes	A semântica de frames na elaboração do dicionário da copa
Raul de Souza Püschel	Corpo, mente e leitura: alguns diálogos possíveis

14 de novembro (sexta-feira) – MANHÃ: das 10h30-12h

Sessão 18 – Sala 09 (Geografia)

Nome	Título
José Hamilton Maruxo Junior	Ensino de pontuação na escola primária e a noção de script
Carlos Augusto Baptista de Andrade; Magalí Elisabete Sparano	História para boi casar: o hibridismo verbo-visual e a estilística em textos para crianças
Florsil Alfredo Mendonça	Choque cultural de alunos guineenses na USP
Lídia Spaziani	As construções de polaridade negativa como pista linguística evidenciando o processo de estigmatização sobre o grupo de etnia considerada cigana
Felicia Jennings-Winterle	Consciência Fonológica e a aprendizagem do português como língua de herança
Elisangela Baptista de Godoy Sartin	O português de herança em territórios de língua oficial espanhola

PÔSTERES

11 de novembro (terça-feira) – 10h

Luciel Pereira de Jesus Ildelávio dos Santos Silvav	Transtornos de linguagem e o uso das TIC: um estudo de caso nas escolas de Ensino Fundamental I da CRE Subúrbio 1 de Salvador
Mara Sophia Zanotto	Investigação qualitativa dos processos de interpretação de metáforas em textos literários
Pilar Silveira Mattosa Leila Cruz Magalhães Neusa Salim Miranda	Construções superlativas morfológicas do português – considerações sobre os desafios da utilização de corpora eletrônicos e ferramentas computacionais

12 de novembro (quarta-feira) – 10h

Andréa de Oliveira Gomes Martins Lucas Emmanuel da Silva Lourenço Jan Edson Rodrigues Leite	Construções Gramaticais bitransitivas: elementos estruturais e cognitivos
Caroline Paola Cots	A linha de errância do autismo e o método-pensamento de Fernand Deligny: onde a linguagem se ausente, o que há?
Virgínia Comazzetto	A modalidade deôntica no Português Brasileiro: uma abordagem cognitivista
Winola Weiss Pires Cunha	A espetacularização da vida privada: um estudo sobre julgamentos acerca de família e de sexualidade no gênero terapêutico da TV

12 de novembro (quarta-feira) – 15h30

Anna Rebeca Águas Schunemann Bianca Maia Machado Jaqueline Rocha dos Anjos João Pedro da Silva Salomé Lucas Serradella de Paula <i>Supervisão:</i> Moisés Carlos Ferrer – ETEC <u>Guaracy Silveira</u> Isabela Pereira da Silva – USP	Deficiência visual: a inclusão escolar e o acesso cultural
Gláucia Ono Fujita Pereira (IC Instituto Sumaré de Ensino Superior) Saulo César Silva (Orientador)	A construção da identidade do deficiente intelectual por meio da sua inclusão profissional no ramo farmacêutico na cidade de São Paulo.

13 de novembro (quinta-feira) – 10h

Bianca de Andrade Mantovani	Cartas do editor da revista Claudia: estudo das escolhas lexicais para a construção da identidade feminina
Karoline Pimentel dos Santos Daniel De Martino Ucedo	Linguagem não literal no envelhecimento: Uma análise por meio de provérbios
Karoline Santiago de Macedo	A construção da (des)cortesia na interação criança-adulto em perspectiva funcionalista e conversacional

Caderno de Resumos

Apresentação

É com grande satisfação que apresentamos os *Anais de Resumos do I Simpósio Internacional sobre linguagem e cognição (LINCOG)*, realizado no período de 10 a 14 de novembro de 2014, na Universidade de São Paulo.

Tratou-se de um evento acadêmico-científico que congregou pesquisadores de várias partes do mundo, professores visitantes, e um professor da Bélgica, convidado para ministrar o minicurso sobre linguística cognitiva, entre os dias 11 e 13 de novembro de 2014. Além desses, o evento também contou com a participação de professores de universidades públicas e particulares de várias cidades brasileiras e de pesquisadores em nível de graduação e pós-graduação.

A Professora Doutora Edwiges Morato (IEL-UNICAMP) foi convidada a realizar a conferência de abertura com o tema “*Linguagem e Cognição em Interação: desafios e perspectivas para a pesquisa neurolinguística*”, pois ela representa a nova geração de linguistas que consolidam cada vez mais o nome na área da Linguística Cognitiva em São Paulo.

As mesas-redondas atenderam a temas de relevância nas áreas diversas ligadas à correlação entre linguagem e cognição. Com isso, em parceria com o Projeto História do Português de São Paulo, financiado pela Fapesp, reúne um número significativo de pesquisadores interessados nos fundamentos de Linguística Cognitiva apresentados, no formato de minicurso, pelo professor visitante Dr. Dirk Geeraerts, da Universidade de Leuven, Bélgica. O curso programado recebeu o título de *Diachronic Semantics in Cognitive Linguistics*, e discutiu, sem esgotar, os seguintes tópicos:

1. prototype semantics.
2. metonymical patterns through time e metaphor.
3. cultural history.

Além do curso, O Prof Dr Dirk Geeraerts (Ku Leuven), ainda programa apresentou uma conferência de encerramento intitulada *New Trends in Cognitive Linguistics*.

Participam deste *Anais* pesquisadores e estudantes de diferentes áreas como Linguística Histórica, Filologia, Fonética/Fonologia, Morfologia, Sintaxe, Semântica, Sociolinguística, Psicolinguística, Pragmática, Análise do Discurso, Linguística Textual, Aquisição da Linguagem e Linguística Aplicada, os quais estabelecem em seu trabalho um franco diálogo com ferramentas e fundamentos da cognição.

Neste caderno, optamos pela organização orientada pela ordem alfabética por autor. Esperamos que essa decisão facilite consultas mais prontamente.

Encerramos nossa apresentação com os agradecimentos em nome de toda a Comissão Organizadora a todos que atenderam ao nosso chamado para vir debater neste grande evento seus trabalhos, ideias e projetos, pois é justamente nesse exercício de aproximação entre os pares que avanços significativos nas reflexões acadêmico-científicas ocorrem. Agradecemos, ainda, aos órgãos que nos auxiliaram de variadas formas, inclusive com recursos, para que este evento pudesse ocorrer. São eles: FAPESP, com a passagem e diárias do professor visitante, o Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, pela impressão dos certificados, o Programa de Pós-graduação em Filologia e Língua Portuguesa pelo auxílio com diárias a três professoras colaboradoras, à editora Humanitas (FFLCH-USP), em especial à Nilda, por nos auxiliar na organização da feira de livros durante o evento. Às Editoras que contribuíram com o coffee break: Humanitas (FFLCH-USP), Associação Editorial Humanitas, Ciranda Cultural/EDUSP, Contexto, Mercado do Livro, Pontes e Parábola. Além dessas, ainda agradecemos à Segmento Editora pela cessão de exemplares da Revista Língua Portuguesa a todos os participantes do evento. Por fim, devemos manifestar nossos mais sinceros agradecimentos ao Departamento de Geografia (DG-FFLCH-USP) por nos ceder o espaço físico para a realização do evento e ao Serviço de Comunicação Social pela diagramação dos Anais.

É certo que sem a adesão de todos os participantes e os esforços empreendidos por todos os alunos envolvidos (do Instituto Federal de São Paulo, da Pré-Iniciação da USP, da iniciação científica da USP, da Pós-Graduação da USP) bem como de todos os professores - que muito se empenharam para que tudo saísse a contento - o I LINCOG não teria acontecido.

Com os cumprimentos da Comissão Organizadora

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO ORAL

Prog.Univer. na melhoria da escrita e leitura: gêneros e sequências textuais na construção do conhecimento para produção escrita

Aila Maria Leite Figueiredo (UNICSUL)

O presente estudo tem como finalidade analisar as sequências textuais narrativas e descritivas em produções de alunos do Ensino Fundamental I. Esta análise será fundamentada na Análise Textual do Discurso (Adam, 2008), e tem como *corpus* as redações de cerca de 40 alunos do 5º ano do Ensino Fundamental I que participam de um programa de extensão de uma universidade particular de São Paulo: O Programa Universidade na Melhoria da Escrita e Leitura (UNIMEL), que trabalha com os alunos uma forma de abordagem linguística que é uma tônica nos programas de governo contemporâneos em nossa cidade para o estudo de língua materna: *gêneros textuais* por *sequências didáticas*. E o faz por acreditar que esse tipo de abordagem didática pode colaborar com seus objetivos de desenvolver seus alunos em leitura – com produção de sentido –, escrita e expressão oral. Por isso, prioriza gêneros de domínios indicados pelas orientações dos currículos ao ensino fundamental e desenvolve-os por sequências didáticas, de forma a apresentar os gêneros em estudo por diferentes ângulos, em atividades variadas, para sua fixação. Essa abordagem didática procura facilitar a aprendizagem do aluno, verificando primeiramente o conhecimento prévio do grupo, o que de fato eles já conhecem do gênero em pauta e está armazenado em suas memórias, para partir desse repertório e acrescentar, em aulas sequenciais, atividades variadas, que possam levar o aluno a perceber o gênero em estudo. Para implantar essa abordagem de ensino em língua materna, o Programa faz uso das indicações dos Parâmetros Curriculares Nacionais – língua Portuguesa, que foram elaboradas a partir das observações do panorama escolar no Brasil pela necessidade de uma reestruturação no ensino de nossa língua, buscando meios de garantir o processo de aprendizagem nas habilidades de escrita e de leitura. Para desenvolver a atividade proposta com as categorias narrativas e elementos descritivos foram trabalhadas cerca de 03 aulas, em sequências didáticas, e delas foram escolhidas as 10 redações que servem de *corpus* para a presente comunicação. Para tanto, analisaremos essas sequências com o objetivo de identificar a ocorrência da narração e os elementos constitutivos desta presentes nas produções textuais, apresentando, no final, uma reflexão acerca de atividades de retextualização, com o intuito de complementar as lacunas observadas nas análises do *corpus*. A apresentação será dividida em duas partes: na primeira, serão apresentados os conceitos de gêneros e sequências textuais, fundamentada em alguns autores como Marcuschi (2002), Schnewly e Dolz (2010), Marquesi (2004), Adam (2008), entre outros, os quais acreditam que a forma de estudar língua e linguagem por meio de gêneros textuais conduz os estudantes à familiarização com os diferentes modelos de textos que circulam socialmente e que preenchem as necessidades de comunicação do dia a dia, em qualquer nível de atividade, quer seja no aspecto da leitura, quer seja na escrita ou na língua falada. Lembrando que em um mesmo gênero é possível que exista duas ou mais sequências textuais, também é possível analisar vários elementos e categorias dentro de cada sequência. E, na segunda, serão analisadas as redações, de acordo com as categorias da narrativa (situação inicial, nó ou conflito, re-ação e situação final), seguindo os fundamentos propostos por Adam (2008), e os elementos da sequência descritiva (designação, definição e individuação), conforme propões Marquesi (2004). As análises apontam para dificuldades apresentadas pelos estudantes na composição de sequências textuais e indicam possibilidades de trabalho para a melhoria da prática de produção escrita.

Palavras-chave: Gêneros; Sequências textuais; Retextualização.

Referências bibliográficas:

- ADAM, J. A **Linguística Textual: introdução à análise textual dos discursos**. São Paulo: Cortez, 2008.
- CABRAL, A. L. T. **O conceito de plano de texto: contribuições para o processo de planejamento da produção escrita**. In: Revista Linha D'Água. Número 26 - Programa de Pós-graduação em Filologia e em Língua Portuguesa - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, - Universidade de São Paulo, 2013.
- KOCH, I. V. & ELIAS, V. M. **Ler e Escrever: estratégias de produção textual**. 2. edição. São Paulo: Contexto, 2010.

- KOCH, I. V. & ELIAS, V. M. **Ler e Compreender os Sentidos do Texto**. São Paulo: Contexto, 2009.
- LEONOR, L. F. & KOCH, I. V. **Linguística textual: introdução**. 6. edição. São Paulo: Cortez Editora, 2002.
- MARCUSCHI, L. A. **Gêneros textuais: configuração, dinamicidade e circulação**. In KARWOSKI, A. M. ET al. (org.) *Gêneros textuais: reflexões e ensino*. São Paulo: Parábola, 2011.
- _____. **Gêneros textuais: definição e funcionalidade**. In *Gêneros textuais e ensino*. Org. DIONÍSIO, A. P. São Paulo: Parábola, 2010.
- MARQUESI, S. C. **A Organização do texto descritivo em língua portuguesa**. São Paulo, Editora Lucerna, 2004.
- MARQUESI, S. C. & CABRAL, A. L.T. **Uma proposta de análise dos dados**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas: Unicsul, 2005.
- SCHNEUWLY, B.; DOLZ, J. et al. **Sequências Didáticas para o oral e a escrita: apresentação de um procedimento**. In *Gêneros orais e escritos na escola*. Trad. e org. Roxane Rojo e Glaís Sales Cordeiro. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.
- SPARANO, M et al. **Gêneros textuais: construindo sentidos e planejando a escrita**. São Paulo: Editora Terracota, 2012.
- TAILLE, Ives de La; OLIVEIRA, Marta Kohl; DANTAS, Heloysa. *Piaget, Vygotsky e Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão*. 18. edição. São Paulo: Summus, 1992.

Semiótica hiperprofunda e cognição: como a mente concebe a realidade

Aldo Luiz Bizzocchi (FFLCH/USP)

Núcleo de Apoio à Pesquisa em Etimologia e História da Língua Portuguesa (www.nehlp.org)

O objetivo deste trabalho é apresentar um modelo explicativo de como a mente transforma informações sensoriais em pensamentos estruturados numa linguagem primordial, pré e transemiótica, e esta em enunciados semióticos particulares, dentro de uma determinada cultura.

Para tanto, nos apoiamos em pensadores que vão desde filósofos como Platão (2001), Aristóteles (1997), Locke (2008), Russell (1956) e Wittgenstein (2010), até os modernos cientistas da linguagem e da mente, como Jespersen (1922), Chomsky (1995), Fodor (1983) e Pinker (1997; 2007), além das abordagens semióticas de Hjelmslev (1975), Greimas (1976), Pottier (1974), Rastier (2001) e Pais (1976; 1978; 1979; 1991; 1993), sobre os quais desenvolvemos nossas próprias reflexões e contribuições (BIZZOCCHI, 2008; 2009). Portanto, nossa metodologia é fundamentalmente teórica.

A construção de representações mentais a partir de percepções sensoriais permite tanto adquirir novos dados da experiência como também reconhecer os já adquiridos. Esse processo é a cognição: a mente processa a informação percebida pelos sentidos para transformá-la em conceitos e, a seguir, em signos, dentro das mais diversas semióticas (verbal, não verbais e sincréticas).

A busca pela matéria-prima do pensamento foi empreendida inúmeras vezes, por vários estudiosos, dentre eles Locke, o qual afirma que tudo o que podemos conceber é uma combinação de ideias primeiras; as conexões entre elas formam a sintaxe cognitiva.

Russell e Wittgenstein propuseram que qualquer conceito exprimível linguisticamente pode ser decomposto em conceitos cada vez mais simples até o ponto em que não possam mais ser decompostos.

Decorrência da análise estrutural das línguas foram os estudos de Jespersen, Fodor, Tesnière e, sobretudo, Chomsky. Este demonstrou que a língua tem uma estrutura profunda bem diferente da superficial e que a uma mesma estrutura profunda correspondem inúmeras estruturas superficiais distintas. Fodor e Chomsky também postularam a existência de uma “linguagem do pensamento”, ou gramática universal, situada na estrutura hiperprofunda da linguagem.

Todo sistema semiótico (re)cria permanentemente um sistema de valores, ou visão de mundo, que é o modo particular, próprio de cada cultura, de ver e pensar a realidade.

Todos os seres humanos percebem o mundo da mesma maneira, mas a “leitura” que cada povo (e, em menor grau, cada indivíduo) faz da realidade difere em função de seu sistema de valores específico. O mundo real só pode ser pensado depois de interpretado em termos de uma cultura, isto é, traduzido em alguma semiótica, com seu respectivo sistema de valores. O real é filtrado primeiro pelos sentidos (filtragem biológica) e depois pela cultura (filtragem cultural).

As teorias mais modernas apontam para a existência de vários níveis ou estruturas mentais através dos quais passam as

informações vindas do meio até se transformarem em pensamentos e daí em signos, que tornam possível a comunicação.

O primeiro desses níveis é imediatamente posterior à percepção biológica e anterior ao tratamento da informação por qualquer semiótica. É a estrutura hiperprofunda, nível da conceptualização, nível em que são produzidos os recortes culturais. Estes, destacados do *continuum* da realidade percebida, são mentalmente analisados e decompostos em “partículas elementares” da significação, os núons (do grego *νῦν*, “mente, pensamento”), algo como as qualidades fundamentais de Locke, mas definidas com rigor matemático.

Embora o modo de conceptualizar o real varie entre culturas, todos os conceitos são formados de núons, e estes, embora em grande número, devem ser os mesmos em todas as culturas, já que são de natureza biológica e dizem respeito ao modo como a mente humana percebe e concebe o mundo.

Os núons atuam dentro do universo semiótico regidos pelas regras da sintaxe hiperprofunda. Essas partículas se agrupam em complexos maiores que interagem uns com os outros, mantêm relações entre si, mudam de estado, se desorganizam e reorganizam, realizam e sofrem ações, num movimento incessante.

No universo semiótico, todos os fenômenos envolvem a interação entre conceitos, que se enquadram, segundo Bühler (1934) nas categorias *entes*, *processos* e *atributos*.

Os entes e processos são complexos de atributos unidos de forma organizada e hierarquizada, como átomos em moléculas. Cada atributo pode ser traduzido, à maneira de um dicionário, em outros atributos cada vez mais simples, até chegarmos a atributos mínimos (os núons).

Um ente pode encontrar-se num determinado estado (estático ou dinâmico) ou num processo (espontâneo ou induzido). A representação matemática da sintaxe conceptual permite a construção de estruturas geométricas em forma de árvore. Além disso, os enunciados conceptuais podem ser encaixados uns nos outros por coordenação ou subordinação, gerando seqüências muitíssimo complexas, em alguns casos só passíveis de processamento por computador.

Os enunciados conceptuais assim expressos dão origem a uma variedade de enunciados concretamente realizados, seja em que código for. O léxico e a gramática conceptuais traduzem todas as nossas experiências intelectuais, sensíveis ou de qualquer outra natureza.

O conceito sempre contém mais núons que cada um dos signos que gera, já que contém os traços semânticos de todos os signos que permite gerar. Como resultado, cada um dos signos utilizados em nossa cultura para representar um conceito comporta certo número de informações, mas não todas as que o conceito abrange.

Como os conceitos mantêm intersecções e sobreposições, os núons comuns a vários conceitos constituem um núcleo nuônico em torno do qual se estabelecem vários campos semânticos. Conceitos distintos ligam-se pelo compartilhamento de núons, num processo semelhante ao das ligações químicas em que átomos partilham elétrons para formar moléculas. Isso permite construir enunciados conceptuais que serão as matrizes de enunciados verbais e não verbais, graças à compatibilidade semântica (ou isotopia) entre os núons.

A visão de mundo de cada indivíduo é (re)construída a cada pensamento, concebido como um diálogo interior por meio de signos verbais, não verbais e sincréticos. Igualmente, a visão de mundo de uma comunidade se (re)constrói a cada ato de comunicação entre os seus membros. A acumulação desse conhecimento é o que chamamos de cultura.

O objetivo final dessas investigações é criar uma “teoria de tudo” em matéria de linguagem e cognição: a semiótica cognitiva deve buscar a unificação das teorias semióticas disponíveis, suprindo suas limitações.

Palavras-chave: Semiótica Cognitiva; Semântica Hiperprofunda; Núons.

Referências bibliográficas:

ARISTOTE. *Organon*. Paris: J. Vrin, 1997.

BIZZOCCHI, A. Como pensamos o mundo: a semiótica e a cognição humana. In: SIMÕES, D. (org.) *Mundos Semióticos Possíveis*. Rio de Janeiro: Dialogarts, 2008, p. 51-73. [ISBN 978-85-86837-53-1]

_____. Como pensamos a realidade. *Scientific American Brasil*, ano 7, n.º 82, março de 2009, p. 84-89. [ISSN 1676-9791]

BÜHLER, K. *Sprachtheorie*. Die Darstellungsfunktion der Sprache. Jena: Fischer, 1934 [*Theory of language*. The representational function of language. Trad. inglesa de D. Goodwin. Amsterdam: Benjamins, 1990].

- CHOMSKY, N. *Language and thought*. Kingston, RI: Moyer Bell, 1995.
- FODOR, J. *The language of thought*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1983.
- GREIMAS, A.-J. *Sémantique structurale*. Recherche de méthode. Paris: Larousse, 1976.
- HJELMSLEV, L. *Prolegômenos a uma teoria da linguagem*. São Paulo: Perspectiva, 1975.
- JESPERSEN, O. *Language: its nature, development and origin*. London: Allen and Unwin, 1922.
- LOCKE, J. *An essay concerning human understanding*. Oxford: O.U.P., 2008.
- PAIS, C. T. *Ensaio semiótico-lingüísticos*. Petrópolis: Vozes, 1976.
- _____. La structuration du signifié: de l'analyse conceptuelle à la lexémisa-tion. *Acta Semiotica et Linguistica*, v. 2. São Paulo: Hucitec/SBPL, 1978, p. 327-337. [ISSN 0102-4264]
- _____. Semiose, informação e transcodificação. *Língua e literatura*, n.º 8. São Paulo, FFLCH-USP, 1979, p. 57-68. [ISSN 0101-4862]
- _____. Semântica cognitiva, semântica de língua, sociossemiótica e semiótica da cultura: instâncias e processos de produção. *Anais da 43ª Reunião Anual da SBPC*, Rio de Janeiro: UFRJ, 1991, p. 376-377.
- _____. *Conditions sémantico-syntaxiques et sémiotiques de la productivité systémique, lexicale et discursive*. Paris: Sorbonne, 1993. [Tese de doutorado de estado]
- PINKER, S. *How the mind works*. New York: Norton, 1997.
- _____. *The language instinct: how the mind creates language*. New York: Harper Collins, 2007.
- PLATÃO. *Crátilo*. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.
- POTTIER, B. *Linguistique générale*. Théorie et description. Paris: Klincksieck, 1974.
- RASTIER, F. *Sémantique et recherches cognitives*. Paris: P.U.F., 2001.
- RUSSELL, B. *The philosophy of logical atomism*. *Logic and knowledge*. Essays 1901-1950. London: Allen and Unwin, 1956.
- WITTGENSTEIN, L. *Tractatus logico-philosophicus*. São Paulo: EDUSP, 2010.

A “álgebra mágica” de Guimarães Rosa: linguagem, mito e pensamento

Alessandra Maria Mamere Caixeta Martins (UFU)

O objetivo desse trabalho é mostrar a linguagem mítica e arcaica de Guimarães Rosa, em seus aspectos sociais e psicológicos, como permanente atualização da contemporaneidade. Segundo o filósofo Giorgio Agamben, o escritor contemporâneo é aquele que mantém o olhar fixo em seu tempo, sendo capaz de nele perceber o escuro, e, pela linguagem, iluminá-lo. Nesse sentido, Guimarães Rosa promoveu grandes reflexões acerca de seu tempo, reinventando e reinterpretando a tradição, renovando a linguagem que, para o escritor, reflete o caráter do homem. Cito palavras do próprio Rosa acerca de suas invenções linguísticas: “Eu não crio palavras (...) Para determinadas passagens, entretanto, não existem palavras. Então é preciso criá-las, ou redescobri-las através de sons que a correspondam”. José Paulo Paes afirma que “só envelhece rápido a novidade, a modernidade. Só não envelhece o que já nasceu velho”. Nesse sentido a língua de Guimarães Rosa já nasceu velha, pois não coincide apenas com o seu tempo, é, de certa forma, “inatural”, à medida que busca o resgate das origens, a fonte primeira da linguagem. O escritor percebe e retrata o seu tempo pela “dissociação” e pelo “anacronismo”, termos usados por Agamben (2009, p. 59) para definir a relação do tempo com a contemporaneidade, pois é preciso, para retratar o próprio tempo, dele tomar distância e, contraditoriamente, a ele aderir. Rosa explicou esse conceito da língua a Günter Lorenz quando a descreveu como seu “elemento metafísico”, a língua como uma amante, uma vez que os objetos do discurso possuem inúmeras possibilidades de significação: “a língua e eu somos um casal de amantes que juntos procriam apaixonadamente”. Ser moderno significa estar próximo da origem. Agamben insiste que “a chave do moderno está escondida no imemorial e no pré-histórico. Assim, o mundo antigo no seu fim se volta, para se reencontrar nos primórdios.” (AGAMBEN, 2009, p.70) Rosa se propôs a desenvolver, a “reescrever a própria língua”. A sua escrita quer trazer de volta o ambíguo, o desconhecido, a “matéria vertente”, a origem das coisas. Por isso Rosa deu voz ao sertanejo, ao “capião”, que está mais apto a inventar termos exatos para expressar sentimentos, emoções, pensamentos. Segundo Ana Luiza Costa, “o capião está mais certo: com um

vocabulário involuntariamente escasso de que dispõe, gosta de ostentação, de opulência, de beleza, de inventar nomes.” Por outro lado, é pela via mítica, declaradamente impressa em sua obra, que o autor dá universalidade ao homem que a utiliza como potência transformadora. O autor tinha verdadeira fixação por anotar tudo o que via e ouvia, coletando paisagens, palavras, expressões, juntando um rico e vasto material que resultou na criação de uma literatura inusitada, construída em bases sólidas. Para a reflexão do tema proposto, tomo como ponto de partida o texto “Evanira!”, coligido em *Ave, palavra*, que é exemplar dessa linguagem transformadora, eivada de frescor, novidade e força psíquica: “*Abro a paisagem. ENTRA AGOSTO EM REPOUSO, MESMO OS VENTOS. Em nosso jardim há florestas e pausas. Só pulava o sabiá: só solilóquios... OS MOVIMENTOS DA ALEGRIA EM HASTES, os comedidos pássaros. QUANDO TUDO ERA FALANTE...*”

Palavras-chave: Guimarães Rosa; Evanira; Linguagem

Referências bibliográficas:

- AGAMBEN, Giorgio. *O que é o contemporâneo?* e outros ensaios. Chapecó: Argos, 2009.
- CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito*. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- COSTA, Ana Luiza Martins. Via e viagens: a elaboração de *Corpo de baile* e *Grande sertão: veredas*. *Cadernos de Literatura Brasileira*. São Paulo: Instituto Moreira Sales, 2006.
- ELIADE, Mircea. *Mito e realidade*. São Paulo: Perspectiva, 1972.
- ELIADE, Mircea. *O Sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- JÚNIOR, Davi Arrigucci. “O mundo misturado: romance e experiência em Guimarães Rosa”. *Novos Estudos*, CEBRAP, N° 40, novembro 1994, p. 7-29.
- MARTINS, Nilce Sant’Anna. *O léxico de Guimarães Rosa*. São Paulo: Edusp, 2001.
- ROSA, João Guimarães. *Ficção completa*, em dois volumes. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- ROSA, João Guimarães. *Grande sertão: veredas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

A percepção de intencionalidade e de causalidade no uso linguístico por crianças portadoras de TEA de alto funcionamento

Alexandre Yuri Ribeiro Guerra (USP)

A presente pesquisa tem como objetivo verificar, a partir de situações de oralidade, se há alterações na produção de construções sintáticas transitivas por crianças brasileiras portadoras de TEA de alto funcionamento. A transitividade, no modelo sociofuncionalista ou cognitivo-funcional, tem sido parcamente selecionada como objeto de investigação, a despeito de sua natureza tão básica e relevante para se construir sentenças nas línguas. Questiona-se, neste projeto, se portadores de TEA (Transtorno do Espectro Autista) de alto funcionamento utilizariam o recurso da transitividade de modo similar às pessoas não portadoras de transtornos cognitivos.

Parte-se, neste projeto, dos resultados de estudos anteriores desenvolvidos por Guerra (2013), os quais visavam investigar uma evolução verificável na articulação da língua oral por crianças e adolescentes em processo de letramento. Nesses estudos, constatou-se que o nível de elaboração e de complexidade da articulação semântica e pragmática no discurso infantil parece gerar um movimento do concreto para o abstrato e de modo gradual e contínuo, de acordo com o amadurecimento ontogenético. Essas conclusões conduzem a que se questione o modo como se dá o processo de evolução da complexidade linguística por crianças portadoras de TEA.

Neves (2000) assume que a transitividade reflete a estrutura do pensamento do falante, que orações com alta transitividade possuem características relevantes e de topicalização, enquanto as de menor grau seriam mais vagas e com baixa intencionalidade de transmissão de informação para o outro. Adicionalmente, pesquisas sobre o TEA revelam que a percepção de intencionalidade e de causalidade do indivíduo é inibida em relação às de crianças sem TEA, o que nos faz hipotetizar que uma menor frequência do uso de orações de alta transitividade em portadores do transtorno em comparação aos indivíduos cognitivamente saudáveis seja fato.

A pesquisa tem como embasamento teórico a teoria linguística de gramaticalização, no modelo de Heine, Claudi e Hünemeyer (1991) explanado no português do Brasil por Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão (2007), como um processo em que mudanças na língua se configuram numa escala gradual e unidirecional através de um *continuum* do aumento de gramaticalidade/abstratização. Essa base foi empregada em desenvolvimentos de vertente mais cognitivista, como vistos em Bybee (2003) e Lima-Hernandes (2010). Reconhece-se, em todos esses trabalhos, que conceitos concretos são mobilizados e motivados na língua em uso para o entendimento, explanação e descrição de fenômenos mais abstratos, processo de transferência de conceitos (metáfora), que aproxima domínios cognitivos distintos, motivação pragmática e reinterpretação induzida pelo contexto (metonímia). Tais mudanças ocorreriam tanto na filogênese humana quanto no processo ontogenético de desenvolvimento e de aquisição linguística pelos indivíduos, pois representam, em sua evolução, usos menos complexos que se alteram para mais complexos.

A compreensão da interação comunicativa via conceptualização da experiência, atuação de memórias, aprendizado e a transmissão cultural do conhecimento, dentre outros fenômenos, são essenciais para se estabelecer a relação entre a estrutura da linguagem e o contexto psicológico e social, na perspectiva cognitivo-funcional. Como apontado por Croft (2010), moldam-se pela interação à linguagem humana complexa princípios semântico-cognitivos e discursivo-pragmáticos, os quais são essenciais na aquisição, no uso e na variação/mudança linguísticas (FURTADO DA CUNHA, 2011).

O projeto adotará como ponto de partida os resultados das pesquisas de Tomasello (2003:196-197) de que construções mais abstratas e complexas derivariam de esquemas cognitivos básicos da linguagem e os exemplos de construções, com certo grau de abstração, apontados pelo autor, que crianças anglofalantes capazes de perceber a intencionalidade e causalidade no outro produziram em interação discursiva. Além disso, baseando-se na perspectiva teórica de Hopper e Thompson (1980) e Cezario *et al.* (2003), serão verificados o uso e frequência da transitividade, na oralidade, por um grupo de controle de crianças sem transtornos cognitivos e por portadores de TEA.

A proposta que aqui se configura é a de análise comparativa da frequência do uso de construções linguísticas no eixo gradativo de maior e menor grau de transitividade. Para tanto, a pesquisa tomará como *corpus* extratos de fala registrados em vídeos com entrevistas e discursos livres concedidos por crianças com e sem TEA, na faixa etária até os doze anos de idade, realizadas por terapeutas clínicos e pesquisadores de ambulatórios especializados. Contará, também, com registros de fala extraídos de vídeos compartilhados na internet, seguindo o mesmo critério, por amadores, educadores, repórteres jornalísticos e apresentadores de programas televisivos, os quais serão utilizados como amostra de controle.

A metodologia do projeto consistirá, primeiramente, em uma coleta mais extensa de extratos de fala dos grupos investigados. Após esta etapa, serão feitas transcrições dos registros de áudio coletados, assim como anotações minuciosas das expressões não verbais apresentadas durante as entrevistas. Após recolhidos os dados, a análise consistirá inicialmente no controle da frequência de uso de construções transitivas proposta por Tomasello (2003) e definidas teoricamente por Hopper e Thompson (1980), Neves (2000) e Cezario *et al.* (2003), com a finalidade de verificar se as crianças, de ambos os grupos, produzem construções de menor e maior grau de transitividade com frequência similar ou não. Posteriormente, considerar-se-ão os traços gradativos que compõe a transitividade na sentença, adotando os critérios de Hopper e Thompson (1980) e apresentados em Cezario *et al.* (2003).

Espera-se checar na linguagem das crianças portadoras de TEA de alto funcionamento se déficits cognitivos podem ser identificados na percepção de causalidade e de intencionalidade e, em havendo, saber em que profundidade. Uma estratégia de controle será realizada com base em uma análise comparada entre dois grupos de crianças, separadas por idade e por TEA e não TEA.

Palavras-chave: Língua portuguesa; Linguística cognitiva; Autismo.

Referências bibliográficas:

- AMORIM, L. C. D. *Autismo e morte*. Rio de Janeiro: Editora Rubio, 2011.
- BARRERA, S. D.; MALUF, M. R. Consciência metalingüística e alfabetização: um estudo com crianças da primeira série do ensino fundamental. In: *Psicol. Reflex. Crit.* v.16, no.3. Porto Alegre, 2003.
- BARTSCH, K.; WELLMAN, H. *Children Talk About the Mind*. Nova York: Oxford University Press, 1995.

- BECKNER, C. *et al.* Language is a complex adaptive system. In: *Language Learning 59: Supplement 1.1-26*, 2009.
- BYBEE, J. Cognitive processes in grammaticalization. In: TOMASELLO, M. (ed.). *The new psychology of language*. v.2. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2003.
- CEZARIO, M. M.; COSTA, M. A.; CUNHA, M. A. F. d. Pressupostos teóricos fundamentais. In: MARTELOTTA, M. E.; OLIVEIRA, M. R. d.; CUNHA, M. A. F. d. *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- CLARK, H. H. O uso da linguagem. In: GARCEZ, P. M. (org.). *Cadernos de tradução (9)*, Porto Alegre: Instituto de Letras/UFRGS, 2000.
- CROFT, W. Language structure in its human context: new directions for the language sciences in the twenty-first century. In: *Cambridge Encyclopedia of the Language Sciences*, ed. Patrick Hogan, 1-11. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- CUNHA, M. A. F. d. *A linguística cognitivo-funcional*. Trabalho apresentado no SIELP, 2011.
- GONÇALVES, S. C. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. C. (orgs). *Introdução à gramaticalização: princípios teóricos e aplicação*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- GARDNER, H. *A nova ciência da mente*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1996.
- GOPNIK, A. How we know our minds: The illusion of first-person knowledge about intentionality. In: *Behavioral and Brain Sciences 16, 1-14*, 1993.
- GUERRA, A. Y. R. A língua oral e o desenvolvimento de sua articulação por crianças em processo de letramento. In: *Anthesis: Revista de Letras e Educação da Amazônia Sul-Occidental*. Ano 2, nº 3, 2013.
- HEINE, B.; CLAUDI, U.; HÜNNEMEYER, F. *Grammaticalization: A Conceptual Framework*. Chicago / London: University of Chicago Press, 1991.
- HOPPER, P. J.; THOMPSON, S. A. Transitivity in Grammar and Discourse. In: *Language*, vol. 56, nº2. University of California, 1980.
- HOPPER, P.; TRAUGOTT, E. *Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.
- KLIN, A. *Autismo e síndrome de asperger: uma visão geral*. Rev. Bras. Psiquiatr., 2006.
- LIMA-HERNANDES, M. C. Mudança gramatical: caminhos a percorrer. In: LIMA-HERNANDES, M. C. (org.). *Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino*. São Paulo: Paulistana, 2010.
- MITHEN, S. *A pré-história da mente: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência*. São Paulo: Unesp, 2002.
- NEVES, M. H. d. M. *Gramática de usos do português*. São Paulo: Editora Unesp, 2000.
- TOMASELLO, M. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003[1999].
- TRAUGOTT, E.; HEINE, B. *Approaches to Grammaticalization, vols. 1 e 2*. Amsterdam: John Benjamins, 1991a e 1991b.
- WING, L. The autistic continuum. In: *Aspects of autism: biological research*. London: Gaskell-Royal College of Psychiatrists, 1988.

O discurso reportado como estratégia comunicativa na fala espontânea de crianças com transtorno do espectro autista¹

Aline Bisotti Dornelas (UFJF)

Esther Pascual (University of Groningen)

Luiz Fernando Matos Rocha (UFJF)

Crianças com transtorno do espectro autista (TEA) apresentam, desde a primeira infância, déficits nas performances comportamental e linguística. As crianças com TEA podem apresentar, em maior ou menor grau, dificuldades na compreensão de interações verbais e não verbais, bem como produção de respostas inapropriadas a tais interações (APA, 2014). Outra característica importante da linguagem de indivíduos com TEA é a ecolalia, que consiste na repetição de discursos anteriormente produzidos. Décadas de estudos tem demonstrado como as ecolalias podem ser funcionais, utilizadas no processo discursivo como estratégia comunicativa e adaptativa (cf. SAAD; GOLDFELD, 2009, para uma revisão).

Este estudo tem como objetivo descrever e analisar como o discurso reportado é utilizado por crianças com autismo na forma de ecolalias funcionais. A fala ecolálica pode ter sua funcionalidade otimizada quando toma a forma de construções de interação fictiva (PASCUAL, 2002, 2006) no discurso infantil. A interação fictiva consiste no uso de um domínio cognitivo

¹ Esse estudo foi realizado durante período de estágio de doutorado de Aline Dornelas, financiado pela CAPES e com apoio da bolsa Vidi, recebida por Esther Pascual da Organização Holandesa para Pesquisa Científica.

conversacional, construído através das experiências anteriores em interações comunicativas, como um meio para a estruturação da cognição, do discurso e da linguagem (PASCUAL, 2002, 2006). Esse fenômeno conceptual pode ser utilizado como estratégia discursiva para objetivos específicos (PASCUAL, no prelo) bem como em distúrbios da fala e linguagem (KLEPPA; VERSLUIS, 2008).

A pesquisa apresenta uma análise de ecolalias funcionais, demonstrando que tais enunciados podem ser um reflexo de como as crianças autistas são capazes de utilizar interações anteriores como base para a comunicação em novas cenas interacionais. Especificamente para o desenvolvimento deste trabalho, foi construído um *corpus* que conta com gravações de quatro crianças brasileiras com autismo, de 4 a 12 anos de idade, que têm o português brasileiro como língua materna. As gravações foram realizadas em terapias semanais com psicóloga e fonoaudióloga, em contextos de atividades semi espontâneas. Cada sessão durou por volta de trinta a quarenta minutos. Assim, obtivemos um *corpus* composto de por volta de dez horas de gravações.

Ao todo, foram encontradas 53 ocorrências de uso das construções de interação fictiva na forma de ecolalia e também de reportação discursiva criativa, divididas em três tipos principais: sociocomunicativo, unidades linguísticas e enação. O primeiro, sociocomunicativo, refere-se a ocorrências que exemplificam claramente gestos ou expressões linguísticas convencionizados, relativos a eventos sociais específicos. Como no exemplo abaixo, em que a criança diz “me desculpa” para responder afirmativamente à pergunta da terapeuta quando esta, sem querer, esbarra no dedo da criança com o livro. A expressão “me desculpa” evoca todo o evento ocorrido.

TERAPEUTA: Machucou?

CRIANÇA: *Me desculpa!*

O segundo, tipo, unidades linguísticas, refere-se à utilização de um grupo de palavras que funciona como um todo, geralmente para expressar emoções e reações.

(Terapeuta mostra uma figura de um personagem à criança e pergunta o que está acontecendo)

CRIANÇA: “*Que susto!*” [querendo dizer que o personagem está assustado, com medo]

O terceiro tipo, chamado enação, como o nome diz, está relacionado à enação de sons de animais e/ou do discurso de pessoas ou personagens, com intenção de descrever algo sobre eles, referir-se a eles ou ao evento dos quais são protagonistas.

TERAPEUTA: O que o leão está fazendo? [mostrando uma figura com um leão rugindo]

CRIANÇA: O leão...*urraw!!*

A estratégia comunicativa apresentada nos exemplos citados envolve metonímia, que foi identificada como uma característica das construções gramaticais de interação fictiva (PASCUAL; KRÓLAK; JANSSEN, 2013; PASCUAL, no prelo). Na fala cotidiana, por exemplo, a instância “*I DO kiss*” (o beijo do sim) (PASCUAL, 2002) temos que “*I do*” (Sim), dito como resposta à pergunta “Aceita se casar com...” em casamentos, é utilizado para evocar o evento como um todo e então caracterizar o beijo como o beijo que é dado na cerimônia de casamento.

Dentro do tipo enação, encontra-se o subtipo discurso reportado, que se refere à citação do discurso alheio para projetar na cena discursiva atual aquele que produziu tal discurso. Esse subtipo apresenta instâncias criativas e não criativas. Nas instâncias não criativas, os exemplos são em sua maioria totalmente ecolálicos, sem mesclagem com fragmentos da cena discursiva atual, como no exemplo abaixo:

TERAPEUTA: Quem é esse? [se referindo a um personagem do clipe da canção “Se essa rua fosse minha”]

CRIANÇA: *Ladrilhar!* [reporta uma palavra da canção para nomear o personagem]

Nas instâncias criativas, os sujeitos produzem paráfrases de discursos reais ou um discurso próprio, construído através da utilização da experiência interacional como uma abstração, como um esquema.

TERAPEUTA: O que aconteceu quando ela correu? [se referindo à Cinderela]

CRIANÇA: *Cadê o sapatinho?* [querendo dizer que a Cinderela havia perdido o sapato]

Os resultados mostraram que as crianças com autismo são capazes de produzir construções linguísticas claramente baseadas em interações anteriores e, em certo ponto, conseguem fazer de tais interações um padrão abstrato para a construção de um discurso mais original. As crianças com maior idade e menor nível de comprometimento foram capazes de produzir mais ecolalias funcionais do tipo interação fictiva, bem como demonstrar uma reportagem discursiva mais criativa.

Palavras-chave: Autismo; Interação fictiva; Discurso reportado.

Referências bibliográficas:

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION (APA). *Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais DSM-V*. São Paulo: Artmed, 2014.

KLEPPA, L.; VERSLUIS, C. Adaptation strategies in Dutch and Portuguese agrammatic speakers. Unpublished manuscript, 2008.

PASCUAL, E. *Imaginary Trialogues: Conceptual Blending and Fictive Interaction in Criminal Courts*. Utrecht: LOT, 2002.

PASCUAL, E. Fictive interaction within the sentence: A communicative type of fictivity in grammar. *Cognitive Linguistics*, 17(2), 2006.

PASCUAL, E. *Fictive interaction: the conversation frame in thought, language and discourse*. Amsterdam: John Benjamins, no prelo.

PASCUAL, E.; KRÓLAK, E.; JANSSEN, Th. Direct speech compounds: evoking socio-cultural scenarios through fictive interaction. *Cognitive Linguistics*, 24(2), 2013.

SAAD, A.; GOLDFELD, M. Echolalia in the language development of autistic individuals: a bibliographical review. *Pro-fono*, 21(3), 2009.

Concepções de significado prototípico na Semântica Cognitiva Lexical: implicações metodológicas

Ana Flávia Souto de Oliveira (UFRGS)

Maity Simone Guerreiro Siqueira (UFRGS)

Nas últimas décadas, a Linguística Cognitiva tem demonstrado ser uma teoria bastante produtiva para tratar uma variada gama de fenômenos linguísticos. Com destaque, a ênfase dispensada ao estudo da polissemia é tida como uma das principais contribuições da Linguística Cognitiva para o estudo lexical. Para a descrição da estrutura semasiológica de itens lexicais polissêmicos, os modelos semântico-cognitivos estão fundamentados, principalmente, em postulados da Teoria Prototípica (Rosch *et al.*, 1976). Os principais modelos de descrição lexical desenvolvidos na Semântica Cognitiva Lexical são o modelo radial (*radial network model*), relacionado aos trabalhos de Lakoff e Brugman (Brugman, 1981; Brugman e Lakoff, 2006; Lakoff, 1987), o modelo esquemático (*schematic network model*), representado pelos trabalhos de Langacker (1987) e Tuggy (1993), e o modelo de grupos em sobreposição (*overlapping sets model*), com os trabalhos de Geeraerts (2006a, 2006b). Em linhas gerais, na Semântica Cognitiva, entende-se que a estruturação do nível semântico apresenta os mesmos tipos de efeitos que ocorrem a nível referencial (Geeraerts e Grondelaers, 2002), como a presença de diferenças de saliência entre elementos e de problemas de demarcação. Tomando como ponto de partida uma perspectiva referencial, a diferença de saliência existente entre os membros de uma categoria tem como consequência o fato de que nem todos os membros de uma categoria são vistos como igualmente representativos dessa categoria. Aplicando essa noção à estrutura semântica geral do item lexical, uma das principais ideias é a de que haveria um significado central (ou básico, ou prototípico) que daria coerência à categoria lexical, ou seja, nem todos os significados do item seriam igualmente representativos, alguns seriam estruturalmente mais importante que outros. Por outro lado, diferentes propriedades semânticas teriam mais peso para a estrutura semasiológica do item do que outras, o que resultaria em uma estrutura de semelhança de família ou de sobreposição. Contudo, mesmo que encontrada em

todos os modelos semântico-cognitivos de descrição da estrutura semasiológica de itens lexicais polissêmicos, a concepção de ‘significado central’ empregada por eles não é homogênea, sendo relacionada por vezes (i) ao significado psicologicamente mais saliente, (ii) ao significado que fornece uma coerência semântica para a explicação dos outros significados e, finalmente, (iii) ao significado de uso mais frequente. Neste trabalho, buscamos avaliar cada uma dessas concepções de significado prototípico e realizar um mapeamento de qual delas é utilizada em cada um dos modelos de descrição em uso na Semântica Cognitiva. Utilizamos como suporte para nossas análises a descrição de itens lexicais do inglês feitas por nós com base nos modelos citados acima (como dos itens *band* e *case*) e algumas descrições que já são referência nos trabalhos da área (como dos itens *over*, *fresh* e *paint*). Desta forma, temos o intuito de examinar a adequação teórica de cada uma das noções de ‘significado central’ dentro do paradigma semântico-cognitivo e estabelecer as implicações metodológicas do emprego de cada uma delas para o trabalho de descrição semântico-lexical.

Palavras-chave: Semântica Cognitiva Lexical; Polissemia; Significado Central.

Referências Bibliográficas:

- ROSCH, Eleanor; MERVIS, Carolyn B.; GRAY, Wayne D.; JOHNSON, David M.; BOYES-BRAEM, Penny. Basic Objects in Natural Categories. *Cognitive Psychology*, v.8, 1976. pp.382-439.
- BRUGMAN, Claudia. *The story of over: polysemy, semantics, and the structure of the lexicon*. M. A. Thesis, University of California, Berkeley, 1988.
- BRUGMAN, Claudia; LAKOFF, George. Cognitive topology and lexical networks. In: GEERAERTS, Dirk (org.). *Cognitive Linguistics: Basic Readings*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006.
- LAKOFF, George. *Women, Fire, and Dangerous Things: What Categories Reveal about the Mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987
- LANGACKER, R. W. Foundations of cognitive grammar: Theoretical Prerequisites. Stanford, CA: Stanford University Press, 1987.
- TUGGY, David. Ambiguity, polysemy and vagueness. In: GEERAERTS, Dirk (org.). *Cognitive Linguistics: Basic Readings*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006.
- GEERAERTS, Dirk. Prospects and problems of prototype theory. In: GEERAERTS, Dirk (org.). *Cognitive Linguistics: Basic Readings*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006a.
- GEERAERTS, Dirk. The lexicographical treatment of prototypical polysemy. In: GEERAERTS, Dirk. *Words and other wonders*. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006b.
- GEERAERTS, Dirk; GRONDELAERS, Stephan. The content level of the word IV: Structuring of word meaning. In: D. Alan Cruse, Franz Hundsnurscher, Michael Job & Peter Rolf Lutzeier (eds.). *Lexicology: An international handbook on the nature and structure of words and vocabularies*. Berlin: Walter de Gruyter, 2002.

A pesquisa em cognição: um andaime para um ensino do texto do gênero literário crônica no Ensino Fundamental

Ana Lúcia Farias da Silva (UFRRJ)

Segundo os PCNs (2002), do Ensino Fundamental, o estudo da Literatura é incorporado ao estudo da linguagem, entendida como um espaço dialógico, em que os locutores se comunicam. No entanto, o discurso literário decorre de um modo de construção muito além das elaborações linguísticas usuais, que antigas concepções de ensino e parâmetros moldavam como processos fechados e engessados, sem levar em consideração que a aprendizagem só se dá quando somamos ação e interação. O objetivo deste trabalho é contribuir com os estudos já realizados por pesquisadores da área das ciências cognitivas (SINHA, 1999; JOU & SPERB, 2006 e 2003; GERHARDT, 2006, 2013 e 2014), associando-os ao Ensino do texto do gênero literário crônica no Ensino Fundamental, em especial o 9º ano. Pensando nisso, este trabalho espera fazer uma reflexão, a partir do foco cognitivo, para desenvolver as habilidades do aluno aprendiz frente ao texto de gênero “crônica literária”. Parte-se da hipótese de que o aluno, ao estar situado no aprendizado e na importância de entender a sua subjetividade enquanto aprendiz (SINHA, 1999), pode torna-se um indivíduo expressivo e criativo em relação ao texto literário. Como bem já ressaltou ECO (2003, p12), vemos que a leitura do texto literário é um aconteci-

mento que provoca reações, estímulos e experiências múltiplas e variadas, ou seja, esta leitura resulta em interações diferentes para cada um. Então, é sob este prisma, que pretendemos entender e abordar a leitura e a escrita literária como produção de sentidos, como uma experiência cognitiva, assim como entender de que forma o indivíduo constitui-se, posiciona-se em determinada prática e, enquanto aprendiz, ressignifica o seu discurso.

Palavras-chave: Crônica, Ensino, Cognição.

Referências bibliográficas:

- AMORIM, M. A. “Literatura, Adaptação e ensino: uma proposta de leitura”. In: GERHARDT, A. F. L. M. AMORIM, M. A. CARVALHO, A. M. *Linguística Aplicada e Ensino: Língua e Literatura*. Campinas: Pontes, 2013.
- BRAIT, Beth. *Literatura e outras linguagens*. São Paulo: Contexto, 2010.
- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: História*. Brasília: MEC/SEF, 1998. RESOLUÇÃO SEEDUC Nº 4.866 DE 14 DE FEVEREIRO DE 2013. Dispõe sobre a implantação e acompanhamento do currículo mínimo a ser instituído na rede de ensino pública do Estado do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://mminerva.blogspot.com.br/2013/02/resolucao-seeduc-n-4866-de-14-de.html>>. Acesso em: 21 nov. 2014. RIO DE JANEIRO. *Currículo Mínimo – Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro, 2013b.
- CADEMARTORI, Ligia. *O professor e a literatura: para pequenos, médios e grandes*. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- CHIAPPINI, L. *Literatura: como? por quê? para quê?* In: _____. *Reinvenção da catedral*. São Paulo: Cortez, 2005.
- COSSON, R. *Letramento Literário*. São Paulo: Contexto, 2011
- ECO, Umberto. *Obra aberta: forma e indeterminação nas poéticas contemporâneas*. Trad. Geraldo Gerson de Souza. São Paulo: Perspectiva, 1969.
- _____. *O texto, o prazer, o consumo*. In: _____. *Sobre os espelhos e outros ensaios*. (Trad.) Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1989.
- _____. *Sobre algumas funções da literatura*. In: _____. *Sobre a literatura* 2.ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- GERALDI, J. W. (Org.). *O texto na sala de aula*. 5 ed. São Paulo: Ática, 2011.
- GERHARDT, A. F. L. M. *As identidades situadas, os documentos curriculares e os caminhos abertos para o ensino de língua portuguesa no Brasil*. In: GERHARDT, A. F. L. M.; AMORIM, M. A.; CARVALHO, A. M. (Orgs.). *Linguística aplicada e ensino: Língua e literatura*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. p. 77-113.
- SINHA, C. (1999a). *Grounding, mapping and acts of meaning*. In: Jansen, J; Redeker, G. (eds.) *Cognitive linguistics: foundations, scope and methodology*. Berlin: Mouton de Gruyter, p. 223-255.
- _____. (1999b). *Situated Selves: learning to be a learner*. In: Bliss, J; Säljö, R.; Light, P. (eds.) *Learning Sites: Social and Technological Resources for Learning*. Oxford: Pergamon, p. 32-48.
- SINHA, C. & JENSEN DE LÓPEZ, K. (2000). *Language, culture and the embodiment of spatial cognition*. *Cognitive Linguistics*, v. 11, p. 17-41.
- SINHA, C. & RODRIGUEZ, C. (2008). *Language and the signifying object: from convention to imagination*. In: Zlatev, J; Racine, T; Sinha, C; Itkonen, E. (eds) *The Shared Mind: Perspectives on intersubjectivity*. Amsterdam: John Benjamins, p. 357–378.
- ZILBERMAN, R. “Porque a leitura da literatura na escola”. In: GERHARDT, A. F. L. M. AMORIM, M. A. CARVALHO, A. M. *Linguística Aplicada e Ensino: Língua e Literatura*. Campinas: Pontes, 2013.

Atenção conjunta: sinalizadores de polidez no mandarim, no coreano e no português

Andréia Hiromi Mano (FFLCH/USP)

Este documento apresenta um estudo comparativo que visa a identificar como se dá o uso dos sinalizadores de polidez no mandarim e no coreano dentro da classe dos verbos e estruturas verbais, em comparação com o português, bem como

identificar as possíveis interferências socioculturais que podem motivar o uso de tais sinalizadores. Deste modo, pretende-se apresentar evidências de que, sendo uma atividade sociocultural, a língua deve ser analisada dentro do contexto em que se insere.

Procurou-se identificar os sinalizadores de polidez no coreano e no mandarim, a fim de analisá-los comparativamente com português. Desse modo, destacaram-se as principais estratégias que cada idioma alvo deste estudo utiliza para sinalizar polidez, as diferenças e semelhanças que podem apresentar entre si e as motivações que subjazem a seu uso.

Os estudos sobre gramaticalização são retomados na segunda metade do século XX (Gonçalves, Lima-Hernandes e Casseb-Galvão, 2007) num viés menos estruturalista e neogramático do que aquele concebido por Meillet na primeira metade do mesmo século. Assim, os funcionalistas deram um passo além da concepção de língua inata para criar um novo espaço de reflexão. Este tem sido rotulado de Linguística Baseada no Uso (LBU). Nesse espaço, considera-se a evolução da gramática – e da língua – como resultado de impacto contextual (Lima-Hernandes, 2013).

No jogo comunicativo, entram aspectos altamente subjetivos e também intersubjetivos. Estudar-se-á este último à luz de fenômenos comunicativos básicos de enquadramento sociocultural mútuo, que podem ser analisados, dentre outras formas, por meio de categorização de funções sociais em correlação com os usos linguísticos.

Foram feitas incursões em livros e websites de ensino do coreano e do mandarim como língua estrangeira, para identificar os sinalizadores de polidez mais recorrentes em cada idioma. Nessa busca, recortou-se, para fins de análise, a classe dos verbos em estruturas verbais. Após o colhimento de dados, passou-se à análise comparativa do uso dos sinalizadores no coreano, português e mandarim com o intuito de verificar como cada idioma lida com seus sinalizadores, bem como identificar o uso destes segundo as motivações socioculturais.

Observou-se que os sinalizadores de polidez no coreano manifestam-se através de sufixos verbais, que se diferem em quatro formas principais. Tomando por exemplo sentenças do tipo interrogativa, têm-se, para o verbo ir, as seguintes formas conjugadas no presente, a partir da forma não flexionada, 가다 :

Raiz verbal: 가 1. 갑니까? > 2. 가니? > 3. 가요? > 4. 가?

As formas foram dispostas em ordem decrescente quanto ao grau de polidez e formalidade; tem-se então:

Forma	Muito polido	Polido	Impolido	Muito formal	Formal	Informal	Muito informal
1	X			X			
2*						X ²	
3		X			X		
4			X				X

* não existe nível de polidez para esta forma

Tabela 5: gradação dos níveis de polidez e formalidade no coreano segundo cada forma verbal.

O uso de cada forma, porém, é influenciado por convenções sociais, a saber: i) idade, ii) grau de intimidade entre os falantes, iii) hierarquia social, familiar, empresarial, iv) relações sociais da quais participam locutor e interlocutor e v) o contexto em que estão inseridos.

No mandarim, não há conjugação verbal de qualquer modo; sendo assim, os sinalizadores de polidez dão-se através das estruturas verbais e organizações da sentença. Tome-se por exemplo a sentença interrogativa do tipo sim/não para “você é brasileiro/a?”:

Modo 1: 你 是 巴西人 吗?

você ser Brasil pessoa partícula interrogativa

Modo 2: 你 是 不是 巴西人?

você ser não ser Brasil pessoa

Há dois modos básicos de se realizar este tipo de pergunta em mandarim: o primeiro adiciona a partícula interrogativa 吗, a

² quando utilizada para uma fala do indivíduo consigo mesmo ou com alguém muito íntimo, pois, no geral, destina-se à língua escrita em que não há um interlocutor a que se dirigir.

uma afirmação e o segundo afirma e nega o verbo principal. Não há fatores socioculturais que influenciem diretamente a preferência por determinada estrutura interrogativa; ambas são ensinadas nos materiais consultados, mas o modo 2 soa menos polido, pois, dependendo da situação de uso, pode indicar impaciência do falante para com seu interlocutor, como se aquele pressionasse este a dar uma resposta. Nesse caso, o contexto no qual a comunicação está inserida exerce influência no uso de cada forma e na interpretação que ela pode gerar.

Diferente do coreano, o português não possui conjugação verbal baseada no grau de polidez; nesse idioma, utiliza-se tempos verbais tidos como suavizadores para fazer uma pergunta ou dar uma ordem, como o futuro do pretérito, ou o uso de verbos modais e expressões, além do tom que o falante utiliza. O mandarim, por não possuir sistema de conjugação verbal e por ser uma língua tonal, não dispõe dos mesmos recursos que o português, optando, principalmente, pela inserção de partículas e pela organização da estrutura verbal – esta última importante também para o português, bem como o contexto em que se dá a situação comunicativa para interpretar uma estrutura como polida e/ou formal ou impolida e/ou informal, tanto em português como nos dois idiomas asiáticos.

Palavras chave: Sinalizadores de Polidez, Formalidade, Motivação Sociocultural.

Referências bibliográficas:

- CHANG, Suk-in. *Modern conversation – Korean revised edition*. 5ª ed. Seoul: Seoul Computer Press, 1995.
- LIMA-HERNANDES, Maria Célia. O princípio da iconicidade e sua atuação no português do Brasil. *Filologia e lingüística portuguesa*, São Paulo, Humanitas/FFLCH/USP, n. 8, pp. 83 – 96, 2007. Disponível em <http://www.academia.edu/775517/O_PRINCIPIO_DA_ICONICIDADE_E_SUA_ATUACAO_NO_PORTUGUES_DO_BRASIL>. Último acesso em 17/07/2014.
- LIU, Xun et alii. *New Practical Chinese Reader*. Beijing: Beijing Language and Culture University Press, 2004.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo e AREAS, Eduardo Kenedy. “A visão funcionalista da linguagem no século XX”. In: CUNHA, Maria Angélica Furtado da et alii (orgs.) *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.
- PARK, Kyubyong. *500 Basic Korean Verbs*. North Clarendon, USA: Tuttle Publishing, 2012.
- SUN, Chaofen. *Chinese – a linguistic introduction*. New York: Cambridge University Press, 2006.

A construção superlativa prefixal: uma abordagem construcionista da morfologia derivacional

Anna Carolina Ferreira Carrara (UFJF)

Neusa Salim Miranda (UFJF)

O presente trabalho pertence ao macroprojeto “Construções Superlativas do Português” (CNPq-479984/2010-7) vinculado à linha de pesquisa Linguística e Cognição do PPG Linguística-UFJF e à FrameNet Brasil (<http://www.framenetbr.ufjf.br/>), em sua linha Frames e Construções. O objetivo é descrever, organizar em tipos e explicar uma rede de construções superlativas postas à margem das descrições da gramática e do léxico do Português (MIRANDA, 2010). O estudo de tal rede encontra eco na visão filosófica da Hipermodernidade (LIPOVETSKY, 2004), em que a cultura do excesso favorece o aparecimento de uma visão hiperbólica sobre as coisas do mundo, materializadas, dentre outras coisas, em expressões linguísticas superlativas. A Construção Superlativa Prefixal – exemplificada por ocorrências como (1) As modelos da Alessa entram com o cabelo **hiper volumoso** no Fashion Rio. Será tendência?; (2) Para aqueles que acham esses carros japoneses novidades ... pois bem o **super carro** que se comenta na verdade é o Veloster.; (3) Aparecendo cada vez maiores, os maxi acessórios estão com tudo! Não só dão um up em qualquer look mais basiquinho...; (4) Eu estava numa festa da minha prima. Me sentindo **super!**; (5) Eu **super curti** o look dela na festa...incrível! - é um dos nódulos dessa rede de construções superlativas e, para descrevê-la, lançou-se mão dos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva (CROFT e CRUSE, 2004; FAUCONNIER e TURNER, 2002; JOHNSON, 1987; LAKOFF, 1987; LAKOFF e JOHNSON, 1980, 1999; MIRANDA e SALOMÃO, 2009; SALOMÃO, 1997, 2005, 2006; dentre outros). Dentro desse paradigma, a Gramática das Construções Cognitiva (GOLDBERG, 1995, 2006; BOAS, 2013), a Semântica de Frames (FILLMORE, 1977, 1982, 2008) e o projeto lexicográfico FrameNet são os principais constructos teóricos. Na busca por uma interface entre tais pressupostos, assume-se também o modelo do Constructicon, postulado para o trato de construções na FrameNet (FILLMORE, LEE-GOLDMAN, RHODES, 2010). Ao elegermos, como proposta de trabalho o estudo de uma cons-

trução mórfica superlativa, abordagens a respeito da Morfologia Derivacional tornaram-se essenciais (BASÍLIO, 2007, 2011; LAROCA, 2011; GONÇALVES, 2002, 2003, 2011), além de adotarmos o modelo da Morfologia Construcional (Construction Morphology) desenvolvido por Booij (2010). A escolha metodológica, ditada pelo compromisso com a empiria, recai em uma Linguística Cognitiva baseada em corpus, o que implica o uso de corpora eletrônicos e de ferramentas computacionais, neste caso o concordanciador Web Concordancer. Tal metodologia envolve a análise da sensibilidade dos dados a frequência de tipos/*types* e da frequência de ocorrência/*tokens* – ligadas respectivamente à produtividade e convencionalização – dos padrões construcionais estudados. Nesse viés, este trabalho ilustra a virada metodológica promovida pelos estudos sociocognitivos e construcionistas da gramática e do léxico e desvelam a relevância posta no uso e na diversidade linguística. O desenvolvimento da análise da Construção Superlativa Prefixal contou, portanto, com um corpus formado por 1.628 ocorrências, divididas entre as três instâncias da construção: (1) o padrão prototípico; (2) os prefixos superlativos antecedendo formas verbais e (3) os prefixos superlativos como formas livres. O padrão prototípico representa 66% das ocorrências do corpus e consiste em uma estrutura produtiva que irradia o seguinte padrão construcional: XY, em que X é um prefixo (super-, mega-, hiper-, ultra-, maxi-, micro-, mini-) e Y é um adjetivo ou um substantivo. Os prefixos micro-, mini- e maxi- aparecem somente no padrão $X_{pref} Y_{sub}$, representando o aumentativo claro e evocam o frame de Tamanho. Já os prefixos super-, hiper-, mega- e ultra- aparecem em dois padrões formais: $X_{pref} Y_{sub}$ e $X_{pref} Y_{adj}$, evocando o frame Posição em uma Escala. A segunda instância da construção – os prefixos superlativos antecedendo verbos – representam 23% das ocorrências do corpus e, fugindo ao padrão descrito pela Tradição Gramatical de que os verbos só podem ser intensificados de forma analítica, os dados apontam para construções como **super adorei, hiper gostei, mega curti e ultra ameí**, verbos que evocam um frame de Avaliação. Além de construções com os verbos de ação recomendar, fazer e querer: **super recomendo, super fiz, super quis**. A terceira instância da construção, que representa 11% das ocorrências do corpus, por sua vez, consiste nos prefixos superlativos como formas livres, em construções como: Estou me sentindo **super!** As instâncias emergentes da construção – prefixos superlativos antecedendo verbos e prefixos como formas livres – são uma evidência da autonomia da construção. Este estudo nos possibilitou configurar um arcabouço que sustenta tanto o contínuo teórico-analítico entre construções sintáticas e mórficas preconizado pela Gramática das Construções, quanto as especificidades internas do campo morfológico.

Palavras-chave: Construções Morfológicas; Prefixação; Superlativo.

Referências bibliográficas:

- BASÍLIO, M. *Teoria Lexical*. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.
- _____. *Formação e classes de palavras no português do Brasil*. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro: Editora Lucerna, 2004.
- BOAS, H. Cognitive Construction Grammar. In: TROUSDALE, G.; HOFFMANN, T. (eds.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- BOOIJ, G. *Construction Morphology*. Language and Linguistics Compass, p.1-13, University of Leiden, 2010.
- BYBEE, J. *Morphology – a study of the relation between meaning and form*. Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 1985.
- _____. *From usage to grammar: the mind's response to repetition*. Language, 82, p. 711-733, 2006.
- _____. Usage-based grammar and second language acquisition. In: ROBINSON, P.; ELLIS, N. (eds.). *Handbook of Cognitive Linguistics and Second Language Acquisition*, p. 216-236, New York and London: Routledge, 2008.
- _____. Usage-based perspective on language. In: BYBEE, J. *Language, Usage and Cognition*. Cambridge University Press, 2010.
- CARMO, C. B. da S. *A configuração da rede de construções dos agentivos denominais x-ista: uma abordagem sociocognitivista*. 2005. 119f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras – Linguística) – ICHL. Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2005.
- CARRARA, A. C. F. *As Construções Superlativas Causais Nominais do Português – uma abordagem construcionista*. 2010. Juiz de Fora: UFJF, 2010. 150f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-graduação em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010.
- CASTILHO, A. T. *Nova Gramática do Português Brasileiro*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2012.
- CAVALCANTI, R. F. *Um estudo sobre alguns prefixos de origem latina numa abordagem gerativa*. 1980. 262f. Disserta-

- ção de Mestrado (Departamento de Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC. Rio de Janeiro, 1980.
- COSTA, I. O. **A Construção Superlativa de Expressão Corporal: uma abordagem construcionista**. 2010. 142f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.
- CROFT, W.; CRUSE, D. A. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- CUNHA, C.; CINTRA, L. **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexicon, 2008.
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **The Way We Think: Conceptual Blending and The Mind's Hidden Complexities**. New York: Basic Books, 2002.
- FILLMORE, C. J. The case for case. In **Universals in Linguistic Theory**, Emmon Bach and Richard Harms (eds.), 1-90. New York: Holt, Rinehart & Winston, 1968.
- _____. **An alternative to checklist theories of meaning**. Proceedings of the first annual meeting of the Berkeley Linguistics Society, p. 123-131, 1975.
- _____. The case for case reopened. In **Syntax and Semantics 8: Grammatical Relations**, Peter Cole and Jerry Sadock, (eds.), 59-82. New York: Academic Press, 1977a.
- _____. Topics in lexical semantics. In **Current Issues in Linguistic Theory**, Roger W. Cole (ed.), 76-138. Bloomington: Indiana University Press, 1977b.
- _____. Frame semantics. In **Linguistics in the morning calm**. Seoul, South Korea: Hanshin, 111-137, Publishing Co., 1982.
- _____. Frames and the semantics of understanding. In **Quaderni di Semantica: 222-254**, 1985.
- FILLMORE, C. J.; KAY, P.; O'CONNOR, M. C. **Regularity and idiomatic in grammatical constructions**. *Language*, 64(3), p. 501-538, 1988.
- FILLMORE, C. J.; KAY, P. **Construction Grammar**. Berkeley: Manuscript, University of California, 1995.
- FILLMORE, C. J.; JOHNSON, C. R.; PETRUCK, M. R. L. Background to FrameNet. In **International Journal of Lexicography**, v. 16, n. 3, p. 235-250, 2003.
- FILLMORE, C. J.; LEE-GOLDMAN, R. R.; RHODES, R. The FrameNet Construction. In: BOAS, H.; SAG, I. (eds.). **Sign-Based Construction Grammar**. Stanford: CSLI Publications, 2012.
- GOLDBERG, A. **Construction: A Construction Grammar Approach to Argument Structure**. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.
- _____. **Constructions at work: The nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GONÇALVES, C. A. **Morfopragmática da intensificação prefixal em português**. *Revista de Letras*, n.º 24, v. 1/2, p. 43-50, jan/dez. 2002.
- _____. **A função indexical das formações x-íssimo, x-érrimo e x-ésimo no português do Brasil**. *Veredas*, v. 5, n.º 2, p. 47-59, 2003.
- _____. **Iniciação aos estudos morfológicos – flexão e derivação em português**. São Paulo: Contexto, 2011.
- GRIES, S. T.; DIVJAK, D. Behavioral profiles: a corpus-based approach to cognitive semantic analysis. In: EVANS, V.; POURCEL, S. (eds.). **New directions in Cognitive Linguistics**. Philadelphia: John Benjamins, p. 57-75, 2009.
- ISRAEL, M. **Minimizers, maximizes and the rhetoric of scalar reasoning**. *Journal of Semantics* 18, p. 297-331, 2001.
- _____. The pragmatics of polarity. In: HORN; WARD (eds.). **Handbook of Pragmatics**, p. 701-723, University of Mayland: Blackwell, 2004.
- LAROCA, M. N. de C. **Manual de Morfologia do Português**. 5. ed. Campinas: Pontes, 2011.
- LAKOFF, G. The Invariance Hypothesis: is abstract reason based on Image-schemas? *Cognitive Linguistics* 1 (1), p. 39-74, 1990.
- _____. **Woman, Fire and Dangerous Things**. Chicago: University of Chicago Press: 1987.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Coordenação da tradução: Mara Sophia Zanotto. Campinas: Mercado das Letras, 1980 [2002].
- _____. **Philosophy in The Flesh: the embodied mind and its challenge to western thought**. New York: Basic Books, 1999.
- MACHADO, P. M. **A Construção Superlativa Sintética de Estados Absolutos com o sufixo -íssimo: um caso de desencontro/mismatch morfológico**. 2011. 139f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2011.
- MIRANDA, N. S. **Agentivos deverbais e denominais: um estudo da produtividade lexical**. 1980. Rio de Janeiro: UFRJ,

1980. 108f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras – Linguística) – ICHL. Universidade Federal de Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1980.
- _____. **Gramaticalização e Gramática das Construções** – algumas convergências. Um estudo de caso: as Construções Negativas Superlativas de IPN. Relatório Acadêmico de Pós-doutoramento apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie, 108f. São Paulo, dezembro de 2008.
- MOURA NEVES, M. H. Gramática de usos do português. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- PERINI, M. A. Gramática do Português Brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- PETRUCK, M. R. L. Frame Semantics. In: Jef Verschueren, Jan-Ola Åstman, Jan Blommaert, Chris Bulcan (eds.). **Handbook of Pragmatics**. Philadelphia: John Benjamins, 1996.
- PIRES, G. S. **O desenvolvimento da Plataforma FrameNet Brasil**: descrição de algumas Unidades Lexicais dos frames Fechamento e Movimento_Corporal. Dissertação de Mestrado. 2010. 249f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Linguística). Universidade Federal de Juiz de Fora: Juiz de Fora, 2010.
- RHODES, R. A. **What is a Morpheme?** A view from Construction Grammar. Proceedings of the Eighteenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society: General Session and Parasession on The Place of Morphology in a Grammar, p. 409-423, 1992.
- RIBEIRO, T. S. **A internet e as novas construções com o prefixo super-**. Palimpsesto – Revista do Programa de Pós-Graduação em Letras da UERJ. v. 5, ano 5, p. 136-152. Rio de Janeiro: 2006. Disponível em: http://www.uerj.br/institutodeletras/palimpsesto/num5/estudos/estudos5_internet.htm.
- ROSA, M. C. **A Formação de Aumentativos em Português**. 1983. Universidade Federal do Rio de Janeiro: UFRJ, 1983. 85f. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Letras – Linguística) – ICHL. Universidade Federal de Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1983.
- _____. **Introdução à Morfologia**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2009.
- RUPPENHOFER, J. et al. **FrameNet II: Extended theory and practice**. 2010. Disponível em: <https://framenet2.icsi.berkeley.edu/docs/r1.5/book.pdf>.
- SALOMÃO, M. M. M. Tudo certo como dois e dois são cinco – todas as construções de uma língua. In: Miranda, N. S.; Salomão, M. M. M.; (Orgs.). **Construções do Português do Brasil** – da gramática ao discurso. 01 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, v. 1, p. 33-74, 2009.
- SAMPAIO, T. F. **O uso metafórico do léxico da Morte**. 2007. Juiz de Fora: UFJF, 2007. 167f. Dissertação de Mestrado (Programa de Pós-Graduação em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2007.
- _____. **A família de construções de argumento cindido no português do Brasil**. 2010. Juiz de Fora: UFJF, 2010. 151f. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.
- SANTOS, R. E. **Forte que nem touro, alto que nem torre, livre que nem passarinho – a configuração de uma construção hiperbólica do Português**. Tese de Doutorado, 2012. Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora: 2013.
- SARDINHA, T. B. **Linguística de Corpus**. Barueri, SP: Manole, 2004.
- TOMASELLO, M. Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano. Tradução de Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1999 [2003].
- _____. **Constructing a grammar**: a usage-based theory of language acquisition. Cambridge: Harvard University Press, 2003.
- TORRENT, T. T. **A Rede de Construções em Para (SN) Infinitivo**: Uma abordagem centrada no uso para as relações de herança e mudança construcionais. 2009. Rio de Janeiro: UFRJ, 2009. 182f. Tese de Doutorado (Programa de Pós-graduação em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.
- TURUNEN, V. J. **A reversão da relevância: aspectos semânticos e pragmáticos de formações diminutivas no português do Brasil**. 2009. 194f. Tese de Doutorado (Departamento de Letras). Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC. Rio de Janeiro, 2009.

Common ground, atenção conjunta e recursividade: processos cognitivos e gramaticalização

Anna Karolina Miranda Oliveira (Colégio Miguel de Cervantes)

Este trabalho assume sua origem funcionalista e sai em busca de um campo de debate e diálogo que rompa algumas fronteiras científicas para explicar o uso e a mudança linguística em outra esfera, a da cognição.

A gramaticalização³ aqui é assumida como um processo de mudança que pode ser apreendido em diacronia. Quando o estudo se realiza em sincronia, podemos falar em graus de gramaticalidade das formas, e sempre está prevista nos dados e até na forma de análise uma camada subcutânea histórica que clama por compreensão⁴. Por exemplo, traçar um *continuum* evolutivo da palavra *mesmo* em funções atuais na língua portuguesa certamente não é suficiente para se poder ter a convicção de que ele de fato se realizou no decorrer do tempo nos usos cotidianos, daí a estratégia comumente adotada de se recorrer à referendação diacrônica e, assim, pesquisar não só graus de gramaticalidade possíveis para a forma, mas seu processo de gramaticalização através do tempo.

O princípio fundamental da gramaticalização é a *unidirecionalidade*, mas essa direção de movimentos não pode ser apreendida por categorias *criadas* pelo homem (como as classes de palavras, que têm causado problemas a linguistas há tempos). Lidamos, portanto, com categorias *manifestadas* pelo homem, em seu processo de desenvolvimento individual ou mesmo em sua forma de apreender o mundo, ainda que utilize as categorias gramaticais como um ponto de referência. Nessa instância, os trabalhos atuais sobre gramaticalização demonstram que a unidirecionalidade existe e que ela é o que permite dar coerência a uma trajetória humana da forma em mudança. A mudança ocorre unidirecionalmente, mas não necessariamente unilinearmente, para o desenvolvimento de novas funções (na sintaxe, semântica e pragmática), da mais concreta para a mais abstrata. Segundo Heine, Claudi e Hünemeyer (1991), a ordem das categorias cognitivas em que se pode observar o processo de abstratização é: pessoa > objeto > processo > espaço > tempo > qualidade. No entanto, a depender do objeto estudado, é natural que apareçam subcategorias cognitivas, como demonstraram Lima-Hernandes (2009), Martelotta (2010) e Oliveira (2010).

Recentemente, estudando Michael Tomasello (2008) e a produção de Lima-Hernandes (2009) sobre a relação entre ontogenia e filogenia, passamos a olhar para a língua (e a gramática) como a grande conquista da comunicação humana. Para Tomasello (2008), a comunicação humana cooperativa tem como principal característica a habilidade de compartilhar intencionalidades e também a motivação para o pedido e para a oferta de ajuda e compartilhamento de informações. A habilidade cognitiva básica do compartilhamento de intencionalidade é, segundo o autor, a leitura recursiva da mente, que, combinada com a disposição para fornecer ajuda, leva a expectativas mútuas de colaboração entre os seres humanos, característica unicamente humana que, aparentemente, tem sua origem no comportamento generoso da espécie.

Toda essa origem colaborativa da comunicação humana associada à capacidade cognitiva do homem diferenciada da de outros animais ajuda a explicar sua capacidade única para a linguagem verbal, e ajuda a entender como funcionam os processos cognitivos relacionados ao *common ground*⁵ (espaço de atenção conjunta, o “ato de fala”⁶, envolvendo interlocutores que compartilham informações). Tomasello (1999) trabalha o conceito de atenção conjunta, e Croft (2009), para além de trabalhar o conceito de Tomasello, também fala sobre *ação conjunta*. Segundo Croft (2009), atenção conjunta é uma das habilidades cognitivas do ser humano que possibilitam que a ação conjunta aconteça, ou seja, é por nossa capacidade de compartilhar atenção com nossos coespecíficos que podemos, também, compartilhar todos os elementos presentes, física ou mentalmente, no ato de fala.

Em se tratando de referendação, se não houver espaço de atenção conjunta, não haverá, certamente, intercompreensão, pois é necessário que o referente seja de conhecimento mútuo entre os envolvidos no ato de fala. Observemos o seguinte exemplo: *Antes de entrar no elevador, verifique se o mesmo encontra-se parado neste andar*⁷. Aqui, a construção *o mesmo* se refere claramente a um sintagma nominal (o elevador), mas empregado dessa maneira não tem sido considerado bom referenciador pelos gramáticos, lexicógrafos e profissionais da língua portuguesa (OLIVEIRA, 2011). Em todo o caso, quem escreveu a lei partiu de uma ideia que propiciou atingir seu objetivo porque há, favorecido pela situação interativa, um espaço de atenção conjunta e – espera-se – uma ação conjunta em um cenário escrito, onde os dois falantes - quem redige e, depois, quem lê –, compartilham um contexto comum (CLARK, 2000) do significado de *elevador* e do sentido original do sintagma *o mesmo* (anáfora, ênfase, identidade), e entendem seu uso, perfeitamente aplicável, como algo que retoma um objeto no discurso, ainda que possa ser considerado

³ Processo que pode ser encontrado em todas as línguas conhecidas e que pode envolver qualquer tipo de função gramatical, quando uma unidade construcional ou elementos conectados sintaticamente assume uma função gramatical, ou, se já gramatical, assume uma função ainda mais gramatical muitas vezes num formato construcional (definição baseada em LEHMANN, 1982; HEINE, CLAUDI & HÜNEMEYER, 1991; BYBEE, 2003; GONÇALVES, LIMA-HERNANDES e GALVÃO, 2007).

⁴ Para uma discussão mais detida das perspectivas sincrônicas e diacrônicas nos estudos sobre gramaticalização, indicamos a consulta a Braga & Paiva (2012).

⁵ Contexto comum.

⁶ É importante ter em mente que “ato de fala” aqui não necessariamente se refere a um discurso “ao vivo”, mas à relação emissor/receptor da mensagem, ou seja, transcende o espaço e o tempo.

⁷ Lei Municipal 12.722 - 04/09/1998. Decreto 37.956 - 10/05/1999. Informação comumente presente à porta externa de elevadores de prédios em geral.

um emprego equivocado por algumas pessoas. Ao mesmo tempo, nota-se a evolução gramatical da construção *o mesmo*, que, dando continuidade à sua trajetória histórica previsível de evolução, assume funções mais gramaticais (modificador > pronome). É possível notar, portanto, que a cognição é imensamente importante para o estudo do processo de gramaticalização, pois os processos cognitivos definem não somente os rumos por meio dos quais cada intenção de comunicação se consolida socialmente, mas ainda a evolução das construções mobilizadas para a codificação sintática.

Palavras-chave: Gramaticalização, Recursividade e *Common Ground*.

Referências bibliográficas:

- BRAGA, Maria Luiza; PAIVA, Maria da Conceição. Perspectivas sincrônica e diacrônica na abordagem teórico-metodológica. Paper apresentado no 1º Simpósio do Grupo de Pesquisa Discurso & Gramática. Niterói: UFF, setembro/2012 (inédito).
- BYBEE, J. Cognitive process in grammaticalization. In: TOMASELLO, Michael (ed.). *The new psychology of language: cognitive and functional approaches to language structure*. Vol II. New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 2003.
- CLARK, Herbert H. O uso da linguagem. AZEVEDO, Nelson de O.; GARCEZ, Pedro M. (Trad.). *Cadernos de Tradução*, Porto Alegre, 9, Jan-mar 2000.
- CROFT, William. Toward a social cognitive linguistics. In: EVANS, Vyvyan; POURCEL, Stéphanie (Eds). *New Directions in Cognitive Linguistics*, 2009.
- GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; CARVALHO, Cristina dos Santos. Tratado geral sobre gramaticalização. In: GONÇALVES, Sebastião Carlos Leite; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. (org). *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.
- HEINE, Bernd; CLAUDI, Ulrike; HÜNNEMEYER, Friederike. *Grammaticalization: A Conceptual Framework*, Chicago / London: University of Chicago Press, 1991.
- LEHMANN, Christian. *Thoughts on grammaticalization*. 2nd edition. Erfurt: Seminars für Sprachwissenschaft der Universität Erfurt, 2002 [1982].
- LIMA-HERNANDES, Maria Célia. Estudos sobre gramaticalização objetos, métodos e problemas. In: Mariângela Rios de Oliveira & Ivo da Costa do Rosário. (Org.). *Pesquisa em Linguística Funcional: convergências e divergências*. 1 ed. Niterói: Leo Christiano Editorial, 1, 21-33, 2009.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo. Categorias cognitivas e unidirecionalidade. In: LIMA-HERNANDES, Maria Célia. (org.). *Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino*. 1ª Ed. São Paulo: Paulistana, 2010.
- _____. Gramaticalização, discursividade e determinações cognitivo-perceptuais. In: LIMA-HERNANDES, Maria Célia. Estudos sobre gramaticalização objetos, métodos e problemas. In: Mariângela Rios de Oliveira & Ivo da Costa do Rosário. (Org.). *Pesquisa em Linguística Funcional: convergências e divergências*. 1 ed. Niterói: Leo Christiano Editorial, 1, 21-33, 2009.
- _____. (org.). *Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino*. 1ª Ed. São Paulo: Paulistana, 2010.
- OLIVEIRA, Anna Karolina Miranda. História social e mudança linguística: traçando conexões. In: LIMA-HERNANDES, Maria Célia. (org.). *Gramaticalização em perspectiva: cognição, textualidade e ensino*. 1ª Ed. São Paulo: Paulistana, 2010.
- _____. *Deslizamentos funcionais do item mesmo no português paulista: gramaticalização e normatividade*. In: VICENTE, Renata Barbosa; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; DEFENDI, Cristina Lopomo; RAUBER, André Luiz, SARTIN, Elisângela Baptista de Godoy; SANTOS, Elaine Cristina Silva (org.). *Mudança Gramatical do Português – Língua, Cognição e Cultura*. São Paulo: Publicações FFLCH-USP, 2011.
- TOMASELLO, M. *The Cultural Origins of Human Cognition*. Cambridge, MA: Harvard University Press, 1999.
- _____. *Origins of human communication*. Cambridge: MIT Press, 2008.

Análise do discurso e realismo experiencial: implicações para uma memória cognitivo-discursiva

Argus Romero Abreu de Morais (UFMG)

Comumente, entende-se que a epistemologia da Análise do Discurso francesa seria irreconciliável com os estudos da cognição humana. As discussões realizadas pela geração de acadêmicos franceses que ficara conhecida por defender a “morte do sujeito”,

teoricamente, teria afastado tal campo do saber dos estudos da cognição humana. O presente trabalho pretende desconstruir essa perspectiva, realizando, para tanto, um triplo movimento: a) definir o conceito de discurso no âmbito de uma epistemologia ancorada no pressuposto da historicidade radical; b) discutir alguns raciocínios trazidos por Pêcheux (2008; 2010) e Pêcheux e Gadet (2010) no intuito de investigar a presença de problemáticas e conceitos que dialoguem criticamente com as perspectivas cognitivistas; c) a aproximação dos raciocínios desenvolvidos por esses autores com a proposta do Realismo Experiencial, tal como definido por Lakoff & Johnson (1985). Avançar nos estudos da linguagem ordinária se configura como um passo fundamental na tentativa de se entender o ser humano em sua complexidade, ou seja, nas suas relações reais, envolvendo as diferentes influências de diversos setores da vida social, tais como: históricos, econômicos, políticos, sociais, biológicos, linguísticos, etc. Esses fatores estão intrinsecamente vinculados na conformação do ser humano como ser de sentidos, e considerá-los em interação pode contribuir para a superação de algumas dicotomias, em especial, no que diz respeito à clássica dualidade corpo-mente. Segundo Paveau (2006), a categoria de metáfora funciona como um organizador do discurso nas suas mais diversas instâncias, considerando-se aí os aspectos cognitivos e discursivos integrados, quais sejam: a) organizador psíquico, a partir de esquemas partilhados; b) organizador cognitivo, a partir de conhecimentos e crenças; c) organizador discursivo, a partir de culturas de um dado período e de uma dada comunidade; e d) organizador textual, mobilizando procedimentos de encadeamento transfrástico. Para Pêcheux (2008), se o real (necessidade real) existe independentemente da mente humana, a mente humana (necessidade pensada) não existe independentemente do real. Pensar só se torna possível porque pensamos sobre algo e para algo, materializando o real como pensamento tornado necessário pelas condições práticas da existência humana, a nossa necessidade de pensar. Em suas palavras: “a consequência é que a língua domina o pensamento, impondo-lhe a ordem do negativo, do absurdo, da metáfora. É aí que a ciência da linguagem relaciona-se com o registro do inconsciente” (PÊCHEUX; GADET, 2010, p. 70). Assim, os organizadores psíquico, cognitivo, discursivo e textual devem ser explicados não como conceitualmente homogêneos e autônomos, em decorrência dos fenômenos físicos e biológicos que os envolvem, mas por uma exterioridade que os torna, inconscientemente, sistemáticos. A realidade pensada adquire uma certa organicidade (coerência) para o sujeito quando se regionaliza na ação (PÊCHEUX, 2008). Desse modo, as interpretações de Lakoff & Johnson (1985), no âmbito do Realismo Experiencial, e as de Pêcheux e Gadet (2010), no âmbito da AD, apontam para o fato de que o todo da língua(em) é impossível aos sujeitos. Quando “apreendemos o mundo”, o fazemos pela linguagem, com a qual conseguimos vivenciar nossas experiências em sociedade. Para Pêcheux e Gadet (2010), a conformação do sujeito se dá na historicidade. Para Lakoff & Johnson (1985), o sujeito constrói experientialmente os seus sistemas conceituais através de categorizações e esquematizações metafóricas. Apesar das diferenças entre ambos no que diz respeito ao trato dos aspectos biológicos do/no ser, os autores se aproximam ao considerarem que a metáfora funciona como categoria fundante da linguagem e da produção de sentido. Dito isso, propomo-nos a analisar os usos das metáforas estruturais, de orientação e ontológica, conforme definidas por Lakoff & Johnson (1985), na construção da metáfora o “belo é bom” em narrativas de crianças do Sexto Ano do Ensino Fundamental do Centro Pedagógico da UFMG (colégio de aplicação) acerca do conto Cinderela.

Palavras-chave: Análise do Discurso; Realismo Experiencial; Metáfora.

Referências bibliográficas:

- LAKOFF, G; JOHNSON, M. *Les métaphores dans la vie quotidienne*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1985.
- PAVEAU, M.-A. *Les pré-discours: sens, mémoire, cognition*. Paris: Presses Sorbonne Nouvelle, 2006.
- PÊCHEUX, M. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2008.
- PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: ACHARD, P. et al. *Papel da memória*. Campinas, SP: Pontes Editores, 2010.
- PÊCHEUX, M; GADET, F. *A língua inatingível: o discurso na história da linguística*. Campinas, SP: Editora RG, 2010.

Cartas do editor da revista claudia:

Estudo das escolhas lexicais para a construção da identidade feminina

Bianca de Andrade Mantovani (FFLCH-USP)

Orientadora: Prof. Dr. Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade

A pesquisa de Iniciação Científica analisa as cartas do editor da revista feminina *Claudia*, compreendendo os anos de 1975 a 1980. O projeto objetiva realizar os estudos linguístico-discursivos sob uma perspectiva diacrônica, sendo necessário

o estudo sobre o papel da mulher na época em questão e as mudanças sociais que influenciaram o movimento feminista no Brasil. Aliada às teorias de análise crítica do discurso, ao conceito de *ethos* e às especificações do gênero cartas do editor, a pesquisa delimita, através de análise lexical, a identidade da mulher, o perfil da leitora e a relação de confiabilidade que a revista pretende transmitir. Com isso, por meio deste diálogo enunciativo – enunciatário, pretende-se perceber o papel da mulher construído pela mídia, dentro de uma época conturbada no cenário nacional: a ditadura militar.

Os objetivos da pesquisa são comparar o léxico escolhido pelo enunciativo em contrapartida ao eixo temporal, para encontrar o perfil do editor e do leitor; depreender qual era o papel social da mulher, à luz do contexto histórico, sendo possível construir sua identidade; perceber as construções ideológicas e observar mudanças na relação entre o editor e as leitoras, a fim de que seja possível estabelecer uma alteração, ou não, do léxico nas cartas do editor.

Foi realizado o levantamento de *corpus* através de visitas à Hemeroteca da Biblioteca Mário de Andrade e também a leitura de bibliografia pertinente para análise

De acordo com van Dijk (2010), a Análise Crítica do Discurso estuda o modo como o abuso de poder e a desigualdade são representados nos discursos sociais e políticos e, *para os analistas críticos do discurso, é fundamental a consciência explícita de seu papel na sociedade* (p. 114), procurando explicar o modo como as estruturas discursivas reproduzem as relações de poder na sociedade.

Buscamos perceber como, por meio do léxico, as cartas do editor mantinham essa relação de poder e cumplicidade com suas leitoras. Há uma variação na escolha do léxico, os editores podem optar por uma forma ou outra e escolher as palavras que transmitam os ideais que a revista quer passar para a leitora e já que “*as relações de poder manifestam-se, tipicamente, na interação*” (Van DIJK, 2010, p. 41), se analisa como se dá essa relação locutor - interlocutor e a imagem que é transmitida da revista e da mulher-leitora.

Uma vez que “*todo ato de tomar a palavra implica a construção de uma imagem de si*” (AMOSSY, 2013, p. 9), o *ethos* mostrado pela revista é de que ela pretende ser a amiga da mulher, da leitora, que, por sua vez, também teve seu *ethos* construído pelos artigos que *Claudia* julgava de seu interesse, pelo fato de esta ter uma imagem da mulher.

Foram analisados 72 exemplares, escritos por dois editores diferentes, o que representa uma mudança na maneira de se relacionar com a leitora, acompanhada pela mudança no papel social da mulher.

A partir da análise lexical que estabelece uma relação de amizade com a leitora, os léxicos transmitem segurança pelo uso das assertivas: “*creio firmemente que você terá um ano feliz*” e “*acredito com todas as forças*” (dez., 1975); pela voz de autoridade: “*dicas práticas e conselhos colhidos com uma pedagoga especializada*” (out., 1978); e pelo uso da palavra “*amiga*” – recorrente e mostrando aproximação com a mulher.

Para construir a imagem de *Claudia* como amiga da mulher, as cartas se valem da palavra “*conselho*”: “*seguir os conselhos de Claudia naquele número*” (janeiro, 1976), “*investindo com segurança e os conselhos de um especialista*” (abril, 1976). A revista também sempre se propõe a ajudar: “*E toda a nossa revista é para ajudar você e sua família*” (fevereiro, 1975), “*Nossa equipe consultou especialistas e psicólogos e certamente vai ajudar você*” (setembro, 1977).

As cartas escritas a partir de 1978 trazem uma relação mais íntima com a leitora-amiga, buscam mais proximidade com a mulher e a locutora configura-se como conselheira e amiga. Tais editoriais possuem a mesma preocupação em ajudar a mulher, em servir de guia para muitos assuntos: “*vamos ajudá-la a escolher melhor seu anticoncepcional*” (abril, 1978), “*Você sabe que a gente sempre planeja a revista com o objetivo de ajudá-la a viver melhor*” (março, 1980).

Esse segundo período revela mais intimidade, pois a maioria dos editoriais começa com “*minhas amigas*” ou “*queridas amigas*”. Para endossar esse caráter, tudo passa a ser conjugado na primeira pessoa do plural, aumentando o uso de “*nós mulheres*”, mostrando que a revista vive tudo junto com a leitora, conhece seus problemas.

Segundo Buitoni (2009), “*as revistas femininas sempre foram poderosos elementos na construção da identidade da mulher*” (p. 14), sendo assim, pudemos constatar que os “*conselhos*” de *Claudia* em relação à imagem que se tinha da mulher foram alinhando-se mais às questões feministas de direitos iguais; diferente dos primeiros anos, em que se predominava a imagem de uma mulher dona-de-casa e as relações de confiabilidade eram menos acentuadas.

Palavras-chave: cartas do editor; discurso; imprensa feminina

Referências bibliográficas:

- AMOSSY, Ruth (org.). *Imagens de si no discurso. A Construção do ethos*. São Paulo: Contexto, 2005.
- ANDRADE, Maria Lúcia C. V. O. Cartas do editor em revistas brasileiras: marcas de envolvimento. In: Dino Preti. (org.). *Oralidade em diferentes discursos*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, v. 8, 2006, p. 129-160.
- BUITONI, Dulcilia S. *Imprensa feminina*. São Paulo: Ática, 1986.
- BUITONI, Dulcilia S. *Mulher de papel: a representação da mulher na imprensa feminina brasileira*. São Paulo: Loyola, 2009.
- HERBERLE, Viviane M. A representação das experiências femininas em editoriais de revistas para mulheres. *Revista Iberoamericana de Discurso y Sociedad*. Barcelona: Editorial Gedisa, vol. 1 (3), 1999, p. 73-86.
- SARTI, Cynthia Andersen. “O feminismo brasileiro desde os anos 1970: revisitando uma trajetória”. *Estudos feministas*, Florianópolis, 12 (2), mai-ago, 2004. p. 35 - 50.
- VAN DIJK, Teun A. van. *Discurso e poder*. São Paulo: Contexto, 2010.
- VAN DIJK, Teun A. van. *Discurso e contexto*. São Paulo: Contexto, 2012.

Influência social na aprendizagem: uma abordagem evolucionista

Briseida Dogo de Resende (IP/USP)

A proposta deste trabalho é apresentar pesquisas sobre influência social na aprendizagem que vem sendo realizadas no Laboratório de Etologia Cognitiva do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo. A imitação e a ajuda social na aprendizagem de novas habilidades são aspectos fundamentais do desenvolvimento infantil (Meltzoff e Moore, 1977; Tomasello, 2011). Estudos com este tema vêm sendo realizados em pesquisas primatólogicas, e a sua contribuição teórico-metodológica tem tido valor heurístico para a psicologia do desenvolvimento (Hoppit e Laland, 2013). O nosso trabalho tem centrado nos aspectos sociais que promovem a aquisição da ação combinatória de um objeto sobre outro para atingir uma meta. Utilizamos a perspectiva evolucionista darwinista e a ideia de percepção-ação (Resende, 2010). Ou seja, acreditamos que os organismos são frutos do processo de Seleção Natural, e que há comportamentos que podem ser considerados como universais humanos, definindo-nos enquanto espécie (ainda que haja uma enorme variação cultural em sua manifestação) (Bjorklund e Pellegrini, 2001). Esses comportamentos emergem ao longo do desenvolvimento, sendo fruto da atuação do organismo no meio: por meio da ação, o organismo percebe, e atua novamente, com um comportamento modificado (Gibson e Pick, 2000). Em nosso laboratório, desenvolvemos duas linhas principais de pesquisa: trabalhamos com crianças pré verbais e com macacos prego livres ou semicativos. No estudo realizado em creche, as crianças observaram indivíduos utilizando solucionando uma tarefa com o uso de um instrumento, em diferentes situações experimentais. Após a observação, tiveram a oportunidade de executar a tarefa. No estudo realizado com primatas não humanos, estamos analisando a difusão do uso de ferramentas para abrir cocos em um grupo semicativo, e os aspectos sociais envolvidos na manutenção da tradição de quebrar cocos em um grupo solto. O estudo comparado sobre a transmissão social de informações traz elementos que nos ajudam a entender o que nos faz humanos, seja com relação ao que compartilhamos com outros primatas, seja com relação ao que é único da nossa espécie.

Palavras-chave: Desenvolvimento, Uso de Ferramentas, Evolução, Comportamento Social.

Referências bibliográficas:

- Bjorklund, D., & Pellegrini, A. (2001). *The origins of human nature: Evolutionary developmental psychology*. Washinton, DC: American Psychological Association.
- Gibson, E. & Pick, A. (2000). *An ecological approach to perceptual learning and development*. Oxford: Oxford University Press. 238p
- Hoppit, W. & Laland, K. (2013). *Social Learning: na introduction to mechanisms, methods, and models*. Princeton: Princeton University Press. 307p.
- Meltzoff, A. N. & Moore, M. K. (1977). Imitation of Facial and Manual Gestures by Human Neonates. *Science* 7 (198), 75-78.
- Resende, B. D. (2010). Influência social na solução de problemas: uma revisão a partir da psicologia comparada. *Temas em Psicologia* 18(2), 481-490.

Tomasello, M. (2011). Human culture in evolutionary perspective. Em M. Gelfand (Ed.), *Advances in Culture and Psychology*. Oxford: Oxford U. Press.

Considerações preliminares sobre o diálogo entre notícia do Brasil e Tratado Descritivo do Brasil em 1587

Bruna Baldini de Miranda (DLCV – FFLCH – USP)

A presente pesquisa de mestrado – “*A Trajetória editorial da obra de Gabriel Soares de Sousa: aspectos linguísticos e filológicos*” – se propõe a cotejar a cópia manuscrita considerada como original e as duas primeiras edições impressas completas póstumas de uma importante obra da historiografia portuguesa. Trata-se das duas versões da obra de Gabriel Soares de Sousa (ca. 1540-1591), composta em 1587 sob o título *Notícia do Brasil*, e publicada em 1851 e 1879 sob o título *Tratado Descritivo do Brasil de 1587*, em edição de F. A. Varnhagen. A transcrição inicial lançou as bases para a pesquisa preliminar que se desenvolveu no sentido de estabelecer uma metodologia para identificar aspectos filológicos e linguísticos bem como problemas relevantes em âmbitos interdisciplinares, aqui representados pelo aspecto historiográfico.

A análise proveniente da junção dos três aspectos supracitados embasará as considerações preliminares sobre a relação entre os dois textos, sobretudo suas mudanças estruturais em seus respectivos contextos de surgimento e publicação, ou seja, os séculos XVI e XIX, respectivamente. As diferenças residem não só no enquadramento da língua portuguesa em um determinado período de sua própria história como também fornece subsídios para o estudo da língua na tipologia textual crônica. De modo que o que se pretende apresentar seriam as primeiras considerações geradas pela comparação do mesmo texto sob diferentes tipologias textuais: crônica e livro impresso, ou seja, a relação que se estabelece entre *Notícia do Brasil* e *Tratado Descritivo do Brasil em 1587*, e essa questão se relaciona intrinsecamente com o estabelecimento de texto, de central importância para os estudos filológicos.

Todo o embasamento deste presente trabalho se concretizará tomando por base as prerrogativas da História da Língua Portuguesa (Spina org., 2008) e da Crítica Textual (Cambráia, 2005). O cotejo, etapa essencial da presente pesquisa, terá como base Galves *et al.* 2005, já que a comparação do mesmo texto em dois contextos distintos de surgimento e publicação pode contribuir para a compreensão das mudanças que se observam na Língua Portuguesa – em especial considerando-se as hipóteses segundo as quais o século XVI e o século XIX compreendem duas etapas gramaticais distintas. Como será feito um trabalho de transcrição diretamente do manuscrito, o embasamento será feito a partir de Cuesta (1989) e Castro (2004). E por fim, como um dos objetivos da presente pesquisa é a construção de uma base de dados envolvendo topônimos e antropônimos, o respectivo embasamento se dará a partir de Paixão de Sousa (2007).

Palavras-chave: Linguística histórica; Filologia; História Colonial

Referências bibliográficas:

Corpus:

SOUSA, Gabriel Soares de. **Roteiro geral das coisas do Brasil**. Manuscrito autógrafo, 1587. Acervo da BBM-USP. (em fase de catalogação).

SOUSA, Gabriel Soares de. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**. Impresso, 1851 (ed. F. Varnhagen). Acervo da BBM-USP. (em fase de catalogação).

SOUSA, Gabriel Soares de. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**. [organização e prefácio de Fernanda Trindade Luciani] São Paulo, Editora Hedra, 2009.

Teoria:

ABAURRE, Bernardete; PFEIFFER, Claudia; AVELAR, Juanito (orgs.). **Fernão de Oliveira: um gramático na História**. Campinas: Pontes, 2009.

ALGRANTI, Leila & MEGIANI, Ana Paula Torres. **O império por escrito**. São Paulo: Alameda, 2009.

- ANDERSON, Perry. **Linhagens do Estado Absolutista**, São Paulo: Editora Brasiliense, 1985.
- ANSELMO, Artur. **Camões e a Censura Literária Inquisitorial**. Braga. Barbosa & Xavier. 1982.
- ASSUNÇÃO, Carlos & SANTOS, Maria Helena. Gramáticas Portuguesas de Quinhentos no quadro do Humanismo europeu in: **Fernando Oliveira: um humanista genial**. Universidade de Aveiro. Braga: 2009.
- AZEVEDO, Gabriela Soares de. **Leituras, notas, impressões e revelações do Tratado Descritivo do Brasil de 1587 de Gabriel Soares de Sousa**. dissertação, UERJ, RJ, 2007.
- BASSETTO, Bruno Fregni. **Elementos de Filologia Românica: História Externa das Línguas**. São Paulo: EDUSP, 2013.
- BLACK, Jeremy. **Mapas e História: Construindo imagens do passado**. Bauru: Edusc, 2005.
- BOXER, Charles R. **O império marítimo português**. São Paulo: Cia.das Letras. 2008. 3ª reimpressão.
- BURKE, Peter e HSIA, R.Po-chia (orgs.). **A tradução cultural**. São Paulo: Editora UNESP. 2009.
- CASTRO, Ivo. **Introdução à História do Português**. Lisboa: Edições Colibri. 2004.
- CAMBRAIA, César Nardolli. **Introdução à Crítica textual**. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CUESTA, Pilar Vásquez. **A Língua e a Cultura Portuguesas no Tempo dos Filipes**. Madri. Publicações Europa-América, 1989.
- GALVES, C.M.C. ; BRITTO, H. S. ; PAIXÃO DE SOUSA, M. C. (2005) The Change in clitic placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus. *Journal of Portuguese Linguistics*, v. 4, p. 39-67.
- PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara. **Língua Barroca: Sintaxe e História do português nos 1600**. tese, UNICAMP, SP, 2004.
- _____. **Sistema de Edições Eletrônicas do Corpus Tycho Brahe**. Campinas, 2007. <http://www.tycho.iel.unicamp.br/~tycho/corpus/manual/prep/manual_frameset.html>
- _____. **Linguística Histórica in: Introdução às Ciências da Linguagem: Linguagem, História e Conhecimento**. Campinas: Editora Pontes, 2006.
- PAIXÃO DE SOUSA, Maria Clara; MIRANDA, Bruna Baldini de; LOMBARDO, Elena; MENEZES DA SILVA, Gilcélia. **As Crônicas Históricas Portuguesas como Fontes para a História da Língua**. VIIMiniEnapol. São Paulo, 2013.
- PIEL, Joseph-Maria. **Origens e estruturação histórica do léxico português** (1976) in **Estudos de Linguística Histórica Galego-Portuguesa**, Lisboa, IN-CM, 1989, pp. 9-16.
- SERRÃO, Joaquim Veríssimo. **Cronistas do Século XV posteriores a Fernão Lopes**. Instituto de Cultura e Língua portuguesa.Maia. 1989.
- SOUSA, Gabriel Soares de. **Tratado Descritivo do Brasil em 1587**. Edição comentada por Francisco Adolfo de Varnhagen. São Paulo. Cia.Editora Nacional. 1971. 4ª edição.
- SPINA, Segismundo (org.). **História da Língua Portuguesa**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2008.
- TORRES, Amadeu & ASSUNÇÃO, Carlos. **Gramática da Linguagem Portuguesa (1536)**. Fernão de Oliveira. Edição crítica, semidiplomática e anastática por Amadeu Torres e Carlos Assunção. Lisboa, 2000.

A gestualidade como ação antecipatória na produção de enunciados discordantes

Cacilda Vilela de Lima (FFLCH/USP)

Seguindo as ideias propostas pelas novas teorias cognitivas e filosóficas que atribuem ao corpo em ação um papel de produtor de significado e entendem a linguagem humana como um sistema complexo, dinâmico, adaptativo e multimodal, sendo social, cultural e historicamente situada; mais especificamente, da linha teórica que defende a fala e a gestualidade como um único processo de formação discursiva no qual há a integração de modos diferentes de expressão, esta pesquisa apresenta uma análise da relação entre a fala e a gestualidade, defendendo que a gestualidade faz parte do espaço de projetabilidade dos tipos de enunciados que serão produzidos pelos interlocutores, seja para auxiliar os interlocutores na interpretação desses enunciados, seja para facilitar a preparação de ações vindouras. O estudo centraliza-se na observação de conversas cotidianas de díades, em interações face-a-face, analisando a gestualidade como ação antecipatória na produção de enunciados discordantes.

Os arcabouços teóricos desta pesquisa vinculam-se às proposições dos Estudos da Gestualidade e da Análise da Conversa, sob um viés etnometodológico. Dos Estudos da Gestualidade, seguem-se os pressupostos que afirmam que os indivídu-

os, ao interagirem, criam uma unidade comunicacional coesa e indissociável que se vale tanto da modalidade linguística quanto das modalidades gestuais (ações e expressões faciais, gestos manuais, orientação de corpo, postura corporal, distância entre os interlocutores, movimentos de cabeça, direção do olhar etc). Esse ato comunicacional coeso acontece mesmo que em certas ocasiões algumas modalidades sejam priorizadas sobre outras.

Quando a gestualidade e a língua atuam concomitante e conjuntamente, observa-se uma coerência semântica entre elas. Contudo, isso não quer dizer que essas modalidades expressem os mesmos significados. Apesar de apresentarem características e propriedades diferentes, tais modalidades interagem na produção e na compreensão do discurso mediante um processo recíproco cuja resultante será uma unidade comunicacional com significado mais complexo. Baseado nesses pressupostos, a pesquisa busca observar como a gestualidade é parte integrante do enunciado discordante ao antecipar o desacordo linguístico, permitindo aos interlocutores se prepararem para as ações vindouras que atuarão na interação.

Das contribuições da Análise da Conversa para o entendimento da interação face-a-face, utilizam-se, principalmente, os conceitos de pares adjacentes, de (des)preferência e de projetabilidade na organização sequencial da conversa. A (des)preferência, baseia-se na concepção de como as ações são construídas e respondidas e de como o entendimento intersubjetivo é constituído, sendo uma relação entre pares adjacentes. Para cada primeira parte do par, há uma limitação de possibilidades para a segunda parte do par. De forma geral, os enunciados preferidos são aqueles que respondem às expectativas do interlocutor por meio de ações normais que são vistas, mas não notadas. Os enunciados despreferidos apresentam uma ausência notável, sendo marcados por várias complexidades estruturais de mitigação e postergação antes de serem proferidos. Segundo Sacks (1987), na organização sequencial da conversa, observa-se a preferência para o acordo, para o aceite de pedidos e convites, para a ação de falar um interlocutor de cada vez na dinâmica de organização de turnos (e.g. Sacks, Schegloff & Jefferson, 1974), para os reparos autoiniciados etc. Contudo, a (des)preferência só poderá ser determinada dentro das circunstâncias nas quais a ação foi construída, pois as atividades sociais dependem do trabalho interacional de cada um dos membros, continuamente engajados, na situação ou evento. Além disso, as pesquisas mostram que a preferência também depende de fatores situacionais e culturais. Observou-se que em enunciados autodepreciativos, há uma preferência pelo desacordo (e.g. Pomerantz, 1984), assim como em debates políticos (e.g. Heritage, 2002). A tendência a falar um de cada vez na organização de turnos não é verificada, por exemplo, nas culturas italiana (e.g. Eco, 1986) ou indiana (e.g. Agrawal, 1976) nas quais há a preferência pela sobreposição de turnos como forma de sociabilidade e de sinalizar o interesse no outro e no tópico interacional. Dessa forma, a (des)preferência vincula-se tanto às ações iniciais quanto às suas respostas e depende das circunstâncias de produção, não sendo dada antecipadamente. É possível, no entanto, aos participantes da interação projetarem aspectos potenciais da produção dos enunciados. A noção de projetabilidade vincula-se à habilidade cognitiva dos animais que permite-lhes antecipar o desenrolar dos eventos. Schegloff (1984) incorporou essa habilidade cognitiva à dimensão da linguagem, defendendo que alguns de seus elementos estão em jogo antes de efetivamente terem sido produzidos ou completados. Valendo-se dessas noções da Análise da Conversa, essa pesquisa busca contribuir com o entendimento de que a gestualidade pode auxiliar na antecipação dos enunciados discordantes ao prenunciar as ações que estão por vir.

Utilizando o programa Elan para transcrever as modalidades linguística e gestual, esta pesquisa apresenta uma análise qualitativa e multimodal da interação semi-espontânea de 6 díades, mostrando como a gestualidade, atuando no espaço de projetabilidade dos enunciados e, em concomitância à língua, produz uma coerência semântica entre elas, revelando, ainda, como o ser humano é oportunista em relação ao uso da linguagem na escolha dos elementos que julga ser os mais eficientes para construir a interação em curso.

Palavras-chave: Gestualidade; Projetabilidade; Desacordo.

Referências bibliográficas:

- Agrawal, A. (1976). "Who will speak next". *Papers in Linguistic Analysis. Department of Linguistics, University of Delhi I*: 58-71.
- Eco, U. (1986). Eine Palette von Grautönen. *Die Zeit*, August 29, p. 51
- Heritage, J. (2002). The limits of questioning: Negative interrogatives and hostile question content. *Journal of pragmatics*, 34(10), 1427-1446.
- Pomerantz, A. (1984). Agreeing and disagreeing with assessments: some features of preferred/dispreferred turn shapes. In J.

M. Atkinson & J. Heritage (Eds.), *Structures of social action: Studies in Conversation Analysis* (pp. 57–101). Cambridge: Cambridge University Press.

Sacks, H. (1987). On the preferences for agreement and contiguity in sequences in conversation. In G. Button & J. R. E. Lee (Eds.), *Talk and social organization* (pp. 54–69). Clevedon: Multilingual Matters.

Sacks, H., Schegloff, E., & Jefferson, G. (1974). A simplest systematics for the organization of turn-taking for conversation. *Language*, 50(4), 696–735.

Schegloff, E. (1984). On some gestures' relation to talk. In J. M. Atkinson & J. Heritage (Eds.), *Structures of social action: Studies in Conversation Analysis* (pp. 266–296). Cambridge: Cambridge University Press.

Esquemas imagéticos, metáforas conceituais e metonímias na produção de narrativas orais de crianças em período escolar: uma breve análise

Camila Aparecida Martins (UFMG)

Henrique Alvarenga Cosenza (UFMG)

O presente estudo intitulado *Esquemas Imagéticos, Metáforas Conceituais e Metonímias na Produção de Narrativas Oraís de Crianças em Período Escolar: Uma Breve Análise*, é uma co-autoria de Camila Martins e Henrique Cosenza e foi feito em análise de parte dos dados colhidos para a realização da dissertação de mestrado de ambos pelo programa de Pós Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da UFMG.

A pesquisa foi realizada tendo por base teórica os pressupostos da Linguística Cognitiva. De acordo com essa linha linguística nossa utilização da linguagem envolve uma série de operações mentais subjacentes, essas baseiam-se primordialmente em experiências corpóreas e sensorio motor; e as expressões linguísticas são a parte visível da comunicação a partir da qual se torna possível analisá-las. (TENUTA, 2006).

A Linguística Cognitiva é um campo amplo e variado. Seus domínios perpassam, por exemplo, a Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997; e outros); a Teoria da Metáfora Conceptual de (LAKOFF e JOHNSON, 1980; KÖVECSES 2002, 2005; entre outros); entre vários outros. Identificar todos esses elementos seria, portanto, uma tarefa infundável. Por isso, os aspectos a serem investigados têm de ser delimitados. Nesse estudo, por exemplo, o que delimita os domínios a serem investigados deriva de nossa curiosidade acerca da produção de metáforas e afins em narrativas de crianças.

O objetivo desse estudo, portanto, foi investigar marcas linguísticas que transparecessem marcas dos domínios da cognição que, de alguma forma, se relacionam às metáforas. Para isso analisou-se um *corpus* de narrativas orais de crianças em período escolar. Os sujeitos eram da faixa etária entre 9 (nove) e 13 (treze) anos e tinham nível de escolaridade semelhante. As narrativas produzidas foram suscitadas a partir do material fornecido ao informante (duas histórias em quadrinhos sem texto). Cada participante realizou duas tarefas: 1. contou uma história após ter visto todos os quadrinhos; 2. contou uma história ao mesmo tempo em que via os quadrinhos.

Para a identificação das expressões analisáveis, procurou-se identificar frases ou palavras que, de alguma forma, pudessem ser justificadas como anômalas no discurso corrente, isto é, estruturas discursivas que possuam um sentido em um contexto, e outro, geralmente mais físico ou concreto, em outro contexto (CAMERON, 2010). Tais fenômenos manifestaram-se em nosso *corpus* como Esquemas Imagéticos, Metáfora Conceitual e Metonímias.

Segundo Johnson (2005), o termo “Esquema Imagético” foi cunhado por Lakoff e Johnson (1980) a fim de enfatizar o caráter corporal e sensorio motor de várias das estruturas que conceptualizam o pensamento. Além disso, os esquemas imagéticos são estruturas que aprendemos, adquirimos e internalizamos a partir de padrões recorrentes das nossas experiências corporais na dimensão espacial na qual nosso corpo físico atua. (LAKOFF; JOHNSON, 1987; JOHNSON, 2005; TENUTA, 2006).

No excerto (1) abaixo pode-se observar a manifestação do Esquema-Imagético de CONTENIMENTO no trecho em negrito:

- (1) (...) um programa de onça (1,5)/ o índio acha / que a onça **está presa dentro da televisão** / e diz / que a onça tem que ser livre /

A metáfora conceptual, fenômeno que também foi encontrado em nosso *corpus*, é definida, de acordo com Lakoff e

Johnson (1980), como a compreensão de um domínio conceptual em termos de outro domínio conceptual. Em nosso corpus encontramos uma dessas manifestações:

- (2) o homem ficou tão emocionado / que soltou o (...) o passarinho / **passou um tempo** / eh outro homem chegou na floresta /

Observa-se aqui que a expressão “**passou um tempo**” exprime o tempo como sendo algo concreto ou algo que possa se deslocar no espaço, ou seja, conceitua-se algo do domínio abstrato – “o tempo” – como sendo um objeto, algo concreto que pode “passar”. Esse mapeamento se daria como: TEMPO É OBJETO EM MOVIMENTO.

Assim como a metáfora conceptual, a metonímia conceptual, de acordo com Kövecses (2010), se caracteriza pela utilização de uma entidade para se referir a outra, no entanto em um mesmo domínio. O exemplo abaixo ilustra uma das aparições do fenômeno em nosso *corpus*:

- (3) pulou / para pegar a goiaba (1,5) / e ele só que aí **a bengala pegou ele pela calça** / aí o fazendeiro que tava dormindo

Nesse trecho é possível identificar uma anomalia, essa ocorre pelo fato de uma “bengala” ser um objeto e, portanto, inanimada. Assim, ela não poderia “pegar” nada por si. Aqui identifica-se a Metonímia Conceptual subjacente à expressão linguística: INSTRUMENTO PELO AGENTE.

Ressalta-se, por fim, que nosso estudo corrobora não somente a visão de Tenuta (2006) acerca da importância do estudo da narrativa que é, segundo a autora, mais que um gênero literário é manifestação da cognição humana; mas também com a visão de Siqueira (2004) que argumenta que a produção infantil é sim um campo fértil para a investigação de fenômenos criativos tais como metáforas, metonímias, entre outras. Pois, pelo viés linguístico que adotamos tais elementos são mais que alegorias da escrita; eles são fenômenos da cognição humana. Entretanto, para melhor esclarecer que os fenômenos manifestados nesse estudo fazem parte dos fenômenos que se esperam de uma narrativa e não de uma narrativa feita por crianças; um dos estudos posteriores de grande importância seria replicar a metodologia adotada nesse trabalho na coleta narrativas de adultos. Enfim, são muitas as possibilidades de novos estudos e sem dúvidas nosso interesse em investigá-los só se deu por termos feito essa análise primeira; daí justifica-se, então, a importância desse trabalho.

Palavras chave: Narrativas; Cognição; Metáfora.

Referências bibliográficas:

- AZEVEDO, A. *Estrutura Narrativa & Espaços Mentais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2006.
- CAMERON, L.; MASLEN, R. *Metaphor Analysis*. London: Equinox, 2010.
- KÖVECSES, Z. *Metaphor: A Practical Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: Chicago University Press, 1980.
- JOHNSON, M. “*The Philosophical Significance of Image Schemas*.”. Beate Hampe. Berlin: Mouton de Gruyter, 2005.
- SIQUEIRA, M. *As Metáforas Primárias na Aquisição da Linguagem: Um estudo Interlinguístico*. Tese de doutorado. PPGL, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2004.

História para boi casar: o hibridismo verbo-visual e a estilística em textos para crianças

Carlos Augusto Baptista de Andrade (UNICSUL)

Magalí Elisabete Sparano (UNICSUL)

Há tempos se discute a importância da leitura para o desenvolvimento integral da criança. O que ler? Como ler? Para que ler? São perguntas frequentes do dia-a-dia em sala de aula e de investigações científicas. Concepções modernas de discurso observam a leitura como processo interacional e interativo que se inicia na infância, à medida que a criança lê o mundo que a envolve até à leitura da palavra. Na escola, diante da necessidade de abstrair símbolos e signos ela participa de procedimen-

tos e estratégias que a conduzirão no processo de aquisição de linguagens verbais, não verbais e verbo-visuais. As diretrizes nacionais de educação linguística consideram que o trabalho com gêneros discursivos diversos deve ser priorizado, com a finalidade de introduzir o aluno no universo do texto. Nessa concepção, a esfera literária não pode ficar de lado, pois cabe à literatura, neste caso a infantil, trabalhar uma forma estética que prestigie a arte como fenômeno social. Pensar a literatura nesse plano é reconhecer sua composição híbrida, que se desenrola por meio de narrativa verbo-visualizada, na qual texto e ilustração se articulam para promover um sentido pleno da leitura. Na presente comunicação, estuda-se a obra “História para Boi casar”, de Alessandra Roscoe, apresentando-se uma análise discursiva sobre alguns detalhes da capa e excertos poéticos ligados às ilustrações produzidas por Mariana Zanetti, refletindo-se sobre a relação entre texto e ilustração. Como fundamentação teórica, observar-se postulados da Análise Dialógica do Discurso, tendo como norte um gênero discursivo que oferece possibilidades de leitura a partir das relações textuais com ilustrações. Dessa maneira, ao se ler um gênero híbrido (texto e imagem) a memória discursiva é ativada e, por meio da interdiscursividade e da intertextualidade o leitor passa a produzir sentidos que articulam o verbal e o imagético, promovendo o que acentuou Bakhtin em *O problema do texto* (1959/1961): complexas relações dialógicas, como relações de sentido que são estabelecidas entre os enunciados em toda a interação verbal, neste caso, em toda interação verbo-visual. Como situa Brait (2013, p. 44) já há algum tempo: “a dimensão verbo-visual de um enunciado, de um texto, ou seja, dimensão em que tanto a linguagem verbal como a visual desempenham papel constitutivo na produção de sentidos, de efeitos de sentido, não podendo ser separadas, sob pena de amputarmos uma parte do plano de expressão e, conseqüentemente, a compreensão das formas de produção de sentido desse enunciado, uma vez que ele se dá a ver/ler, simultaneamente”. Com a finalidade de avançar nos estudos referentes à imagem/ilustração, neste momento, observa-se alguns pressupostos defendidos por Hall (2012) e Manguel (2011). Para o primeiro, o trabalho do ilustrador é criar e encapsular uma ideia e comunicá-la a determinado público de maneira articulada e inovadora, compreendendo que há uma forte conexão entre imagens e textos (HALL, 2012, p.8). O segundo, apresenta a imagem como uma narrativa para o espectador comum, dizendo que elas formam o mundo apresentando-se como “símbolos, sinais, mensagens e alegorias”, ou mesmo, “presenças vazias que completamos com nosso desejo, experiência, questionamento e remorso” (MANGUEL, 2011, p. 21). Andrade et al (2012), acentua que: “as relações que sejam possíveis realizar com gêneros de outras esferas reforçam a ideia de que o conhecimento não está circunscrito a um determinado *locus* de atuação” (ANDRADE, 2012, p. 51). Dessa maneira, aproximações como as realizadas no presente estudo, permitem trabalhar a interdisciplinaridade discutida e pouco desenvolvida na prática cotidiana escolar. Desta forma, esta comunicação detém-se, ainda, em aspectos relativos ao texto literário, na perspectiva da leitura do texto poético para crianças, conforme aponta Gebara (2012), observando a proposta de Rosenblatt (1944) que apresenta dois grupos de leitura: a eferente e a estética, o primeiro preocupando-se com o resíduo da leitura, enquanto o segundo com o contraste (GEBARA, 2012, p. 25), pondo em diálogo a teoria a verbo-visualidade e Estilística. Assim, ao analisar um texto poético em sua relação híbrida entre texto e ilustração, são infinitas as possibilidades de leitura que dali suscitam, dentre as quais se escolhe neste estudo as de expressividade e estilo, conforme Martins (2008 [1989]). À medida que se propõe ler dessa forma, ativam-se memórias pessoais e sociais que propiciam um caminho de leitura mais pleno e interdisciplinar. Para tanto, olhares múltiplos se tornam necessários, por isso a presente comunicação está inserida em duas linhas de pesquisa “Discurso, Gênero e Memória” e “Estudos estilísticos: discurso, gramática e estilo” do Mestrado em Linguística da Universidade Cruzeiro do Sul, bem como nos Grupos de Pesquisa “Teorias e Práticas Discursivas e Textuais” e “Estudos Estilísticos” cadastrados no CNPq.

Palavras-chave: Verbo-visualidade; Estilística; Literatura Infantil.

Referências bibliográficas:

- ANDRADE, C. A. B. et al. Haicai, Poetrix e Microconto: discurso literário em nanopoeéticas. São Paulo: Terracota, 2012.
- BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso (1952-1953). In.: **Estética da criação verbal**. 6. ed. Introd. e Trad. do Russo Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. p. 261-306.
- _____. O problema do texto (1959-1961). In.: **Estética da criação verbal**. 6. ed. Introd. e Trad. do Russo Paulo Bezerra. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011. p. 307-336.
- BRAIT, B. Olhar e ler: verbo-visualidade em perspectiva dialógica. **Bakhtiniana**, São Paulo, 8 (2): 43-66, Jul./Dez. 2013.

- GEBARA, A. E. L. **A poesia na escola: leitura e análise de poesia para crianças**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2012.
- HALL, A. **Fundamentos essenciais da ilustração**. Trad. Marco Capano. São Paulo: Rosari, 2012.
- KOCH, I. G. V; BENTES, A. C.; CAVALCANTE, M. M. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2008.
- MANGUEL, A. **Lendo imagens: uma história e amor e ódio**. 6. reimpressão. Trad. Rubens Figueiredo, Rosaura Eichenberg, Cláudia Strauch. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- MARTINS, N. S' A. **Introdução à Estilística**. 4.ed. São Paulo: EDUSP, 2008 [1989]
- ROSCOE, A. **História pra Boi casar**. Ilustrações Mariana Zanetti. São Paulo: Editora Peirópolis, 2010.

Linguagem e cognição: compreensão de provérbios por pessoas com acidente vascular cerebral no LPI e/ou Alzheimer conhecidas de professores-alunos do Programa Plataforma Freire da UNEB

Cesar Costa Vitorino (UNEB)

O objetivo desta pesquisa é discutir como se constrói a compreensão de provérbios por pessoas com acidente vascular cerebral no LPI e/ou Alzheimer. Para Langacker (1999, p. 14) “ a linguagem serve à função semiológica de permitir conceptualizações a serem simbolizadas por meio de sons e gestos, assim como a função interativa multifacetada envolvendo comunicação, manipulação, expressividade e comunhão social”, enquanto Silva (2004) enfatiza que a linguagem reside nas mentes individuais, sem as quais a interação linguística não poderia ocorrer. Para entender os provérbios, estudiosos da Linguística Cognitiva (doravante LC) têm utilizado as metáforas para explicá-los. Barcellos (2012) sustenta que “[...] A importância das metáforas abrange permanente atividade de construção cultural e cognitiva da linguagem em seu sentido global [...] (p.74). Ramachandran (2014) explica como o cérebro processa a informação sensorial que nos chega, em particular a informação visual. O cérebro humano é constituído por cerca de 100 bilhões de células nervosas, ou neurônios. Os neurônios “conversam” uns com os outros por meio de fibras semelhantes a fios que parecem alternativamente moitas densas e cheias de ramos (dendritos) e longos e sinuosos cabos de transmissão (axônios). Enfatiza, ainda, Ramachandran (2014) que as metáforas nos permitem efetuar uma espécie de realidade virtual no cérebro. É fato que alguns mecanismos cerebrais muito específicos podem ser decisivos, porque a capacidade de usar metáforas pode ser seletivamente perdida em certos distúrbios neurológicos e psiquiátricos. O neurocientista enfatiza que “ há indícios de que pessoas com dano no lobo parietal inferior (LPI) esquerdo perdem muitas vezes a capacidade de interpretar metáforas e se tornam extremamente literais” (p. 143). A pesquisa será realizada com 100 pessoas diagnosticadas com acidente vascular cerebral no LPI e /ou Alzheimer, patologia neurodegenerativa mais frequente associada à idade, cujas manifestações cognitivas e neuropsiquiátricas resultam em deficiência progressiva e incapacitação. Far-se-á pergunta do tipo: “ O que significa “ De grão em grão a galinha enche o papo? “. O provérbio é, quase sempre, constituído através de uma frase curta, capaz de fazer referência a diversas questões da existência do ser humano. Por este motivo, o provérbio ajuda na construção de valores éticos e morais de uma sociedade. Se pensarmos a respeito do que Gibbs e Beitel (1995) indagam: “*O que a compreensão de provérbios revela sobre como as pessoas pensam?*”, encontraremos que a capacidade de compreender os provérbios tem sido de grande interesse para pesquisadores em diversas áreas da psicologia. A maioria dos psicólogos assume que a compreensão dos significados figurativos de provérbios requer vários tipos de habilidades cognitivas, bem como um índice de funcionamento intelectual superior. Os autores revisam as conclusões sobre a interpretação de provérbio para examinar o que o uso de provérbio e sua compreensão revelam sobre as maneiras normais e disfuncionais de pensar de indivíduos. Nossa pesquisa se propõe a responder a seguinte indagação: **De que forma a Psicolinguística da leitura e a Teoria dos Espaços Mentais (doravante TEM) podem contribuir para a compreensão e análise de provérbios “explicados” por pessoas com acidente vascular cerebral no LPI e/ou com Alzheimer?** Nos estudos apresentar-se-ão reflexões sobre a Psicolinguística da leitura e a TEM e sua relação com provérbios. A Psicolinguística constitui hoje uma área do conhecimento que estuda as influências recíprocas estabelecidas entre parceiros da comunicação através da mensagem (Balieiro Jr, 2009). Essas influências são percebidas através de alterações estruturais da mensagem e de mudanças nos estados psicológicos e cognitivos dos interlocutores. Para Scliar-Cabral (2008), a Psicolinguística é uma ciência híbrida que resultou da intersecção entre a Linguística e a Psicologia, mas convém lembrar que “ a interdisciplinaridade passou a prevalecer cada vez mais no cenário científico atual, onde as neurociências dominam” (p.4). A ênfase da Psicolinguística da

leitura no nosso estudo está pautada nos ensinamentos de Leffa (1996, p.10) quando diz : “ Ler é [...] reconhecer o mundo através de espelhos. Como esses espelhos oferecem imagens fragmentadas do mundo, a verdadeira leitura só é possível quando se tem um conhecimento prévio desse mundo”. Fauconnier (1994) postula que os espaços mentais podem ser compreendidos como domínios cognitivos que são de natureza semântico – pragmática. Mas podemos dizer que os espaços mentais são ativações que são estabelecidas no cérebro. Como ninguém pode ver os espaços mentais no cérebro, supomos que nós organizamos e conectamos os espaços mentais através de excitações sincrônicas de conjuntos de neurônios. A partir da concepção da LC, mais especificamente da TEM, discutir-se-á a necessidade de se compreenderem questões da cognição relacionadas à linguagem como processo que, ao mesmo tempo, constituem e são constituídos pelas e nas práticas sociais e culturais.

Palavras-chave: Linguagem. Cognição. Provérbios.

Referências bibliográficas:

- BALIEIRO JR, A. P. Psicolinguística. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). *Introdução à linguística: domínios e fronteiras*. 6. ed. vol.2, São Paulo: Cortez,2009. p.171-201.
- BARCELLOS, M. R. *Metáforas do casamento: uma perspectiva cognitivista sobre o discurso de homens e mulheres*. Dissertação. Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2012.
- FAUCONNIER, G. *Mental spaces*. Cambridge, Mass., MIT Press, 1994.
- GIBBS, R. W. Jr. ; BEITEL, D. . *What Proverb Understanding Reveals About How People Think*. Psychological Bulletin 118 (1): 133 – 154, 1995.
- LANGACKER, R. *Grammar and Conceptualization*. New York: Mouton de Gruyter. Cognitive Linguistics Research 14, 1999.
- LEFFA, V. J. *Aspectos da leitura: uma perspectiva psicolinguística*. Porto Alegre: Sagra: DC Luzzatto,1996.
- RAMACHANDRAN, V. S. *O que o cérebro tem para contar: desvendando os mistérios da natureza humana*. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2014.
- SCLIAR-CABRAL, L. *Psicolinguística: uma entrevista com Leonor–Scliar Cabral*. ReVEL. Vol. 6, nº 11, agosto de 2008.
- SILVA, A. S. Linguagem, cultura e cognição, ou a Linguística Cognitiva. In: SILVA, A. S. da; TORRES, A. ; GONÇALVES, Miguel (Orgs.). *Linguagem, Cultura e Cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*. Coimbra: Almedina, vol. I, 2004, p. 1-18.

Um olhar sobre um letramento especial: o das crianças com Síndrome de Down

Cláudia Madalena Feistauer (UNEB)

Numa sociedade de cultura letrada, em que a leitura é valorizada, não compreender os materiais escritos a circular socialmente é viver em um mundo paralelo. Por isso a leitura e a escrita se tornam via de acesso para a inclusão social, uma vez que constituem aprendizagens fundamentais para a inserção dos indivíduos nas sociedades ditas letradas. Não obstante, é relevante reconhecer não somente o domínio do código da leitura e da escrita, mas também a competência como leitor e escritor de seu próprio texto, de sua própria história, de sua passagem pelo mundo. Reconhecemos que as sociedades globalizadas exigem cada vez mais dos indivíduos processos complexos de letramento. Assim, faz-se necessária a responsabilidade em oferecer àqueles que não dominam o código escrito um aprender contínuo, ante os avanços do conhecimento e a permanente criação de códigos, de linguagens e símbolos. Alfabetizar na perspectiva do letramento é apropriar-se da leitura, escrita e numeralização, fortalecendo sua condição de sujeitos atuantes no contexto social, econômico, ambiental e cultural. Se o letramento é importante para auxiliar a formação do cidadão como agente ativo e engajado nas práticas de sua comunidade das pessoas com desenvolvimento cognitivo normal, também contribuirá para a inclusão de portadores de necessidades educativas especiais como é o caso das pessoas com Síndrome de Down. No entanto, os estudos sobre o letramento desses indivíduos é escasso. Sendo assim, o presente trabalho objetiva analisar, de forma ampla, o impacto da família e da escola na formação de leitores que relacionem o que leem com o que veem, com o que sentem, com o que vivem, enfim, que construam significados sociais, históricos e políticos na leitura do texto a que se dedicam, tornando-se, dessa forma, sujeitos pensantes, de modo que aprendam a utilizar o seu potencial de pensamento na construção e reconstrução de conceitos para compreender o mundo que

os cerca. Para tanto, foi verificada a participação da família e da escola na promoção de eventos de letramento com crianças com Síndrome de Down. Foram aplicados questionários para os pais ou responsáveis e educadores para verificação da promoção de situações de letramento, bem como foram analisados materiais aplicados na escola e observadas aulas de leitura. Foi feita uma pesquisa qualitativa e transversal na qual foram aplicados questionários para os pais ou responsáveis e educadores para verificação da promoção de situações de letramento, bem como foram analisados materiais aplicados e observadas aulas de leitura na APAE. Os resultados da pesquisa revelam que três das cinco mães são semi-alfabetizadas e não leem para os filhos nem possuem livros em casa. Duas famílias possuem maior escolarização e promovem eventos de letramento com as crianças e adolescentes com SD. As professoras realizam práticas e eventos de letramento nas aulas observadas e na oficina de linguagem. Os dois alunos com SD cujas famílias são letradas compreendem, questionam, recontam e dramatizam textos; os três alunos cujas famílias não são letradas conseguem compreender e recontar a história. Nas aulas observadas as educadoras promovem eventos de letramento utilizando variados gêneros textuais.

Palavras-chave: Letramento, Alfabetização, Síndrome de Down.

Referências bibliográficas:

- GIASSON, J. **A compreensão na leitura**. Portugal: Asa, 2000.
- HEATH, S. B. What no bedtime story means: narrative skills at home and school.
- PIMENTEL, S. C. **Conviver com a síndrome de Down em escola inclusiva: mediação pedagógica e formação de conceitos**. Petrópolis: Vozes, 2012.
- ROJO, R. H. **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012.
- SOARES, M. **Letramento – Um Tema em Três Gêneros**, Belo Horizonte, Autêntica, 1998.
- SOARES, M. B. **Português: uma proposta para o letramento**. São Paulo: Moderna, 1999.
- _____. **Letramento: um tema em três gêneros**. São Paulo: Autêntica, 2003.
- _____. Letramento e escolarização. In: RIBEIRO, V. M. (Org.) **Letramento no Brasil – reflexões a partir do INAF 2001**. São Paulo: Global, 2003.
- SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6. ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.
- STREET, B. V. **Literacy in theory and practice**. NY: Cambridge University Press, 1984.
- _____. Perspectivas Interculturais sobre o Letramento. Tradução Marcos Bagno. **Revista de Filologia e Linguística Portuguesa**, n. 7, jul. 2007. Disponível em: www.revistas.usp.br/flp/article/download/59767/62876. Acesso: 17.06.2014.
- STREET, B. **Os novos estudos sobre o letramento: histórico e perspectivas**. In: MARINHO, M; CARVALHO, G. T (org.). **Cultura escrita e letramento**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2010.
- TERZI, S. B. A oralidade e a construção da leitura por crianças de meios iletrados. In: KLEIMAN, Â. B. (Org.). **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.
- TFOUNI, L. V. **Letramento e alfabetização**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 2010
- TRONCOSO, M. V.; DEL CERRO, M. M. **Síndrome de Down: leitura e escrita**. Adaptação Cristina Nunes, Gabriela Nunes, Isabel Marcelo, M^o José Granadeiro, M^o José Mira. Porto, Portugal: Porto, 2004.

(Inter)subjetivação no processo de conclusão textual

Cristina Lopomo DEFENDI – (IFSP)

Em um processo de conclusão textual, tanto ocorre a condução do raciocínio de um suposto leitor para uma ideia meta quanto a sinalização de que o texto está sendo encaminhado para o seu final. Nesse caso, é possível haver o uso de marca de um elemento que sinaliza que o diálogo entre autor/leitor; escrevente/banca será encerrado. Nessa porção final do texto, último(s) parágrafo(s) do texto dissertativo-argumentativo, produz-se uma coerência estrutural, pela ‘amarração’ de ideias, da tese à conclusão.

Nesta comunicação apresento parte da minha pesquisa de doutoramento. Neste recorte, o objetivo é descrever as cons-

truções usadas para marcar a conclusão de um texto dissertativo-argumentativo (redação de vestibular) e analisá-las sob a perspectiva da (inter)subjetividade.

Uma hipótese subjacente é que a pressão da escolarização guie o aluno para o emprego de marcadores prototípicos de conclusão. Nesse sentido, o emprego de marca inovadora ou mesmo a elisão do marcador podem revelar maior domínio da tessitura textual dissertativa a tal ponto de libertar o escrevente de um modelo. Adicionalmente, é de se esperar que quanto mais abstrato o item empregado como marcador de conclusão, tanto maior será sua carga de intersubjetividade e isso, em outras palavras, significa dizer que quanto menos função informativa local, maior sua função intersubjetiva.

Para seguir esse caminho de explanação, torna-se necessário estabelecer as diferenças entre a subjetividade, objetividade e intersubjetividade. Traugott e Dasher (2005) delimitam o estatuto da subjetividade e da intersubjetividade considerando a condição da comunicação linguística em termos do grau de consciência de si e do outro e também a mobilização de marcas estrategicamente sinalizadoras do próprio processo de interação. É certo que essas sinalizações distanciam-se do que normalmente se espera encontrar em textos dissertativo-argumentativos, lugar de alto grau de objetividade, com vistas à construção do discurso persuasivo, via redação de um autor neutro. Por outro lado, não há argumentação sem subjetividade e intersubjetividade. Parece contrassenso, mas não é. Na verdade, quanto mais abstrato e elaborado cognitivamente esse sinal, menos percebido como tal será.

Em busca de convencimento, estratégias típicas de subjetividade mobilizam marcas de intersubjetividade como meio de sinalizar as intenções. É decisão do escrevente, em situação de elaboração textual, tomar a decisão de elaborar uma dissertação afastada de si (buscando a objetividade) e, a depender das estratégias mobilizadas, nela construir um espaço de interlocução produtivo. Embora o plano da subjetividade seja afastado do terreno da orientação para a elaboração da dissertação vestibular, o que de fato ocorre é a valorização dessas instâncias. Um desses espaços de intersubjetividade é justamente o momento em que o escrevente sinaliza que pretende fechar esse diálogo. Esse sinal, não por acaso, aparece, mais frequentemente, no início do último parágrafo. É o simulacro do final da conversa: a despedida.

Dessa forma, ainda que o plano da avaliação subjetiva esteja fora de questão no imaginário do escrevente, mesmo assim será necessário sinalizar, preponderantemente ao interlocutor, o processo de encaminhamento do texto, antecipando as possíveis necessidades do leitor de seu texto.

Pelo *corpus* composto para esta pesquisa, redações de vestibular da FUVEST (Fundação para o Vestibular da USP – Universidade de São Paulo), é possível afirmar que escrevente e leitor estão inseridos em uma situação comunicativa codificada por um contexto avaliativo de produção e, por isso, mais sinais precisam ser dispostos ao longo do texto. O jogo é complexo porque complexa é a situação do autor (um aluno-escrevente), que se dirige a um público (leitor-corretor), que dele espera um padrão específico demonstrando conhecimento de gênero, de tipo textual e de todos os quesitos que compõem o imaginário social sobre o que é escrever bem nas circunstâncias que consubstanciam o texto.

É possível afirmar que a forma de conclusão de um texto dissertativo-argumentativo revela o grau de maturidade intelectual e o índice de autoria. Nesses casos, o vestibulando posiciona-se e demonstra ponto de vista e reflexões próprias, marcando uma subjetividade positiva, que é bem vista pela banca corretora.

A escolha desse *corpus* e demais materiais de controle mostrou-se acertada na medida em que as redações e os textos jornalísticos permitiram um amplo panorama das opções disponíveis para elaboração de uma conclusão textual. Com este estudo, pôde-se observar, mais detidamente, as escolhas, cognitivas e também (inter)subjetivas, realizadas para essa elaboração.

Palavras-chave: Gramaticalização; Cognição; Processamento textual.

Referências bibliográficas:

DEFENDI, Cristina Lopomo. “**Portanto, conclui-se que**”: processos de conclusão em textos argumentativos. 2013. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-06052013-104720/>>.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs e DASHER, Richard B. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. Revisiting subjectification and intersubjectification. In: DAVIDSE, Kristin, VANDELANOTTE,

Causalidade e aspectos cognitivos de sua codificação: os conectores causais da língua alemã.

David Edson Farah (Doutorando, DLM/FFLCH/USP)

Introdução e objetivos

Esta pesquisa pretendeu contribuir para a investigação acerca da semântica dos conectores oracionais causais da língua alemã (*da*, *denn* e *weil*) a partir da perspectiva da proposta de Pander Maat & Degand (2001). A proposta destes autores descreve e categoriza os significados dos conectores causais da língua neerlandesa por meio de um gradiente relacional desenvolvido a partir dos possíveis arranjos entre um ou mais sujeitos de consciência e a cena objetiva por eles conceituada; tais possíveis arranjos são mediados pelas operações perspectivação conceitual (*construal relations*) descritas por Langacker (1987, 1991). O objetivo da presente pesquisa foi replicar o estudo original aplicando seus conceitos e métodos aos conectores da língua alemã, a fim de investigar de que maneira o gradiente relacional pode ser aplicado à categorização das relações causais em outras línguas.

Embasamento teórico

A pesquisa baseou-se no estudo empreendido por Pander Maat & Degand (2001) de onde foram extraídos o aparato teórico e os métodos de análise. Em seu estudo, os autores recorreram a conceitos da Gramática Cognitiva, de Langacker, para construir um gradiente de relações causais como meio de categorização da causalidade codificada por conectores oracionais. Essa proposta contrapõe-se às abordagens anteriores que concebiam as relações causais de maneira modular (relações semânticas vs. relações pragmáticas) ou encapsuladas em níveis relacionais específicos (conteúdo, epistêmico e dos atos de fala). O gradiente traz à tona, portanto, um contínuo de relações causais que dilui os limites entre a Semântica e a Pragmática. Para construir tal gradiente, Pander Maat & Degand (2001) postulam que a categorização das relações causais deve ser baseada entre o arranjo entre um ou mais sujeitos de consciência (prototipicamente o falante e o ouvinte) e a cena objetiva conceituada por ambos. As relações de perspectivação conceitual (*construal relations*), em especial, a relação entre subjetividade e objetividade, são compreendidas como mediadoras desses arranjos ao permitir diferentes possibilidades de aproximação e distanciamento do(s) sujeito(s) de consciência em relação à cena objetiva. As relações que compõem o gradiente são: relação causal involuntária, relação causal voluntária, relação epistêmica causal, relação epistêmica na causal, relação de motivação entre atos de fala e relação de paráfrase entre atos de fala.

Metodologia

Para a análise foram extraídas de fontes jornalísticas cinquenta ocorrências para cada um dos conectores estudados. As fontes textuais encontram-se reunidas no Corpus Alemão de Referência (DeReKo [*Deutsches Referenzkorpus*]) e foram acessadas por meio do software COSMAS II, desenvolvido pelo *Institut für Deutsche Sprache* (IDS), de Mannheim. A metodologia empregada na realização da pesquisa foi replicada a partir do estudo de Pander Maat & Degand (2001) e consistiu da aplicação de testes de paráfrases às ocorrências do corpus. As paráfrases foram adaptadas à língua alemã para reproduzir neste idioma as possibilidades de leituras esperadas para cada uma das relações causais propostas no gradiente. Na sequência, os resultados dos testes de paráfrase foram avaliados quanto à adequação da estrutura conceitual imposta pelo construto de cada relação causal e as possibilidades de interpretação dos conectores em seu contexto de uso nas ocorrências, tendo sido descartadas aquelas leituras consideradas incompatíveis com o contexto das ocorrências.

Resultados

A análise das ocorrências demonstrou que a relação causal voluntária é codificada pelos conectores *da* e *weil*. Elas representam, respectivamente, 32% e 52% das ocorrências de cada conector. A relação epistêmica causal é introduzida pelos três conectores, mas foram encontrados graus diferentes de preferência: 30% para *da*, 26% para *denn* e 48% para *weil*. Por sua

vez, as relações epistêmicas não causais estão distribuídas entre os conectores *da* (38%) e *denn* (52%), sendo esta relação a preferencial de *denn*. A relação de motivação entre atos de fala é inserida exclusivamente pelo conector *denn* e representa 22% de suas ocorrências. Tanto a relação causal involuntária quanto a relação de paráfrase entre atos de fala não foram encontradas no corpus, sendo que sua codificação possa ser realizada por meio de outros itens lexicais da língua alemã. Os conectores *da* e *weil* concorrem na codificação de relações causais voluntárias e epistêmicas causais, sendo que sua diferenciação está relacionada a diferentes configurações da estrutura conceitual que impõem à situação objetiva que descrevem e a diferentes disposições da estrutura informacional que agregam à conceitualização. Por outro lado, conector *denn* codifica preferencialmente relações da porção epistêmica do gradiente relacional, mas, em contrapartida, não estabelece relações causais involuntárias ou voluntárias. Com ele, entretanto, é possível estabelecer relações de motivação entre atos de fala, situadas na porção final do gradiente. A pesquisa ainda apontou na direção de que as relações do gradiente podem ser consideradas categorias a ser instanciadas por usos mais centrais ou mais periféricos, dependendo da construção conceitual imposta à cena objetiva descrita e ao seu arranjo em relação ao sujeito de consciência.

Palavras-chave: Conectores Causais; Subjetividade; Língua Alemã.

Referências bibliográficas:

LANGACKER, R.W. *Foundations of Cognitive Grammar: Volume I – Theoretical Prerequisites*. Stanford: , 1987.

LANGACKER, R.W. *Foundations of Cognitive Grammar: Volume II –*

PANDER MAAT, H. & DEGAND, L. *Scaling causal relations and connectives in terms of speaker involvement*. *Cognitive Linguistics*, 12-3, 2001.

Onde não haveria nada. Interação social, linguagem e cognição humana: algumas questões a respeito dessas relações observadas a partir do autismo

Débora Klemens Oliveira (UNIFESP)

Esta pesquisa financiada pelo PIBIC teve como objetivo se perguntar sobre relações de constituição entre linguagem, interação social e cognição a partir de uma perspectiva linguística. Para isto, fora necessário um estudo epistemológico. Essas reflexões foram feitas a partir de um campo observacional particular: o autismo. A justificativa para escolha desse campo específico de observação assenta-se nas possibilidades de questionamentos e entendimentos sobre as relações mencionadas acima a partir de um contexto em que os padrões interativos e linguísticos podem estar estruturados de forma distinta com relação aos padrões descritos em sujeitos não autistas. Assim, o autismo representa um contexto produtivo para a formulação de perguntas sobre o ser humano interagindo no mundo com linguagem.

O problema de fundo que se expressa na tentativa de encontrar categorias que melhor descrevam a linguagem e a interação em contextos patológicos fora analisado através do método já elucidado de investigação epistemológico; mas também, através dos estudos teórico interpretativo, em que foram feitas novas leituras a partir de fontes já observadas e analisadas, ou seja, o “corpus” desta pesquisa se ampara em materiais já coletados e analisados, porém, com outro enfoque. Assim, me propus a fazer uma interpretação, uma outra análise dos fatos a partir, talvez, de um outro ponto de vista.

A pesquisa era regida pelas seguintes questões: **Que interação é essa feita pelos autistas? E quando ela existe onde se supunha não existir nada? E o que esta interação nos diz sobre as possibilidades de interação humanas e produção de sentidos?** A partir destas questões pudemos direcionar nosso estudo epistemológico e analítico.

A primeira etapa (investigação epistemológica) procuramos reunir um arcabouço teórico em relação aos fenômenos investigados a partir da leitura minuciosa das obras de três autores fundamentais no campo de estudos sobre as relações entre linguagem, cognição e interação, com o intuito de confrontar e cotejar as posições presentes ou defendidas.

O primeiro desses autores é Vygotsky (1934) que demonstrou que a linguagem configura-se em um sistema simbólico fundamental em todos os grupos humanos e elaborado no curso da evolução da espécie e história social. Para ele os signos são construções da mente humana, que estabelecem uma relação de mediação entre o homem e a realidade. Fora selecionada para

leitura e análise a última obra de Vygotsky intitulada “*Pensamento e linguagem*” publicada em 1934, em que o autor aborda as principais questões em relação ao pensamento e a linguagem.

Já o segundo autor é Steven Pinker (1954) representante de parte da teoria contemporânea sobre as relações entre mente e linguagem a partir de uma perspectiva cognitivo-biológica. Pinker (1954) concentra suas pesquisas em torno da aquisição da fala e das noções de desenvolvimento inato da linguagem, propostas por Noam Chomsky, por exemplo “Reflexões sobre a linguagem” (1977) e “Regras e representações” (1981). No entanto, diferente de Chomsky, Pinker considera a linguagem como uma adaptação evolutiva. A obra que fora selecionada para esta pesquisa é intitulada “*O instinto da linguagem*” publicada em 1994, em que Pinker defende que a linguagem é um instinto humano, instalado em nossos cérebros pela evolução da mesma maneira que a construção de teias nas aranhas ou os sonares nos morcegos.

O terceiro autor eleito para esta pesquisa é Michael Tomasello, suas pesquisas são voltadas para a relação entre cognição e cultura e a cognição em crianças e primatas. Para ele, todos os complexos produtos cognitivos, inclusive a linguagem, têm uma única raiz biológica, relativamente recente - a capacidade exclusiva dos seres humanos de associar seus recursos cognitivos com os de outros membros de seu grupo social. Segundo Tomasello, a base da linguagem é sua dimensão comunicativa, que, na raiz contempla aspectos da cooperação social. Os recursos comunicativos passam de uma base gestual gradativamente à via fonética que se conhece hoje. A obra que fora selecionada para esta pesquisa é intitulada “*As origens culturais da aquisição do conhecimento*” publicada em 1999, em que o autor trata a respeito da questão de como, no pouco tempo de existência enquanto espécie distinta, os seres humanos desenvolveram as aptidões necessárias para criar ferramentas e tecnologias complexas, sistemas linguísticos e simbólicos, e instituições sociais complexas como governos e religiões. Tomasello, diferente de Pinker, demonstra que nós não precisamos de um “instinto de linguagem” para explicar como as crianças aprendem a língua. Sua capacidade linguística está entrelaçada com outras habilidades cognitivas. Tomasello afirma que a essência da linguagem é sua dimensão simbólica, que repousa sobre a capacidade exclusivamente humana de compreender a intenção.

Várias foram as análises feitas em cada um dos artigos, um dos pontos que trago aqui é o estudo do primeiro artigo, e a análise do *reconhecimento de si e do outro*, e as consequências deste *não reconhecimento* acionamos na pesquisa a análise do estudo de Tomasello (2003) acerca dos processos de aprendizado. Segundo Tomasello (2003) há três tipos de aprendizagem social: aprendizagem por imitação; aprendizagem por instrução e aprendizagem por colaboração. Estes tipos de atividade só são possíveis, graças a capacidade exclusiva do ser humano de reconhecer os seus (co)específicos como seres iguais a ele. Ou seja, o ser humano aprende através do outro.

Tomasello contrasta essa capacidade sociocognitiva da criança que é típica da espécie com o caso de crianças autistas, que por razões biológicas não possuem habilidades sociocognitivas necessárias para aproveitar a sabedoria coletiva; e uma criança selvagem imaginária – saudável e isolada – desprovida de pessoas com quem pudesse imitar, aprender ou colaborar. Em ambos os casos, o resultado poderia ser o mesmo: algo diferente das habilidades cognitivas típicas da espécie.

Palavras-chave: Interação social, linguagem, cognição humana e autismo.

Referências bibliográficas:

- CHOMSKY, Noam. Reflexões sobre a linguagem. Tradução de Carlos Vogt (et al.). – São Paulo: Cultrix, 1980.
- CAMPBELL, R. Dicionário de psiquiatria. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1986.
- LEWIS, M. The role of the self in shame. Social Research, v.70, n.4, p.1181-1204, 2003.
- BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 8ª ed. São Paulo: Hucitec, 1997a (VOLOCHINOV, V. N).
- BRAIT, Beth. O processo interacional. In: *Análise de textos orais*/ Dino Preti (organizador). 4. ed. - São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999.
- CLARK, Herbert H. (1996) *Using Language*. Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- CASSIRER, Ernest. A filosofia das formas simbólicas. Tradução de Marjon Fleischer. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- FÁVERO, Leonor Lopes. *Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino de língua materna*/ Leonor Lopes Fávero, Maria Lúcia da Cunha V. De Oliveira Andrade, Zilda Gaspar Oliveira de Aquino. - 6. ed. - São Paulo: Cortez, 2007.
- FERNANDES, L.R *Reseña de "Rumo à palavra: Três crianças autistas em psicanálise"* de Marie-Christinelaznik-penot. Psyché, julho-dezembro, año/vol. V, número 008. Universidade São Marcos. São Paulo, Brasil. PP. 207-210.
- GOFFMAN, Erving. A situação negligenciada. In: *Sociolinguística Interacional*. Ribeiro & Garcez (orgs) (2002).

Edições Loyla. São Paulo – Brasil.

HEIDEGGER, M. *Être et temps*. Trad. François Vezin. Paris: Gallimard, 1986.

HILGERT, José Gaston. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In: *Análise de textos orais*/ Dino Preti (organizador). 4. ed. - São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999.

KOCH, Ingedore Villaça. *Ler e escrever: estratégias de produção textual*/ Ingedore Vilaça Koch, Vanda Maria Elias. - São Paulo: Contexto, 2009.

KOCH, Ingedore Villaça & Cunhalima, Maria Luiza. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos*, volume 3/Fernanda Mussalim, Ana Christina Bentes, organizadoras. - 5. ed. - São Paulo: Cortez, 2011.

KRISTEVA, Julia. História da linguagem. Tradução de Margarida Barahona. Lisboa, Portugal, Edições 70, 2007.

LEVINSON, S. *Pragmática*. Trad. Luís Carlos Borges e Anibal Mari. São Paulo, Martins Fontes, 200

MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Da fala para a escrita: atividade de retextualização*/Luiz Antônio Marcuschi – 10. ed. - São Paulo: Cortez, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio, 1946 – *Produção textual, análise de gêneros e compreensão*/ Luiz Antônio Marcuschi. - São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

MARCUSCHI, L. A. *Do código para a cognição: Processo referencial como atividade criativa*. (extraído de texto escrito preparado para Apresentação Oral. 2003.

MORATO, Edwiges Maria. O interacionismo no campo linguístico. In: *Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos, volume 3*/ Fernanda Mussalim, Ana Christina Bentes, organizadoras. - 5. ed. - São Paulo: Cortez, 2011.

PINKER, Steven, 1954 *O instinto da linguagem: como a mente cria a linguagem*/ Steven Pinker; tradução Claudia Berliner: revisão técnica Cynthia Levart Zocca. - São Paulo: Martins Fontes, 2002.

PINKER, Steven, Como a mente funciona. Tradução de Laura Teixeira Motta. São Paulo, Companhia das Letras, 1998.

PRETI, Dino. A língua falada e o diálogo literário. In: *Análise de textos orais*/ Dino Preti (organizador). 4. ed. - São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999.

RODRIGUES, Ângela Cecília Souza. Língua falada e língua escrita. In: *Análise de textos orais*/ Dino Preti (organizador). 4. ed. - São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999.

SACKS, O. *Um antropólogo em Marte: Sete histórias paradoxais*/ Oliver Sacks; tradução Bernardo Carvalho. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

SEVERINO, A.J. S. *Metodologia do trabalho científico. Metodologia e Prática de Ensaio*. São Paulo, Editora Cortez, 1993.

TOMASELLO, Michael. *Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano*. São Paulo, Martins Fonte, 2003.

TOMASELLO, Michael. *Constructing a language: a usage-based theory of language acquisition*/Michael Tomasello p. cm. First Harvard University Press paperback edition, 2005.

URBANO, Hudinilson. Marcadores conversacionais. In: *Análise de textos orais*/ Dino Preti (organizador). 4. ed. - São Paulo: Humanitas Publicações FFLCH/USP, 1999.

VYGOTSKY, L.S. *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

O comportamento do adjetivo privativo ‘falso’ na perspectiva da linguística cognitiva

Dedilene Alves de Jesus (UFRJ/CAPES)

Orientadora: Maria Lúcia Leitão de Almeida (UFRJ)

Objetivos:

Análise do adjetivo ora citado, a partir de pressupostos básicos da LC (*frames*, espaços mentais e mesclagem conceptual), da noção ontológica de *affordance* e das similaridades e diferenças estabelecidas entre adjetivos predicativos e não-predicativos, segundo critérios distribucionais.

Embasamento teórico:

A modificação adjetival implica um tipo de predicação. O termo predicação pode ser entendido como a operação exercida por um modificador sobre um outro elemento, transferindo a ele propriedades semânticas que antes não lhe eram disponíveis, fazendo com que tais elementos se constituam em um conteúdo proposicional (um fato). Nesse processo, podem

ocorrer um desses tipos de transferência para o elemento modificado: a que afeta a intensão, a que afeta a extensão e a que afeta a modalidade. Em outros termos, temos um predicador e um argumento envolvidos nessa operação, que deve ser vista como um movimento ocorrente em nível de elementos de um sintagma, de uma sentença e até de um texto. Salientamos que a predicação é considerada um traço relevante para o estabelecimento da categoria do adjetivo.

Obviamente, a relação predicativa na modificação adjetival dependerá de outros fatores, como a posição do adjetivo em relação ao substantivo (obedecendo a uma ordem mais livre de anteposição ou posposição), a possibilidade de delimitação (especificação) em um conjunto de coisas, dando um sentido subjetivo para o elemento modificado. Dessa forma, as formas adjetivas que se comportam dentro desse quadro se caracterizam como adjetivos predicativos (vida *simples*); formas adjetivas que possuem uma ordem mais fixa (não admitem movimento em sua posição relacionada ao substantivo), com indicação mais objetiva para o substantivo, em um caráter não-vago, são denominadas adjetivos não-predicativos (indústria *alimentícia*).

O adjetivo privativo foi conceituado por Kamp (1975) como um tipo de adjetivo que estabelece relações de propriedades para propriedades, isto é, exerce função modificadora das propriedades intensionais do escopo. Para identificação do adjetivo privativo, partimos da disposição de que tal adjetivo é marcado discursivamente pela paráfrase “o que não é N”, quando associado a um nome ou construção nominal.

Franks (1995) trata a modificação adjetival como um tipo de combinação conceptual, a partir da própria noção de conceito (que perfila a representação, a classificação e a linguagem). Para ele, em expressões como *stone lion* temos um conceito implicitamente vinculado, que atua porque há atributos default de *lion* que propiciam uma instanciação dentro da cena comunicativa, dando suporte à especificação de sentido: *lion* pode se referir a um animal, a uma estátua, a um brinquedo, etc., dependendo do contexto em que tal uso ocorre.

A questão da modificação adjetival é tratada, na visão de Sweetser (1999), através dos mecanismos de composicionalidade linguística em construções A+N modificadas, a partir da teoria de mescla de espaços mentais (FAUCONNIER E TURNER, 1998), uma vez que a análise simplificada de interseção nas relações de nomes com modificadores adjetivais não é suficiente para explicar tal fenômeno. A linguista se utiliza de exemplos como *likely candidate* e *usual suspect*, considerados ‘intratáveis’ em análises mais formalistas, mas analisáveis sob o prisma da mescla dos espaços epistêmicos do falante com os de atos de fala.

Metodologia:

Enquadramos o adjetivo privativo nas questões concernentes à modificação adjetival, amparados em estudos descritivos do português e da Linguística Cognitiva, no intuito de identificarmos os traços característicos da construção modificada privativa. Além disso, procuramos vincular a noção de propriedades intensionais ao conceito de *affordance* (propriedade invariante do ambiente provida ao indivíduo), termo emprestado pelas teorias de percepção visual (GIBSON, 1979), em uma perspectiva corporificada da língua (LAKOFF, 1987). Assim, fizemos uso de dados coletados pela ferramenta de busca Google, analisados dentro dos critérios distribucionais postulados por Casteleiro (1979 *apud* CASTILHO, 2010) para a distinção entre adjetivos predicativos e não-predicativos, além da noção de *frames* e espaços mentais (FAUCONNIER, 1985) e também do processo de mesclagem conceptual (FAUCONNIER E TURNER, 2002), para verificarmos as alterações nas *affordances* do N em construções A+N/N+A a partir do adjetivo *falso*.

Utilizamos os seguintes critérios para caracterizar tal adjetivo: a) Posição do adjetivo/Atribuição de sentido; b) Gradação; c) Coordenação; d) Cadeia referencial; e) Anexação do copulativo ‘estar’ e de prefixos de negação; f) Categorização do aspecto negativo; g) Paráfrase; h) Manutenção das *affordances*; i) Tipo de integração conceptual.

Resultados:

A partir dos dados levantados, que correspondem a uma pequena amostra desse tipo de adjetivo, pudemos observar que tal classe de adjetivo apresenta um comportamento próximo ao dos não-predicativos, no que diz respeito à gradação, à coordenação e à anexação do copulativo ‘estar’ e de prefixos de negação. Quanto à posição do adjetivo, ‘falso’ apresentou ordem livre.

Quanto aos aspectos analisados pelo aporte cognitivista, reafirmamos o que Coulson (2001) postula: a checagem de *frames* e a mesclagem conceptual são, no momento, os processos mais eficazes no detalhamento desse tipo de adjetivo. Não podemos desconsiderar, no entanto, a identificação das *affordances* cognitivas nesse processo.

Ainda sobre a posição do adjetivo privativo ‘falso’, por ora consideramos que sua ordem livre pode decorrer como um

desencadeamento de usos frequentes de construções como ‘loira falsa’ (não-loira) e pode também ter uma frequência maior em textos coloquiais. A posposição desse adjetivo pode ser decorrente da tendência do português brasileiro em pospor adjetivos, considerada por Kato (1988) como um padrão comum por causa da ordem SVO (sujeito-verbo-objeto) do PB.

A partir dessas questões, propomos algumas hipóteses para a compreensão do comportamento do adjetivo privativo:

- a) Em linhas gerais, a partir do comportamento do privativo ‘falso’ observamos que os fenômenos linguísticos não são universais, conforme os pressupostos gerativistas, mas situados linguisticamente.
- b) Especificamente, a ordem livre de ‘falso’, sem alteração de seu sentido, apresenta uma distinção em relação ao inglês e, em algum nível, até mesmo ao que é previsto pela gramática tradicional do português.

Palavras-chave: Modificação Adjetival; Adjetivo Privativo; Mesclagem Conceptual.

Referências bibliográficas:

CASTILHO, A. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2010.

COULSON, S. **Semantic leaps: frame-shifting and conceptual blending in meaning construction**. Cambridge University Press, 2001.

FAUCONNIER, G. **Mental spaces: aspects of meaning construction in natural language**. Cambridge University Press, 1985.

_____; TURNER, M. **The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities**. New York: Basic Books, 2002.

_____. Conceptual integration networks (Mental spaces). In: GEERAERTS, D. (ed.) **Cognitive Linguistics: Basic Readings**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.

FRANKS, B. Sense generation: a “quasi-classical” approach to concepts and concept combination. **Cognitive Science**, 19, p. 441-505, 1995.

GIBSON, J.J. **The ecological approach to visual perception**. Hillsdale: Lawrence Erlbaum Associates, 1986 [1979].

KAMP, J.A.W. Two theories about adjectives. In: Keenan, E. L. **Formal semantics of natural language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1975.

KATO, M.A. A sequência Adj + N em português e o princípio da harmonia transcategorial. **Letras & letras**, 4(1-2):205-213, 1988.

LAKOFF, G. **Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago, IL: University of Chicago Press, 1987.

SWEETSER, E. Compositionality and blending: semantic composition in a cognitively realistic framework. In **Cognitive Linguistics: Foundations, Scope and Methodology**, eds. Gisela Redeker and Theo Janssen. Berlin: Mouton de Gruyter. pp. 129-162, 1999.

Idiomatidade e subjetificação em uma rede de construções gramaticais do português brasileiro

Diogo Pinheiro (UFRJ)

Karen Alonso (UFRJ)

Este trabalho busca mapear e descrever, à luz da Gramática de Construções (GOLDBERG, 1995; 2006; CROFT, 2001; HOFFMANN; TROUSDALE, 2013), uma parcela específica da rede construcional do português brasileiro, que se compõe de quatro construções gramaticais: duas mais abertas e composicionais, e duas mais restritivas e idiomáticas. As construções mais abertas são SER ADJ. + SENTENÇA (“É legal acordar cedo”) e SER ADJ. de + SENTENÇA (“É complicado de fazer qualquer previsão a essa altura”); as construções mais restritivas são É BOM / MELHOR + SENTENÇA (“É bom / melhor me obedecer mesmo, hein!”) e É RUIM DE + SENTENÇA (“É ruim dele me desrespeitar, hein!”). Como se pode verificar a partir esquemas sintáticos apresentados, as duas primeiras admitem variação dos sufixos modo-temporais do verbo e são flexíveis quanto aos adjetivos que podem instanciar o padrão sintático-semântica; as duas últimas, por seu turno, exibem maior rigidez quanto a esses dois aspectos, fixando o verbo na 3ª pessoa do singular do presente do indicativo e exigindo, respectivamente os adjetivos “bom/melhor” e “ruim”.

Seguindo um movimento comum na tradição (implícita ou explicitamente) construcionista (WIERZBICKA, 1987; GOLDBERG, 1995; KAY; FILLMORE, 1999), propomos-nos, em primeiro lugar, a demonstrar a necessidade de reconhecer a existência das duas construções idiomáticas. Aqui, trata-se de demonstrar que determinadas sentenças não podem ser adequadamente interpretadas simplesmente por meio de mecanismos composicionais de interpretação semântica complementados por princípios gerais de cálculo pragmático. Para isso, contrastamos sentenças como (1) a outras do tipo (2):

- (1) a. É legal acordar cedo.
- b. É bom acordar cedo.
- c. Era melhor a gente passar em casa antes.

- (2) a. É bom você lembrar do meu aniversário mesmo!
- b. É melhor você ter tomar cuidado com o que você fala!
- c. *Era melhor você lembrar do meu aniversário mesmo!
- d. *É legal você lembrar do meu aniversário mesmo!

Argumentaremos que as sentenças em (1) instanciam uma construção gramatical mais aberta, como se vê pela possibilidade de instanciação de diferentes adjetivos e de modificação dos valores modo-temporais do verbo, que não se verificam em (2). Do ponto de vista semântico, essas sentenças podem ser interpretadas composicionalmente, como atos constatativos (sobretudo (1a) e (1b)) ou por meio de princípios griceanos de interpretação pragmática: nos contextos adequados, a interpretação constatativa implica ruptura da máxima da relação, levando, por implicatura, a uma leitura diretiva (sobretudo (1c), mas possivelmente também (1a) e (1b), nos contextos apropriados). Sustentaremos, por outro lado, que a força ilocucionária específica de *ameaça* presente em (2a) e (2b) não pode ser atribuída a um cálculo pragmático griceano. Evidência disso são a intradutibilidade literal de (2a) e (2b), com manutenção da força ilocucionária, em diversas línguas (um tipo de argumento central em Wierzbicka (1987)) e a impossibilidade de comutação por outros adjetivos, que não se justifica em uma análise exclusivamente baseada em mecanismos pragmáticos.

Contrastamos também sentenças como (3) àquelas presentes em (4):

- (3) a. É difícil de fazer qualquer previsão a essa altura.
- b. É muito ruim de vencer o Flamengo nessas circunstâncias.

- (4) a. É ruim dele me desrespeitar, hein!
- b. *É pior dele me desrespeitar, hein!

Aqui, analogamente, argumentamos que uma análise baseada em implicaturas pragmáticas não explica a idiosincrasia evidente em (2b), cuja impossibilidade não pode ser prevista em termos griceanos.

Tanto em (2) quanto em (4), decorre dessas observações a necessidade de *postular* duas construções gramaticais independentes, ou seja, dois esquemas sintáticos parcialmente preenchidos, que devem ser armazenados independentemente pelo falante e associados *convencionalmente* a especificações semântico-pragmáticas que lhes são próprias.

Cumprida essa etapa, buscaremos mapear as relações entre as construções presentes na rede. Fundamentalmente, defenderemos que a construção exemplificada em (2) exhibe valor deôntico, o que a distingue daquela ilustrada em (4), eminentemente epistêmica. Interessante é notar, porém, que essas duas construções, ambas mais restritivas e idiomáticas, são *marcadamente subjetivas* em relação às construções mais abstratas às quais elas se vinculam: respectivamente, SER ADJ. + SENTENÇA e SER ADJ. de + SENTENÇA. Aqui, entendemos subjetividade, na trilha de Langacker (1990), Sanders, Sanders e Sweetser (2009; 2012) e Ferrari e Sweetser (2012), como maior grau de visibilização do *ground interacional*. Nos termos da versão BCSN (Basic Communicative Spaces Network), conforme Sanders, Sanders e Sweetser (2009; 2012) e Ferrari e Sweetser (2012), sugerimos que a construção idiomática de (2) implica acesso ao Espaço de Ato de Fala do *ground*, ao passo que a construção idiomática de (4) envolve acesso ao Espaço Epistêmico.

Assim, em resumo, buscamos delinear uma rede construcional organizada a partir de pares de construções, de modo tal que cada construção idiomática é ao mesmo tempo mais cristalizada (do ponto de vista formal) e mais subjetiva (do ponto de vista semântico) que a construção abstrata à qual ela se relaciona.

Palavras-chave: Gramática de Construções. Rede construcional. Subjetividade.

Referências bibliográficas:

- CROFT, W. *Radical Construction Grammar*. Oxford, Oxford University Press, 2001.
- FERRARI, L.; SWEETSER, E. Subjectivity and upwards projection in mental space structure. In: DANCYGIER, B.; SWEETSER, E. (Orgs.) *Viewpoint in language: a multimodal perspective*. Cambridge: Cambridge University Press, 2012.
- GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago: University Press, 1995.
- _____. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Cambridge: University Press, 2006.
- HOFFMANN, T.; TROUSDALE, G. (Eds.). *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. Oxford: University Press, 2013.
- SANDERS, T., SANDERS, J., SWEETSER, E. Causality, cognition and communication: a mental space analysis of subjectivity in causal connectives. In: SANDERS, T.; SWEETSER, E. (Orgs.). *Causal categories in discourse and cognition*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2009.
- _____. Responsible subjects and discourse causality: how mental spaces and perspective help identifying subjectivity in Dutch backwards causal connectives. *Journal of pragmatics*, v. 44, p. 191-213, 2012.
- WIERZBICKA, A. Boys will be boys: 'Radical Semantics' vs. 'radical pragmatics'. *Language*, v. 63, n.1, p. 95-114, 1987.

Análise do processo de organização tópica em cartas de redatores de jornais paulistas do século XIX

Eduardo Penhavel (UNESP)

Alessandra Regina Guerra (PG/UNESP)

Nosso trabalho insere-se no âmbito do projeto de pesquisa intitulado “Projeto de História do Português Paulista II” (também conhecido como “Projeto Caipira II”), o qual, como indicado por seu título, procura estudar a história da língua portuguesa no estado de São Paulo. Mais especificamente, o trabalho situa-se no interior do subgrupo dedicado a estudar a diacronia dos processos constitutivos do texto. Esse subgrupo de pesquisa trabalha com o quadro teórico-metodológico da Perspectiva Textual-Interativa (JUBRAN & KOCH, 2006; JUBRAN, 2007), estudando os processos de construção textual distinguidos por essa abordagem, quais sejam, os processos de Organização Tópica, Referenciação, Parentetização, Parafraseamento, Correção e Repetição. No interior desse subgrupo de pesquisa, temos desenvolvido um projeto de pesquisa dedicado a estudar o processo de Organização Tópica nos diferentes gêneros textuais constituintes do corpus do Projeto Caipira. Nosso projeto tem dois objetivos principais. O primeiro objetivo é estudar a Organização Tópica global dos textos desses diferentes gêneros, isto é, a divisão dos textos em Segmentos Tópicos (SegTs), incluindo desde a organização do texto em SegTs mais abrangentes até sua divisão em SegTs mínimos. O segundo objetivo é, então, estudar a estruturação interna dos SegTs mínimos, ou seja, a divisão interna dos SegTs mínimos em unidades e subunidades constituintes. Na presente Comunicação, pretendemos apresentar alguns resultados preliminares de nossa investigação sobre o processo de Organização Tópica em um dos gêneros textuais que temos pesquisado, no caso, Cartas de Redatores de jornais paulistas do século XIX, incluindo na apresentação a discussão da Organização Tópica global dessas Cartas, bem como a discussão da estruturação interna de SegTs mínimos. No que diz respeito à Organização Tópica global, o que tem chamado a atenção até o momento na análise das Cartas de Redatores é a característica de unidade tópica, isto é, as Cartas apresentam apenas um único Tópico Discursivo, não manifestando complexidade em termos de estruturação intertópica. Textos de muitos outros gêneros caracterizam-se pela instauração de diferentes níveis de estruturação intertópica, isto é, pela instauração de Supertópicos, Subtópicos e Quadros Tópicos, e, assim, pela construção de encadeamentos de SegTs mínimos. Trata-se, por exemplo, da situação que, em geral, observa-se em Conversações Espontâneas e que, em certa medida, também pudemos observar em Cartas de Aldeamentos de Índios, em análises anteriores do Projeto Caipira. Porém, as Cartas de Redatores em foco parecem caracterizar-se pelo objeti-

vo de delimitar-se a comunicar e/ou discutir uma única questão, de modo pontual, sem o desenvolvimento de diversidade tópica. Dessa forma, cada Carta, normalmente, manifesta um único SegT, que, naturalmente, torna-se o único SegT mínimo da Carta. No que se refere, então, ao nível da estruturação interna de SegTs mínimos, a análise das Cartas de Redatores tem corroborado uma constatação que temos detectado também no estudo de outros gêneros textuais. O SegT mínimo parece constituir uma unidade de organização textual bastante sistemática, no sentido de que sua estruturação em partes e subpartes constituintes costuma ser padronizada, podendo ser descrita em termos de regras gerais de estruturação. Como temos notado, cada gênero textual parece caracterizar-se por manifestar uma ou duas regras gerais de estruturação interna de SegTs mínimos (cf. GUERRA & PENHAVAL, 2010). E, com efeito, isso tem se apresentado na análise dos SegTs mínimos das Cartas de Redatores. Até o momento, observamos que vários SegTs mínimos manifestam um mesmo padrão de estruturação interna. Esse padrão consiste em construir uma Unidade 1 básica (que, provisoriamente, temos denominado de “Apresentação Tópica”), a qual está sempre presente, e uma Unidade 2 (denominada, por ora, de “Expansão Tópica”), que expande a Unidade 1, e que pode, ou não, ocorrer. A unidade de Apresentação Tópica seria dedicada a expor ou comunicar (i) um fato ou um posicionamento editorial (por exemplo, expor decisões editoriais do jornal sobre a publicação de Cartas de Leitores) e/ou (ii) um fato ou um posicionamento ligados a determinada problemática social. Já a unidade de Expansão Tópica seria dedicada a discutir o fato ou posicionamento exposto/comunicado na unidade anterior (trata-se de uma discussão que envolve, por exemplo, a elaboração de justificativas ou argumentos para um posicionamento editorial assumido pelo jornal). A nosso ver, trata-se de um padrão de estruturação presente em muitos dos SegTs analisados e que, como tal, pode ser visto como uma regra geral de estruturação interna de SegTs mínimos. Na presente Comunicação, então, apresentamos detalhadamente e colocamos em discussão essas constatações preliminares sobre a Organização Tópica das Cartas de Redatores em pauta.

Palavras-chave: Organização Tópica; Tópico Discursivo; Processos de Construção Textual.

Referências Bibliográficas:

- GUERRA, A. R.; PENHAVAL, E. O processo de estruturação interna de segmentos tópicos mínimos em cartas de leitores de jornais paulistas do século XIX. *Confluência* (Rio de Janeiro), v. 37-38, p. 137-161, 2010.
- JUBRAN, C. C. A. S. Uma gramática textual de orientação interacional. In: CASTILHO, A. T.; MORAIS, M. A. T.; LOPES, R. E. V.; CYRINO, S. M. (Orgs.). *Descrição, história e aquisição do português brasileiro*. Campinas; São Paulo: Pontes; FAPESP, 2007, p. 313-327.
- JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). *Gramática do português culto falado no Brasil – v.I: Construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

O processo interacional: intenções e avaliações do falante

Elaine Cristina Silva Santos (DLes/UFS)

A evolução dos estudos e pesquisas sobre a língua e a linguagem no Brasil, assim como sobre os estudos especificamente vinculados ao processo de ensino e de aprendizagem da língua portuguesa como língua materna provocaram, nos últimos anos, a reflexão e o debate acerca da necessária revisão dos objetos de ensino em sala de aula e conseqüentemente dos materiais didático-pedagógicos. É necessário considerar que a variação e a mudança linguísticas como fatos intrínsecos aos processos sociais de uso da língua deveriam contribuir para que a escola entendesse as dificuldades dos alunos e pudesse atuar mais pontualmente para que eles viessem a compreender quando e onde determinados usos têm ou não legitimidade e pudessem, tendo alcançado essa consciência social e linguística, atuar também de forma mais consciente nas interações de que participam, sejam elas vinculadas às práticas escritas de interação. Assumindo uma abordagem que mescla os estudos sobre gramaticalização e a descrição da língua baseada no uso, esta pesquisa toma como foco o estudo da expressão locucional às vezes. No entanto, não nos restringiremos ao estudo das categorias linguísticas; voltaremos nossa atenção para a relação entre as categorias que compõem essa construção e as atitudes, intenções e avaliações do falante durante a interação. Funcionalistas cognitivistas têm se voltado para o contexto de emprego, para a combinação de signos linguísticos e não-linguísticos (como

gesto, força ilocucionária, convicção etc.). Quanto mais ritualizado parecer uma construção, mais abstratizada será com a incorporação de elementos pressupostos e/ou inferidos. Essa ritualização tem como efeito correlato a alta frequência de uso, que retoma o círculo virtuoso: alta frequência > automatização > inconsciência... Assumimos que língua e também linguagem são formas de cognição e também de processamento social, porque servem para fazer coisas no plano individual e também realizar ações conjuntas (plano social) que podem ser assumidas como hábito na sociedade (plano cultural). Tendo em vista que a língua portuguesa varia no espaço e muda ao longo do tempo, então o processo de ensino e de aprendizagem de uma língua deve levar em consideração tal mudança. Tendo em vista, ainda, que algumas dessas mudanças podem provocar mudanças gramaticais e possibilitar a constatação da incorporação de fenômenos gramaticais, empregos considerados antes como derivações impróprias ou usos desviantes da regra passam a ser concebidos como usos comuns da língua escrita formal. Exemplo disso é a evolução do item *esperar*, que percorre a seguinte trajetória de mudanças: verbo pleno > quase-auxiliar > verbo volitivo > marcador conversacional (Santos, 2009). Em perspectiva similar, esta pesquisa tem por objetivo investigar os deslizamentos funcionais do item *às vezes*, já que esse item é normatizado como uma locução adverbial de tempo, mas tem assumido empregos bastante distantes dessa normatização. Uma das formas de atuação consciente para uma abordagem pedagógica pode ser contribuição da gramaticalização de intenções, tal como propomos nesta pesquisa, com o estudo da gramaticalização da dúvida a partir da categoria cognitiva de tempo.

Palavras-chave: Funcionalismo; Cognição; Dúvida.

Referências bibliográficas:

- CASTILHO *et alii*. *Gramática do português falado culto no Brasil*, vol. 2. *Classes de palavras e processos de construção*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2008.
- CROFT, W. B. *Latent concept expansion using markov random fields*. Amsterdam. The Netherlands, 2007.
- DIEWALD, Gabriele. *A model for relevant types of contexts in grammaticalization*. Wischer, 2002.
- GIVÓN, T. *On Understanding grammar*. Nova York: Academic Press, 1979.
- GIVÓN, Talmy. *Functionalism and grammar*. Amsterdã: John Benjamins, 1995.
- _____. *English grammar: a functional based introduction*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1993.
- GIVÓN, Talmy. *Compreendendo a gramática*. [coord. trad. Maria Angélica Furtado da Cunha] Natal: EdUFRN, 2011.
- LANGACKER, R. Foundations of cognitive grammar. Stanford: Stanford University Press, 1987a. In: TOMASELLO, M. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Flores, 2003.
- TOMASELLO, M. *The role of joint attentional process in early language development*. Language sciences, 1988. In: TOMASELLO, M. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Flores, 2003.
- _____. *The social bases of language acquisition*. Social Development, 1992a. In: TOMASELLO, M. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Flores, 2003.

O português de herança em territórios de língua oficial espanhola

Elisangela Baptista de Godoy Sartin⁸ (UNIB/USP-PG).

O presente projeto de doutorado, intitulado “O português de herança em territórios de língua oficial espanhola: um confronto entre territórios da América e da Europa” tem como objetivo investigar formações linguísticas de língua portuguesa que sobrevivem em territórios fronteiriços de língua oficial espanhola. Duas são as regiões em que localizamos o português de herança: Rivera no Uruguai e Olivença, na Espanha.

A relevância dessa pesquisa traduz-se no fato de que nem sempre coincidem duas realidades nessas regiões: a realidade da oficialidade linguística e a realidade do sentimento de pertença sociolinguística. A partir do reconhecimento da presença da

⁸ lisaugusto@hotmail.com

língua portuguesa nesses territórios, por um lado, e a identificação de que a identidade linguística pode ser variável é que elaboramos este projeto.

Assim, este trabalho tem por objetivo investigar em que medida ou, em outros termos, que fatores sociolinguísticos podem reforçar o sentimento de pertença a um ou outro país via análise de presença linguística nos elementos regionais.

A pesquisa se justifica pelo fato de português e o espanhol serem línguas aparentadas e fronteiriças, o que nos conduz à hipótese de que, no caso da região de Rivera, no Uruguai, e a região da Olivença, na Espanha, sobrevivem, assim como nas línguas, um sentimento de pertença sociolinguística encrustado entre os falantes mais velhos. Essa hipótese poderá ser comprovada via levantamento de elementos presentes na sociedade, tais como em ambientes sociais compartilhados, como placas de rua, até mesmo em ambientes de comunicação sociolinguística, como itens de fraseologia.

No entanto, sabemos que valores culturais podem interferir na velocidade da mudança linguística e nos sentimentos da comunidade sociolinguística. Isso nos inspira na segunda hipótese que lançamos: os mais jovens espanhóis já não percebem esses elementos como portugueses, porque desde sempre, na perspectiva deles, ali estiveram em uso cotidiano. Reconhecer o nível de resiliência de cada cultura é objetivo desta pesquisa.

Desta forma, consideramos importante saber como as regiões de contato podem manter sua língua de herança impressa em seu cotidiano sem que entrem em conflito com a língua oficial materna.

Pensando em como responder futuramente aos questionamentos e as hipóteses levantadas nessa pesquisa, utilizamos inicialmente como *corpus* o livro *Os som de nossa terra* (Behares e Díaz 1968), o qual é um material de produções orais e escritas das cidades de Artigas, Rivera e Las Toscas (no Uruguai). Esta coleção procura resgatar através de poesias escritas editadas e inéditas, poesias orais, canções, narrativas escritas editadas e inéditas e também narrativas orais, passagens de textos com fluidez do português por falantes locais, mostrando que o contato entre essas línguas não só aparece em comunidades ágrafas, mas também em textos literários. Os autores nos apresentam a impressão de uma ensaiada ortográfica pela inexistência de um DPU (dialeto do português do Uruguai) e fazem uma adaptação na apresentação das falas em que ocorrem algumas palavras advindas do português de fronteira.

Assim, através de alguns dos contatados originalmente por Behares e Díaz, pudemos perceber o quanto o português tem influenciado até mesmo escritores da região fronteira Brasil – Uruguai.

Pelos dados apresentados por Behares e Díaz 1968, não há dúvidas de que o português do Brasil faz parte da comunidade fronteira do Uruguai, resta-nos a partir desta constatação, realizar pesquisas nessas comunidades, a fim de perceber se a identidade linguística pode ser variável como a da língua de contato, e que fatores sociolinguísticos podem reforçar o sentimento de pertença. Além disso, se faz importante observar se este sentimento de pertença esteja mais presente entre os falantes mais velhos e, portanto, menos percebidos pelos mais jovens.

Assim, nossa pesquisa tem como meta o levantamento de um *corpus* tanto de língua escrita quanto de língua falada da região de Olivença, na Espanha, tal como o de Behares (1968). A partir disto, caminharemos de forma a responder os questionamentos e as hipóteses levantadas até aqui.

Palavras-chave: Português de herança; fatores sociolinguísticos e sentimento de pertença.

Referências bibliográficas:

BEHARES, Luis Ernesto e DIÁZ, Carlos Ernesto. 1968. *O som de nossa terra – produtos artístico – verbales fronterizos*. Universidades Grupo Monte Video.

BYBEE Joan I. 2011. *Usage-based theory and grammaticalization*. In: NARROG Heiko, HEINE Bernd 2011. *The Oxford Handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press Inc.

ELIZAINCÍN, A. (1973) *Algunas aspectos de la sociolingüística del dialecto fronterizo*. *Temas de de Lingüística* (Montevideo), 3 (completo). Montevideo, Universidad de la República.

_____ (1976). *The emergence of bilingual dialects on the Brazilian Uruguayan border*. *International Journal of the Sociology of Language*, 9, pp. 120-134.

_____ (1979). *Estado actual de los estudios sobre el fronterizo uruguayo-brasileño*. *Cuadernos del Sur* (Bahía Blanca), 12, pp. 119-140.

Acessibilidade e percepção visual na USP

Fabiana Francisca Santos da Silva (FFLCH)

Isabela Pereira da Silva (FFLCH)

Objetivos:

O projeto tem por objetivo realizar um levantamento de informações sobre cegos e indivíduos com baixa visão, classificados como deficientes visuais, para com eles interagir e captar elementos sobre acessibilidade ligada à mobilidade e à apreensão de conhecimento didático-pedagógico e cultural, identificando e propondo soluções para eventuais dificuldades.

Como um efeito desejável está o envolvimento de alunos que estão vinculados à licenciatura refletirem sobre o ensino a grupos restritos, tais como o dos alunos cegos num ambiente em que, normalmente, o ensino e as estratégias didático-pedagógicas voltam-se aos alunos 'videntes'. Como coautora da pesquisa, entra a aluna Isabela Pereira da Silva, também da Universidade de São Paulo, responsável também por um projeto envolvendo deficientes visuais.

Embasamento teórico:

Esse projeto surgiu quando notamos a ausência de deficientes visuais na Universidade de São Paulo. Sendo assim, como embasamento teórico, buscamos materiais de apoio que nos proporcionem discussões acerca da inclusão destes indivíduos no âmbito acadêmico e escolar. Leituras como o livro *Percebendo o Ser* de Saulo César Silva nos permitem perceber o quanto o preconceito é um fator de peso na realidade do deficiente visual, e como o aluno cego torna-se um desafio até mesmo para o professor. Além disso, o próprio trabalho de Sylvia Nunes, intitulado *Desenvolvimento de conceitos em cegos congênitos: caminhos de aquisição de conhecimento* demonstra como é importante o papel da escola no sentido de oferecer o estímulo para que o aluno se desenvolva em termos de cognição e conhecimento. Além disso, nos comprometemos a montar uma bibliografia que seja voltada para questões da educação, com o intuito de desenvolver estratégias didático-pedagógicas que tornem o ensino mais acessível.

Metodologia:

Procederemos inicialmente ao diálogo com pesquisadores do Grupo de Pesquisa Linguagem e Cognição para, sob orientação desses, formular um roteiro de perguntas que propicie alcançar os objetivos descritos no item anterior. Feito isso, estabeleceremos contato com a Pró-Reitoria de Graduação para conseguirmos informações, ou a fonte de informações, sobre a identificação e localização dos alunos considerados deficientes visuais. Após isso, organizaremos uma agenda de trabalho de campo para recolher as informações que previmos inicialmente. Projetamos que esse trabalho consuma um período de tempo de sete meses.

Resultados:

Esperamos obter como resultado informações organizadas produtivamente para conhecer (i) elementos de percepção e de dificuldade de percepção por cegos; (ii) informações mais objetivas sobre as experiências de acessibilidade de graduandos cegos. Como respostas mais específicas, esperamos

- a) conhecer quantitativa e qualitativamente o perfil dos alunos deficientes visuais;
- b) conhecer dificuldades de acessibilidade ligada à mobilidade de alunos cegos na unidade de estudo e nas sedes de conhecimento e divulgação cultural dentro da USP, tais como museus e bibliotecas;
- c) conhecer dificuldades de acessibilidade ligada às ferramentas e instrumentos didático-pedagógicos de ensino e aprendizagem no curso de graduação;
- d) recolher informações sobre percepção visual derivadas de informações em entrevistas com cegos e produzir reflexão científica junto ao Grupo de Pesquisa Linguagem e Cognição;
- e) subsidiar às ações educativo-culturais junto à Pró-Reitoria de Cultura e Extensão e a outros órgãos interessados no tema como ponto de partida para suas ações. Os indicadores são detalhados no projeto, mas referem-se sucintamente ao cumprimento de cada etapa prevista em cronograma.

Consciência Fonológica e a aprendizagem do português como língua de herança

Felicia Jennings-Winterle (MA)

Consciência fonológica é a habilidade de pensar sobre os sons em uma palavra, ao invés de somente pensar sobre o significado da palavra” (Trehearne, Healy, Cantalini and Moore, 2004). Mais ainda, consciência fonológica é a “habilidade de ouvir dentro da palavra” (Fitzpatrick, 1997). Pesquisadores discutem a relação entre esta habilidade e o sucesso na alfabetização. Neste trabalho discuto a relação entre esta habilidade e o sucesso da alfabetização bilíngue que envolve o português como língua de herança.

Uma criança é exposta aos sons de sua língua desde antes de nascer. É a combinação de partículas de vozes humanas, música e outros sons ambientais que constrói a familiaridade, o entendimento e o conhecimento do indivíduo sobre sua linguagem. No caso da criança bilíngue, a exposição à língua de herança será significativamente menor em termos de frequência, vocabulário e veiculação. Na realidade, a tendência é que a partir da idade escolar a exposição que a criança tem à língua de herança diminua, e mesmo que os indivíduos continuem a usá-la ao longo dos anos, na maioria das vezes não lêem nem escrevem com fluência.

Neste trabalho, eu discuto como a musicalização pode ser uma ferramenta central num programa que espera o desenvolvimento da consciência fonológica como elemento decisivo ao desenvolvimento de habilidades metalinguísticas que, em troca, podem garantir transferências positivas entre as línguas de um contexto de alfabetização bilíngue. Especificamente à comunidade brasileira residente no exterior, o repertório do folclore brasileiro (canções, rimas, parlendas) é, através de um trabalho lúdico e dirigido, o elemento mais rico a ser apresentado aos brasileiros – filhos e netos de brasileiros que nasceram e/ou mudaram-se quando pequenos para o exterior – desde a primeira infância, e este pode também ser usado em casa e no brincar.

O trabalho examina algumas canções e rimas do folclore brasileiro e demonstra aspectos da consciência fonológica que podem ser desenvolvidos ao nível da palavra, sílaba, rima e som, habilidades da consciência fonológica.

Argumenta-se, inclusive, que a familiaridade e a fluência que resultam do uso deste repertório podem garantir o sucesso na alfabetização em português como língua de herança e que em troca, essa aquisição pode maximizar o aprendizado da língua veicular e o multiculturalismo.

Palavras-chave: *Consciência fonológica, português como língua de herança, alfabetização bilíngue*

Referências bibliográficas:

- Baker, C. (2011). *Foundations of Bilingual Education and Bilingualism*. New York: Multilingual Matters.
- Bialystok, E. & Majumder, S. (1998). The relationship between bilingualism and the development of cognitive processes in problem-solving. *Applied Psycho-linguistics*, 19, 69 – 85.
- Bialystok, E. (2004). *Bilingualism in development: language, literacy and cognition*. New York: Cambridge Press.
- Bialystok, E. (2004). Attention and inhibition in bilingual children: evidence from the dimensional change card sort task. *Developmental Science*, 7:3, 325–339
- Bryant, P., Bradley, L., Maclean, M., & Crossland, J. (1989). Nursery rhymes, phonological skills and reading. *Journal of Child Language*, 16, 407 - 428.
- Comeau, L., Cormier, P., Grandmaison, E., & Lacroix, D. (1999) A longitudinal study of phonological processing skills in children learning to read in a second language. *Journal of Educational Psychology*, 91(1), 29-43.
- Dodd, B., Gillon, G. (2001). Exploring the relationship between phonological awareness, speech impairment and literacy. *Advances in Speech Language Pathology*, 3(2), 139 – 147.
- Ericson, L., Juliebö, M. F. (2003). *The Phonological Awareness Handbook for Kindergarten and Primary teachers*. International Reading Association: Newark.
- Fitzpatrick, J. (1997). *Phonemic Awareness: Playing with sounds to strengthen beginning reading skills*. Creative Teaching Press.

- Gainza, V. H. (2002). *Pedagogia musical: dos décadas de pensamento y acción educativa*. Buenos Aires: Lumem.
- Gillon, G. T. (2004). *Phonological Awareness: from research to practice*. Guilford: New York.
- Goswami, U. (1991). Learning about spelling sequences: the role of onsets and rymes in analogies in reading. *Child Development*, 62, 1110 - 1123.
- Goswami, U., and Bryant, P. (1992). Rhyme, analogy, and children's reading. In L. Gough, L. Ehri, & R. Treiman (Eds.), *Reading acquisition* (pp. 49-63). Hillsdale, NJ: Erlbaum.
- Goswami, U. (1994). Reading by analogy: theoretical and practical perspectives. In M. Snowling (Ed.), *Reading development and dyslexia* (pp. 18-30). London: Whurr.
- Grosjean, F. (1989) Neurolinguists, beware! The bilingual is not two monolinguals in one person. *Brain and Language*, 36, 3 - 15.
- Grosjean, F. (1996). Living with two languages and two cultures. In I. Parasnian, ed., *Cultural and language diversity and the deaf experience*, pp. 20 – 37. New York: Cambridge University Press.
- Grosjean, F. (1998). Studying bilinguals: Methodological and conceptual issues. Mental control of the bilingual lexico-orthographic system. *Bilingualism: Language and Cognition*, 1, 131 - 149.
- Kamze, A. <http://educador.brasilecola.com/trabalho-docente/alfabetizacao.htm>
- Lieberman, I. Y., Shankweiler, D., Fischer, F., & Carter, B. (1974). Explicit syllable and phoneme segmentation in the young child. *Journal of Experimental Child Psychology*, 18(2), 201-212.
- Loureiro, M. & Tatit, A. (2013). *Brincadeiras cantadas de lá e de cá*. São Paulo: Melhoramentos.
- King, K. & Mackey, A. (2007). *The Bilingual Edge: Why, When and How to Teach Your Child a Second Language*. New York: Collins.
- Mattingly, I.G. (1972). Reading, the linguistic process, and the linguistic awareness. In J.F. Kavanagh & I.G. Mattingly (Eds.), *Language by ear and by eye: The relationships between speech and reading* (pp. 133 - 147). Cambridge, MA: MIT Press.
- Melo, V. S. (2010). <http://linguaportuguesa.uol.com.br/linguaportuguesa/gramatica-ortografia/30/artigo219556-1.asp>
- Morais, J. K. , Régine & Grimm-Cabral, L. *A aprendizagem da leitura segundo a psicolinguística cognitiva*. In Rodrigues, Cássio, Tomitch, Lêda M. Braga and collaborators. (2004). *Linguagem e Cérebro Humano: contribuições multidisciplinares*. Artmed: Porto Alegre.
- Penna, M (2008). *Musica(s) e seu ensino*. Porto Alegre: Editora Sulina.
- Sciliar-Cabral, Leonor & Trindade, Lúcia Regina Mossmann. A sílaba como unidade de processamento. In Rodrigues, Cássio, Tomitch, Lêda M. Braga and collaborators. (2004). *Linguagem e Cérebro Humano: contribuições multidisciplinares*. Artmed: Porto Alegre.
- Soares, M. (2004) Letramento e alfabetização: as muitas facetas. *Revista Brasileira de Educação*.
- Trehearne, Miriam P., Healy, Lynne H., Cantalini, Maria & Moore, Joan L. (2004). *Comprehensive Literacy Resources for Kindergarten Teachers*. ETA Cuisenaire: Vermon Hills.
- Yopp, Hallie K. & Yopp, Ruth H. (2009). *Phonological Awareness is child's play*. *Young Children*, January, vol. 64.

O papel dos frames semânticos como ferramentas de descrição e explicação da significação discursiva

Fernanda Raquel Oliveira Lima (UFJF)

Neusa Salim Miranda (UFJF)

A pretensão teórico-analítica do presente estudo consiste em buscar aprofundar e tornar replicável uma proposta de análise do discurso sustentada por Miranda (2013) e Miranda e Lima (2013) que vem sendo desenvolvida no grupo de pesquisa “Práticas de Oralidade e Cidadania” (MIRANDA, 2009) através de diversos estudos de caso: Lima (2009, 2014); Pinheiros (2009); Bernardo (2011); Fontes (2012); Alvarenga (2012); Siqueira (2013); Loures (2013). Tal proposta de análise do discurso ancora-se na categoria *frame*, nos termos definidos pela Semântica de *Frames* (FILLMORE, 1977, 1979, 1982, 1985; PETRUCK, 1996), seu projeto lexicográfico *FrameNet* (<<https://framenet.icsi.berkeley.edu/fndrupal/>>) e pelos Modelos Baseados no Uso (GOLDBERG, 1995, 2006; LAKOFF, 1987; TOMASELLO, 2003; SALOMÃO, 2002; CROFT e CRUSE, 2004; MIRANDA, 2008). O objetivo central dessa proposta analítico-metodológica tem sido demonstrar a eficácia analítica

da Semântica de *Frames* para a abordagem dos processos de significação no discurso. Como as pesquisas que vimos desenvolvendo não visam apenas à análise linguística, mas a um entendimento aprofundado de questões educacionais, a proposta de utilizar o *frame* semântico como uma categoria de análise do discurso apresenta uma significativa aplicação como suporte para a hermenêutica da realidade social que emerge na voz dos sujeitos que participam da pesquisa.

A metodologia baseada em *frames*, associada aos parâmetros de quantificação de uso, tem se mostrado bastante eficiente para a análise de experiências sociais educacionais (acreditamos que funcione também em outros campos, como a saúde, a política, a segurança, a economia, a assistência, dentre outros) a partir dos discursos construídos por aqueles que vivem tais experiências sociais. A utilização dos procedimentos analíticos baseados em *frames* e na frequência de uso tem nos possibilitado delinear as categorias de experiência codificadas pelos membros das comunidades investigadas por meio das escolhas linguísticas em seus discursos. Temos conseguido, dessa forma, colocar em relevo os *frames* que compõem a experiência educacional em questão em cada trabalho. Esta configuração de uma rede de *frames* faz emergirem as vivências mais reiteradas e marcantes para os indivíduos da comunidade em foco e fornece uma significativa ferramenta para a leitura hermenêutica interdisciplinar destas vivências perspectivadas pelos discursos.

Segundo Fillmore (2009, p. 37), “o processo de compreensão de um texto envolve recuperar ou perceber os *frames* evocados pelo conteúdo lexical do texto e combinar esse tipo de conhecimento esquemático [...] a fim de conceber uma determinada ‘visualização’ do ‘mundo’ do texto”. Nessa direção, nosso primeiro passo na análise dos discursos construídos através de instrumento investigativo é identificar os *frames* evocados pelas Unidades Lexicais presentes em tais textos. Desta forma, buscamos visualizar quais cenas conceptuais compõem a experiência social investigada, através dos passos seguintes:

1. Levantamento das Unidades Lexicais e das Unidades Construcionais nos discursos que constituem nosso *corpus*.
Pressuposto fillmoriano: a relação entre semântica lexical, gramatical e a semântica do texto. Por que os falantes selecionam tais formas neste contexto discursivo?
2. Evocação dos *frames* que as Unidades Lexicais e as Unidades Construcionais invocam.
Pressuposto fillmoriano: o *frame* é concebido como uma estrutura complexa de experiência, como ferramenta para a compreensão e também como uma ferramenta para a descrição e explicação do significado lexical, gramatical e textual.
3. Busca desses *frames* no dicionário *FrameNet*, realizando a notação de Elementos do *Frame* – camada semântica.
4. Descrição de *frames* emergentes no discurso discente – notação semântica – caso não estejam descritos pela *FrameNet*;
5. Identificação das relações entre *frames*, tal como é proposta na *FrameNet*.

Com relação ao item 4, ressaltamos que nem sempre é possível configurar os diversos *frames* perspectivados pelos discursos através daqueles já descritos pela *FrameNet*. Conforme anunciado no item 2, partimos das Unidades Lexicais presentes nos discursos para os *frames*, assim, *frames* e valências muito característicos aos gêneros tomados como *corpus* irão surgir. Logo, os *frames* emergentes dos discursos que constituem nosso *corpus*, quando necessário, serão descritos ou tomados sob nova perspectiva a partir do que já existe na *FrameNet*.

Seguindo o exemplo do trabalho realizado pelo *Kicktionary* (que por sua vez busca se pautar nas pesquisas do *Wordnet*), a Semântica Lexical também comparece em nossas análises, de modo a complementar as informações necessárias ao desvelamento semântico de Unidades Lexicais e de Elementos de *Frames*. Assim, Unidades Lexicais são organizadas em *synsets* (lista de sinônimos) e estas relacionadas semanticamente. De igual modo, a Semântica Lexical é também considerada diante da necessidade de investigarmos a natureza semântica das categorias nominais que preenchem os *slots* dos Elementos de *Frames*. Observamos que, algumas vezes, um Elemento de *Frame* aciona um novo *frame*, mas esse não é sintaticamente desenvolvido. Assim, nestes casos, buscamos traçar relações lexicais possíveis entre as categorias nominais que preenchem tais *slots*, de modo a propiciar uma compreensão mais rica das experiências sociais reportadas pelos discentes. Nos casos em que um Elemento de *Frame* aciona outro *frame* e o desenvolve sintaticamente, tratamos ainda com a Semântica de *frames*.

A incorporação da visada dos Modelos Baseados no Uso nesses procedimentos metodológicos se dá por assumirmos neste trabalho que o uso reiterado resulta em uma rotina cognitiva a ser armazenada na memória de longo prazo e, então, torna-

se parte da formação do sistema linguístico internalizado dos falantes, tanto no que respeita às construções lexicais quanto sintáticas e discursivas de uma língua. Desta forma, ancorada na pertinência do uso e de sua reiteração na instituição da linguagem e das línguas distintas, a presente pesquisa estende essa visão, considerando que a repetição de determinadas experiências evocadas por Unidades Lexicais ou Construcionais nos discursos indicaria também a convencionalização, a relevância de certas cenas ou *frames* nas vivências educacionais dos sujeitos – e de sua comunidade – que colaboram com a nossa pesquisa. Dito de outro modo, quanto mais um *frame* – ou um Elemento de *Frame* – é evocado, mais a experiência que ele invoca comporá o perfil da comunidade falante em foco. Assim, pela frequência de uso, consideramos o grau de relevância de uma experiência – conceptualizada em *frame* – na comunidade educacional em foco.

Palavras-chave: Linguística Cognitiva; Semântica de *Frames*; Narrativas de Experiência

Referências bibliográficas:

- CLARK, Herbert H. **Arenas of language use**. Chicago: University of Chicago Press, 1992.
- _____. **Using Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.
- CROFT, W.; CRUSE, A. **Cognitive Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **The way we think: conceptual blending and the mind's hidden complexities**. Nova York: Basic Books, 2002.
- FILLMORE, C. The case for case reopened. In: COLE, P.; SADDOCK, J. (eds.). **Grammatical relations**. New York: Academic Press, 1977.
- _____. Topics in lexical semantics. In: COLE. **Currents Issues in Linguistic Theory**. Indiana University Press, 1979.
- _____. Frame semantics. In: The linguistic society of Korea. **Linguistics in the morning calm**. Korea: Hanshin Publishing Company, 1982.
- _____. Frame and the semantics of understanding. **Quaderni di Semantica**. Vol. 6, N. 2, 1985.
- _____. 'Corpus linguistics' or 'computer corpus linguistics'. In: J. SVARTVIK (org.). **Directions in Corpus Linguistics**. Berlin, New York: De Gruyter, 1992.
- _____. Semântica de frames. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n. 25, jul-dez, 2009.
- GOLDBERG, A. **Constructions: a construction Grammar approach to argument structure**. The University of Chicago Press, London, 1995.
- _____. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- LAKOFF, G. **Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- LAKOFF, G.; JOHNSON. **Metáforas da Vida Cotidiana**. São Paulo: Mercado de Letras, 2002.
- _____. **Philosophy in the Flesh: the embodied mind and its challenge to western thought**. New York: Basic Books, 1999.
- MIRANDA, N. S. e LIMA, F. R. O. O Frame semântico como uma ferramenta analítica de compreensão de experiências sociais educacionais. **Revista Gatilho**, UFJF, ano VIII, n. 16, maio de 2013.
- MIRANDA, N. S. e BERNARDO, F. Frames, discursos e valores. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Unicamp, jan./jun., p. 81-97, 2013.
- MIRANDA, N. S. **Ensino de Língua Portuguesa – da formação docente à sala de aula**. Projeto de pesquisa, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2013.
- _____. **Práticas de Oralidade e Cidadania**. Projeto de Pesquisa, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009.
- _____. **Gramaticalização e Gramática das Construções – Algumas convergências. Um estudo de caso: as construções Negativas Superlativas de IPN**. Relatório Acadêmico de Pós-doutoramento, Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2008.
- PETRUCK, M. R. L. Frame Semantics. In: VERSCHUEREN, J. OSTMAN, J. & BLOMMAERT, J. (Eds.) **Handbook of Pragmatics**. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 1996.
- SALOMÃO, M. M. **O programa PROFLETRAS e o desafio histórico da formação do Professor de Português**. Aula inaugural do curso PROFLETRAS-FALE-UFJF, Universidade Federal de Juiz de Fora, 27/03/2014.

- SALOMÃO, M. M. M. FrameNet Brasil: um trabalho em progresso. **Calidoscópico**, Unisinos, vol. 7, n. 3, set/dez de 2009.
- _____. Teorias da Linguagem: a perspectiva sociocognitiva. In: MIRANDA, Neusa Salim; SALOMÃO, Maria Margarida Martins. **Construções do Português do Brasil: da gramática ao discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 2009a.
- _____. Tudo certo como dois e dois são cinco: todas as construções de uma língua. In: MIRANDA, Neusa Salim; SALOMÃO, Maria Margarida Martins. **Construções do Português do Brasil: da gramática ao discurso**. Belo Horizonte: UFMG, 2009b.
- _____. **Implantação do Projeto FrameNet Brasil**. Projeto de Pesquisa, Universidade Federal de Juiz de Fora, 2008.
- _____. Gramática das construções: a questão da integração entre sintaxe e léxico. **Revista Veredas**, Juiz de Fora, v. 6, n. 1, jan/jun. de 2002.
- _____. A questão da construção do sentido e a revisão da agenda dos estudos da linguagem. **Revista Veredas**. Juiz de Fora, v. 3, n. 1. Jan/Jun., 1999.
- _____. Gramática e Interação: o enquadre programático da hipótese sócio-cognitiva sobre a linguagem. **Revista Veredas**. v. 1, n. 1, jul-dez, 1997.
- TANNEN, D. **Framing in Discourse**. Oxford University Press: 1993.
- TOMASELLO, Michael. **Constructing a language: a usage-based theory of language acquisition**. Harvard University Press, 2005.
- _____. **Origens Culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- _____. Primeiros passos em direção a uma teoria da aquisição da linguagem baseada no uso. **Cadernos de tradução**, Porto Alegre, n. 25, jul-dez, 2009.

Gradação e prototipia nos transtornos do espectro do autismo (TEA): testes de produção comunicativa

Flaviana Veríssimo da Silva (USP)

Objetivos:

O objetivo deste estudo é entender como a linguagem se estabelece nos diferentes estágios de TEA, levando em consideração a fase de domínio em língua portuguesa na faixa etária do indivíduo. Para tanto, assumimos como estratégia adequada a elaboração de testes que permitam reconhecer os graus de impacto no TEA em crianças já diagnosticadas, segundo o DSM anterior, como crianças autistas.

Contextualização e embasamento teórico:

O termo *autismo* origina-se da raiz grega *autós*, que quer dizer *de si mesmo*. Um dos primeiros estudiosos sobre o tema foi Leo Kanner, médico psiquiatra, que descreveu o comportamento de 11 crianças consideradas fora do padrão normal (atípicas).

De Kanner para os dias de hoje, muito conhecimento foi sendo acumulado sobre o tema. Desse modo, o autismo é definido como um distúrbio congênito do comportamento e caracteriza-se pela incapacidade de estabelecer relações sociais, dificuldade de linguagem, ecolalia (repetição das palavras ouvidas), carência de imaginação, insistência obsessiva de manutenção da rotina, deficiências motoras, comportamento de automutilação, distúrbios afetivos e dificuldade de atenção conjunta. Esse distúrbio aparece na infância, em muitos casos, ainda nos primeiros dias de vida, a despeito de os pais serem os primeiros a resistir a esse reconhecimento.

O DSM-V, que trata do Transtorno do Espectro do Autismo, indica três critérios como suficientes para o diagnóstico clínico, todos eles baseados parcialmente no relato de familiares e cuidadores.

1. Déficits clinicamente significativos e persistentes na comunicação social e nas interações sociais, manifestadas de todas as maneiras seguintes:

- a. Déficits expressivos na comunicação não verbal e verbal usadas para interação social;
- b. Falta de reciprocidade social;
- c. Incapacidade para desenvolver e manter relacionamentos de amizade apropriados para o estágio de desenvolvimento.

2. Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses e atividades, manifestados por pelo menos duas das maneiras abaixo:

- a. Comportamentos motores ou verbais estereotipados, ou comportamentos sensoriais incomuns;
- b. Excessiva adesão/aderência a rotinas e padrões ritualizados de comportamento;
- c. Interesses restritos, fixos e intensos.

3. Os sintomas devem estar presentes no início da infância, mas podem não se manifestar completamente até que as demandas sociais excedam o limite de suas capacidades.

Justifica-se essa nova orientação no fato de que as distinções entre os vários tipos de transtornos não têm sido eficientes ou consistentes nos casos estudados ao longo dos tempos. Muitos dos casos que se têm verificado são afetados por variáveis que não foram abarcadas pelos critérios anteriores. Sendo assim, variáveis como ambiente, gravidade, nível de linguagem ou inteligência demonstraram-se mais decisivos na distinção e no diagnóstico do que as próprias características costumeiramente adotadas como critérios oficiais.

Revisão sobre o tema: a gradação linguística

A linguística cognitiva oferece uma vasta literatura sobre a descrição de fenômenos linguísticos que se revelam como respostas da mente à situação comunicativa.

A língua, quando estudada por linguistas, rompe-se em subsistemas ou componentes: léxico, gramática (morfologia) e discurso (pragmática), codificados em termos de sintaxe revestida de material fônico. Todos esses componentes ou subsistemas podem denotar o modo como os indivíduos se comportam, permitindo reconhecer suas intenções, suas idiossincrasias até. Portanto, são instâncias que se prestam à construção de testes avaliadores de níveis pautados pelo uso situacional.

Metodologia:

- a) Identificar, por meio de testes imagéticos, graus de correlação entre símbolos e significados;
- b) Identificar, por meio de testes de narrativas ou de cenas/ações reportados, a relação símbolo X significado, lançando mão de componentes linguísticos;
- c) Propor, por meio de testes fonéticos, morfológicos, sintáticos e pragmáticos métodos que sejam capazes de diluir em termos de um *continuum* as respostas das crianças com TEA com vistas a identificar os respectivos níveis de funcionamento;
- d) Analisar o método de ensino e o método de aprendizagem das crianças com TEA.

Questões norteadoras do projeto:

- 1 – Como as crianças com transtorno do Espectro do Autismo utilizam a linguagem nas relações sociais? Aqui, investigaremos se as respostas nos conduzem ao reconhecimento de uma linguagem exclusivamente funcional, como hipotetizamos em alguns casos.
- 2 – Qual a dimensão da capacidade cognitiva das crianças com TEA? Imaginamos que a linguagem e a estruturação da língua permitirão separar os grupos em termos de impacto TEA.
- 3 – Qual a relação estabelecida por essas crianças entre símbolo e significado? Esperamos que o pareamento símbolo-significado seja um grau máximo de alto funcionamento.

Hipóteses:

Com a identificação da gradação das crianças com TEA através dos testes baseados na estrutura da linguagem como: prosódia, morfologia, sintaxe e pragmática poderemos categorizar e identificar o nível de autismo nessas crianças. Com esse mapeamento a criança será direcionada ao melhor método de aprendizado; com a aplicação dos testes linguísticos os professores poderão ajudar seus alunos neste difícil processo de interação e aprendizado, também possível a alguns casos de TEA.

Ainda baseados nos resultados dos testes realizados, será possível desenvolver um mais eficiente método de ensino na área da linguagem, mais voltado para a estrutura da palavra, da língua e do pensamento.

Palavras-chave: Cognição; Autismo (TEA); Linguagem.

Referências bibliográficas:

- ARAÚJO, Ceres Alves de. Teorias cognitivas e Afetivas. In: SCHWARTZMAN, José Salomão. Autismo Infantil. São Paulo: Mnemom, 1995.
- ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DO AUTISTA. Você sabe o que é autismo? São Paulo 2003. Disponível em <http://www.ama.org.br>. Acesso em 22 de maio de 2013.
- GAUDERER, Christian. Autismo e outros atrasos do desenvolvimento: guia prático para pais e profissionais. Rio de Janeiro, Revinter 1997.
- KANNER, L. (1997) Os Distúrbios Autísticos de Contato Afetivo. Em P.S. Rocha (org.), Autismos. São Paulo: Ed. Escuta; - Recife: Centro de Pesquisa em Psicanálise e Linguagem.
- LAMPREIA C. Os Enfoques cognitivistas e desenvolvimentistas no autismo: Uma análise preliminar. Psicologia: Reflexão e crítica, 7, 111-120. Rio de Janeiro. 2004.
- LEWIS, Soni M. S e DE LEON, Viviane C. Programa TEACCH. In: SCHWARTZMAN J.S., ASSUMPCÃO. .B. e col. Autismo infantil. São Paulo, 1995. p. 32-76.
- TOMASELLO, Michael. Origens culturais da aquisição do conhecimento humano. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Choque cultural de alunos guineeses na USP

Florsil Alfredo Mendonça (USP)

O presente trabalho tem como objetivo abordar uma das principais questões levantadas pelos alunos guineeses na USP, que é o “choque cultural”, que se refere aos problemas da inserção sociocultural e linguística desses alunos durante o curso de graduação.

Introdução:

Este trabalho visa, não só abordar os problemas do choque cultural dos alunos guineeses na USP, mas também pretende em primeiro lugar conceituar o que é a cultura e o preconceito linguístico.

O termo “**Cultura**” tem origem latina, vem do verbo colere, que significa cultivar, tratar. No seu sentido antropológico é tudo o que é feito e valorado pelo homem (Houaiss, 2001). É um conceito de várias acepções, sendo a mais corrente a definição genérica formulada por Edward B. Tylor, segundo a qual cultura é “aquele todo complexo que inclui o conhecimento, as crenças, a arte, a moral, a lei, os costumes e todos os outros hábitos e capacidades adquiridos pelo homem como membro da sociedade”.

Para Silva Kalina Vanderlei (2009), o significado mais simples desse termo afirma que cultura abrange todas as realizações materiais e os aspectos espirituais de um povo. Ou seja, em outras palavras, cultura é tudo aquilo produzido pela humanidade, seja no plano concreto ou no plano imaterial, desde artefatos e objetos até ideias e crenças. Cultura é todo complexo de conhecimentos e toda habilidade humana empregada socialmente. Além disso, é também todo comportamento aprendido, de modo independente da questão biológica. No que tange ao preconceito linguístico, segundo a linguista Marta Scherre, entende-se como preconceito linguístico o julgamento depreciativo, desrespeitoso, jocoso e, conseqüentemente, humilhante da fala do outro ou da própria fala” geralmente atinge as variedades associadas a grupos de menor prestígio social.

Quanto ao “**Choque Cultural**” refere-se à ansiedade e sentimentos (de surpresa, desorientação, incerteza, confusão mental, etc) sentidos quando as pessoas têm de operar dentro de uma diferente e desconhecida cultura ou ambiente social. Após deixar o que era familiar para trás, as pessoas têm de encontrar o caminho em uma nova cultura que tem um modo de vida diferente e uma mentalidade diferente, tal quando em um país estrangeiro. A partir dali, nasce às dificuldades de assimilar a nova cultura, causando dificuldades em saber o que é adequado e o que não é. Em outras palavras, também pode ser entendida como a dificuldade que as pessoas têm para se ajustar a uma nova cultura diferente da sua.

Objetivos:

O presente trabalho tem como objetivo abordar uma das principais questões levantadas pelos alunos guineenses na USP, que é o “choque cultural”, que se refere aos problemas da inserção sociocultural e linguística desses alunos durante o curso de graduação.

Método:

Para a elaboração deste trabalho, prevê-se a gravação de entrevistas com sete alunos guineenses vinculados ao curso de graduação na USP e habitantes do alojamento estudantil Crusp. A ideia é que sejam identificados os problemas enfrentados por esses alunos que possam ser decorrentes de choque cultural. Esses aspectos identificados deverão ser discutidos com base nas ideias de Teixeira Coelho, em sua obra *A cultura e seu contrário*, de Lia Calabre, em sua obra sobre políticas culturais: *Teoria e Práxis*, e de Marcos Bagno, sobre o preconceito linguístico.

Para isso, o trabalho apresenta três tarefas: (i) entrevistas com alunos guineenses na USP; (ii) identificar pontos que indicam choque cultural e (iii) contribuir com um estudo da interculturalidade.

Justificativa:

Tendo observado que os alunos guineenses têm demonstrado dificuldades em alguns dos cursos que frequentam na Usp e tendo em vista, ainda, que são alunos de destacado desempenho em seu país de origem, julgamos pertinente entender os problemas vivenciados por esses alunos desde à chegada.

Essas experiências permitirão reconhecer as dificuldades enfrentadas bem como as formas que encontraram para as superar durante sua evolução no curso. Assim o presente trabalho justifica-se pela necessidade de caracterizar cada um dos referidos alunos, suas dificuldades ou obstáculos sobre a inserção sociocultural ou simplesmente o choque cultural.

Entender as dificuldades e as redes de auxílio mútuo nesse novo enquadramento social pode favorecer a adoção de estratégias interculturais salutaras para as próximas recepções de alunos estrangeiros da Guiné Bissau.

Conclusão:

Diante de toda esta explanação feita por estes alunos entrevistados, ou no que concerne a esta pesquisa, pode-se observar vários fatores acima mencionada que condicionaram esses alunos aos problemas do “*Choque Cultural*”.

Entretanto, um dos principais fatores ou as causas que contribuíram para as grandes dificuldades desses alunos, inclusive nos primeiros anos da faculdade são as questões da inserção sociocultural e linguística. Quanto a questão da inserção sociocultural, esses alunos enfrentam várias dificuldades de modo que, eles ficam sempre isolados ou distanciam muito dos colegas brasileiros. Ficam sempre em grupo, não engajam a população cruspiana em favor do coletivo. Portanto, tudo isso contribuiu para as séries de dificuldades desses alunos sobre o problema da inserção sociocultural na Universidade.

Quanto a questão linguística, pode-se entender que, muitos desses alunos entrevistados apresentam algumas dificuldades em expôr com maior facilidade suas ideias em português, visto que a língua portuguesa é muito menos falado no país deles Guiné-Bissau).

É importante frisar que, no pequeno território da atual Guiné-Bissau, são faladas cerca de 20 línguas, muitas delas pertencentes a famílias diferentes, outras tão aparentadas que poderiam ser classificadas como dialetos de uma mesma língua. Estas línguas coabitam com o crioulo, língua veicular e de unidade nacional, e com o português, língua oficial, ambas resultantes da colonização portuguesa.

A consequência é que até hoje o forte nessa região são as línguas étnicas e o crioulo. O português até hoje não é praticamente falado como língua vernácula na Guiné Bissau. Ele só é adquirido como língua primeira, materna, por uma insignificante franja de filhos de guineenses que, tendo estudado em Portugal ou no Brasil, adotaram-no como língua de comunicação familiar, ou por filhos de casais mistos de guineenses com falantes de português de outras nacionalidades.

Por outro lado, o português falado em Guiné-Bissau apresenta suas peculiaridades e se distancia das variedades faladas no Brasil, tendo em vista que a formação social e cultural dos dois países é diferente.

Tido como idioma oficial em Guiné Bissau, o português é falado apenas por 10% da população, e ainda é desconhecido por uma grande parcela dos guineenses. Por está razão, tudo indica as grandes dificuldades linguísticas desses alunos para expôr suas ideias com maior facilidade. Em Guiné, viveu-se uma situação diferente da do Brasil, já que aqui, por decisão do

Marquês de Pombal, em 1757, o ensino da língua português tornou-se obrigatório, sendo proibindo o uso e o ensino das línguas indígenas, ao passo que em Guiné isso não aconteceu. A Guiné-Bissau não recebeu a mesma atenção que outras colônias portuguesas. Isso teve reflexos e consequências danosas na história do país, tais como a luta da independência e pouco interesse pela língua portuguesa, como explica Abdala Junior (2002, p.135).

O outro fato importante que se considera no que concerne à língua portuguesa em Guiné é o descaso para com o ensino público. Dizem que na escola pública é o lugar onde deveria aprender melhor essa língua e que também é o lugar onde mais se “prática” o português. Entretanto, isso não corresponde à mínima verdade, uma vez que os ditos “preparados” para ensiná-la não têm o seu domínio e, muitas vezes, não conseguem passar adequadamente o conteúdo aos alunos, o que lhes leva, às vezes, a recorrer à língua crioula para explicar melhor o conteúdo.

Palavras-chave: Choque Cultural; Alunos Guineenses, USP.

Referências bibliográficas:

- AUGEL, M. P. O desafio do escombros: nação, identidade e pós-colonialismo na literatura da Guiné-Bissau. Rio de Janeiro, Garamond, 2007. 422 p.
- BAGNO, Marcos. Preconceito Linguístico: o que é, como se faz. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 1999.
- BAGNO, Marcos. *Preconceito Linguístico: o que é, como se faz*. São Paulo: Edições Loyola, 2001.
- CALABRE, Lia. *Políticas Culturais: teoria e práxis*. - São Paulo: Itáu Cultural; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2011. 145p.
- COELHO, Teixeira. *A Cultura e seu Contrário: cultura, arte e política pós – 2001/ - São Paulo: Iluminuras: Itáu Cultural, 2008.*
- COUTO, H. H. do. Português em contato: o português e o crioulo na Guiné-Bissau. Iberoamericana Vervuert, 2009.
- In: Dicionário de Conceitos Históricos - Kalina Vanderlei Silva e Maciel Henrique Silva – Ed. Contexto – São Paulo; 2006.
- Velazquez, Lisa “Stages of Culture Shock.” Stages of Culture Shock. Web. 7 abril 2009 EzineArticles.com. 29 setembro 2009.

A construção dos sentidos sob o prisma da integração conceptual

Francisco das Chagas de Sousa (UFPB)

A Teoria da Integração Conceptual teve origem a partir do conceito de espaço mental como um recipiente para o processamento de informações disponíveis na memória de trabalho (FAUCONNIER, 1994). Postulados primeiramente como uma explicação aos problemas das teorias clássicas dos processos de referenciação, os espaços mentais são domínios cognitivos constituídos no processamento discursivo, de caráter parcial e que atende temporariamente às necessidades de um determinado frame comunicativo. A partir destes, constituiu-se, depois, a teoria da integração conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002), igualmente voltada para a compreensão da construção dos sentidos. Em razão de seu caráter dinâmico e processual, consideramos a Teoria da Integração Conceptual um valioso instrumento para a sua incorporação definitiva nas semânticas de cunho cognitivista, tendo o significado como produto de uma construção. Consideramos a Teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1994, 1997) como um modelo cognitivo que consegue explicar a construção dos significados pelos indivíduos, na forma de conjunto de operações complexas de projeção e mesclagem entre múltiplos domínios conceptuais. Assim, Fauconnier (1994) busca investigar o processo de cognição e como ocorrem as relações que culminam na mesclagem conceptual entre espaços mentais, que são consideradas, conforme Rodrigues-Leite (2004, p. 63), o “nascido dos sentidos”. A Teoria dos Espaços Mentais, descreve de forma parcial o complexo processo criativo, inovador, efetuado pela mente humana para a compreensão, definindo-o como uma atividade involuntária ocorrida nos bastidores das nossas estruturas cognitivas. Segundo essa abordagem, toda essa engenharia cognitiva se dá pela criação, articulação e integração (*blending*) de domínios locais, formada na mente dos participantes e baseada nos elementos linguísticos presentes na malha textual. Como resultado dessas relações entre os elementos contidos nos espaços selecionados para a mescla surge também as chamadas “estruturas emergentes”, que são conceitos que se apresentam no espaço-mescla que não estavam contidos nos espaços originalmente selecionados. Essa teoria tem como premissa que as estruturas linguísticas não portam o sentido, mas dão pistas para que possamos

chegar a ele (CAVALCANTE, 2002, p. 78). Considerando o embasamento teórico supracitado, procuramos identificar as integrações conceituais realizadas por alunos de uma turma de 1º ano de ensino médio da cidade de Palmas-TO através da interpretação de texto argumentativo pré-selecionado. Nesta pesquisa, esperamos que o leitor fosse capaz, com as informações, gráficos, links fornecidos na página inicial do site, de realizar previsão e inferências sobre o tema-foco do texto. Esse processo exigiria do leitor a construção de redes de integração conceituais do tipo simples, através de relações função-valor, buscando em seu conhecimento prévio um *frame* que representasse a situação enunciativa a qual ele se encontrava. Foi esperado encontrar problemas nessa habilidade em leitura de hipertextos, como a sobrecarga cognitiva e a desorientação, ambas ligadas ao relacionamento do leitor com os *links*. A partir dessas assertivas, utilizamos como experimento o trecho de um curso on-line da área de Redes de Computadores, intitulado “CCNA Exploration 4.0 – Fundamentos de Rede”, fornecido pela Instituição Cisco Networking Academy. O texto discorre sobre a influência das redes de computadores no nosso dia a dia e destaca seus *insights* na nossa vida, estudo, trabalho e diversão. O texto foi projetado em relações hipertextuais (orientada a *hyperlinks* para navegação entre suas seções, bem como para a significação de termos técnicos) e hipermediáticas (contendo imagens, esquemas interativos e vídeos). Assim, o experimento visava a realização de articulações entre as diversas seções do texto para construção de uma razoável interpretação pelo leitor. Dessa forma, foram necessárias adaptações e reescritas de trechos do texto com o intuito de incentivar as inferências por parte do leitor. Participaram da pesquisa 28 alunos do 1º ano do ensino médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Tocantins, Campus Palmas. Conforme as informações contidas nos questionários respondidos pelos alunos, pudemos inferir que esses leitores eram proficientes na leitura dos textos apresentados, tinham familiaridade com o uso de computador e com a leitura de hipertextos. A realização dos experimentos se deu em laboratórios de informática educacional com equipamentos individuais, contou com ambiente satisfatório e tempo ilimitado para a execução da atividade. As respostas obtidas pelos informantes neste experimento foram avaliadas à luz da Teoria dos Espaços Mentais e Mesclagem Conceptual (FAUCONNIER; TURNER, 2002), mostrando como os informantes processaram cognitivamente as informações dadas, sendo evidenciadas a produção e a integração de espaços mentais. O estudo não teve o caráter de avaliar a pertinência ou não de uma resposta, mas sim demonstrar os processos cognitivos de conceptualização em sua construção. As respostas, tanto pertinentes como não pertinentes, mostraram as ricas analogias, inferências, criação, articulação e *blending* de espaços mentais. Verificamos a possibilidade das impertinências de algumas respostas terem sido causadas por fatores extralinguísticos, como o acionamento de conhecimentos prévios, *frames* e ideologias, presentes e importantes no processamento da leitura. A descrição dos modelos de integração conceptual construídos, a partir das respostas dos informantes comprovou a produção, acionamento e integração de diferentes espaços mentais, corroborando com estudos já existentes que afirmam que a leitura é um processo hipertextual.

Palavras-chave: Espaços Mentais, Mesclagem Conceptual, Redes de Integração.

Referências bibliográficas:

- CAVALCANTE, Sandra Maria Silva. **A metáfora no processo de referenciação.** (Dissertação). Belo Horizonte: Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, 2002.
- FAUCONNIER, G. **Mental spaces: aspects of meaning construction.** Cambridge: University Press, 1994.
- _____. **Mappings in thought and language.** Cambridge, U.K.; New York, NY, USA: Cambridge University Press, 1997.
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **The way we think.** New York: Basic Books, 2002.
- RODRIGUES-LEITE, Jan Edson. **A construção pública do conhecimento: linguagem e interação na cognição social.** 2004. 246 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

Aquisição de L2 sob a luz da hipótese do período crítico

Francisco das Chagas de Sousa (UFPB)

Para a aquisição da linguagem, a Hipótese do Período Crítico (HPC) está fundamentada em considerá-la como faculdade biológica e de caráter naturalista de seu desenvolvimento estando, portanto, sujeita a um período de maturação cerebral. Buscamos neste trabalho desenvolver um estudo das abordagens teóricas sobre a HPC para a aquisição da linguagem,

bem como utilizá-las como suporte para a análise dos dados, visando investigar uma possível correlação entre idade para a aquisição e fluência em L2. Para tanto, propomos uma avaliação do nível de fluência em L2 com o objetivo de construir inferências relacionadas à hipótese proposta, na qual o indivíduo que esteja enquadrado no período de maturação cerebral considerado ótimo para a aquisição da linguagem e tiver recebido o estímulo para aprendizagem em L2, adquirirá uma fluência equivalente aos falantes maternos desta língua. Neste estudo, consideraremos a L2 como sendo quaisquer línguas as quais foram aprendidas após a aquisição da língua materna (ou primeira língua – L1) incluindo também as línguas estrangeiras (LE), termo que se apresenta de forma mais ampla na visão de Mitchell e Myles (1998). Com respeito à aquisição da linguagem concordamos com Krashen (1987), que a descreve como um processo desempenhado pelo indivíduo de forma inconsciente, subconsciente ou intuitiva num ambiente contextual não formal, sem a voluntária observação de regras e sem perceber a sua absorção a cada uso. Sobre a existência de um período crítico para a aquisição da linguagem (HPC), segundo Santana (2004), a mesma tem sido objeto de estudos desde 1915 através de Hughlings-Jackson, ao afirmarem que o processo da aquisição devia se dar nas mais tenras idades, sob o risco do desenvolvimento ser prejudicado de forma permanente. Para Lenneberg (1967), um dos precursores desta hipótese, a época oportuna para a aquisição da linguagem expira ao início da puberdade. Ainda, conforme o autor, a habilidade para aquisição não estaria disponível antes de um determinado nível de maturação, a qual seria atingida na idade entre dois e três anos e que a mesma ficaria disponível, porém em uma progressão descendente até a sua extinção ao início da puberdade. Tendo em vista a existência da HPC, J. Johnson e E. Newport (1999) desenvolveram pesquisas, porém em aprendizado de L2 com o intuito de testar a hipótese da HPC, ocasião na qual obtiveram resultados que confirmaram os pressupostos de Lenneberg. Para que possamos realizar análises, neste estudo, que se debruça sobre a competência dos falantes em L2, definimos como ponto de observação a fluência, a qual entendemos como uma capacidade que tem em seu escopo um complexo grupo de mecanismos de processamento automáticos e inconscientes, que tem com um único objetivo-fim: a competência linguística. Dada a impossibilidade de tratarmos toda a gama de particularidades que compreende o conceito de fluência, focamos nosso olhar em um subgrupo importante que a caracteriza, neste caso as pausas e hesitações produzidas pelos falantes de L2, conforme a classificação proposta por Merlo (2006). A pesquisa contou com dois participantes, que adquiriram o idioma português como L2 respectivamente durante e após o período crítico de aprendizado, conforme a HPC. O primeiro participante, do sexo feminino, adolescente, cursando o 7º ano do ensino fundamental regular, nascida no interior da Espanha, filha de pai romeno e mãe brasileira e que teve o idioma espanhol como o primeiro e único com que teve contato até o momento da sua migração para o Brasil, quando ela ainda tinha nove anos de idade e que no momento da pesquisa tinha 12 anos de idade, tendo contato com a língua portuguesa há 3 anos. O segundo participante, adulto, do sexo masculino, formação superior, nascido no Peru, teve o espanhol, seu idioma materno, como o único a que teve acesso até sua migração para o Brasil, quando o mesmo tinha idade de 21 anos de idade, onde aprendeu o idioma português, possuindo no momento da pesquisa a idade de com 49 anos, tendo assim, 28 anos de contato com idioma português. Nos dois participantes houve a influência da educação formal, uma vez que ambos continuaram seus estudos no Brasil. Com o objetivo de analisar as pausas realizadas pelos entrevistados ao longo de seus percursos orais, as entrevistas foram gravadas, em seguida transcritas levando em consideração os critérios que julgamos relevantes para a descrição e análise dos dados. Assim, destacamos as pausas ocorridas e as classificamos com relação a sua duração, bem como assinalamos as incompreensões na fala, reparos e prolongamentos. Na ocasião da coleta dos dados que compôs nosso corpus de análise, tivemos a preocupação de refletir sobre o uso da linguagem verbalizada na entrevista em uma situação real de comunicação entre pesquisador e pesquisado, e que levou os participantes a realizarem uma produção linguística com uma temática muito próxima de seu cotidiano e que fosse comum a ambos. As etapas seguintes foram as transcrições e codificações dos diálogos, para que pudéssemos passar à etapa das análises de forma mais minuciosa e precisa possível. Ficou evidenciado que o que diferencia os níveis de fluência dos usuários de uma língua é o quantitativo de pausas e hesitações, e esse fenômeno tem uma relação direta com a idade em que a L2 foi adquirida. Os relatos constantes do corpus onde fica registrado a fala de uma adolescente com marcas inexistentes de sua língua materna se contrapõem com a fala de um aprendiz de L2 já em sua fase adulta, altamente carregada de sotaque. O número maior de inadequações gramaticais cometidas pelo segundo participante, mesmo tendo maior tempo de contato com a L2 e maior grau de escolaridade nos leva a corroborar com a hipótese inicial, na qual o aprendizado de uma segunda língua dentro do período crítico de aquisição da linguagem está positivamente correlacionado ao nível de fluência por parte do aprendiz.

Palavras-chave: Cognição, Maturação, Aprendizado.

Referências bibliográficas:

- KRASHEN, S. D. Second language acquisition theory. Tradução inédita de J. C. P. Almeida Filho (mimeo). In: Krashen, S. D. **Principles and Practice in Second Language**. 1. ed. Londres: Prentice Hall International (UK), 1987.
- LENNEBERG, E.H. **Biological Foundations of language**. New York: John Wiley & Sons; 1967.
- MERLO, S. **Hesitações na fala semi-espontânea: análise por séries temporais**. 2006. 218 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, 2006.
- MITCHELL, Rosamond; MYLES, Florence. **Second language learning theories**. London: Arnold, 1998.
- Newport E, Johnson JS. **Critical period effects in second language learning: the influence of maturational state on the acquisition of english as a second language**. *CognitPsychol* 1999;21:60-99.
- SANTANA, Ana Paula. **Idade crítica para aquisição da linguagem**. *Distúrbios da Comunicação*, n. 16, p. 343-354, 2004.

Alguns aspectos semânticos da construção concessiva comparativa (ccc) “para x, y” como recurso avaliativo

Gabriela da Silva Pires (UFJF)

Luiz Fernando Matos Rocha (UFJF)

Considerando-se ocorrências como “*Para alguém que está prestes a perder, você está alegre demais*” (*Corpus Legenda de Filmes*) ou “*Pra quem tinha tanta pressa, eis aí um discurso demasiado comprido*” (*Corpus Domínio Público*), tem nos chamado a atenção a relação concessiva que pode ser depreendida de tais enunciados. Sob o ponto de vista da Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995, 2006, entre outros), reivindicamos legitimar esses tipos de ocorrência como instâncias do que chamamos de Construção Concessiva Comparativa (CCC), esquematizada na forma parcialmente preenchida “PARA X Y”. A expressão X refere-se, pois, a um elemento que serve de gatilho para disparar um *frame* – estrutura conceptual que gera expectativas – (FILLMORE, 1982, PETRUCK, 2008) e instancia-se sintaticamente como um Sintagma Nominal indefinido. A contraparte Y apresenta um comentário contrastivo, evidenciando uma situação tipicamente concessiva ao sinalizar que a situação descrita não está em consonância com as expectativas geradas a partir da contraparte X. Aliada à situação concessiva, há uma comparação avaliativa do elemento citado em Y em relação ao *frame* evocado pelo elemento em X.

Os pressupostos teóricos que fundamentam esta pesquisa e nos possibilitam reivindicar nosso objeto como um padrão construcional concessivo não canônico são, inicialmente, a noção de concessividade dada por König & Siemund (2000, p. 342), que entendem que as situações descritas não estão em harmonia com as tendências gerais e que, portanto, “expressam uma dissonância com regularidades gerais de coocorrência”. Já dentro do aporte da Linguística Cognitiva, um dos pilares deste trabalho é a noção dada por Goldberg (1995, 2006) de construções como padrões recorrentes da língua, num modelo de gramática baseada no uso, juntamente com a hipótese da composicionalidade fraca. De fato, nossa construção permite uma interpretação holística de concessividade, embora não apresente lexicalmente termos reconhecidamente concessivos; não sendo possível, numa leitura meramente composicional, diagnosticá-la como concessiva. Nosso objeto é também explorado sob o prisma da teoria dos Espaços Mentais (FAUCONNIER, 1997, entre outros), que permite um tratamento no viés discursivo. Os espaços mentais são, pois, estruturas parciais desdobradas ao longo do discurso, alicerçadas por *frames*, e que nos dão material para raciocinar sobre o mundo durante o processamento do discurso.

Alguns dos principais objetivos são a descrição semântica do esquema da construção, com suas caracterizações sintático-semânticas; e, em especial neste recorte apresentado, a descrição e análise desta construção como um construtor de espaço mental que anuncia uma quebra de expectativa ao passo que estabelece uma comparação avaliativa entre o elemento expresso na contraparte Y e seu *frame* anunciado na expressão “PARA X”.

Assumindo uma perspectiva empírica, construímos um banco de dados a partir dos *corpora* Legenda de Filmes, Domínio Público (criados para o projeto FrameNet Brasil – www.ufjf.br/framenetbr/) e Nilc São Carlos (disponível no site Linguateca), com expressões de busca com os grupos “para um/uma”, “para alguém” e “para quem”. Ao final, obtivemos 5824 ocorrências, das quais resultaram, após limpeza e tratamento dos dados, 292 ocorrências válidas.

Após uma análise preliminar, podemos destacar algumas considerações. O caráter indefinido do Sintagma Nominal da contraparte “PARA X” parece ser um traço sintático-semântico que, interagindo com a construção com um todo, dispara a

leitura preferencialmente concessiva em detrimento de direcional. É possível perceber neste exemplo: “*Cê fala demais pra um leigo*” (Corpus Legenda de Filmes) que trata-se de uma avaliação em termos de quebra de expectativas em relação a pessoas leigas, numa inferência de que essas normalmente não falariam muito. A resposta que é dada em seguida – “*Mas eu não sou leigo*” – evidencia tratar-se de situação concessiva. Se o enunciado em questão fosse “*Cê fala demais para o leigo*”, com SN definido, a interpretação mais provável seria de alguém que direciona sua fala para outra pessoa, no caso, leiga.

Um importante recurso usado pela construção é servir como instrumento de desaprovação, como em “*Está muito zangada para quem me deu o bolo*” (Corpus Legenda de Filmes), ironia e deboche, como em “*Sabe, está ótima pra uma garota coberta com miolos de peixe gigante*” (Corpus Legenda de Filmes), e incredulidade, como em “*Olha, aí vem o César. - E andando bem rápido... para alguém que acabou de ganhar uma indenização por invalidez*” (Corpus Legenda de Filmes). Tomando este último exemplo, é possível dizer (i) que a CCC descreve uma quebra de expectativa em relação à situação descrita para César (que anda rápido), se comparado às pessoas que recebem indenização por invalidez. Neste caso, há uma correferencialidade entre “alguém que acabou de ganhar uma indenização por invalidez” e “César”. Além dessa sinalização de concessividade, percebemos (ii) que é possível inferir que a construção crie um espaço mental paralelo que também permite, no plano discursivo, questionar a veracidade da afirmação da invalidez. Em (i), é possível que a construção crie uma escala em que a rapidez de César seja relativizada ao fato de ter problemas para andar, tornando-se atenuada. Já em (ii), mantém-se a afirmação sobre a rapidez de César e coloca-se em xeque a vinculação entre “César” e “alguém (...)”.

Este objeto de estudo mostra-se instigante e desafiador, tanto por suas peculiaridades sintático-semânticas como também por ser um recurso linguístico bastante avaliativo na linguagem.

Palavras-chave: Concessividade; Espaços Mentais; Avaliação.

Referências bibliográficas:

- FAUCONNIER, Gilles. **Mappings in Thought and Language**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- FILLMORE, Charles. J. “Frame Semantics”. In: **Linguistics in the morning calm. Selected papers from SICOL-1981**. Seoul, Korea: Hanshin Publishing Company, 1982.
- GOLDBERG, Adele. **Construction: A construction grammar approach to argument structure**. The University of Chicago Press, 1995.
- _____. **Constructions at work: the nature of generalization in language**. Oxford: The Oxford University Press, 2006.
- KÖNIG, Ekkehard; SIEMUND, Peter. “Causal and concessive clauses: Formal and semantic relations”. IN: COUPER-KUHLEN, Elizabeth; KORTMANN, Bernd (eds). **Cause, condition, concession, contrast: cognitive and discourse Perspectives**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000.
- PETRUCK, Miriam. “Frame Semantics”. University of California, Berkeley. 2008. Disponível em: <<http://framenet.icsi.berkeley.edu/papers/miriamp.FS2.pdf>> Acesso em 20 de janeiro de 2010.

O tratamento dos conceitos e preconceitos via leitura das expressões homofóbicas segundo a Teoria da Metáfora Conceitual de Lakoff

Giselli Freitas Neves (UFC)

O presente artigo tem por objetivo geral investigar o papel do contexto na emergência do preconceito nas expressões homofóbicas utilizadas por homens e mulheres ao se referirem a um homossexual, à pessoas que apresentem características homossexuais ou proferidas em determinados contextos em que tais expressões parecem não apontar a presença de um preconceito. Para alcançarmos os objetivos propostos no presente artigo, utilizaremos um questionário, composto por três perguntas a serem respondidas por 10 (dez) estudantes de graduação, sendo 5 (cinco) homossexuais e 5 (cinco) heterossexuais. Após realizado um estudo aprofundado dos conceitos referentes à Semântica Cognitiva, de modo a fundamentarmos teoricamente a presente pesquisa e coletados os dados das entrevistas citadas, faremos as análises reflexiva e qualitativa do *corpus* obtido, de

modo a respondermos as perguntas de partida e confirmarmos ou não a hipótese apresentada neste trabalho. Faremos duas análises: 1) Quadro relacionado às interpretações dos falantes sobre tais perguntas. 2) Análise das expressões à luz dos MCIs, mapeamentos mais recorrentes nas expressões. Partiremos de uma perspectiva teórica desenvolvida por LAKOFF (1987) cujo postulado básico se refere ao papel fundamental que tem a experiência corpórea na formação dos conceitos, estes, que resultam da interação do indivíduo com seu ambiente e que são veiculados pelos Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs). O procedimento metodológico adotado visa primeiramente responder alguns questionamentos sobre como as expressões homofóbicas sofrem as influências do contexto em que estão inseridas e se o preconceito é algo apenas contextual ou cristalizado no universo conceptual do indivíduo. As expressões foram coletadas em possíveis contextos em que poderiam ser usadas em situações de interação e em diversos gêneros veiculados principalmente em revistas de piadas e programas humorísticos. Acreditamos nesta pesquisa que todas as expressões pesquisadas, mesmo as cristalizadas, são carregadas de preconceitos ainda que não representem ofensa direta ao homossexual. Quanto aos resultados obtidos, observamos maiores ocorrências dos mapeamentos metafóricos e metonímicos. São metafóricos porque projeta traços que são prototipicamente do universo feminino para os homens como a delicadeza, comportamentos sutis, vaidade, sensibilidade etc. Pode ocorrer então o mapeamento entre MULHER (domínio-fonte) e seus atributos (domínio-alvo). Nos mapeamentos metonímicos faz referência a um traço de algum objeto, seja ele comportamental ou físico, evoca na mente a imagem de tal objeto. O que chamou atenção foi a interpretação de nossos informantes quanto as expressões cristalizadas (mapeamento proposicional), que embora não tenham o intuito de ofender diretamente ao homossexual em um determinado contexto, a origem de sua existência aponta para uma inclinação preconceituosa, ou seja, assim como as expressões cristalizadas, o preconceito não emerge apenas do contexto, mas que é também de cunho ideológico e engramado no universo conceptual do indivíduo. Podemos não fazer referência direta em relação a uma determinada categoria, mas estigmatizamos no inconsciente vários estereótipos sociais.

Palavras-chave: Preconceito; MCIs, Metáfora.

Referências bibliográficas:

FELTES, Heloisa Pedrosa de Moraes. **Semântica Cognitiva e Modelos Culturais: Perspectivas de pesquisa.** S/d. *Metaphors we live by.*

Lakoff, G. & Johnson, M. (1980) **Metaphors we live by.** London: The University of Chicago Press.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. (1999) ***Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought.*** New York: Basic Books.

LAKOFF, G. & JOHNSON, M. (2002) ***Metáforas do Cotidiano.*** Coordenação de tradução

A crise econômica mundial e as imagens de suas repercussões na imprensa espanhola e brasileira

Ieda Maria Alves (USP)

Iolanda Galanes Santos (Universidad de Vigo)

Esta comunicação tem o objetivo de apresentar o projeto “Valores culturais e didáticos na metáfora de especialidade: as múltiplas imagens da crise econômica mundial na imprensa escrita”, que representa a abordagem comparada de um evento (a crise econômica mundial de 2007), com base em materiais extraídos da imprensa escrita espanhola e brasileira. Esse projeto, iniciado em abril de 2013, está sendo desenvolvido conjuntamente por duas equipes: uma equipe espanhola coordenada pela Profa. Iolanda Galanes Santos, da Universidad de Vigo, Espanha, e uma equipe brasileira, coordenada pela Profa. Ieda Maria Alves, da Universidade de São Paulo, Brasil. Está sendo financiado na Espanha pela DGPU (Direção Geral de Política Universitária) e, no Brasil, pela Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Ministério da Educação).

O Projeto tem como objetivos a abordagem semântica e comparada de um evento (a crise econômica mundial), com base em materiais extraídos da imprensa escrita contemporânea, espanhola e brasileira. Busca contribuir para o estudo da terminologia econômica no espanhol e no português brasileiro, a partir de uma perspectiva comunicativa que considere a variação linguística geográfica, (micro)cronológica, funcional e estilística e, ainda, atender aos objetivos de elaboração de um

catálogo de imagens e metáforas didáticas sobre a crise econômica, sob forma de base de dados, que sirva de referência para o trabalho de terminólogos, tradutores, intérpretes e outros mediadores culturais. Busca também estudar a dinamicidade dos conceitos econômicos e harmonizar a organização de corpora de terminologia econômica da imprensa escrita em função da realização deste projeto com o de outros futuros projetos de pesquisa.

Os fundamentos teóricos que embasam o Projeto são constituídos por estudos sobre a neologia, a variação e as figuras ou imagens, especialmente a metáfora. No que concerne à neologia, são basilares os estudos de Cabré et al (2010) e Sablayrolles (2000), os de Freixa (2006) e Pelletier (2012) quanto à variação e, no que concerne às figuras, os trabalhos de Lakoff e Johnson (1980), Fauconnier (1997) e Sardinha (2007).

Cada equipe selecionou, como corpus de pesquisa, dois jornais de grande circulação e um jornal específico da Economia. No caso brasileiro, foram selecionados a Folha de S. Paulo e O Globo, os jornais de maior circulação no território brasileiro, e o jornal Valor Econômico, dedicado especificamente a notícias sobre Economia. No caso espanhol, foram selecionados os jornais El País, El Mundo e Expansión, pelas mesmas razões. Esses jornais foram analisados de 01-08-2007 a 31-12-2013, todas as 6as feiras, num total de 996 edições. Cada matéria recebeu etiquetas de identificação em que constam informações sobre o nome do jornal, a data de publicação do artigo, o número da página, a seção, o autor do texto e os dados de tradução, caso haja, o que permite que cada termo ou contexto seja relacionado ao texto de que foram extraídos. O corpus compilado (o corpus brasileiro conta com cerca de 8 milhões de palavras) pelas duas equipes está sendo processado pelo software WordSmith Tools 06, que permite várias aplicações como a elaboração de lista de termos, concordâncias (termos em contexto), detecção de combinações sintagmáticas, entre outras funções. Uma base de dados bilíngue português-espanhol foi constituída para o registro, on-line, dos dados coletados nos dois corpora.

Como resultados iniciais do Projeto, apresentamos imagens que, oriundas de termos da Medicina, são empregadas metaforicamente na terminologia da Economia, nas duas línguas. A Medicina e a Economia têm em comum o fato de representarem duas grandes preocupações que envolvem a vida dos cidadãos: a saúde e o dinheiro. Desse modo, exporemos como termos do domínio-fonte da Medicina, a exemplo de crise, colapso, síndrome, contágio, contaminação, resgate e salvação, que indicam a saúde da Economia, são empregados no domínio-alvo da Economia.

Palavras-chave: Terminologia econômica; Variação; Metáfora.

Referências bibliográficas:

- CABRÉ, M. T. et al. *Lèxic i neologia*. Barcelona: Observatori de Neologia. Institut Universitari de Lingüística Aplicada. Universitat Pompeu Fabra, 2008.
- FAUCONNIER, G. *Mental spaces*. Aspects of meaning construction in natural language. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- FREIXA, J. Causes of denominative variation in terminology: A typology proposal. *Terminology* 12(1), p. 51-77. Amsterdam: John Benjamins, 2006.
- LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.
- PELLETIER, J. *La variation terminologique: un modèle à trois composantes*. Thèse de Doctorat. Québec: Université Laval, 2012.
- SABLAYROLLES, J.-F. *La néologie en français contemporain*. Paris: Honoré Champion, 2000.
- SARDINHA, T. B. *Metáfora*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

A plasticidade da visão: o lugar da fala

Isabela Pereira da Silva (USP)

Objetivos:

Visando responder a questionamentos associados aos assim chamados “universais linguísticos”, nos debruçamos sobre o estudo de como indivíduos cegos usam expressões cuja compreensão demanda o domínio de percepção espacial – por isso a escolha das construções “através” e “durante” como objeto de análise. Para que estudar algo tão subjetivo fosse possível, tentou-

se incorporar a este estudo alguns autores da área da Psicologia e da biofilosofia, algo que fica demonstrado pela própria inspiração de tema do projeto, cuja origem vem basicamente de dois registros que apresentam “mentes alteradas” patologicamente. O caso narrado por Oliver Sacks, onde é relatada a trajetória de um cego que passa por severas dificuldades de adaptação após recuperar a visão cirurgicamente, bem como o caso da garota selvagem, mantida em cativeiro que não é capaz de adquirir linguagem, permitiu que víssemos a questão da fala do cego a partir de fatores referentes à memória e cognição.

Embasamento teórico:

Entre as várias leituras feitas durante o desenvolvimento do projeto, algumas foram importantes para levantar questionamentos e discussões, bem como para definir os rumos e diretrizes da pesquisa. A partir do texto “Language structure in its human context: new directions for the language sciences in the twenty-first century” constatamos que a forma da análise linguística deve levar em conta não só a forma, mas também o contexto psicológico e social de uma língua, já que estes são extremamente importantes para que se entenda a complexa relação entre a estrutura da língua e seu uso propriamente dito. As próprias teorizações sobre *joint action* (em suma, a ideia de que o uso da língua é construído por ações conjuntas, estabelecidas pelos falantes em determinado momento) envolvem questões que se aproximam da psicologia (memória, cognição), da biologia (conhecimento compartilhado através da evolução) entre outras. Além disso, Croft afirma que a linguagem é uma forma de interação social que se dá de formas diferentes a depender do contexto, sendo que este envolve fatores culturais, sociais e talvez até humanos (humor, disposição, afeto etc.), sendo assim, é impossível desassociar a língua do próprio ambiente do homem, que é interacional por excelência.

Outros trabalhos interessantes para que pudéssemos nos aproximar a realidade com alunos cegos foi o livro do professor Saulo Cesar da Silva de nome Percebendo o Ser - A manifestação de identidades sociais do aluno deficiente visual nas conversas sobre textos. O livro é baseado em uma de suas teses e busca trazer reflexões a respeito da percepção e da manifestação das identidades sociais do deficiente visual no espaço discursivo em que o eu e o outro interagem dialogicamente por meio dos posicionamentos assumidos. Trata-se de uma leitura interessante por trazer reflexões sobre o posicionamento do cego na sociedade e por ensinar mais sobre a percepção do deficiente acerca de si mesmo.

Outro texto que nos interessou bastante foi o artigo de Marcia Moraes, de nome “Modos de intervir com jovens deficientes visuais: dois estudos de caso”. Esse trabalho investiga as relações entre corpo e cognição entre jovens deficientes visuais e como usá-las para educação. No caso, alguns alunos cegos tomavam aulas de teatro e aproveitavam-se de vários métodos para entender e expressar a personalidade de seus personagens. Uma das alunas, por exemplo, fez uso de um balão de ar recheado com grãos de arroz para entender o que significava ter movimentos leves, já que interpretaria uma bailarina, e somente através do som poderia ter a referência de sua movimentação. Consideramos esse texto importante já que ele envolve métodos não tradicionais de ensino e nos proporcionou debates acerca da educação para deficientes visuais.

Metodologia:

Análise de gravações de entrevistas e aplicação de testagens que visam estimular o informante a utilizar a construção “através (de)”.

Resultados:

A longo de três anos, com ajuda de documentários, de pesquisas leituras e muitas visitas a locais especializados, como a Fundação Dorina Nowill e o instituto Laramara, foi possível conhecer o dia a dia do cego e identificar quais são suas maiores dificuldades em relação ao mundo, o que vai de questões práticas do dia a dia como cozinhar, se maquiar entre outros, até questões mais profundas como relações pessoais, preconceito e empregabilidade. A mais impactante das questões ainda é a da educação e do aprendizado no caso de crianças em idade escolar, em especial nos cegos congênitos – por isso estamos em processo de mudar o foco da pesquisa. Quanto à fala, é necessário levar em conta a idade em que o indivíduo se torna de fato certo, já que uma pessoa que perde a visão em idade mais avançada e já possui uma memória espacial irá adquirir linguagem e usar construções de forma bastante próxima ou mesmo idêntica à de uma pessoa que enxerga, embora haja, sim, outras questões práticas de que atrapalham um pouco a comunicação – torna-se um pouco mais difícil, por exemplo, usar referentes como “aqui”, “ali”, “lá”. Vale ressaltar que no caso de crianças em idades escolar, nossos resultados demonstram que a interação com outras crianças videntes e de baixa visão é importante para o desenvolvimento cognitivo e psicológico da criança cega.

Referências bibliográficas:

- MEYER, Philippe. O olho e o cérebro: biofilosofia da percepção visual. São Paulo: Editora UNESP, 2002[1997], pp. 9-36.
- MORAES, Márcia. Modos de intervir com jovens deficientes visuais: dois estudos de caso. Disponível em < <http://www.scielo.br/pdf/pee/v11n2/v11n2a10>> Acesso em: 06.2014
- NUNES, Sylvia Silveira. Desenvolvimento de conceitos em cegos congênitos: caminhos de aquisição de conhecimento. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47131/tde-23012007-075431/publico/conceitoscegos.pdf> Acesso em: 07 de julho de 2013.
- SACKS, Oliver. “Ver e não ver”. In: Um antropólogo em marte: sete histórias paradoxais. São Paulo: Companhia das Letras, 2006, pp. 112-154.
- SAULO, César Silva. Percebendo o ser. São Paulo: LCTE, 2009.
- TOMASELLO, Michael. Origens Culturais da Aquisição do Conhecimento Humano. São Paulo: Martins Fontes, 2002, DOCUMENTÁRIO. A menina selvagem. Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=_dA2W0SwIwY e comentado em <http://psicdesenv.webnode.com.pt/temas/crian%C3%A7as%20selvagens/genie/> Consulta em: setembro.2012.

Compreensão de inferências na doença de alzheimer

Jan Edson Rodrigues Leite (UFPB/CNPq)

Mábia Nunes Toscano (UFPB/Capes)

Marinésio J. Gonçalves (UFPB)

Este trabalho apresenta o resultado de pesquisas envolvendo compreensão de linguagem em sujeitos com doença de Alzheimer realizadas pelo Laboratório de Compreensão Neurocognitiva da Linguagem (LACON) da Universidade Federal da Paraíba. Buscou-se observar a compreensão de inferências por indivíduos com impedimentos cognitivos devido à doença de Alzheimer (DA), em um experimento voltado à compreensão de metáforas e em outro destinado à compreensão de humor. O embasamento teórico desta pesquisa consiste na noção de compreensão inferencial abordada por Marcuschi (2008), na teoria da integração conceitual e dos espaços mentais (FAUCONNIER; TURNER, 2002) e na noção de mudança de *frame* presente nos trabalhos de Coulson (1997) e Coulson e Kutas (1998). O primeiro experimento propôs-se a observar se os indivíduos com Alzheimer têm dificuldades significativamente maiores em fazer inferências metafóricas em relação a um grupo de sujeitos idosos sem Alzheimer. A hipótese desse experimento era a de que os sujeitos com DA apresentariam uma frequência de erros nas perguntas de compreensão dos *inputs* linguísticos metafóricos significativamente maior do que os participantes sem Alzheimer. Participaram do experimento 02 idosos com doença de Alzheimer, e 04 idosos sem DA, com idade acima de 60 anos. Foi realizado um teste com *input* linguístico-visual (leitura do texto em um *Ipad*) de 09 sentenças simples com questões de compreensão, distribuídas em 03 condições experimentais: metáforas convencionais (IMC, exemplo: Os preços têm subido muito, o governo precisa fazer alguma coisa), metáforas não convencionais (IMNC, exemplo: Ela resolveu pedir um aumento ao chefe, afinal, quem não chora não mama) e sentenças literais (IL, exemplo: Nós recebemos nosso salário hoje, mas temos muitas contas para pagar). Foram testados três níveis da variável independente (*input* linguístico) contra uma variável dependente (frequência de erros e acertos). Os sujeitos liam uma frase correspondente a cada uma das condições em teste, em seguida era pedido para associar o sentido do *input* com as sentenças de compreensão apresentadas na sequência. As sentenças foram apresentadas aleatoriamente no *Qualtrics* em um *Ipad 2*. Os dados coletados foram analisados em R. Os resultados da análise estatística confirmam a hipótese experimental. O teste *qui-quadrado* revelou $\chi^2 = 4.0421$, grau de liberdade = 1, valor de $p = 0,04438$ ($p < 0,05$). Considerando o nível de significância de 5% ($p = 0,05$), esses resultados têm uma grande probabilidade de não terem ocorrido ao acaso. Sabendo que o mal de Alzheimer atinge diretamente a memória e sendo a memória um elemento básico para a compreensão inferencial de estruturas metafóricas as quais resgatam um conhecimento armazenado na mente dos falantes para produzir significado, intuímos que os indivíduos com DA demonstram essa “falha” de acesso aos arquivos cognitivos nos erros de associações às frases de compreensão. Já o segundo experimento objetivava observar se os impedimentos cognitivos em indivíduos com DA resultavam em uma dificuldade significativa na compreensão das inferências do texto humorístico. A hipótese era a de que os sujeitos com DA demorariam tempo maior para compreender o elemento

surpresa de um texto com humor, do que o componente surpresa de um texto sem humor. Foram selecionados 03 idosos com doença de Alzheimer e 16 idosos sem doença de Alzheimer, com idade a partir de 60 anos. O experimento foi realizado usando-se um *input* visual (leitura do texto no Ipad) de 12 sentenças/diálogos, dos quais em 06 ocorria mudança de *frame*. A variável independente HUMOR foi operacionalizada em três níveis (HC – Humor Convencional, HNC – Humor não-convencional, NH – não humor) contra duas variáveis dependentes (tempo de resposta e frequência de acertos). As condições experimentais aplicadas às sentenças foram: humor convencional (HC, exemplo: Eu já completei 15 anos, posso usar sutiã? – Eu já disse que não, Paulo André!), humor não convencional (HNC, exemplo: Existem três tipos de pessoas: as que sabem contar e as que não sabem), não humor (NH, exemplo: Ao abrirem os seus livros de matemática, os estudantes fizeram as tarefas de literatura). Os sujeitos liam uma sentença e, depois, um comentário acerca dela, ao qual respondiam *sim* ou *não*. As sentenças foram apresentadas aleatoriamente no *Qualtrics* em um Ipad 2. Os dados coletados foram analisados no *Action*. O grupo experimental demorou um tempo significativamente maior para compreensão do texto com humor do que do sem humor, com $p = 0,01$, além de demorar um tempo significativamente maior do que o grupo de controle, para resposta a sentenças com humor, com um $p = 0,002$. Esses dados apontam para o fato de que os impedimentos cognitivos causados pela DA interferem nos processos de compreensão de humor, na medida em que dificultam as mudanças de *frame* semântico e as mesclagens conceptuais que permitiriam a resposta mais rápida ao experimento. No geral, os resultados podem ser utilizados para fortalecer a validade empírica da teoria da integração conceitual, segundo a qual recuperamos diferentes domínios do conhecimento os quais são estáveis e dinâmicos durante a produção/recepção de significado. Nas estruturas analisadas (metafóricas, humorísticas) o mapeamento desse acesso é bastante peculiar, pois a compreensão inferencial final, isto é, a assimilação da estrutura emergente, depende essencialmente do sucesso da recuperação desses domínios cognitivos. A perda de memória leva consigo parte desse conhecimento adquirido o que deve prejudicar a compreensão inferencial desse tipo de estrutura. Mais uma vez ressaltamos que esse teste deve ainda rodado outras vezes com uma população maior para que essas conjecturas sejam por fim completamente confirmadas. Em suma, propomos a validação da hipótese de que a compreensão de inferências advindas do processamento de domínios cognitivos para a construção da significação está significativamente comprometida pelos impedimentos cognitivos de memória e linguagem na presença de Alzheimer.

Palavras-Chave: Inferências; Alzheimer; Compreensão.

Referências bibliográficas:

- COULSON, Seana e KUTAS, Marta. **Frame-shifting and sentential Integration**. In: Technical Report CogSci. San Diego, CA: UCSD, 1998.
- COULSON, Seana. **Semantic leaps. The role of frame-shifting and conceptual blending in meaning construction**. San Diego, CA: UCSD, 1997.
- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. **The way we think**. New York: Basic Books, 2002.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

A fonte para a construção de um contexto: a relação entre faixa etária, tamanho de contexto em pessoas típicas e com transtornos

Joice da Silva Moreli (USP)

Objetivos:

Este trabalho tem como finalidade descrever e analisar os recursos linguístico-cognitivos que levam adultos e crianças típicos a conjecturar possíveis significados a palavras *a priori*, descontextualizadas e, em seguida, inferir significação das mesmas palavras em contextos pragmaticamente plenos. A primeira hipótese é de que, quanto mais isolada a palavra, maior será a possibilidades de apostas dos indivíduos, bem como, será maior o alicerce sociocultural sobre o qual os adultos obterão suas respostas, pois dispõem de maior memória sociocultural e linguística comparada à das crianças, indivíduos em desenvolvimento. A segunda hipótese é a de que crianças e adultos com TEA poderão estruturar suas inferências de forma a privilegiar a análise fonética e fonológica das palavras do que seu contexto linguístico.

Fundamentação teórica e justificativa:

Tomando como base a ideia de Fillmore (1985, apud Tomasello, 2003[1999]) de que o contexto (frames) mobilizado para resolver a compreensão de termos linguísticos isolados é definitivamente determinado pelas experiências acumuladas pelo indivíduo. Para a criança, que detém experiência de vida limitada, talvez esse se constitua um problema intransponível.

Pensando nessa questão, Lima-Hernandes (2004) elaborou testes cujas respostas oferecessem pistas do caminho adotado por indivíduos adultos para a construção de um contexto possível para palavras inexistentes na língua portuguesa do Brasil. A estratégia adotada pela autora é construída a partir de graus distintos de isolamento de uma determinada palavra que, aparentemente, poderia integrar o léxico histórico da língua, entretanto, de fato, eram palavras inventadas exclusivamente para o experimento. Eram as seguintes quatro palavras o alvo do experimento: *cobaco*, *besela*, *muglir* e *piocotós*. Cada uma guardaria em si traços típicos de flexão e de estruturação silábica coerente com o português, portanto. As respostas desse experimento permitiram concluir que quanto maior o contexto, menor a liberdade de construção de contexto. Quanto mais isolada a palavra, maior a contribuição da memória sociocultural para a resposta oferecida.

Tomasello (id.ib.) a esse respeito considera que testes desse tipo poderiam ser de grande dificuldade para a criança dada a indeterminação referencial. Por outro lado, a aquisição da língua (em sua modalidade falada) é aprendida naturalmente com os co-específicos, mas, enquanto aprendemos a falar contextualmente algumas palavras e expressões, também estamos aprendendo a resolver problemas de interpretação via inferência.

Seria possível postular primeiramente que haveria, à medida da maturação infantil até seu estágio adulto, uma progressão na capacidade de criar realidades para símbolos inexistentes na língua, mesmo que não haja intersubjetividade ou motivação comunicativa, como é o caso dos testes que aplicaremos durante o experimento projetado. Em um segundo momento, poderemos verificar se crianças e adultos com TEA passam pela progressão inferencial mesmo tendo dificuldades pragmáticas.

Materiais e método:

O método utilizado foi o aproveitamento de quatro palavras intuídas por Lima-Hernandes (2004), quais sejam: *cobaco*, *besela*, *muglir*, *piocotós*. A elas foram acrescentadas seguintes seis palavras: *cradacial*, *deblar*, *ridole*, *jobilança*, *abulimento*, *godebo*. Embora inventadas, tomamos o cuidado de torná-las morfologicamente adequadas aos padrões lexicais do português brasileiro e por isso esperávamos que suas leituras favorecessem a correspondência linguística e cognitiva às prosódias canônicas e a verbos e nomes do inventário do português brasileiro. O teste foi aplicado a quatro turmas de estudantes de Letras da Universidade de São Paulo e posteriormente, a vinte e cinco alunos do segundo ano do Ensino Fundamental I.

A aplicação se fez em três fases aos estudantes universitários. Na primeira, apresentamos as palavras contextualmente isoladas. Na segunda fase, as palavras apareciam inseridas em um contexto parcial e na terceira fase, apresentamos as mesmas palavras em contextos completos. Foram dados alguns segundos entre a leitura individual e os registros inferenciais no papel de questões. Para toda fase havia um novo papel de questões afim de que os estudantes não pensassem que poderiam ter errados os palpites nas fases anteriores.

Para os estudantes do ensino fundamental, o teste se fez em duas fases (afim da tarefa não lhes tornar cansativa), e foram apresentadas somente as quatro palavras *cobaco*, *besela*, *muglir* e *piocotós*. Em todas as fases ambos os grupos de estudantes anotaram suas inferências a cada mudança de sentido intuída em papéis nos quais colocavam sua idade e sexo.

Resultados:

Quantitativamente, a primeira fase se mostrou o momento em que, adultos e crianças se permitiram apostar em uma variedade maior de significados. Os adultos estudantes de Letras obtiveram maior gradiência semântica em suas respostas na primeira fase em comparação às crianças. O índice de respostas dos estudantes que não responderam foi de 20% na primeira fase, diminuindo de 4% e 3% na segunda e terceira respectivamente. As crianças mostraram maiores dificuldades na segunda fase com índice de 36% contra 22% da primeira fase. Isso nos permitiu evidenciar que para os adultos, o nível de inferência cresce de forma inversamente proporcional em relação ao contexto completo. Porém, a variedade dos significados inferidos decaiu na segunda e na terceira fases. O índice de respostas das crianças que não responderam foi proporcionalmente maior ao dos adultos na segunda fase. A capacidade de inferir sentidos às palavras estranhas em uma frase completa foi menor proporcionalmente aos adultos, cerca de 30% das crianças ficaram presas às estruturas apresentadas e não conseguiu abstrair nem relacionar as palavras a outros significados.

Os resultados das respostas dos adultos permitiu-nos observar que a primeira etapa, momento no qual não se tinha nenhuma ajuda linguística para extrair os significados das palavras, os universitários usaram recursos mnemônicos para aproximar as palavras que lhes pareciam completamente desconhecidas, tais recursos se pautavam nos padrões fonológicos, morfológicos e prosódicos de palavras que lhes eram comuns.

Palavras-chave: Inferência; cognição; TEA.

Referências bibliográficas:

LIMA-HERNANDES, Maria Célia. O significado: vários sentidos e algumas direções. In: Fromm, G.; Lima-Hernandes, M.C. (orgs.). *Domínios de Linguagem IV: subsídios à formação linguística*. 1 ed. São Paulo:s/ed., 2004.

TOMASELLO, Michael. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003[1999].

Ensino de pontuação na escola primária e a noção de *script*

José Hamilton Maruxo Junior (UNIFESP)

A comunicação aqui proposta tem por objetivo descrever uma experiência de ensino da pontuação para crianças em fase de aquisição do sistema da escrita, entre do segundo e do terceiro anos do ensino fundamental, o que corresponde, *grossomodo*, a uma das partes da fase de ensino destinada à alfabetização. A proposta se desenvolveu por meio da aplicação de uma sequência didática que enfocou o gênero textual *conto curto*. A pontuação foi considerada, no âmbito dessa sequência didática, como um dos conteúdos de natureza linguístico-discursiva a ser ensinado, entre outros.

O primeiro passo da pesquisa consistiu na elaboração de sequência didática a ser desenvolvida com os alunos. Para tanto, tivemos como referência o modelo desenvolvido por J. Dolz et al (2001), segundo o qual uma sequência didática constitui um conjunto de atividades que tomam um gênero textual como megainstrumento de aprendizagem, ao permitir que os alunos desenvolvam, durante o estudo e a aprendizagem do gênero, diferentes capacidades de linguagem, a saber, capacidades de ação, capacidades discursivas e capacidades linguístico-discursivas, associadas à produção de textos com características do gênero em questão. É importante destacar que, nessa concepção, a escrita é considerada como processo, e não como produto: na sequência didática elaborada, a pontuação foi associada ao desenvolvimento, principalmente, da capacidade de organizar e hierarquizar as informações no processo de textualização.

Além disso, ao elaborar a sequência, foi preciso definir, em primeiro lugar, qual aspecto da pontuação deveria constituir o objeto a ser ensinado. Para tanto, tomamos a concepção de V. Dahlet (2006a e 2006b), para quem a pontuação pode ser analisada como um sistema composto por dois conjuntos de marcas: as marcas de pontuação sintagmáticas (cuja função é, principalmente, separar segmentos textuais, estabelecendo hierarquia entre as sequências do texto) e as marcas de pontuação enunciativas (que funcionam como marcadores discursivos, expressivos, interativos e de citação). Na sequência, foram tomadas como objeto de ensino apenas as marcas da pontuação sintagmática, em especial a alínea, o ponto e a vírgula. Essa escolha não foi casual, mas baseou-se em dois princípios: (i) a impossibilidade de abordar, no interior da sequência didática, os dois tipos de pontuação, devido às limitações do tempo escolar; (ii) empiricamente, tem sido possível observar que crianças em fase de aquisição da escrita costumam ter mais dificuldade com a aprendizagem das marcas de segmentação do que com as marcas enunciativas.

Em segundo lugar, foi preciso determinar a maneira de abordagem da pontuação no interior da sequência didática, e para isso a principal contribuição foi obtida a partir dos estudos de Fayol e Abdi (1988) sobre a forma como as crianças espontaneamente compreendem e se utilizam dos sinais de pontuação sintagmática em seus primeiros escritos. A elaboração da sequência didática, então, levou em conta a seguinte proposta: se o professor conhece as hipóteses que a criança espontaneamente formula para o emprego dos sinais de pontuação e trabalha o ensino da pontuação a partir dessas hipóteses, relacionando-as aos usos convencionais das marcas de pontuação, talvez a aprendizagem, pela criança, desses usos convencionais seja favorecida. Fayol e Abdi, estudando a maneira como as crianças pontuam seus textos, esses pesquisadores chegaram à conclusão de que o que está por trás do uso que elas fazem da pontuação diz respeito *script* das situações narradas, isto é, a estrutura cognitiva que remete a uma série relativamente estável de eventos. Segundo Fayol e Abdi, a criança em fase de aquisição

inicial da escrita emprega os sinais de pontuação a partir da seguinte hipótese cognitiva: a alínea, a marca de pontuação mais forte, é empregada nos escritos infantis para separar conjuntos de ações que, segundo a criança, mantêm entre si uma ligação mais “frouxa”; já o ponto e a vírgula são reservados para separar ações sentidas como mais fortemente ligadas umas às outras. Sendo assim, é a relação entre as ações de um script que fundamenta o emprego desta ou daquela marca de pontuação pela criança, e não os critérios sintáticos.

O segundo passo foi a aplicação da sequência elaborada com dois grupos de alunos do terceiro ano do ensino fundamental (Grupo I e Grupo II), com características semelhantes no que se referia ao nível de aquisição da escrita. As atividades da sequência didática ligadas ao ensino da pontuação foram trabalhadas com apenas um dos grupos (o grupo I), o que permitiu a comparação de resultados. De fato, a análise as produções dos alunos revelou que o trabalho com a noção de script, associado aos usos convencionais dos sinais de pontuação sintagmática parecem favorecer a aprendizagem da pontuação pelos alunos, uma vez que, nas produções textuais, a alínea, o ponto e a vírgula passaram a ser empregados pelos alunos desse grupo de maneira mais próxima dos usos convencionais.

Essa experiência pôde ajudar não só a compreender melhor como as crianças aprendem a pontuar seus textos, como também favoreceu o desenvolvimento de uma aplicação didática que auxiliou o ensino de uma das questões cujo ensino é sentido pelos professores como difícil, especialmente nas séries iniciais.

Palavras-chave: Pontuação; Ensino; Hipóteses de Escrita.

Referências bibliográficas:

- BERRENDONER, A. “La phrase et les articulation du discours”. In: FAHN, G. (org.). *Le français dans le monde*. n. esp., fev/mar 1993.
- CATACH, N. *Para uma teoria da língua escrita*. São Paulo: Ática, 1996.
- DABÈNE, M. “La notion d’écrit ou le continuum scriptural”. In: *Le français aujourd’hui*, no. 93, 1991, p. 25-36.
- DAHLET, V. *Ponctuation et énonciation*. Paris: Ibis-rouge, 2006a.
- DAHLET, V. *As (man)obras da pontuação*. São Paulo: Humanitas, 2006b.
- DOLZ, J., NOVERRAZ, M. e SCHNEUWLY, B. *S’exprimer en français*. Bruxelles: De Boeck & Corome, 2001.
- FAYOL, M. e ABDI, H. “Influence of script structure on punctuation”. In: *Cahiers de psychologie cognitive*. No. 3, 1988, p. 266-279.

Construções completivas impessoais: verbo ser+nome

Jocineia Andrade de Ramos

Este trabalho é uma abordagem sobre orações matrizes, constituídas de *verbo ser+nome* (*claro, óbvio, evidente*) que, no nível sintático, selecionam um argumento na posição de sujeito, a oração completiva subjetiva (na GT: oração subordinada substantiva subjetiva). Tendo em vista a proposta teórica Funcionalista, que se preocupa em estudar a estrutura gramatical das línguas e os diferentes contextos comunicativos em que as estruturas gramaticais são usadas, investigam-se as inferências sugeridas pelo contexto pragmático- discursivo que, segundo Traugott&Dasher (2005), originam as combinações semânticas responsáveis pelo processo de mudança linguística.

A investigação tem por finalidade verificar que a posição inicial quase fixa das orações matrizes verbo ser+nome (claro, óbvio, lógico) revela a marca de (inter) subjetividade do falante em relação ao evento expresso na completiva sujeito. Neves (2006) considera que as orações matrizes escolhidas para este trabalho expressam modalidade epistêmica asseverativa e a análise dos dados pretende demonstrar que até mesmo a modalidade epistêmica asseverativa apresenta graus expressos em um *continuum* de menos asseverativo a mais asseverativo a depender da impessoalidade da matriz e da intensidade da marca de (inter)subjetividade. Os dados de escrita foram extraídos do acervo digital da revista *Veja*, no período de janeiro a junho de 2009. Ao acessar o site <http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx>, procedeu-se à *busca avançada*, ferramenta que possibilita buscar palavras ou expressões em todas as edições disponibilizadas on-line. Os dados de fala foram retirados do projeto *Discurso&Gramática*, pelo site <http://www.discursoegramatica.lettras.ufrj.br/>. As amostras coletadas são resultantes de propostas de narrativa de experiência pessoal, descrição de local, relato de procedimento e de opinião.

Referências bibliográficas:

- BYBEE, J. & FLEISCHMANN, S. (1995) *Modality in Grammar and Discourse*. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company
- CASTILHO, Ataliba T. de (2010) *Nova Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: FAPESP/ Contexto.
- DIAS, Nilza B. (2013) *A marca da (inter)subjetividade na sentença complexa sujeito*. *Confluência*44/45: 83-106. (<http://llp.bibliopolis.info/confluência>).
- HEINE. (1995) N. Agent-Oriented VS. Epistemic Modality: Some Observtions on German Modals. In: *Modality in Grammar and Discourse*. Bybee & Fleischmann. John Benjamins.
- (2005) B. Grammaticalization. In: Joseph e Janda (editors). *The Handbook of Historical Linguistics*. Balckwell Publishing.
- LEHMANN, (1988) C. Towards a typology of clause linkage. In: Thompson & Haiman (eds). *Clause combining in grammar and discourse*. J. Benjamins Publishing Company. Amsterdam/Philadelphia.
- LYONS, John (1996) *Semântica*. Lisboa: Editorial Presença / Martins Fontes
- NEVES, Maria Helena (1996) Modalidade. In: *Gramática do Português Falado*, vol. VI. Campinas / São Paulo: Editora da UNICAMP
- (2000) *Gramática de Usos do Português*. São Paulo: UNESP.
- (2006) A modalização na linguagem In: *Texto e gramática*. São Paulo: Contexto.
- TRAUGOTT, Elizabeth C. (2010) Revisiting subjectification and intersubjectification. In: *Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization*. Berlin / New York: Mouton of Gruyter.
- TRAUGOTT, Elizabeth C. & DASHER, Richard B. (2005) *Regularity in Semantic Change*. Cambridge: Cambridge University Press.
- VERHAGEN, Arie (2007) Construal and perspectivization. In Dirk Geeraerts & Hubert, Cuyckens (Eds.), *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, cap. 7.
- VESTERIAN, Ranier (2014) Impersonals with *ser* ('to be') and the domain of effective control. *Language Sciences* .
- SILVA, Augusto Soares da (2008) Perspectivação conceptual e Gramática. *Revista Portuguesa de Humanidades – Estudos Linguísticos*
- (2011) (Inter)subjetificação na linguagem e na mente. *Revista Portuguesa de Humanidades – Estudos Linguísticos*

Os tempos de enunciação, referência e evento numa análise semântica do tempo em espanhol andino colombiano

Juliana Ángel-Osorno - Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral

(Bolsista CAPES)

O objetivo geral da minha pesquisa de mestrado é descrever a estrutura semântica de uma narrativa em espanhol andino colombiano, a partir da Teoria de Espaços Mentais proposta por Gilles Fauconnier (1997). Atenção especial será dada às estruturas relacionadas a tempo, aspecto e modo. A narrativa faz parte de um corpus de entrevistas etnográficas recolhidas por Valentina Arango Villalón em 2011, na Reserva Indígena de Pastás, no Município de Aldana, que se encontra no Departamento de Nariño, na fronteira da Colômbia com o Equador. Na gravação, o entrevistado – homem, na faixa dos 60 a 70 anos, natural de Aldana – responde questões, feitas por três estudantes e um conterrâneo, sobre mitologia e crenças, sobre o método de plantação tradicional e sobre os poderes das plantas medicinais.

A narrativa, de aproximadamente 38 minutos de duração, foi transcrita no software ELAN, desenvolvido pelo *Max Planck Institute for Psycholinguistics*, seguindo a proposta de Chafe (1980) de segmentação do fluxo da fala em unidades entoacionais. Para facilitar a identificação de unidades relacionadas à semântica de tempo, aspecto e modo, criei duas trilhas associadas à trilha de transcrição: uma na qual foram selecionados os verbos e outra, que reúne os advérbios e as locuções adverbiais de tempo.

Na primeira parte da análise, utilizei a proposta de Reichenbach (1974) de interpretação de tempos gramaticais. Para estabelecer as relações temporais presentes em cada tempo gramatical o autor propõe três unidades, cujas relações descrevem

todas as configurações temporais possíveis nas línguas. Essas unidades são o *tempo da enunciação* (*S*), o *tempo de referência* (*R*) e o *tempo do evento* (*E*). O *tempo da enunciação* coincide com o ato de fala e é o ponto de partida para a sistematização das relações temporais nas línguas. O *tempo do evento* descreve o tempo da ação descrita na proposição, e seu tempo é estabelecido em relação o *tempo de referência*. Em uma sentença em espanhol como *Juan había venido*, o *tempo do evento* é a vinda do João, que aconteceu antes de um *tempo de referência* que se localiza entre o *tempo do evento* e o *tempo da enunciação*. Reichenbach (1974) diagrama essa relação da forma apresentada em (1), onde a seta indica o eixo temporal. Já em (2) se apresenta a representação de uma sentença como *Juan vino*, onde o *tempo de referência* e o de *enunciação* são concomitantes, e o *tempo do evento* é anterior a eles.

(1) E – R – S à

(2) E – R, S à

Levando em consideração todas as possibilidades de combinação dos tempos de *enunciação*, *referência* e *evento*, Reichenbach propõe nove configurações de relação entre *S*, *R* e *E*, que chama de *formas fundamentais* (REICHENBACH 1974, p. 296), e que se organizam em um esquema de relações de anterioridade, concomitância e posterioridade. O ponto de partida é o ponto da enunciação, a respeito do qual pode se estabelecer um tempo de referência anterior, concomitante ou posterior. Cada um desses tempos de referência pode, por sua vez, se relacionar a um ponto de evento anterior, concomitante ou posterior. Essa análise é uma ferramenta útil para a descrição da semântica do tempo gramatical em espanhol, pois a gramática dessa língua só reconhece oito tempos verbais e alguns deles assumem as funções de outros em algumas variedades regionais. Com a proposta de Reichenbach poderei reconhecer a relação temporal de qualquer sentença na narrativa, independentemente de como tenha sido classificado o verbo em termos da gramática tradicional.

Uma vez feita essa primeira análise do tempo gramatical nos termos propostos por Reichenbach (1974), os dados serão analisados seguindo a propostas de Cutrer (1994) de análise temporal da Teoria de Espaços Mentais, a de Doiz-Bienzobas (1995) para a análise do pretérito perfeito e imperfeito no espanhol, e a de Buszard (2003) e Tenuta (2006) para análise de narrativas e conversas. A pesquisa pretende contribuir para o estudo do espanhol andino colombiano, variedade que tem sido pouco estudada, especialmente quando comparada com as variedades andinas do espanhol boliviano, equatoriano e peruano, e com os estudos de outras variedades faladas na Colômbia.

Palavras-chave: Espanhol andino; Reichenbach; teoria de espaços mentais

Referências bibliográficas:

- ARANGO VILLALÓN, V. (2012). *Caminaré al vaivén del tiempo: Reflexiones sobre el tiempo en Aldana*. Trabajo monográfico, Universidad Nacional de Colombia.
- BUSZARD, L. A. (2003). *Constructional Polysemy and Mental Spaces in Potawatomi Discourse*. Tese Doutorado-Universidade de California, Berkeley.
- CHAFE, W. (1994). *Discourse, Consciousness and Time*. Chicago & Londres: The University of Chicago Press.
- CUTRER, M. (1994). *Time and Tense in Narrative and in Everyday Language*. Tese (Doutorado em Ciências Cognitivas e Linguística) - Universidade de California, San Diego.
- DOIZ-BIENZOBAS, A. (1995). *The Preterit and The Imperfect in Spanish: Past Situation Vs. Past Viewpoint*. Tese (Doutorado em Ciências Cognitivas e Linguística) - Universidade de California, San Diego.
- FAUCONNIER, G. (1997). *Mappings on Thought and Language*. Cambridge: Cambridge University Press.
- REICHENBACH, H. (1974). *Elements of Symbolic Logic*. Nova Iorque: The Free Press.
- TENUTA, A. (2006). *Estrutura Narrativa & Espaços Mentais*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG.

Gramaticalização e subjetificação no estudo do futuro perifrástico no português brasileiro

Jussara Abraçado (UFF)

Diferentemente do passado e do presente, vivenciados por nós, o futuro não faz parte de nossas experiências. Qualquer alusão que façamos ao futuro vem sempre intermediada de expectativas, suposições ou desejos. Conforme explica Meillet

(1912), podemos nos referir objetivamente ao passado, como fato ocorrido, mas não podemos falar objetivamente do que ainda vai acontecer. Em função disso, a noção de futuro estaria mais relacionada a um processo de modalização, ou seja, associada à expressão de possibilidade, obrigação, permissão, necessidade e capacidade. Assim como Meillet, Coseriu (1957) também defende a relação entre a concepção de futuro e noções modalizadas enraizadas no presente como as de incerteza, desejo ou possibilidade, que não representam uma categoria ontológica objetiva. No português brasileiro, as formas mais comuns de expressar o tempo futuro são: (a) verbo *ir* no presente + infinitivo (*vou fazer isso amanhã*); b) futuro simples (*Farei isso amanhã*); e (c) presente do indicativo (*Faço isso amanhã*). Interessa-nos, particularmente, o futuro perifrástico, que melhor se encaixa na proposta desse trabalho: focalizar a relação entre gramaticalização e subjetividade, sob a perspectiva da Linguística Cognitiva. Como se sabe, o futuro possui um valor temporal que não permite expressar uma modalidade factual, pois só aceita asserções segundo a avaliação que o falante faz da possibilidade ou não da ocorrência de um estado de coisas. Tal particularidade permite afirmar que há sempre um valor modal ligado ao valor temporal e, por conseguinte, inerentemente a tudo isso está o fenômeno da subjetificação. Para Langacker (1990), subjetividade e subjetificação não se referem a expressões linguísticas, propriamente ditas, mas à maneira como um elemento de uma conceitualização é perspectivamente construído, ou seja, se objetiva ou subjetivamente. Nesse viés, Langacker usa o termo *subjetificação* para se referir a um aumento na subjetividade, ou seja, um aumento na perspectivização conceptual de alguma noção, o que corresponde a um realinhamento de uma dada relação do eixo objetivo para o eixo subjetivo (LANGACKER 1990). Nesses termos, a subjetificação ocorre atrelada a um processo de desbotamento semântico (*semantic bleaching*) ou de atenuação da concepção objetiva, o que se dá em virtude de o componente subjetivo (a perspectiva do conceptualizador) ser imanente à concepção objetiva, por fazer parte do próprio processo de conceptualização. Langacker ainda discorre sobre a relação entre subjetificação e gramaticalização, demonstrando-a através de relatos de diversos casos como, por exemplo, a evolução, no inglês, do sentido de futuro do verbo *to go*. A subjetificação, segundo o autor, é um fenômeno gradual e multifacetado que se relaciona aos seguintes parâmetros de mudança: (a) mudança de estatuto (atual > potencial; específico > genérico); (b) mudança de foco de atenção (perfilado > não perfilado); (c) mudança de domínio (interação física > interação experiencial ou social); (d) mudança de fonte de atividade (entidade “em cena” > entidade “fora de cena”). Com base nos estudos de Langacker (2008, 1990, entre outros), e a partir de análise de manchetes e notícias de primeira página de jornais *online* brasileiros (Jornal do Brasil, O Globo, Extra e O Dia), pretendemos demonstrar que fenômeno semelhante ocorre com o futuro perifrástico (verbo *ir* no presente + infinitivo) no português do Brasil.

Palavras-chave: Gramaticalização; Subjetificação; Futuro Perifrástico.

Referências bibliográficas:

- COSERIU, E. “Sobre el futuro romance”. *Revista brasileira de filologia* 3, 1957, p. 1-19.
- LANGACKER, Ronald W. *Cognitive Grammar. A Basic Introduction*. Oxford: Oxford University Press, 2008.
- _____. Subjectification. *Cognitive Linguistics* 1(1), 1990, p.5-38.
- MEILLET, A. L'évolution des formes grammaticales. In: MEILLET, A. *Linguistique historique et linguistique générale*. Paris: Champion, 1912, p. 130-148.

A construção de empatia no discurso de mulheres vítimas de violência conjugal

Kaline Girão Jamison (UFC)

Ana Cristina Pelosi (UFC)

Muitos aspectos associados à violência conjugal foram discutidos por diversas áreas, no entanto, a investigação sobre esse tema carece de abordagem linguística. Este artigo examina boletins de ocorrência lavrados por mulheres, vítimas de violência conjugal e analisa como a empatia é construída em discursos gravados em sessões relatórios policiais. Dado o fato de que é durante as sessões de interação social que as vítimas e os mediadores têm a chance de compartilhar as atitudes de empatia para com o autor, o nosso foco foi entender a relação entre cognição e linguagem, considerando-se que a empatia pode ser definida como uma atividade que busca entender o sentimento e o pensamento de outras pessoas através de sua perspectiva (Cameron,

2010) e que pode exigir habilidades cognitivas complexas para entender o comportamento e as intenções do outro. A abordagem reside no campo da Linguística Cognitiva e procura trabalhar dentro de uma abordagem dinâmica discurso (Cameron e Maslen, 2010) para acompanhar as metáforas e outros recursos linguísticos que aparecem e mudam através de conversas, olhando para a forma como os participantes reagem a esses elementos nos discursos. Em outros termos, no processo de elaboração de boletins de ocorrência, vamos analisar se os participantes rejeitam ou oferecem alternativas aos elementos que indicam a empatia nesse tipo de evento discursivo. Dito isto, após a gravação de sessões de conciliação realizadas em uma delegacia de polícia local (localizada em Fortaleza, Brasil), mediada por uma escritã, pretendemos examinar a emergência da compreensão empática através de metáfora para o Outro e outros recursos linguísticos no discurso das mulheres agredidas e das escritãs. Além disso, objetivamos investigar como as escritãs contribuem para a construção de empatia nas vítimas. A análise começa a busca de metáforas nos dados transcritos (usando Atlas.it), que devem ser reunidas em grupos ou categorias e organizadas de acordo com os significados básicos das condições do veículo. Por exemplo, um grupo chamado *journey* pode incluir descrições metafóricas da mulher vítima chegar a um acordo com os acontecimentos violentos que ela passou, como o fim da viagem, vem ao longo desse longo percurso, chegar a uma conclusão, um passo de cada vez (Cameron e Maslen, 2010). Após essa etapa, as metáforas sistemáticas, que representam um conjunto de metáforas linguísticas ligadas que são usadas em um determinado momento e num contexto discurso particular, são compiladas de forma a ajudar a responder a pergunta: como é metáfora usada para descrever o processo de reconciliação e a emergência de empatia? Além das metáforas, outros recursos linguísticos serão observados, como, por exemplo: o uso de certos vocativos, o uso de conjunções, assim como a mudança de pronomes que indicam um movimento de construção de empatia entre os participantes do discurso. No geral, esta pesquisa pretende mostrar como metáforas e outros recursos linguísticos podem oferecer aos participantes formas de expressar sentimentos e movimentos empáticos um para o outro por meio do que Cameron (2011) chama de gestos de empatia, além de abordar a utilização dessa ferramenta de pesquisa para investigar os dados de interação do discurso falado numa abordagem dinâmico-discursiva.

Palavras-chave: empatia; discurso; violência conjugal.

Referências bibliográficas:

- CAMERON, L. The Discourse Dynamics Framework for Metaphor. In: CAMERON, L. & MASLEN, R. (Ed)\Metaphor Analysis: research practice in applied linguistics, social sciences and the humanities. UK: Equinox Publishing Ltd, 2010
- CAMERON, L. & MASLEN, R. (Ed)\Metaphor Analysis: research practice in applied linguistics, social sciences and the humanities. UK: Equinox Publishing Ltd, 2010.
- CAMERON, L. **Metaphor and Reconciliation:** The Discourse Dynamics of Empathy in Post-Conflict Conversation, Routledge, London, 2011.

O papel dos mecanismos da analogia e da reanálise na mudança linguística

Lauriê Ferreira Martins (UFJF)

Nathália Félix de Oliveira (UFJF)

O presente trabalho tem como objetivo destacar o papel fundamental desempenhado pelos mecanismos da analogia e da reanálise – termos, recentemente, denominados analogização e neoanálise – na mudança linguística, demonstrando que estes atuam tanto na emergência de novas construções quanto na formação e organização de um esquema construcional. Para tanto, assumimos os postulados teóricos da abordagem da gramaticalização de construções (TRAUGOTT, 2003, 2008a, 2008b, 2009, 2010, 2011a, 2011b; NÖEL, 2007; BYBEE, 2010, 2011; FISCHER, 2011; GISBORNE & PATTEN; 2011; TRAUGOTT & TROUSDALE, 2013). De acordo com Traugott (2011b) e Traugott e Trousdale (2013), a analogização – atração a partir de formas e/ou funções já padronizadas – promove a reconfiguração das dimensões internas de uma construção, o que resulta em um novo par forma-sentido. Tal mecanismo implica, desse modo, o mecanismo da neoanálise – reinterpretação de formas e/ou funções dentro de um novo contexto. Em outras palavras, todas as analogizações são instâncias de neoanálises, pois subcomponentes de um novo uso são reorganizados. Portanto, o que frequentemente acontece no processo de gramaticalização é a interseção entre os mecanismos de reanálise e analogia. É nesse contexto que discutiremos como a reanálise e a analogia atuam como mecanismos de mudança linguística a partir da apresentação de dois estudos de caso, a

saber: a) o desenvolvimento do verbo “esperar” na língua portuguesa; e b) a organização de um esquema construcional que envolveria marcadores discursivos (MDs) com os verbos de percepção “olhar” e “ver” em configuração imperativa. Verificamos que, no que se refere ao verbo “esperar”, este passou por um processo de mudança, de modo a desenvolver três diferentes usos: (i) aguardar no tempo; (ii) manifestar a volição do falante; e (iii) indexar (contra)expectativas. Conforme pudemos atestar a partir da realização deste trabalho, o verbo “esperar”, mediante uma reanálise semântico-pragmática, desenvolveu usos [+ (inter)subjativos] – codificando padrões construcionais individuais para cada microconstrução –, os quais são utilizados em diferentes situações comunicativas, pela comunidade linguística, a depender daquilo que se “quer” dizer. No que diz respeito ao desenvolvimento dos MDs na língua, os resultados apontam que o esquema construcional *Verbo de percepção visual em configuração imperativa e em P2*, que atua na chamada de atenção do ouvinte, configura a macroconstrução, que, juntamente com as mesoconstruções, seria responsável pelo surgimento de novas construções bem como pelo estabelecimento de uma rede construcional. Ainda, identificamos os seguintes contextos de atuação discursiva destes MDs, que, cada qual com seu padrão construcional, comporiam as mesoconstruções: *prefaciação, estrutura argumentativa, discurso reportado, interjeção e contraexpectativa*. É nesse sentido que defendemos que a macroconstrução e as mesoconstruções, que estariam na base do desenvolvimento dos marcadores discursivos, através do mecanismo da analogia, seriam responsáveis pela emergência de novas construções bem como pelo estabelecimento de redes construcionais disponíveis para o falante. A fim de cumprir os objetivos propostos, realizamos uma análise qualitativa, considerando a distribuição dos dados desde o século XIII até o português contemporâneo. Os dados sincrônicos foram coletados em três *corpora* distintos: o *corpus* do projeto “Mineirês: a construção de um dialeto”, o *corpus* do projeto “PEUL - Programa de Estudos sobre o Uso da Língua” e o *corpus* do projeto “NURC/RJ - Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro”. Os dados diacrônicos, por sua vez, foram selecionados do *corpus* do projeto “CIPM – Corpus Informatizado do Português Medieval” – e do *corpus* do projeto “Tycho Brahe”. Com a pesquisa desenvolvida, verificamos que os processos de gramaticalização partem da possibilidade de se pautarem em construções individuais (ou microconstruções), assim como de projetarem um esquema abstrato que permite a emergência de novos padrões construcionais (mesoconstruções e macroconstruções).

Palavras-chave: Mecanismos de Mudança Linguística; Analogia e Reanálise; Estudos de Caso.

Referências bibliográficas:

- BYBEE, J. *Language, usage and cognition*. Cambridge: Cambridge University Press, 2010.
- _____. Usage-based theory and grammaticalization In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011, p. 69-78.
- FISCHER, O. Grammaticalization as analogically driven change? In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011, p. 31- 42.
- GISBORNE, N.; PATTEN, A. Construction grammar and grammaticalization. NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011, p. 92-104.
- NOËL, D. Diachronic construction grammar and grammaticalization theory. In: *Functions of Language*. John Benjamins, 14:2, 2007, p. 177-202.
- TRAUGOTT, E. C. Constructions in grammaticalization. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (eds.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003, p. 624-647.
- _____. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. V. (eds.). *Variation, Selection, Development: Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008a, p. 219-250.
- _____. All that he endeavoured to prove was...: on the emergence of grammatical constructions in dialogic contexts. In: COOPER, R.; KEMPSON, R. (eds.). *Language in flux: dialogue coordination, language variation, change and evolution*. London: Kings College Publications, 2008b, p.1-31.
- _____. Grammaticalization and Construction Grammar. In: CASTILHO, A. T. de. (org.). *História do Português Paulista*. vol.1. Campinas: Unicamp/Publicações IEL, 2009, p. 91-101.
- _____. Dialogic contexts as motivations for syntactic change. In: CLOUTIER, R. et al. (eds.). *Variation and change in*

English grammar and lexicon Berlin: De Gruyter Mouton, 2010, p. 11-27.

_____. Grammaticalization and mechanisms of change. In: NARROG, H.; HEINE, B. (eds.). *The Oxford handbook of grammaticalization*. New York: Oxford University Press, 2011a, p. 19-30.

_____. Toward a coherent account of grammatical constructionalization, Slightly revised version of powerpoint presentation at Societas Linguistica Europea (SLE) 44, Spain, September 8th-11th, 2011b.

_____.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. New York: Oxford University Press, 2013.

Manuscritos da escravidão (sécs. XVIII e XIX): edição e estudo

Letícia Costa Feiteira (USP)

Objetivos:

O objetivo do estudo é fazer um estudo do português da época e de suas características linguísticas e filológicas. E com as análises grafemática, paleográfica e diplomática verificar as mudanças fonéticas e ortográficas sofridas ao longo do tempo, por meio de expressões arcaicas, pronomes de tratamento, e do vocabulário de cada documento. Há também os casos de poligrafia a serem estudados, ou seja, quando uma mesma palavra possui grafias diversas em documentos do mesmo período, mas lavrados por escravos diferentes. Isto reflete como a língua estava aos poucos criando uma norma para ser seguida.

Outro objeto de estudo é a escrita do período, como a acentuação, uso de maiúsculas, pontuação, abreviaturas, e etc. Identificando também os traços que influenciavam a escrita, como a fala, contato com outras línguas, nível de instrução, etc. Além dos aspectos técnicos como estado de conservação do documento, caligrafia, heterogeneidade da escrita, e habilidade do escravo. Informações biográficas sobre os autores dos manuscritos também são muito relevantes para o trabalho. Como os documentos tratam de assuntos referentes à escravidão, o que será estudado sobre o tema são os termos e expressões usados para se referir aos escravos, entre outros arcaísmos deste período.

Embasamento teórico:

Para o estudo dos manuscritos, as obras teóricas fundamentais para consulta são os manuais de paleografia e filologia. Dentre as mais importantes para este trabalho estão: “*Introdução à crítica textual*, César Cambraia”, “*Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX*, Maria Helena Ochi Flexor”, “*Noções de paleografia e diplomática*, Ana Regina Berwanger e João E. Franklin Leal” e “*A escrita no Brasil Colônia*, Vera Lúcia C. Acioli.

Metodologia:

O corpus do trabalho é composto por diversas espécies documentais, como cartas, ofícios, e termos, os quais foram lavrados em diferentes localidades do Brasil. Logo, o primeiro passo do estudo é a transcrição deste material. A transcrição dos documentos segue a lição semidiplomática, e justifica-se por facilitar a leitura do manuscrito, pois as abreviaturas são desenvolvidas e os erros marcados. Mantendo o estado de língua de quando eles foram escritos. As normas adotadas foram as Normas para transcrição de documentos manuscritos, fixadas em 1998 para o projeto PHPB (Projeto da História do Português do Brasil). Após esse processo, são feitas as análises paleográfica, diplomática e grafemática.

Resultados:

Nos resultados são apresentadas as transcrições de cada documento, juntamente com o fac-símile, e as análises. Até o momento do estudo, há algumas conclusões sobre as características gerais encontradas nos manuscritos, as quais são as usuais do período dos séculos XVIII e XIX. Entre elas estão: a caligrafia humanística cursiva, o uso de abreviaturas, a tendência a grafar algumas consoantes dobradas, e o uso de acordo com o escriba de maiúsculas e minúsculas e de palavras ligadas. Nos documentos transcritos até o momento, foram encontradas algumas dificuldades devido ora à caligrafia, ora ao estado de conservação do papel.

Os aspectos que mais chamaram a atenção foram a influência da grafia do Espanhol em alguns manuscritos, as abreviaturas sendo usadas nas assinaturas das cartas, e como algumas palavras apresentam grafias diferentes em documentos de datas muito próximas.

Com estes exemplos, conclui-se que apesar de existirem algumas convenções de escrita para aquele período, não havia necessariamente uma norma que determinasse a grafia correta das palavras. Pois na ortografia o escriba poderia tanto sempre

influenciado pelo que ele já leu, ou pelas hipóteses de escrita que ele fazia ao grafar uma letra para determinado som. Logo, não há como fazer afirmações certeiras para a escrita daquele período, somente mostrar as variações existentes. E como a língua estava caminhando para uma norma unificada.

Palavras-chave: Escravidão; Manuscritos; Paleografia.

Referências bibliográficas:

- ACIOLI, Vera Lúcia Costa. **A escrita no Brasil Colônia**. Recife: Editora Universitária Fundação Joaquim Nabuco, 1994.
- BELLOTO, Heloísa L. **Como fazer análise tipológica de documento de arquivo**. 2002.
- BERWANGER, Ana Regina, LEAL, João Eurípedes Franklin. **Noções de paleografia e diplomática**. 3ed. - Santa Maria: Ed. da UFSM, 2008.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. 6ª ed. - Rio de Janeiro: Acadêmica, 1974.
- FLEXOR, Maria Helena Ochi. **Abreviaturas: manuscritos dos séculos XVI ao XIX**. 2. ed. - São Paulo: Arquivo do Estado, 1990.
- LUNA, Francisco Vidal, KLEIN, Herbert S. **Escravidão no Brasil**. São Paulo: Edusp: Imprensa oficial do Estado de São Paulo, 2010.
- MEGALE, Heitor, TOLEDO NETO, Sílvio de Almeida. (orgs.) **Por minha letra e sinal**. Cotia: Ateliê Editorial, 2005.
- MENDES, Ubirajara Dolácio. **Noções de paleografia**. 2. ed. - São Paulo: Arquivo Público do Estado de São Paulo, 2008.
- SPINA, Segismundo. **Introdução à Edótica: Crítica Textual**. - 2ª ed. - São Paulo: Ars Poetica: Editora da Universidade de São Paulo, 1994.

As construções de polaridade negativa como pista linguística evidenciando o processo de estigmatização sobre o grupo de etnia considerada cigana

Lídia Spaziani (USP)

Esta pesquisa etnográfica tem o objetivo de analisar a estigmatização contida nas construções avaliativas de polaridade negativa quando o objeto de análise é sobre grupos denominados como *ciganos (a)(s)*, *etnia cigana* na linguagem usada por grupos denominados de etnia não-cigana. O *corpus* é formado de amostras com bases nas modalidades oral e escrita, a saber: questionários, jornal O Estado de São Paulo, O acervo do Museu da Pessoa, Corpus Diacrônico do Português Paulista e Twitters (tuíteres). A base teórica versa sobre a Cognição com enfoque nas obras de Mithen (2002), Maturana e Varela (2011) e Tomasello (2003). Para o estabelecimento da relação entre a representação mental e a materialidade linguística, buscamos os funcionalistas Martellota (2011) e Givón (1991). Por ser a língua propensa a pressões dos usuários em contextos comunicativos, encontramos em Austin (1975) parâmetros para compreendermos a análise dos atos de fala e em Goffman (1993) especificamente o conhecimento sobre estigmatização. Além das condições sociais sincrônicas, há também na diacronia o preconceito sobre o grupo que representa a etnia cigana; teoricamente marcado por fatos relatados na História tanto europeia quanto brasileira (MOONEN, 1996; TEIXEIRA, 2008; FERRARI, 2010). Assim mapeada a trajetória do preconceito alimentado pela estigmatização negativa, podemos constatar que a língua revela muito além das palavras escolhidas no ato de fala e, a partir disso, interpretarmos por análise qualitativa, a polaridade negativa em relação às exteriorizações do grupo de diversas etnias e que possuem maior prestígio social, o não-cigano, ou seja, ao utilizar de construções ou exteriorizar sobre o grupo de menor prestígio social, o da etnia cigana.

Palavras-chave: Abordagem Funcionalista; Construções com Avaliativas Polaridades Negativas; Grupos Sociais Considerados Ciganos.

Referências bibliográficas:

- AUSTIN, John L. *How to do things with words*, Oxford University Press, 2ª Edição, 1975.
- FERRARI, Florência *O mundo passa: uma etnografia dos calon e suas relações com os brasileiros*, Tese, 2010.

GIVÓN, T. *Compreendendo a gramática*. Trad. CUNHA, M. A. F.; MARTELOTTA, M. E.; ALBANI, F. Natal: EDUFRN, 2011.

MARTELOTTA, M.E. *Manual de linguística*. São Paulo: Contexto, 2011.

MATURANA, Humberto e VARELA, Francisco. *A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano*. Campinas: Editorial, 2011.

MITHEN *A pré-história da mente: uma busca das origens da arte, da religião e da ciência*. São Paulo, Editora Unesp, 2002

MOONEN, Frans. *A História esquecida dos ciganos no Brasil*. Saeculum: Revista de História. João Pessoa: UFPB, 1996.

TEIXEIRA, Rodrigo Corrêa. *História dos Ciganos no Brasil*. Recife: Núcleo de Estudos Ciganos, 2008.

TOMASELLO, Michael. Tomasello, M. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. (C. Berliner, Trad.) São Paulo: Martins Fontes, 1999.

GOFFMANN, Erving. *Os estigmas: a deterioração da identidade social*. Disponível em <http://www.sociedadeinclusiva.pucminas.br/anaispdf/estigmas.pdf>; acesso em 17-05-2014

Competência leitora: inter-relação de aspectos cognitivos entre ler em LM e em LE de alunos calouros de Letras Inglês da UNIFESSPA

Luciana Kinoshita Barros (USP)

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA)

Introdução:

Ler em Língua Estrangeira (LE) costuma ser um dos primeiros impasses que alunos de cursos de Letras com habilitação em qualquer LE encontram no decorrer da graduação. E, com base em minha própria experiência como professora de um curso de Letras Inglês e em relatos de outros profissionais, é possível afirmar que muitos sujeitos encontram esta, entre outras dificuldades, durante a sua formação inicial e nem todos são bem sucedidos em superar tal obstáculo.

No presente estudo partimos da hipótese que há relação entre competência leitora em LE e em Língua Materna (LM) e, a partir da investigação em questão, objetivamos inter-relacionar aspectos cognitivos do processamento textual que possam estar, de certa forma, influenciando a competência leitora em LE com a em LM, e vice-versa, de alunos calouros do curso de Letras Inglês da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA).

Embasamento teórico:

Em nossa pesquisa consideramos que “aprender a ler é aprender a mobilizar e a organizar os conhecimentos de que se dispõe, é reconstruir o texto utilizando procedimentos de probabilidade, de antecipação; é, numa palavra, processar informação” (FIGUEIREDO; BIZZARO, 2000, p. 466), o que nos leva a ver a leitura como facilitadora do desenvolvimento cognitivo do sujeito, tanto em LM quanto em LE.

A partir do momento em que abordamos o processamento textual sob o viés da cognição, passamos a ver como leitor competente como aquele cujo funcionamento cognitivo o leva a desenvolver a capacidade de ler textos de forma proficiente. Competência esta que, para Hymes (1972, p. 282), é “dependent upon both (tacit) *knowledge* and (ability for) *use*”.

Existem estudos voltados a investigar relações entre a leitura em LM e em LE, a partir dos quais já se sabe que, “embora longo e complexo como a língua materna, o processo de desenvolvimento da língua estrangeira difere do da língua materna de várias maneiras” (ZIMMER, 2006, p. 59). E, em nossa pesquisa, pretendemos aprofundar mais a discussão enfatizando como esses processos se aproximam ou se distanciam podendo influenciar um ao outro.

Metodologia:

O estudo consistiu em pesquisa bibliográfica e de campo. A primeira teve como base autores como Aebersold e Field (2008), Allende e Condemarin (2005), Hymes (1972), Kato (2007) e Kleiman (2008), entre outros, para que assim fosse possível construir um arcabouço teórico consistente sobre leitura, cognição e competência. A segunda consistiu em medir a competência leitora em LE e em LM de alunos calouros do curso de Letras Inglês da UNIFESSPA.

Os instrumentos de pesquisa utilizados para medir a competência foram um teste cloze para a Língua Portuguesa e uma adaptação do *International English Language Testing System* (IELTS) para a Língua Inglesa. Ambos os testes foram aplicados a alunos calouros do curso de Letras Inglês da UNIFESSPA e trazemos uma breve discussão sobre os dados produzidos na próxima seção.

Resultados e discussão:

A partir de resultados preliminares de nosso estudo, podemos considerar que é possível comparar os processos cognitivos que acontecem durante o processamento textual em LE e em LM. Consideramos então que existem semelhanças e diferenças no ato de ler em ambas as línguas. Vejamos inicialmente algumas diferenças:

- Estratégias de leitura ascendentes exigem mais do leitor em LE do que em LM;
- Conhecimento prévio (o em LM costuma ser mais vasto em relação à LE);
- Transferência de conhecimento⁹ da LM para a LE;
- Acesso ao conhecimento em LE, no início da aprendizagem, passa pela LM.

E as semelhanças encontradas:

- Algumas estratégias de leitura são intercambiáveis;
- Competência leitora na LM é diretamente proporcional à na LE e vice-versa.

Essa última podemos melhor visualizar a seguir:

Tabela 01 – Percentual de acertos nos testes

	IELTS	CLOZE
Sujeito 1	27%	18%
Sujeito 2	87%	44%
Sujeito 3	27%	36%
Sujeito 4	12%	34%
Sujeito 5	25%	34%
Sujeito 6	30%	26%

A tabela acima indica que a competência leitora da maioria dos sujeitos é diretamente proporcional em ambas as línguas, uma vez que a diferença percentual de acertos nos testes varia, na maior parte dos casos, entre 04 a 09 pontos percentuais, um valor significativamente baixo.

Algo que chama atenção é o fato de a metade dos participantes apresentar maior competência leitora na LE do que em sua própria LM. No caso dos sujeitos 1 e 6 isso é compreensível devido à pequena quantidade de acertos que a diferença entre os resultados dos testes representa, contudo, o mesmo não se aplica ao sujeito 2 cuja diferença de acertos chega a quase metade da pontuação.

Nossos resultados indicam ainda uma consideração bastante preocupante que é a baixa competência leitora dos alunos calouros, pois todos foram classificados como leitores frustrantes em sua LM e (à exceção do sujeito 2) como usuários pouco proficientes da LE na compreensão escrita, mesmo tendo estudado inglês durante vários anos na Educação Básica.

Palavras-chave: Leitura em Língua Materna; Leitura em Língua Estrangeira; Competência Leitora.

Referências bibliográficas:

AEBERSOLD, J.A.; FIELD, M.L. *From reader to reading teacher: issues and strategies for second language classrooms*.

⁹ Em seus diferentes níveis: ortográfico, fonológico, morfológico, sintático, semântico e pragmático.

Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

ALLIENDE, F.; CONDEMARÍN, M. *A leitura: teoria, avaliação e desenvolvimento*. Porto Alegre: Artmed, 2005.

FIGUEIREDO, O.; BIZARRO, R. *A leitura como um processo cognitivo*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2000.

HYMES, D.H. On Communicative Competence. In: PRIDE, J.B.; HOLMES, J. (eds) *Sociolinguistics*. Selected Readings. Harmondsworth: Penguin, 1972, p. 269-293.

KATO, M. *O aprendizado da leitura*. 6ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

KLEIMAN, A.B. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 11ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2008.

NUTTALL, C. *Teaching reading skills in a foreign language*. Oxford: Macmillan, 2005.

ZIMMER, M.C. O processamento da leitura em língua materna e em língua estrangeira: uma abordagem conexionista. *Revista Signo*, n. Especial - II Colóquio Leitura e Cognição, 2006, p. 49-64.

Variantes terminológicas em uma ontologia do domínio jurídico brasileiro

Luciana Monteiro Krebs (Unisinos)

A pesquisa **Variantes terminológicas em uma ontologia do domínio jurídico brasileiro** tem como tema o estudo das denominações variantes na área do direito criminal com vistas a compor a modelagem deste domínio em uma ontologia para acesso livre de consultantes leigos. De autoria de Luciana Monteiro Krebs sob a orientação da Profª Drª Rove Luiza de Oliveira Chishman, a dissertação da aluna de mestrado em Linguística Aplicada integra o projeto Tecnologias Semânticas Aplicadas à Recuperação de Informação Jurídica, do grupo de pesquisa SemanTec da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS). Com foco no público não especializado, a inclusão das variantes neste recurso computacional visa auxiliar o entendimento do processo judicial brasileiro pelos cidadãos, à medida que inclui itens lexicais utilizados pelos consultantes leigos.

O objetivo geral da pesquisa é analisar como ocorrem as variantes terminológicas no domínio jurídico, nomeadamente em processos do Juizado Especial Criminal (JECrim). Os objetivos específicos são: (i) investigar o papel das variantes terminológicas no direito processual criminal com vistas à sua inclusão em uma ontologia jurídica; (ii) identificar os tipos de variantes terminológicas mais frequentes a partir da comparação entre a linguagem dos usuários para busca de informação e os termos presentes nos documentos oficiais da legislação vigente na área e de processos; e (iii) formalizar na ontologia jurídica as variantes terminológicas com fins de recuperação da informação.

Utiliza a Linguística de *Corpus* como metodologia para tratamento do *corpus* textual e *Transaction log analysis* (TLA) para análise do *corpus* de pesquisa (*logs*). Os *corpora* estão divididos entre *corpus* de pesquisa e *corpus* de referência ou contraste. O *corpus* de pesquisa, representando linguagem não especializada, é composto por duas instâncias de linguagem do leigo: a primeira é composta pelo conjunto de expressões de busca feitas pelos usuários do Portal LexMI do Senado Federal (obtido através dos *logs* de acesso ao portal para busca de informação) no intervalo de 30 dias; e a segunda instância é composta pela transcrição de entrevistas de triagem no serviço de apoio jurídico oferecido pelo Programa de Práticas Sociojurídicas (PRASJUR) da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Já o *corpus* de referência, representando a linguagem especializada, é formado por processos reais coletados no Juizado Especial Criminal no âmbito do Estado do Rio Grande do Sul (processos de origem em diferentes regiões do estado) e por documentos da legislação (nomeadamente a Constituição Federal, o Código do Processo Civil e Código do Processo Penal).

Para a análise dos dados coletados utiliza-se o software *Sketch Engine* e para inserção das variantes na ontologia utiliza-se o editor de ontologias Protegè. A análise é quali-quantitativa, associando frequência de ocorrência à relevância do termo para o domínio jurídico, verificando se representa um nóculo conceptual da área em estudo.

Enriquecendo a ontologia com as variantes do direito espera-se contribuir para princípios de cidadania e acesso à justiça através da melhoria na recuperação da informação jurídica. Os resultados parciais demonstram o uso de diversas expressões que são variantes da terminologia do domínio jurídico na busca por informação por parte dos consultantes.

Palavras-chave: Variantes Terminológicas, Linguística de Corpus, Ontologia Jurídica

Referências bibliográficas:

- BAEZA-YATES, Ricardo; RIBEIRO-NETO, Berthier. **Modern Information Retrieval**. New York: ACM Press, 1999. 501 p.
- BAKER, Steven. Helping computers understand language. In: **Google's Official Blog**. S.l. 19 jan. 2010. Disponível em < <http://googleblog.blogspot.com.br/2010/01/helping-computers-understand-language.html> >. Acesso em 04 nov. 2013.
- BERBER SARDINHA, A. P. Lingüística de Corpus: Histórico e Problemática. **D.E.L.T.A.** n. 16, v. 2, p. 323-367. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/delta/v16n2/a05v16n2.pdf> >. Acesso em: 05 fev. 2014.
- BOAVENTURA, Edivaldo M. **Metodologia da Pesquisa** : monografia, dissertação, tese. São Paulo: Atlas, 2009. 160 p.
- CABRÉ, Maria Teresa. **La Terminología: representación y comunicación**. Elementos para una teoría de base comunicativa y otros artículos. Barcelona: IULA; Universitat Pompeu Fabra, 1999.
- CAMPOS, Maria Luiza de Almeida. **O papel das definições na pesquisa em ontologia**. Perspectivas em Ciência da Informação, v.15, n.1, p.220-238, jan/abr.2010.
- CHISHMAN, Rove. **Projeto Tecnologias Semânticas e Sistemas de Recuperação de Informação Jurídica**. Projeto aprovado no Edital CAPES/CNJ Acadêmico 2010. São Leopoldo: Unisinos, 2010.
- CURRÁS, Emilia. **Ontologías, taxonomía y tesauros** : manual de construcción y uso. 3ª ed., actual. y ampl. Gijón: Trea, 2005. 337 p.
- FAULSTICH, Enilde. Termo e variação: tendências no português do Brasil. In: **Socioterminologia**. Brasília: UnB, [1998]. (Excerto, parte II).
- GUARINO, N. Formal ontology and information systems. In: GUARINO, N. (Ed.). **FORMAL ONTOLOGY IN INFORMATION SYSTEMS. Proceedings of FOIS'98**, Trento, Italy, 6-8 June 1998. Amsterdam: IOS Press, 1998, p.3-15.
- GUIZZARDI, G. **Ontological foundations for structural conceptual models**. Tese (PhD em Computer Science). Twente (Holanda): Twente University of Technology 2005. 441 p.
- JANSEN, Bernard J. Search log analysis: what it is, what's been done, how to do it. **Library & Information Science Research**, Pennsylvania, v. 28, p. 407-432, 2006. Disponível em < <http://lincs.hum.iit.edu/sites/default/files/JansenSearchLog.pdf> >. Acesso em 03 nov. 2013.
- KRIEGER, Maria da Graça; FINATTO, Maria José Bocorny. **Introdução à Terminologia: teoria & prática**. São Paulo: Contexto, 2004. 223 p.
- MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico** : procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos. São Paulo: Atlas, 2001. 219 p.
- MCILWAIN, I. C. Trends in Knowledge Organization Research. **Knowledge Organization**, Würzburg, v. 30, n. 2. 2003. p. 75-86.
- MEDEIROS, Jackson da Silva. **Tesauros conceituais e ontologias de fundamentação** : abordagem comparativa entre modelos conceituais. São Paulo : Ixtlan, 2012. 112 p.
- NICHOLAS, D.; HUNTINGTON P.; ROWLANDS I.; RUSSELL B.; COUSINS J. Opening the digital box: what deep log analysis can tell us about our digital journal users. In: STRAUCH K.; BAZIRJIAN R.; SPECK V. **Charleston 2003 Conference Proceedings**. Charleston: Libraries Unlimited, 2004. 267 p.
- OLIVEIRA, Maria Marly de. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Recife: Edições Bagaço, 2005. 191 p.
- PASSOS, Edilenice Jovelina Lima. O controle da informação jurídica no Brasil: a contribuição do Senado Federal. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 23, n. 3, p. 363-368, set./dez. 1994. Disponível em: < <http://revista.ibict.br/ciinf/index.php/ciinf/article/view/1158/803> >. Acesso em: 05 nov. 2013.

O TRANSTORNO DE LINGUAGEM e o uso das TIC: Um estudo de caso

Luciel Pereira de Jesus¹⁰

Ildeflávio dos Santos Silva¹¹

Considerando a Dislexia um transtorno que compromete o processamento fonológico do indivíduo na produção dos sons e dos grafemas (Associação Brasileira de Dislexia - ABD), a presente pesquisa teve como objetivos identificar quantas escolas da rede de ensino da Prefeitura de Salvador, especificamente da Coordenadoria Regional de Educação Subúrbio I

¹⁰ Licenciado em Letras com habilitação em Língua Inglesa pela Universidade de Salvador – UNIFACS; Especialista em Educação e Mídias Tecnológicas pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB.

¹¹ Graduado em Ciências Exatas com habilitação plena em Física, Especialista em Informática em Educação. Professor de Física, Estatística e Matemática.

(CRES1), possuem sala para o atendimento especializado educacional (AEE); analisar o grau de conhecimento dos professores especialistas do AEE sobre os transtornos de linguagens, especificamente a dislexia; verificar se eles conseguem identificar traços de transtorno de linguagem na criança no período de letramento; e se na sala multifuncional possuem e se sabem utilizar os recursos tecnológicos (TIC e softwares) como instrumentos multissensoriais para dar suporte aos alunos com transtorno específico de linguagem e, por último, se esses professores consideram que a sua formação inicial (graduação) e secundária (especialização) lhe deram reais subsídios para lidar com educandos com tamanha dificuldade. Para o desenvolvimento deste trabalho, lançou-se mão do Estudo de caso como método de pesquisa e a aplicação de questionário, além da revisão teórica que deram embasamento a esta pesquisa. Participaram deste trabalho 04 escolas do ensino fundamental da Prefeitura de Salvador, 04 coordenadores pedagógicos e 04 professores especialistas que atuam na sala multifuncional. Os resultados indicaram que: (I) que embora a CRES1 coordene 43 escolas, com um total aproximadamente de 7000 alunos, ela possui apenas 04 escolas para oferecerem atendimento especializado educacional a mais de 20 alunos especiais; (II) todos os participantes da pesquisa responderam reconhecer a dislexia e seus traços como um transtorno específico de linguagem; (III) 75% dos pesquisados afirmou identificar bem os indícios de transtorno de linguagem no aluno no período de letramento, já o outro 25% afirmaram não ter certeza se sabem reconhecer; (IV) todos os pesquisados afirmaram que possuem recursos tecnológicos nas salas do AEE, entretanto não dispõem de softwares específicos para lidar com disléxicos; consideram também que tanto a sua formação inicial quanto a secundária, parcialmente, lhes deram subsídios para lidar com educandos com transtorno de linguagem em período de letramento. Verificamos também que, segundo os pesquisados, não há obrigatoriedade para o atendimento aos disléxicos nas salas multifuncionais, uma vez que o dispositivo legal que norteia o funcionamento destas salas não contempla os disléxicos como portadores de necessidades especiais.

Palavras-chave: Linguística, dislexia, tecnologia

Referências bibliográficas:

- ABD – Associação Brasileira de Dislexia.** Disponível em: <http://www.dislexia.org.br/> Acesso em: Mar. 2014.
- ALVES, Vítor (2007). O Ensino da Educação Visual e Tecnológica para Alunos com Necessidades Educativas Especiais. **Estudo de caso sobre a aprendizagem com recurso às tecnologias.** Dissertação de Mestrado em Tecnologia Multimédia. Porto: Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto
- ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE DISLEXIA.** Disponível em: www.andislexia.org.br/. Acesso em: Mar. 2014.
- Capovilla, A.G.S. & Capovilla, F.C. **Etiologia, avaliação e intervenção em dislexia do desenvolvimento.** In Capovilla, F.C. (org). Neuropsicologia e aprendizagem uma abordagem multidisciplinar. São Paulo: Memnon, 2004.
- CAPOVILLA, A. G. S. **Compreendendo a dislexia: definição, avaliação e intervenção.** Cadernos de Psicopedagogia, v. 1, n. 2, p. 36-59, 2002.
- CAPOVILLA, F.C. **Recursos para educação de crianças com necessidades especiais e articulação entre Educação Especial e Inclusiva.** São Paulo: O mundo da Saúde, 2008.
- CIASCA, S.M. **Distúrbios de Aprendizagem: Proposta de Avaliação Interdisciplinar.** São Paulo: Casa do Psicólogo Livraria e Editora Ltda., 2003.
- CIASCA, S. M. **Distúrbio de aprendizagem e transtorno de atenção: Algumas reflexões.** In: SCOZ, Beatriz. Aprendizagem: Tramas do conhecimento, do saber e da subjetividade. Petrópolis: Vozes, 2006.
- CIASCA, Sivia Maria. **Distúrbio de Aprendizagem - Uma questão de Nomenclatura.** IN Revista SINPRO. Rio de Janeiro. 2005.
- CRUZ, V. **Uma Abordagem Cognitiva da Leitura.** Porto: Lidel Edições, 2007.
- DURCE, J.M; Noya, J.A.M.B. **Dislexia. Psikê-R.** Curso Psicologia Centro Universitario FMU, São Paulo, n.6, v.2, p.7-14, 2001
- GIL, Antonio Carlos. Métodos e Técnicas de Pesquisa Social 5. ed. São Paulo:Atlas, 2006.
- Gil AC. Como elaborar projetos e pesquisa. 3a ed. São Paulo: Atlas; 1995.
- LUCZYNSKI, Zeneide Bittencourt. **Dislexia: Você sabe o que é?** Curitiba:____, 2002.
- MATTAR, João e Carlos VALENTE. **Second life e web 2.0 na educação: o potencial revolucionário das novas tecnologias.** São Paulo: Novatec, 2007.
- SANCHEZ, E. **Estratégias de Intervenção nos problemas de leitura** - in COLL, PALACIOS, MARCHESI

(Org). Desenvolvimento Psicológico e Educação. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

SHAYWITZ, S. E., Shaywitz, B. A., et al. **Functional disruption in the organization of the brain for reading in dyslexia.** Proceedings of the National Academy of Science of the United States of America, 1988.

Yin R. Estudo de caso: planejamento e métodos. 2a ed. Porto Alegre: Bookman; 2001.

Zorzi, J.; Ciasca, S. **Análise de erros ortográficos em diferentes problemas de aprendizagem.** São Paulo: Revista CEFAC, 2009.

As metáforas conceituais na imprensa do setor canavieiro no Brasil

Luís Henrique Serra (FFLCH – USP/CNPq)

Introdução:

No Brasil, o setor da cana-de-açúcar conta com inúmeros agrupamentos empresariais (COPERCANA, ÚNICA), que se utiliza de meios de comunicação (revistas, sites e folhetos informativos) para divulgar negócios, resultados e novidades sobre o setor. Tais meios fazem circular uma terminologia específica da face empresarial do universo canavieiro, constituindo uma imprensa especializada. Levando em consideração o material produzido por essa imprensa, este estudo consiste em uma análise das metáforas utilizadas pelo setor; parte-se do pressuposto de que a metáfora é um elemento constantemente utilizado por essa imprensa para explicação de conceitos abstratos, como relações de comércio e delimitação das políticas econômicas e de desenvolvimento do setor.

Objetivos:

Neste estudo, observa-se quais são os tipos de metáforas (ontológicas, espacial, lúdica) utilizadas nos textos informativos dessa imprensa. O estudo também tem como objetivo investigar as metáforas conceituais utilizadas pela imprensa especializada no universo canavieiro do Brasil. Pretende-se, com isso, averiguar qual o papel da metáfora nessa imprensa e como ela é utilizada na adaptação discursiva.

Embasamento teórico:

Lakoff e Johnson, em *Methafor we live by* (2003[1980]), deram uma diferente abordagem sobre a metáfora: os autores saíram de um foco estritamente linguístico ou estilístico, para uma abordagem conceitual. Para eles: (...) most people think they can get along perfectly well without metaphor. We have found, on the contrary, that metaphor is pervasive in everyday life, not just in language but in thought and action. (LACKOFF & JOHSON, 2003, p. 4). Desse modo, eles entendem que a metáfora é um recurso conceitual que rege muitas das nossas atitudes e posições diante do mundo, além de ser um importante recurso para se conceituar a realidade. Segundo eles: “Our ordinary conceptual system, in terms of which we both think and act, is fundamentally metaphorical in nature.” (op. cit). Eles afirmam também que, apesar de sua naturalidade e constância no sistema conceitual, a metáfora não se deixa observar tão facilmente, sendo feito por meio de expressões linguísticas, gestos e rituais. Lackoff e Johnson propõem observar as expressões do dia-a-dia para que se possam notar as metáforas conceituais, ou seja, as expressões que denotam o modo metafórico de conceituar o mundo.

Em Terminologia, a metáfora é um importante recurso para a ‘adaptação’ de conceitos especializados para diferentes públicos; ela é constantemente utilizada na denominação de conceitos abstratos, feito por meio de analogias, além de ser um importante artifício de desambiguação. Segundo Oliveira (2010, p. 205), “En terminologie, la métaphore peut être l’instrument de connaissance, (...)Il faut la purifier de ses elements confus et obscurs: ambiguïtes, approximations, multiplicité de sens, etc. ”. A Terminologia considera a existência de metáforas nos discursos especializados e entende que elas são importantes para a criação de denominações e descrição de conceitos (cf. OLIVEIRA, 2011).

Metodologia:

Os resultados desse estudo advêm de um conjunto de textos retirados de sites e publicações do universo canavieiro, como a *Revista Cana*; *Site da União da indústria de cana-de-açúcar*; *Canarevista*; *Revista Canavieiros*; *Site União dos*

Produtores de Bioenergia – DOP; Secretaria da cana-de-açúcar: Ministério da Agricultura e Abastecimento; todos os textos foram publicados entre os anos 2000 e 2012. Por meio da ferramenta *concordance* do programa *Antconc* foi possível flagrar as expressões metafóricas colocando as palavras *setor* e *setor canavieiro* na chave de busca e, na lista de resultados, foram coletados os contextos onde as expressões metafóricas apareceram.

Resultados:

Metáforas de guerra:

Os resultados demonstram que o setor, conceitualmente, passa por diferentes momentos de guerra e que o mercado é um campo de batalha onde a concorrência é um inimigo quase invencível, conforme denotam as expressões metafóricas que seguem:

Assim, ao mesmo tempo em que se mantém o ritmo acelerado de expansão da frota Flex em nosso país, está em curso a abertura gradual de grandes mercados consumidores do mundo, **após décadas de luta para eliminar comerciais** para o etanol brasileiro. (REVISTA UNICA, 2007);

A confrontação dos preços do biocombustível e do derivado de petróleo perante o consumidor, sem a devida clareza sobre a realidade de cada um, tem contribuído para distorcer análises e opiniões sobre o setor sucroenergético (SITE UNICA, 2011);

Metáfora da viagem:

As expressões metafóricas indicam também que o setor está em constante movimento, deslocando-se no espaço:

O êxito da (empresa) mostra que a meta de toda e qualquer mídia foi alcançada: **chegar a seu público alvo** de forma eficaz, estabelecendo uma relação de credibilidade e identidade de interesses. (Revista CANAVIEIROS, 2011);

Metáforas ontológicas:

A personificação é outro tipo de metáfora bastante observado no *corpus*. O setor, no discurso da imprensa, apresenta características humanas, como manifestações de desejo, criação de planejamentos e impedimento de coisas futuras, além do setor apresentar partes do corpo humano.

(...) Com a medida, **o setor produtivo quer** evitar o fechamento das usinas de pequeno porte (Site CNA).

Chegou aos ouvidos de Dilma e nos do setor, definir linhas de financiamento e fornecedor, (CANAREVISTA, 2011);

Com caixa debilitado, **as empresas colocaram o pé no freio** e os investimentos desapareceram.

Pior: muitos estão revendo suas posições no País. (Site UDOP).

Os resultados demonstrados aqui são só uma parte de um grande número de expressões metafóricas que podem ser flagradas no *corpus*; essas, de qualquer modo, servem para ilustrar os objetivos deste estudo; as expressões encontradas mostram que a metáfora é um recurso utilizado pela imprensa especializada e que determinados tipos de metáforas, como a da guerra, demonstram atitudes e algumas situações costumeiras do setor; o estudo mostrou também que as metáforas servem como uma forma de melhor esclarecer os conceitos abstratos de economia para o público semiespecializado dessa imprensa.

Palavras-chave: Metáfora; Imprensa Especializada; Setor Canavieiro.

Referências bibliográficas:

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *Metaphor we live by*. Chicago: Chicago Press, 2003 [1980].

OLIVEIRA, Isabelle. La métaphore est-elle la marque de l'insuffisance de l'esprit ?. *Filologia e Linguística Portuguesa*, n 12(2), 2010, p. 203-210.

OLIVEIRA, Luciana Pissolato de. Terminologia, metáfora e modelos culturais. *Acta Semiótica e Linguística*. n. 36(2), 2011, p. 97-112.

Estudo da expectativa numa perspectiva cognitiva

Luiz Carlos Cagliari (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP – FCLAR – DL (Campus de Araraquara))

Embasamento teórico:

Nas últimas décadas, com os avanços da biofísica e da neurociência, a linguística se viu envolvida em questões que relacionam a atividade linguística com o funcionamento do cérebro e da mente, criando uma área de biolinguística (ROSA, 2010). Além das contribuições advindas dessa união, outras questões, mais antigas, estão sendo reestudadas, por exemplo, a metáfora e alguns processos de gramaticalização, com noções teóricas que descrevem os mecanismos mentais, como os modelos cognitivos idealizados, esquemas de imagem, *frames*, *blending*, etc. (LAKOFF; JOHNSON, 1980; FILLMORE, 1982; FAUCONNIER, 2002). Também são relevantes as noções de sistema complexo, entropia, categorização, protótipos, que passaram a dominar grande parte das discussões semânticas atuais (FELTES, 2007; FERRARI, 2011).

Objetivos:

O objetivo da comunicação é apresentar alguns resultados dos estudos sobre o que foi definido como expectativa, uma ação mental que comanda grande parte do que é falado. Enquanto não se propõe uma teoria específica sobre o tema, as pesquisas apoiam-se, metodologicamente, em estudos da semântica cognitiva.

Metodologia:

Definida a ideia de expectativa sob investigação, procedeu-se a um levantamento de casos em que a expectativa vem expressa em enunciados do Português. O passo seguinte foi associar as descrições linguísticas aos processos de idealização da mente, dentro de uma perspectiva cognitiva (GEERAERTS; CUYCKENS, 2007; ABREU, 2010). Uma característica essencial é a relação temporal entre a expectativa e a realização de um fato a ela associado. Outra é a participação das pessoas envolvidas direta ou indiretamente. Os introdutores de expectativas na expressão da fala ajudam a caracterizar o fenômeno também na mente.

Exemplos de análise e resultados preliminares:

Embora seja um termo de uso comum, sua realidade semântica é muito complexa e ilustrativa de como a mente e a linguagem funcionam. No uso comum, a ideia de expectativa é usada para explicar desvios de interpretação com relação a fatos reais ou imaginários. Exemplo: “A minha expectativa era que não chovesse durante o churrasco.” Como choveu, a minha previsão não se realizou. Os dois fatos ocorreram no passado. A expectativa pode ser formulada no passado, referindo-se a uma ação no futuro, que ainda não aconteceu: “Eu acho que não vai chover amanhã.” O momento da enunciação, como é um momento fluido, que logo se torna passado, permite criar uma expectativa. Neste caso, a ação referida acontecerá no futuro, com relação ao tempo de enunciação. Uma expectativa é um pensamento que se projeta num futuro. A expectativa mostra que a mente não só guarda lembranças e recordações do passado, mas pode criar uma situação de vida mental num futuro, como se a pessoa vivesse uma espécie de ficção científica com dados de sua memória. Há uma explicação idealista interessante nesse sentido: a realidade se apresenta como lembranças do passado, porque o futuro não aconteceu e o presente é apenas um portal para o passado. O presente está se transformando em passado a todo instante. Quando vamos falar do presente, ele já é passado. Nesse cenário de representações temporais, a expectativa é um esforço para projetar a mente no futuro.

Há várias expressões e palavras que sinalizam a presença de uma expectativa: eu acho que, aposto que, do meu ponto de vista, etc. A expectativa pode ser uma ação do falante ou do interlocutor. A surpresa é uma reação na falta de uma expectativa. Mas, depois que um fato acontece, a surpresa só pode ser explicada através da existência pressuposta de uma expectativa. Há expectativas que são facilmente compartilhadas por grupos de pessoas e expectativas que são elaboradas apenas na mente de indivíduos. Há expectativas que acabam mostrando uma realidade acontecida, como há expectativas que revelam uma frustração do que a pessoa pensava. Há expectativas esperançosas, muitas vezes, fruto da imaginação e, não raramente, de superstição, de credence ou de desejos.

Mente e comunicação linguística: a noção de expectativa tem a ver com o processamento mental. Muito do que se diz, é dito através de expectativas, porque o falante não gostaria de dizer uma verdade diretamente. O ouvinte pode apelar para uma expectativa para se desculpar ou mesmo para recriminar o seu interlocutor. Enfim, a expectativa permeia grande parte do

discurso. Aparece de modo mais saliente na interação linguística, nos diálogos, às vezes de forma velada. Apesar de sua presença na linguagem, ainda é um campo pouco explorado pela semântica.

Palavras-chave: *Mente e Linguagem; Expectativa; Comunicação.*

Referências bibliográficas:

- ABREU, A. S. **Linguística Cognitiva**. São Paulo: Ateliê Editorial. 2010.
- FAUCONNIER, G.; TURNER, M. **The way we think**. New York: Basic Books. 2002.
- FELTES, H. P. M. **Semântica Cognitiva**. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2007.
- FERRARI, L. **Introdução à Linguística Cognitiva**. São Paulo: ed. Contexto. 2011.
- FILLMORE, C. J. Frame semantics. In: Linguistic Society of Korea (eds.). **Linguistics in the Morning Calm**. Seoul: Hanshin. 1982, p. 111-137.
- GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (ed.). **The Handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford: Oxford University Press. 2007.
- LAKOFF, G. JOHNSON, M. **Metaphors we Live by**. Chicago: The University of Chicago Press. 1980.
- ROSA, M. C. **Introdução à (Bio)Linguística**. São Paulo: Ed. Contexto. 2010.

Construções metafóricas convencionais e não convencionais: um estudo com idosos portadores de Alzheimer e idosos não patológicos

Mábia Nunes Toscano (CAPES/UFPB)

Jan Edson Rodrigues Leite (CNPq/UFPB)

Esse trabalho versa sobre a compreensão de inferências a partir de metáforas conceituais convencionais abordadas na perspectiva clássica de Lakoff e Johnson (2002), e de metáforas não convencionais, descritas por Coulson (2009) como estruturas provenientes de expressões já convencionalizadas na língua, a exemplo de “o que cair na rede é peixe” e “saco vazio não fica e pé”. Procurou-se observar as escolhas de sujeitos com Doença de Alzheimer (DA) e idosos não patológicos para a interpretação desses dois tipos de construções metafóricas, através de questionários aplicados utilizando *inputs* linguísticos e auxílios imagéticos. No Brasil, estudos cujo interesse se concentram nas relações entre a linguagem e os déficits cognitivos devido ao Alzheimer já foram empreendidos, podendo-se destacar as contribuições da Neurolinguística Discursiva (Coudry, 1986, 1988, 2001). São representativas desse viés teórico pesquisas como as de Noguchi (1997) e Beilker (2009) que apresentam importantes reflexões sobre a realidade empírica do discurso dos idosos com Alzheimer, levantando questionamentos sobre as avaliações de linguagem correntes como o Mini Exame do Estado Mental e sua eficácia no julgamento da capacidade linguística dos falantes com DA. Estudos anteriores que discutem as relações entre as expressões metafóricas e a doença de Alzheimer já têm mostrado que o declínio cognitivo se reflete em uma deterioração da compreensão de metáforas por portadores de Alzheimer (MAKI, Yorko et al, 2012). Entretanto, Papagno (2001) afirma que esse prejuízo na compreensão de expressões figuradas não aconteceria nos estágios mais iniciais da doença. Utilizando uma outra perspectiva metodológica, fundamentada na pesquisa etnográfica, Morato (2008) defende que os sujeitos com Alzheimer e afásicos, do mesmo modo que os sujeitos não patológicos, realizam um “cálculo metafórico” na compreensão dessas estruturas. A autora demonstra, a partir da transcrição de diálogos com os informantes da pesquisa, que o significado pode ser construído na interação, mesmo que isso ocorra de modo menos automático em relação ao que acontece nos discursos com indivíduos não patológicos. Diante do exposto e considerando as orientações teóricas assumidas aqui e elucidadas acima (LAKOFF; JOHNSON 2002/COULSON, 2009), pretendemos observar a compreensão de metáforas conceituais e expressões metafóricas em dois sujeitos com Alzheimer e de dois indivíduos idosos não patológicos. As estruturas metafóricas são analisadas de acordo com a abordagem da Teoria da Integração Conceitual (FAUCONNIER; TURNER, 2002) que entende as inferências provenientes desse tipo de construção linguística como emergentes de uma rede de integração conceitual que culmina na formulação de um novo significado. Este novo significado, apesar de ancorado nos diferentes elementos envolvidos no processo de integração, não se refere a uma soma dos mesmos, mas configura uma nova conceptualização. Partiremos da observação das respostas dos sujeitos de pesquisa a dois questionários que requeriam a compreensão de frases veiculadoras das instanciações metafóricas. Um dos questionários

apresentava um estímulo linguístico que se seguia de três opções de interpretação, sendo uma a interpretação metafórica esperada, uma outra interpretação literal e uma terceira possibilidade que não era compatível com uma leitura possível para o estímulo oferecido. O segundo questionário possuía a mesma organização, porém a exposição do estímulo linguístico era precedida por uma imagem cujo conteúdo se relacionava com a sentença que seria introduzida na sequência. O questionário foi elaborado no *software Qualtrics* e aplicado em um aparelho de *Ipad*. Os participantes se familiarizam com o toque na tela e com o manuseio do *Ipad*. Após esse primeiro contato, começamos a apresentar a tarefa que eles realizaram no *Qualtrics*. Na primeira tela do *Qualtrics* havia um pequeno texto explicando o que os participantes deveriam fazer, é importante ressaltar que os estímulos linguísticos/visuais e as alternativas de resposta foram randomizadas pelo *software* utilizado. Os indivíduos foram apresentados a um dos estímulos, após a leitura eles passavam para a próxima tela onde encontrariam as frases de avaliação da compreensão. O sujeito marcava a alternativa que considerava mais adequada à interpretação da primeira frase apresentada e em seguida passava para a tela seguinte onde lia mais uma sentença e recomeçava o processo. Os participantes realizavam três treinos antes de executar o teste propriamente dito. No caso do segundo questionário, o procedimento era o mesmo, incluindo apenas uma imagem antes da apresentação do estímulo linguístico. Sendo o presente trabalho um recorte de uma pesquisa maior, no teste aplicado, os participantes contavam com três tipos de estímulos, sendo os dois tipos metafóricos já mencionados e um estímulo considerado mais literal. Para este momento, decidimos nos debruçar apenas sobre as respostas para as estruturas metafóricas. Inicialmente podemos reportar que os sujeitos com Alzheimer apresentam um pouco mais de dificuldade em relacionar os estímulos linguísticos metafóricos às frases de avaliação da compreensão. Eles têm uma frequência de erros nessas associações maior do que os sujeitos sem Doença de Alzheimer, quando são introduzidas as imagens essa diferença não foi tão grande. Esses resultados chamam atenção para uma interpretação individual das associações realizadas pelos quatro participantes e uma análise de cada condição considerada neste estudo (metáforas convencionais e não convencionais). Por fim, um outro aspecto importante a ser discutido sobre a aplicação desses questionários está na interação com os sujeitos de pesquisa durante a aplicação e de que modo isso pode influenciar na precisão dos resultados. Os indivíduos idosos, principalmente os sujeitos com Alzheimer, requerem um maior auxílio na execução dessas tarefas, o que inclui uma interação com o aplicador do teste que não é ideal para uma proposta de pesquisa experimental, entretanto, essa interação acaba por fornecer ferramentas interessantes para a interpretação qualitativa das respostas e avaliação dos casos de modo individual.

Palavras-chave: Metáforas; Compreensão; Alzheimer.

Referências bibliográficas:

- BEILKER, Hudson Marcel Bracher. **Linguagem e memória na doença de Alzheimer: contribuições da neurolinguística para a avaliação de linguagem**. Dissertação: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), 2009.
- COUDRY, M.I.H. **O Diário de Narciso**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1986/1988/2001.
- COULSON, Seana. Metaphors and Conceptual Blending. **Concise Encyclopedia of Pragmatics**, Oxford: Elsevier, 2009.
- FAUCONNIER, Gilles; TURNER, Mark. **The way we think**. New York: Basic Books, 2002.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metáforas da vida cotidiana**. Trad: Mara Sophia Zanotto. São Paulo: Mercado das Letras, 2002.
- NOGUCHI, Milika Satake. **A Linguagem na Doença de Alzheimer: reflexões sobre um modelo de funcionamento linguístico-cognitivo**. Dissertação: Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)
- MAKI, Yohko, et al. Communicative Competence in Alzheimer's Disease: Metaphor and Sarcasm Comprehension. **American Journal of Alzheimer's Disease & Other Dementias**®, v. 28, n. 1, pgs. 69-74, 2012.
- MORATO, Edwiges. O caráter sócio-cognitivo da metafóricidade: contribuições do estudo do tratamento de expressões formulaicas por pessoas com afasia e com Doença de Alzheimer. **Revista Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 16, n. 1, pgs. 157-177, jan./jun. 2008.
- PAPAGNO, Costanza. Comprehension of metaphors and idioms in patients with Alzheimer's disease: a longitudinal study. **American Journal of Alzheimer's Disease & Other Dementias**®, v.28, n.1, pgs. 69-74, 2001.

Can deaf people understand primary metaphors?

Maity Siqueira (UFRGS)

Daniela Marques (UFRGS/Hospital de Clínicas de Porto Alegre)

Metaphor is an ordinary phenomenon in everyday language and the non-comprehension and non-production of metaphoric linguistic expressions may be an obstacle to communication. This research intends to fill the gap in studies on oral language comprehension by deaf people, as well as in researches on metaphor. In this study we investigate primary metaphor comprehension in deaf subjects that are able to speak (experimental group) and compare their performance with a group of hearing subjects (control group) at different ages.

In light of the Conceptual Metaphor Theory (Lakoff and Johnson, 1980) and the Primary Metaphors Theory (Grady, 1997), we developed a verbal and a non verbal comprehension instrument with the following primary metaphors (adapted from Siqueira and Gibbs, 2007): HAPPINESS IS UP, INTENSITY OF EMOTION IS HEAT, GOOD IS BRIGHT, DIFFICULTY IS HEAVINESS, EMOTIONAL INTIMACY IS PROXIMITY, and IMPORTANCE IS SIZE. All the linguistic instantiations derived from those conceptual metaphors are highly frequent in Brazilian Portuguese. Tasks were individually applied to two groups (experimental and control) in a single session. The experimental group was formed by 50 Brazilian Portuguese monolingual children, teenagers and adults with different levels of hearing impairment and no comorbidity. All the subjects of the first group were cochlear implant or hearing aid users, selected from a hospital's otorhinolaryngology service. The control group was formed by 90 Brazilian Portuguese monolingual participants, selected by convenience, matching the age and scholarship of the research group.

We hypothesize that the comprehension of linguistic metaphors, potentially universal, derived from primary mappings (e.g. The test was heavy!) depends less on auditory input and contextual information, and are more determined by embodied experiences. The mapping between the conceptual domains DIFFICULTY (target) and WEIGHT (source), for instance, originates from situations such as trying to carry heavy loads. That provokes a feeling of difficulty, because of physical effort one must exert.

Literature on that theme suggests a general difficulty concerning acquisition of pragmatic competence and skills by deaf people. We emphasize that these capacities should not be treated as being all the same, for different pragmatics phenomena require different inferential processes. Primary metaphors, for instance, are not highly dependent on contextual clues as compared to idioms.

Results have shown a good performance for both groups in the nonverbal task and a poorer performance in the verbal task for participants at all ages in the hearing impaired group. That points to the idea that despite their capacity to form metaphorical mappings, people with hearing impairment have difficulty understanding linguistic metaphorical instantiations. That may be due to the fact that even though the comprehension of primary metaphors happens primarily through embodiment, its comprehension is made stronger by hearing input. That is to say, experience helps to organize language, but language also helps to organize the conceptualization of a number of experiences shared by people.²

Key words: Figurative Language, Primary Metaphor, Deafness

References:

- GRADY, J. Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes. Unpublished dissertation. University of California, Berkeley, 1997.
- LAKOFF, G., JOHNSON. Metaphors we live by. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- SIQUEIRA, M. S. G. ; GIBBS, R. . Children's Acquisition of Primary Metaphors: a crosslinguistic study. Organon (UFRGS) , v. 21, p. 161-179, 2007.

Processos de referência em Redações Científicas: uma abordagem sociocognitivo-interacionista

Marcela de Almeida Moschem (Unicamp/IEL)

O objetivo deste trabalho é propor uma discussão acerca de processos referenciais em redações científicas (curso de extensão: Redação Científica, IEL: UNICAMP) a partir de uma abordagem sociocognitivo-interacionista. O intuito é investi-

gar de que forma a referenciação, bem como a progressão referencial, que consistem na construção e reconstrução de objetos de discurso se processam na elaboração desses textos científicos. Para essa abordagem, parte-se do pressuposto de que a referenciação é uma atividade discursiva (Koch, 1999, Koch & Marcuschi, 2002).

Além disso, procura-se descrever o princípio da mente corporificada, ou seja, o processo pelo qual o corpo e a mente constroem conjuntamente a razão, partindo do pressuposto de que a razão humana está inerentemente em conexão com nossos corpos. De acordo com Lakoff e Johnson (1999), isso acontece por meio de conceitos corporificados, ou seja, fazemos uso, inconscientemente, de nosso sistema perceptual e motor para desenvolver tais conceitos, criando, desse modo, um elo de ligação entre nossos corpos, cérebros e interações com o ambiente. Dessa forma, utilizamos essa tríplice dinâmica para obter sentido do que é real, pois só sentimos o mundo como realidade palpável por meio da interação dos nossos corpos com o espaço no qual estamos inseridos, e no qual estão inseridos os objetos e outros seres que enxergamos e com que temos contato. Os conceitos experienciados pelos nossos corpos tornam-se, por sua vez, racionalizados por essa percepção sensorial e corpórea do real, com seus aspectos sociais, culturais e interacionais. Dessa forma, depreende-se que grande parte dos fenômenos cognitivos ocorrem na sociedade e não apenas nos indivíduos. A cognição constitui, dessa forma, um fenômeno situado.

Por sua vez, os objetos de discurso são construídos sócio-cognitivamente no interior da interação, e o texto, de acordo com Koch (2005), constitui o próprio lugar da interação verbal. O enfoque é investigar fenômenos de categorização e recategorização referencial no processo da manutenção da identidade dos referentes textuais que, de acordo com Koch (2009), ocorre por meio de um processo de ativação e reativação de referentes na progressão referencial, em que elementos textuais já existentes podem ser constantemente modificados ou expandidos. Dessa forma, pode-se depreender que a complexa atividade de produção textual envolve a constante categorização e recategorização dos referentes e esse processo não ocorre de forma linear, pois a identidade referencial pode ser ativada, reativada, de forma retrospectiva, mantendo-se sempre na memória discursiva de curto prazo. Além disso, pelos processos de recategorização, é mantida uma continuidade referencial no texto, embora essa relação não tenha que ser necessariamente de identidade material (co-referencial), pois há casos em que a remissão referencial ocorre numa relação de associação ancorada em elementos do co-texto e não, exatamente, materializados em expressões linguísticas, mas inferíveis de um contexto semântico e ou conceitual, Marcuschi (2012). Trata-se, portanto, de trabalhar com questões de processos referenciais (categorização e recategorização), abordados em relação a aspectos de natureza sociocognitivo-interacionista na elaboração de construção de referentes (objetos de discurso) envolvendo expressões nominais. Assim, o intuito é trabalhar com os textos de forma pormenorizada, com questões de natureza textual, levantando e fazendo uma tipologia dessas questões, de acordo com o referencial teórico da Linguística Textual de perspectiva sociocognitivo-interacionista, com a finalidade de, a partir de uma sistematização de questões levantadas, propor atividades de reflexão.

Palavras-chave: Referenciação; Progressão Referencial; Redação Científica.

Referências bibliográficas:

- CAVALCANTE, M. M. & RODRIGUES, B. B. e CIULLA, A. (Orgs). *Referenciação*. São Paulo: Contexto, 2003.
- CAVALCANTE, M. M. e LIMA, S. M. C. de (Orgs.) *Referenciação: teoria e prática*. São Paulo: Cortez Editora, 2013.
- KOCH, I. G. V. *Argumentação e linguagem*. São Paulo: Cortez Editora, 1987.
- _____. *A coesão textual*. São Paulo: Contexto, 1989.
- _____. *A interação pela linguagem*. São Paulo: Contexto, 1992
- _____. *O texto e a construção dos sentidos*. São Paulo: Contexto, 1997.
- _____. A Construção Sociocognitiva da Referência. In: NAME, M. C. & MIRANDA, N. S. (Orgs.) *Linguística e Cognição*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2005.
- _____. *Desvendando os segredos do texto*. 6ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2009.
- KOCH, I.G.V.; MORATO, E. M. & BENTES, A. C. (Orgs.) *Referenciação e discurso*. São Paulo: Contexto, 2005.
- LAKOFF, G. *Women, fire, and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1990.
- LAKOFF, G. & JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*. New York: Basic Books, 1999.

MARCUSCHI & KOCH. Estratégias de referenciação e progressão referencial na língua falada. In: ABAURRE, M. B. & RODRIGUES, A.C.S. *Gramática do Português Falado*. vol. VIII, Ed. Da UNICAMP/FAPESP, pp. 31-58, 2002.

MARCUSCHI, L. A. “Anáfora indireta: o barco textual e suas âncoras”. In: *Referenciação e Discurso*. KOCH, I. V., MORATO, E. M. & BENTES, A. C. (orgs.) São Paulo: Contexto, 2012, pp. 53-101.

VARELA, F; E. Thompson & E. Rosch. *The embodied mind*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1992.

Esquematicidade das orações encaixadas subjetivas em processo de gramaticalização

Marcela Zambolim de Moura (UFJF)

Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda (UFJF)

O presente trabalho faz parte de uma pesquisa de doutorado em fase inicial que tem como objeto de estudo as orações encaixadas subjetivas. Acreditamos que essas orações teriam passado por um processo de mudança semântico-pragmática e sintática, desenvolvendo graus de encaixamento, na expressão da atitude do sujeito, que estariam vinculados a padrões construcionais específicos. Para essa análise, assumimos como perspectiva teórica a abordagem construcional da gramaticalização, apresentada nos trabalhos de Traugott (2003, 2008a, 2008b, 2009, 2011) e Traugott e Trousdale (2013), que propõe a sistematização das construções em análise em uma rede, cujos níveis são compostos: por padrões que apresentam especificidades, configurando as microconstruções; por padrões que apresentam semelhanças sintático-semânticas, configurando as mesoconstruções; e por esquemas abstratos, generalizados e universais, que são definidos pela estrutura e função, os quais se intitulam macroconstruções. Através da identificação dessas construções individuais, objetiva-se obter indícios de um sistema hierárquico, com diferentes níveis de esquematicidade: os resultados mostraram, até o momento, que o esquema construcional [verbo *ser* + predicativo], que expressa a atitude do falante, configura a macroconstrução; a instanciação das modalidades deontica e epistêmica e da avaliação, que ocorrem, respectivamente, em contextos de relato e de argumentação, configura as mesoconstruções; e os padrões construcionais específicos na expressão de necessidade e obrigação, que são instanciados por agentes diferentes – asseveração e relatividade, afetividade, apreciação e julgamento – configuram as microconstruções. Partimos do pressuposto de que a gramaticalização das orações encaixadas subjetivas consiste na emergência de construções gramaticalmente identificáveis que, no caso, indexam na expressão da atitude do falante. Assim sendo, realizamos uma análise pancrônica, considerando a distribuição do nosso objeto desde o século XIII até o português contemporâneo, utilizando os seguintes *corpora*: o *corpus* do “Projeto Mineirês: a construção de um dialeto”, o *corpus* do projeto “PEUL – Programa de Estudos sobre o Uso da Língua”, o *corpus* do “NURC/RJ – Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro”, o *corpus* do projeto “CIPM – Corpus Informatizado do Português Medieval” e o *corpus* do projeto “Tycho Brahe”. A pesquisa de doutorado, a partir de um olhar quantitativo e qualitativo, pretende responder ainda a lacunas do trabalho de mestrado. Moura (2009) analisa a ligação entre orações matrizes do tipo [verbo *ser* + predicativo] e suas encaixadas subjetivas na escrita mineira a partir do uso do português brasileiro contemporâneo em uma análise sincrônica. Os dados mostraram que algumas encaixadas subjetivas estão a caminho de uma independência sintática, visto que suas matrizes estão funcionando como *quase-satélites*. Propôs-se uma escala semântica que hierarquiza os usos das matrizes em relação ao grau de encaixamento: modalidade deontica > avaliação > modalidade epistêmica. O cline, da esquerda para direita, apresenta orações menos encaixadas a mais encaixadas. Nesse sentido, na pesquisa de doutorado, pretende-se também responder: (i) a partir de uma análise diacrônica, as características morfossintáticas e funcionais seriam as mesmas encontradas na análise sincrônica das orações encaixadas subjetivas?; (ii) existe um alinhamento forma/sentido, a partir da observação diacrônica, que comprove a desvinculação sintático-semântica encontrada em dados sincrônicos?; (iii) quais construções são similares e quais construções inovam a esquematicidade das orações?

Palavras-chave: Gramaticalização; Abordagem Construcional; Orações Encaixadas Subjetivas.

Referências bibliográficas:

MOURA, M. Z. *Orações matrizes [verbo ser + predicativo]: predicados que expressam a atitude do falante*. Dissertação de mestrado. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2009.

TRAUGOTT, E. C. _____. Constructions in grammaticalization. In: JOSEPH, B. D.; JANDA, R. D. (eds.). *The handbook of historical linguistics*. Oxford: Blackwell, 2003.

_____. Grammaticalization, constructions and the incremental development of language: suggestions from the development of degree modifiers in English. In: ECKARDT, R.; JÄGER, G.; VEENSTRA, T. V. (eds.). *Variation, Selection, Development: Probing the Evolutionary Model of Language Change*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2008a.

_____. All that he endeavoured to prove was...: on the emergence of grammatical constructions in dialogic contexts. In: COOPER, R. & KEMPSON, R. (eds.) *Language in flux: dialogue coordination, language variation, change and evolution*. London: Kings College Publications, 2008b.

_____. Grammaticalization and Construction Grammar. In: CASTILHO, A. T. (org.). *História do Português Paulista*. vol.1. Campinas: Unicamp/Publicações IEL, 2009.

_____. Toward a coherent account of grammatical constructionalization, Slightly revised version of powerpoint presentation at Societas Linguistica Europea (SLE) 44, Spain, September 8th-11th, 2011c.

_____.; TROUSDALE, G. *Constructionalization and Constructional Changes*. Oxford: Oxford University Press, 2013.

O papel funcional-discursivo das correlativas adversativas: um exercício cognitivo

Marcello Ribeiro (UNINOVE)

Esta pesquisa dedica-se ao estudo do processo de correlação e, como consequência, descreve o comportamento linguístico-discursivo, por padrão, dos pares correlativos adversativos, especificamente, que integram um conjunto das porções correlatas empregadas em redações vestibulares, momento em que a pressão pela normatividade é bem grande, mas escreventes habilidosos se utilizam dos pares que fogem ao que se espera e surpreendem o leitor com escolhas criativas, porém não rompem com o processamento cognitivo esperado.

Como questões relativas à escolarização, as etapas do desenvolvimento cognitivo e o processo de mudança gramatical estão nesta pesquisa altamente imbricados, por conta disso, considerou-se constitutiva uma amostra com textos produzidos em situações de alta pressão pela normatividade. São redações do banco de dados elaboradas por candidatos da Fuvest (Fundação para o Vestibular de São Paulo), de sete vestibulares distintos, no período de 2004 a 2010 (as 100 melhores e as 100 piores redações de cada exame).

Fundamentamos teoricamente esta pesquisa nos estudos sobre cognição, a partir de Tomasello (2003), Givón (2011), sobre gramaticalização Bybee (2003), Traugott e Dasher (2005), sobre correlações Oiticica (1952), sobre construções, Goldberg (1995), Croft (2001) e sobre a evolução dos estágios da mente humana, com Damásio (2009).

O material analisado teve tratamento quantitativo e qualitativo em que se chegou à determinação de que pares correlativos assumem papéis e funções em decorrência das intenções discursivo-pragmáticas dos autores, que buscam em estágios da mente e os recursos linguísticos e imagéticos para fundamentarem sua argumentação.

Apresentaremos pares correlatos adversativos que apresentaram como natureza do padrão como natureza do padrão a seguinte fórmula: preservação da face (doravante PF) + justificativa. São eles: “não... mas”, “não... mas sim”, “não que... porém”, “não que... mas”, “não é que... mas que”, “é claro que... mas”.

O estudo do comportamento desses pares foi realizado levando-se em conta etimologia, estatuto categorial nos dicionários e uma análise sincrônica para estabelecer padrões funcionais e valores semânticos. Foi possível, assim, constatar que os pares correlativos encontram-se em vários níveis de gramaticalização, a depender da categoria analisada, em que estão diretamente ligados a um jogo estratégico funcional-cognitivo.

Palavras-chave: Gramaticalização; Correlação; Cognição.

Referências bibliográficas:

BYBEE, J. *Cognitive processes in grammaticalization*. In: TOMASELLO, M. M. (ed.). **The new psychology of language**. V. 2. New Jersey: Lawrence Erlbaum, 2003.

CROFT, W. *Radical Construction grammar; syntactic theory in typological perspective*. Oxford: Oxford University Press, 2001.

DAMASIO, A. K. *E o cérebro criou o homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. (Tradução: Laura Teixeira Motta)

GIVÓN, T. **Compreendendo a Gramática**. Tradução de: Maria Angélica Furtado da Cunha. Natal: Edufrn, 2011.

GOLDBERG, A. E. **A construction grammar approach h to argument structure**. Chicago/London: The University of Chicago Press, 1995.

- OITICICA, J. **Teoria da Correlação**. Rio de Janeiro: Organizações Simões, 1952.
- TRAUGOTT, E.C.; DASHER, R. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005
- VOTRE, S. J.; CEZARIO, M. M.; MARTELOTTA, M. **Gramaticalização**. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras/UFRJ, 2004.
- WALLACE, L. *On the bases of conservation*. In: ELKIND, D.; FLAVELL, J. (eds) **Studies in cognitive Development**. Oxford: Oxford University Press, 1969.
- WHITAKER, H.; WHITAKER, H. A. (ed). **Studies in Neurolinguistics**, v. 3 New York: Academic Press, 1978.

Construções com verbo suporte: graus de lexicalização

Marcia dos Santos Machado Vieira (UFRJ)

Submete-se uma proposta de comunicação que visa a expor resultados de pesquisas do Projeto PREDICAR (Formação e expressão de predicados complexos: gramaticalidade e lexicalização) sobre aspectos relativos à configuração e ao funcionamento de predicadores complexos com verbos suportes que se encontram num *continuum* de lexicalização. Tais resultados advêm de análises funcionalistas de “corpora” que documentam o comportamento linguístico de usuários do Português e de materiais que registram percepções de brasileiros em relação a esses predicadores.

Analisa-se instâncias de construções com verbo suporte encontradas em textos brasileiros orais e escritos, com o objetivo de: (i) distinguir construções gramaticais com verbo suporte de construções (semi)lexicalizadas; (ii) descrever as características deste tipo de construção que podem implicar sua (semi)lexicalização; (iii) categorizar as construções do *corpus* por níveis de lexicalização. Recorre-se à pesquisa de percepções linguísticas para explorar aspectos relativos à funcionalidade desses predicadores complexos em diferentes modalidades expressivas e/ou espaços sociocomunicativos, bem como aspectos relacionados à configuração semântica e/ou morfossintática desses predicadores ou das construções de estrutura argumental com que se compatibilizam.

Com o direcionamento dos interesses de estudos linguísticos realizados consoante orientações da Gramática Construcional também para o que é periférico, como, por exemplo, os idiomatismos, tem-se observado que qualquer construção com verbo suporte acaba sendo referida como expressão idiomática. Porém, supõe-se que nem toda construção com verbo-suporte se envolve no processo de lexicalização, ainda que advenha de um processo regular na língua que pressupõe gramaticalização. E, mesmo no caso daquelas que se envolvem no processo de lexicalização, localizam-se em graus diferentes desse processo.

Em linhas gerais, entende-se, consoante ESTEVES (2012:40), que uma construção idiomática constitui uma expressão formada, a partir de uma necessidade discursiva, por duas ou mais palavras que contêm algum grau de congelamento semântico, gerando um sentido global idiossincrático. Apresenta caráter idiomático por sua produção ser influenciada por metáforas construídas culturalmente pelos usuários da língua. Devido à frequência de ocorrência, cristaliza-se sintática e semanticamente. O grau de congelamento semântico e a cristalização da expressão colaboram para que se torne uma nova unidade lexical utilizada relativamente com a mesma configuração, ou seja, para que passe pelo processo de lexicalização. Afinal, constitui uma expressão que revela idiomaticidade sintática, semântica e de frequência. Reconhece-se, então, uma expressão idiomática no emprego de uma construção sintática ou uma palavra como uma nova forma, com propriedades formais e semânticas que não são completamente derivadas ou previsíveis pelos constituintes das construções (...). (BRINTON e TRAUGOTT, 2005:96).

A pesquisa sobre a lexicalização de construções com verbo suporte no Projeto PREDICAR, que, mais recentemente, também tem como referência TRAUGOTT & TROUDALE (2013), tem colaborado para que se elucidem questões relativas a condições de reconhecimento de formas verbais acompanhadas de elementos não-verbais como predicadores complexos e ao estatuto de certas instâncias desses predicadores no “continuum” de lexicalização. Depreende-se, por exemplo, que, na avaliação de parâmetros de lexicalização de expressões, é preciso considerar que alguns parâmetros influenciam mais decisivamente a leitura lexicalizada do que outros. Detecta-se uma espécie de hierarquia entre eles. Entre os que mais interferem, está, sem dúvida, o parâmetro grau de congelamento semântico. Não é à toa que tantas descrições, ainda que incipientes, sobre o tema da lexicalização partem exatamente do aspecto da significação das expressões.

Palavras-chave: Lexicalização; Verbo Suporte; Uso e Percepção.

Referências bibliográficas:

- BRINTON, Laurel J. & TRAUGOTT, Elizabeth C. *Lexicalization and language change*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.
- ESTEVEES, Giselle A. T. A lexicalização de expressões DAR/FAZER + SN: *fiz sacrifício, dei conta*. Rio de Janeiro: UFRJ/FL, 2012. Tese de Doutorado.
- TRAUGOTT, Elizabeth Closs. & TROUSDALE, Graeme. *Constructionalization and Construction changes*. Great Britain: Oxford University Press, 2013. pp. 149-194.

An empirical-experimental study of problem solving in the translation of linguistic metaphors from Chinese into Portuguese

Márcia Schmaltz (University of Macau)

In the area of Translation Studies (TS), metaphor has been largely discussed from a normative view in relation to the procedures of translation (*cf.* Nida 1964, Newmark 1988, among others). This perspective is based on the understanding of the metaphor as a figurative language or linguistic expression in a source-language, which is replaceable by another equivalent expression in the target-language. It was only at the end of the 1990s that an approach with a cognitive basis gained strength, viewing metaphor as the understanding of a domain of experience in terms of another (Lakoff, Johnson 1980: 5). This cognitive approach has contributed new insights in the field of Translation Process-oriented Studies (TPS) (*cf.* Tirkkonen-Condit 2001, 2002, 2005, Rydning, Lachaud 2011, Sjørup 2013, among others).

The present empirical-experimental study investigates recursion and gaze patterns in the problem-solving process guiding decision-making in the translation of linguistic metaphors in a journalistic text by twelve professional translators from Chinese into Portuguese. For this, I analyzed the intermediary decisions for the translations of the linguistic metaphors in a text extracted from a weekly magazine with wide circulation in Greater China. The Metaphor Identification Procedure (Pragglejaz 2007, Steen et al. 2010) was used in order to discern seven linguistic metaphors of the source text. The tools for the collection of the data were retrospective verbal protocols, and the Translog-II program (Carl 2012a), which logs keystrokes, mouse, and eye movements connected to a Tobii-T120 eye-tracker. Additionally, questionnaires were applied. For the quantitative analysis, a linear mixed-effects regression model (LMER) was applied to the data set to indirectly measure cognitive effort for linguistic metaphor translation. The dependent variables were total fixation times, total fixation number, first-pass fixation time for the comprehension, and duration for the production. The controversial predictors were metaphor type, and translation strategy. For the qualitative analysis, retrospective protocols were analyzed for subjects' verbalization of problem solving decisions regarding the linguistic metaphor under study. For the analysis and discussion, I triangulated the quantitative and qualitative data (Alves 2003), whereby parameters are proposed in order to enable the measurement of the problem solving process for the translation of linguistic metaphors. The outcomes of this study demonstrate that the predictor translation strategy has significance ($p < 0.05$) for the production time, which was confirmed by the retrospective protocol. This study is intended to contribute to the methodology Chinese-Portuguese Translation Process Research, as well as to a deeper understanding of the complexity of cognitive processes underlying the translation of metaphors from Chinese into Portuguese, which is anticipated to contribute significantly to the teaching of metaphor translation.

Key-words: Linguistic Metaphor, Chinese and Portuguese Translation, Translation Process Studies.

References:

- Alves, F. (ed.) (2003) *Triangulating translation: perspectives in process-oriented research*. Amsterdam: John Benjamins.
- Carl, M. (2012a) "Translog-II: a program for Recording User Activity Data for Empirical Reading and Writing Research", in *Proceedings of the Eighth International Conference on Language Resource and Evaluation*. Istanbul 21-27 May 2012, Istanbul: European Language Resources Association, 4108-4112.
- Lakoff, G., Johnson, M. (1980) *Metaphors We Live By*. Chicago: University of Chicago Press.
- Newmark, P. (1981) *Approaches to Translation*. Oxford: Pergamon.

- Nida, E. A. (1964) *Towards a science of translating*. Leiden: Brill.
- Pragglejaz Group (2007) “MIP: A Method for identifying metaphorically used word in discourse”, in *Metaphor and Symbol* 22 (1), 1-39.
- Rydning, A.F., Lachaud, C. (2011) Are Primary Conceptual Metaphors Easier to Understand than Complex Conceptual Metaphors? In Alvstad, C., Hild, A., Tiselius, E. (eds.) *Methods and Strategies of Process Research. Integrative approaches in Translation Studies*. (pp.169-186) Amsterdam: John Benjamins.
- Sjørup, A. (2013) *Cognitive effort in metaphor translation: An eye-tracking and keylogging study*. Copenhagen: Copenhagen Business School, 246p.
- Steen, G. J., Dorts, A., Herrmann, B., Kaal, A., Krennmayr, T., Pasma, T. (2010b) *A Method for Linguistic Metaphor Identification*. Amsterdam: John Benjamins.
- Tirkkonen-Condit, S. (2005) “The Monitor Model Revisited: Evidence from Process Research”, in *Meta* 50(2), 405-414.
- _____ (2002b) “Metaphoric expressions in translations processes”, in *Across Languages and Cultures* 3 (1), 101-116.
- _____ (2001) Uncertainty in translation process. Tirkkonen-Condit, S. e Jääskeläinen, R. (eds.) *Tapping and Mapping the Processes of Translation and Interpreting*. (pp. 123-142). Amsterdam: John Benjamins.

A metáfora da fôrma

Marcos Gonzalez (Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro)

É reconhecida pela literatura a polissemia de *informar*, verbo que é produtivo desde os sentidos mais biossociais ou “concretos”, tais como “dar forma” ou “modelar”, aos mais sociais ou “abstratos”, como “ensinar” ou “dar informação”, além de, intermediariamente, um sentido arcaico de “instrução (a processos)”. Tal fenômeno ainda carece de uma explicação satisfatória, sendo este o objeto deste artigo: o que há em comum entre um molde e uma notícia que justifique uma mesma palavra para expressar ambos? Amparando-nos em algumas teorias da linguística cognitiva, nossa hipótese é que a polissemia de *informar* se explica por meio de um mapeamento que, por analogia, é reconhecível em outros verbos (*exprimere, mittere*).

Capurro e Hjørland (2007) observaram uma separação fundamental entre as diversas acepções acima, supostamente uma distinção entre uma “informação” concebida subjetivamente e uma vista como coisa ou objeto (como em “dar informação”): segundo esses autores, essa noção “parece ter perdido sua conexão com o mundo humano, e passou a ser aplicada, através de uma *metáfora mais ou menos adequada*, para todo tipo de processo por meio do qual algo está sendo mudado ou in-formado” (grifo nosso). Tomamos as palavras de Capurro e Hjørland para mostrar, neste artigo, que, em termos cognitivos, *molde* e *notícia* são componentes de uma metáfora conceptual complexa, a “metáfora do canal” (REDDY, 1979) que, no âmbito da Teoria da Metáfora Conceptual (TMC), estaria na base do desenvolvimento semântico metafórico de muitas polissemias modernas.

Apontamos uma divergência entre dois verbos do latim – o *informare* “dar forma” do latim clássico e o *efformare* “pôr na fôrma” do latim técnico/vulgar, a fim de advogarmos que o segundo é licenciado tanto pela metáfora SUBSTÂNCIA ENTRA DENTRO DO RECIPIENTE (de Lakoff e Johnson) como por uma categoria sugerida por Reddy, segundo a qual “na fala e na escrita, as pessoas inserem seus Membros de Repertório em sinais”. Neste trabalho, agrupamos essas metáforas que envolvem um “conceito de continência” sob o rótulo de “metáfora da fôrma”.

Na perspectiva da metáfora do canal, *efformare* era compreendido, na “cultura vulgar”, tanto como “meter na fôrma” quanto como “submeter informações a gêneros”, graças a um mapeamento convencionalmente estabelecido envolvendo conceitos como *força, continência e transferência*. Motivados por histórias como a de *Juno moneta*, os usuários do latim vulgar teriam então desenvolvido um mapeamento metafórico entre os domínios representados por forças como *cunhar/espriemer/meter/enformar* “pôr na fôrma” e “verbos de transferência” como *avisar/exprimir/enviar/informar* “dar informação”.

De fato, Semino (2005) encontrou no discurso sobre a atividade de comunicação um domínio-fonte CONSTRUÇÃO FÍSICA (de OBJETOS) que estrutura a produção de enunciados e os atos de fala, citando como exemplo, “fazer um comentário”. Grady já havia observado que, ao contrário da noção de *transferência*, a “imagem de continência” é independente “de qualquer noção de um agente que deve ter inserido o conteúdo dentro do recipiente”. Assim também nos parece: colocar MRs

dentro de palavras é torná-los públicas, em um “espaço das ideias” externo, onde eles são “reificados”. Reddy descreve, então, o impacto social dessa “mitologia objetivista” (LAKOFF; JOHNSON, 2002 [1980]): se os MRs estão dentro de palavras, então eles estão dentro das páginas de um livro, já que as palavras estão claramente sobre as páginas. Mas os livros estão “nas bibliotecas” etc. O efeito disso, entre outros, é que “sugere que as bibliotecas são um repositório de nossa cultura”.

Palavras-chave: História da informação; Polissemia; Metáfora do Canal.

Referências bibliográficas:

CAPURRO, R.; HJØRLAND, B. O conceito de informação. *Perspectivas em Ciências da Informação*, v.12, n.1, p.148-207, 2007.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metáforas da vida cotidiana: As faces da Linguística aplicada*. Campinas/São Paulo: EDUC/Mercado de Letras. 2002 [1980].

REDDY, M. The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language. In: ORTONY, A. (Ed.). *Metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press. 1979. p.284-324.

SEMINO, E. The metaphorical construction of complex domains: the case of speech activity in english. *Metaphor and Symbol*, v.20, n.1, p.35-70, 2005.

Contribuições da consciência metatextual para o letramento linguístico

Marcus Vinicius Brotto de Almeida (IFRJ / UFRJ)

Exames nacionais e internacionais têm frequentemente atestado a incapacidade de um grande contingente de estudantes brasileiros de compreender ou produzir textos escritos simples. A leitura de composições de alunos do Ensino Médio normalmente revela a produção de textos escritos fortemente influenciados pela oralidade. Tal falha decorre do fato de os redatores imaturos transferirem, para a comunicação por meio de textos escritos, os comportamentos cognitivos similares aos que executam durante as interações orais. Trata-se, portanto, de um problema relacionado a um letramento insuficiente. Mesmo reconhecendo que o letramento é um fenômeno complexo (SOARES, 2013), neste trabalho, restringimo-nos à faceta psicolinguística do fenômeno. Buscando contribuir para a superação de algumas das dificuldades enfrentadas pelos alunos, o presente artigo objetiva discutir as bases de uma metodologia de ensino de leitura e produção de texto argumentativo escrito em ambiente escolar. A fim de evidenciar o abandono da abordagem do texto meramente a partir das tipologias textuais em favor de uma abordagem que considere as variáveis que circunscrevem a situação comunicativa, adotaremos o termo “ensaio escolar” (ROSENBLAT, 2000). Entendemos que parte do problema decorre do fato de termos, no Brasil, um ensino que enfoca os conteúdos, mas que ignora o conhecimento prévio do aluno e a forma como ele cogniza para construir significados. Estamos convencidos de que esse problema pode ser dirimido quando o ensino desenvolver habilidades metacognitivas nos estudantes, desenvolvendo não apenas *práticas* com a linguagem, mas também a *reflexão* sobre a linguagem (GERHARDT, 2013). Em nossa proposta didática, essa reflexão sobre a linguagem está vinculada ao desenvolvimento da consciência metalinguística (GOMBERT, 1992) do redator. Diversos autores têm enfatizado o inter-relacionamento entre consciência metalinguística e escrita (Cf. GOMBERT, 1992; CAMPS; MILIAN, 2000). Defendemos que o aprimoramento da consciência metalinguística nos discentes, entendida, a partir da perspectiva da Psicologia Cognitiva, como uma tomada de consciência da linguagem como um artefato que pode ser analisado e manipulado, tornando-se foco de atenção intencional e deliberada é um caminho promissor para a promoção do letramento linguístico (RAVID; TOLCHINSKY, 2002). Apesar de os PCNs sequer reconhecerem a reflexão metalinguística como a concebemos neste trabalho, entendemos que nossa proposta se adapta às recomendações dos Parâmetros Curriculares de que os conteúdos de Língua Portuguesa se articulem em torno de dois eixos básicos: o uso da língua oral e escrita, e a reflexão sobre a língua e a linguagem (BRASIL, 1998). Como estamos interessados na apreensão global do texto, voltaremos nossa atenção para a consciência metatextual, que concerne à atividade metacognitiva que toma as propriedades específicas do nível do texto como objeto de reflexão. O letramento linguístico é definido como o controle sobre a variação linguística, seja em relação às variantes centradas no usuário, seja em relação às variantes definidas situacionalmente (gênero textual, registro e modalidade) por meio da crescente familiaridade com a linguagem escrita. Nesse sentido, letrar-se

implica administrar o material linguístico, buscando adequação aos contextos de uso da linguagem escrita. No caso específico do ensaio escolar, interessa perceber, por exemplo, os seguintes aspectos: a norma culta se afasta em alguns pontos do idioleto do usuário; o texto escrito, em função das suas condições de produção, se diferencia do texto oral (normalmente configuram a comunicação escrita: ausência dos interlocutores, impossibilidade de apoio no contexto imediato, maior probabilidade de redator e leitor não compartilharem o mesmo quadro de referências etc.); o ensaio escolar apresenta pontos de diferença em relação à argumentação oral empreendida em conversações informais em termos de configuração de registro, estrutura esquemática e padrões realizacionais (EGGINS, 2004). Assim, apresentaremos propostas que visem ao desenvolvimento da consciência metatextual acerca de recursos linguístico-textuais relevantes para a produção do ensaio escolar.

Palavras-chave: Ensino; Letramento Linguístico; Consciência Metatextual.

Referências bibliográficas:

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**/Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998.
- CAMPS, A.; MILIAN, M. (eds.). **Metalinguistic activity in learning to write**. Amsterdam: Amsterdam University Press, 2000.
- EGGINS, S. **An Introduction to Systemic Functional Linguistics**. 2. ed. Continuum: New York / London, 2004.
- GERHARDT, A. As identidades situadas, os documentos curriculares e os caminhos abertos para o ensino de língua portuguesa no Brasil. In: GERHARDT, A.; AMORIM, M.; CARVALHO, A. (orgs.). **Linguística Aplicada e Ensino: Língua e Literatura**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2013. p. 77-113.
- GOMBERT, J. **Metalinguistic development**. New York, London: Harvester-Wheatsheaf, 1992.
- RAVID, D.; TOLCHINSKY, L. Developing linguistic literacy: a comprehensive model. In: **Journal of child language**, 29, 2002. p. 417-447.
- ROSENBLAT, E. Critérios para a construção de uma sequência didática no ensino dos discursos argumentativos. In: ROJO, R. (Org.). **A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2000. p. 185-205.
- SOARES, M. **Alfabetização e letramento**. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2013.

Diagnóstico auxiliar de autismo: problemas e encaminhamentos da linguagem.

Maria Célia Lima-Hernandes (USP-CNPq-FAPESP)

Marcelo Módolo (USP)

No final da primeira metade do século XX, o Conselho Americano de Psiquiatria apresentou à comunidade médica o DSM, em que se encontravam explicitados os critérios necessários para o diagnóstico dos transtornos mentais. Em 1980, numa revisão desse Manual e com o aproveitamento das descobertas sobre o tema, é incorporado o autismo como um desses transtornos.

O olhar médico se foi voltando para as questões sociais mais prementes e para as quais – imaginava-se – era preciso oferecer uma resposta em termos de categorização. Foi o que ocorreu com o DSM-3, que incluiu o homossexualismo como uma doença, mas, dado o reconhecimento do equívoco, já no DSM-4 essa informação foi suprimida. Isso nos leva a refletir sobre os efeitos positivos das reflexões para o avanço da ciência em direção a alguns problemas sociais, também representando um avanço na maturidade e na concepção sobre fatos científicos. A partir de leituras sobre esse tema e discussões interdisciplinares com profissionais da Psiquiatria e da Psicologia, produzimos este texto, cujo propósito é acrescentar uma pitada a mais de reflexão sobre os momentos iniciais de diagnóstico de transtornos do espectro autista (TEA). Especificamente, esperamos conduzir a questionamentos sobre a relevância de se incorporarem mais alguns elementos de linguagem nas testagens auxiliares de casos em que se tem a hipótese de TEA.

Ao longo do século XX, grandes descobertas e avanços foram se consubstanciando em artigos, dissertações e teses na área de Linguística e de Estudos da Linguagem. O problema é que o linguista e o cientista da linguagem continuam isolados numa redoma que inclui publicar e relatar aos pares de mesma formação os resultados de descrições cada vez mais especializadas, específicas e abstratizadas. Sendo assim, esses cientistas continuam com reserva de domínio sobre esses conhecimentos, não

propiciando uma ventilação menos especializada que alcance equipes interdisciplinares nem uma divulgação mais leiga que auxilie pais e familiares a gerenciar e a estimular os autistas. Para piorar o quadro, o treinamento de linguistas e de futuros professores continua a ser feito, sem, contudo, nenhum momento de reflexão sobre a correlação entre os fenômenos estudados e patologias ou transtornos. Esse ‘enfrentamento’ didático-pedagógico será abrupto e assustador, pois cada vez mais os pais buscam a convivência de seus filhos autistas com outras crianças, o que torna o autista uma presença comum nas salas de aula dos ensinos fundamental e médio.

Na observação de três autistas em testes narrativos, verificamos que verbos tão correntes na construção da causação¹², como *fazer*, *deixar* e *mandar* não são empregados. É possível que testes linguísticos com construções de causa, em situação passiva e de formação ativa, permitam os primeiros momentos de reconhecimento de um problema em sala de aula. Independentemente da criança, verificamos que toda a narrativa é sequenciada com advérbios do tipo “depois” antecedido pelo marcador “aí”. Deve-se, contudo, olhar com cautela para esses dados, pois a extensão dos registros é pequena e também o contexto narrativo¹³ pode ser insuficiente para a organização desse conceito. O mais grave nesses casos é que a construção *aí* não sequencia de fato, apenas é empregada como um conector aditivo de imagens relatadas e o advérbio *depois* tampouco sinaliza a ordenação esperada pela lógica para a faixa etária de crianças que tenham alguma bagagem sociointerativa decorrente de contatos socioculturais invariavelmente estimulados pela família. Ao que parece, essas crianças autistas estão ‘fora’ do mundo da linguagem. E linguagem é adquirida em sociedade, em interação com o outro, aprendendo a se colocar no lugar do outro, desenvolvendo teoria da mente.

O papel da argumentação crítico-dialógica na construção de tomadas de decisão entre professores em formação via Facebook

Maria Cristina Damianovic (UFPE)

Iago Broxado (UFPE)

Esta comunicação visa discutir o papel da argumentação crítico-dialógica (MATEUS, 2014) na tomada de decisões entre um grupo de professores de inglês como língua estrangeira, em um contexto de formação em serviço via facebook. A argumentação é entendida como crítica por ser uma escolha teórica que se distancia da argumentação retórica em que as partes (protagonista e antagonista) têm o firme propósito de provar que estão certas. É dialógica porque permite abordar a argumentação em seu caráter polissêmico e heteroglóssico (MATEUS, 2014). Será discutido o processo de construção crítico-colaborativa-criativa (MAGALHÃES, 2014; LIBERALI, 2013) de sentidos compartilhados (VYGOTSKY, 1933; ENGESTROM, 2011) durante o processo de escolha de um material didático a ser adotado para ensinar inglês, dentro de uma perspectiva de produção e apresentação científica, para discentes da (pós) graduação das diferentes áreas. Esta pesquisa, que é desenvolvida dentro da concepção metodológica da pesquisa Crítica de Colaboração (MAGALHÃES, 2012), revela que em um ambiente de pedagogia da argumentação (LIBERALI, 2013), aos participantes são oferecidas oportunidades para que estejam dispostos a analisar diferentes pontos de vista, tenham compromisso em considerar legítimas todas as formas de crítica, assegurem ampla participação de vozes, busquem sentidos comuns relevantes e válidos para a comunidade em discussão, ampliem perspectivas de entendimento sobre o discutido e cheguem a uma síntese que reflète tomada de decisão (MATEUS, 2014, LIBERALI, 2013). A discussão dos dados revela que há uma organização discursiva de interação que cria multiplicidade de participação, exposição, expansão, questionamento do modo de ver, analisar, compreender, avaliar, agir, criar e expandir os conhecimentos que circulam no espaço escolar virtual. No entanto, percebe-se que o papel do gestor (LIBERALI, 2013) na condução da pedagogia da argumentação com base na argumentação dialógica é comprometida pela ausência de envolvimento

¹² Construções do tipo: João *fez* Maria sair; O pai *mandou* o filho dormir; O menino *manteve* a porta aberta. Certo é que se espera muito mais a utilização do verbo *deixar* em detrimento do verbo *manter*, posto que a baixa frequência deste último é evidente entre os usos linguísticos nessa faixa de idade.

¹³ Os pacientes sob análise foram submetidos a testes de organização de figuras originalmente sequenciadas em uma narrativa básica, envolvendo espaço e tempo, com pistas de cores, objetos e representação de movimento de corpos. Dessa forma, espera-se que as pistas sejam lidas e que propiciem a reorganização da história em forma de relato oral. O tempo depende sempre da capacidade de formulação dos indivíduos e da experiência de vida de cada um. Lembramos que os pacientes autistas representam grande dificuldade nesse teste por não conseguirem estabelecer por meio de códigos intermediadores essa relação lógica e básica de causa-efeito.

crítico e construtivo. Hipóteses alternativas não são criadas e as considerações conjuntas não são colocadas para discussão conjunta. Muito embora a gestora seja respeitosa e tenha tom acalorado não compartilha o propósito comum de refletir sobre o dilema da tomada de decisão de forma argumentativa-dialogicamente de fato.

Palavras-chave: Argumentação Crítico-Dialógica, Formação de Professores Via Facebook, Tomada de Decisão Dentro da Pedagogia da Argumentação.

Referências bibliográficas:

ENGESTROM, Y. *From design experiments to formative interventions. Theory and Psychology*. Cambridge, 2011.

LIBERALI, F. C. *Argumentação em contexto escolar*. Campinas. Pontes. 2013.

MAGALAHÃES, M.C.C. Escolhas teórico-metodológicas em pesquisas com formação de professores: as relações colaborativo-críticas na constituição de educadores. In: MATEUS, E. & OLIVEIRA, N. B. *Estudos Críticos da Linguagem e Formação de Professores (as) de Línguas: Contribuições Teórico-Metodológicas*. Campinas. Pontes. 2014.p17-47.

_____. *Discurso e práticas de letramento: Pesquisa Etnográfica e formação de professores*. Campinas. Mercado de Letras, 2012.

MATEUS, E. & OLIVEIRA, N.B. *Estudos Críticos da Linguagem e Formação de Professores (as) de Línguas: Contribuições Teórico-Metodológicas*. Campinas. Pontes. 2014.

Bumbos em batuaques: estudo do vocabulário do samba de bumbo

Mario Santin Frugiuele (USP)

Este estudo pretende investigar, dentro do universo sociocultural da região central do estado de São Paulo, as características lexicais e discursivas que envolvem uma modalidade de samba ali surgida em meados do século XIX e que, em virtude de fatores diversos, vem sofrendo apagamento ao longo de mais de meio século. A modalidade, tipicamente paulista e contrastante com os famosos moldes carioca e baiano, é cunhada de acordo com a época e localidade específica de seu surgimento. No campo acadêmico, seguindo clássico ensaio de Mário de Andrade (1937) e abrangendo características coincidentes, costuma-se denominá-la samba rural paulista. Os poucos grupos tradicionais em atividade, por sua vez, desconsideram o vocábulo andradiano, preferindo, no mais das vezes, *samba de bumbo*, unidade lexical adotada por nós, também em consonância a estudiosos como Manzatti (2005) e Britto (1986). O *corpus* objeto de trabalho será fundamentalmente constituído por entrevistas livres e semidirigidas, produções lítero-musicais e bibliografia encontrada sobre o tema, que atendem ao nosso objetivo. Com base nesse *corpus*, definiremos o vocabulário da manifestação para, em um segundo momento, desenvolver o estudo semântico-lexical das unidades selecionadas, a partir da aplicação de questionário com praticantes e não praticantes do samba. O estudo semântico-lexical, por sua vez, está segmentado em duas análises que se complementam: (i) análise diacrônica das unidades lexicais coletadas, comparando suas acepções dentro do universo da manifestação, às encontradas em dicionários dos séculos XIX, XX e XXI; e (ii) análise discursiva destes dados. De modo a realizar esta tarefa, apoiamo-nos na sociogeolinguística, na lexicologia e na análise de discurso de linha francesa (AD). Os estudos em sociogeolinguística visam uma aproximação com os integrantes dos variados grupos sociais para, com eles, estabelecer um diálogo, uma interação, ou apenas compreender melhor a causa de diferenças resultantes de operações de forças sociais, envolvendo grupos étnicos, religiosos, educacionais, econômicos e outros. Para além do trabalho geolinguístico, portanto, vislumbra-se a fala de sujeitos integrantes de determinados grupos sociais e históricos, com preocupação não apenas aos fatores linguísticos, internos ao sistema da língua, mas a fatores sociais externos. Ao combinar os preceitos da dialetologia (geolinguística) e da sociolinguística, a sociogeolinguística balizará a coleta das unidades lexicais referentes ao vocabulário do samba de bumbo, de acordo com variáveis geográficas e sociais. A lexicologia, teoria compreensiva do fato lexical, tanto no nível das estruturas quanto das unidades, dar-nos-á o suporte necessário para a construção de uma lista com as unidades lexicais selecionadas. Em um segundo passo, consultaremos algumas obras lexicográficas de língua portuguesa, a fim de construir tabela contrastiva que contenha as acepções dadas por estas obras às unidades. A abordagem francesa de análise do discurso, por fim, fundamentará a investiga-

ção das relações de poder, institucionalização de identidades sociais, processos de inconsciência ideológica, enfim, diversas manifestações humanas que se verificam por meio da língua. Os objetivos específicos deste estudo são, portanto: registrar as unidades lexicais de uso popular da referida expressão cultural, suscitando uma discussão sobre o grau de manutenção, variação e mudança em curso dos elementos que compõem seu vocabulário, além de atentar para critérios discursivos, de modo a evidenciar conexões e causas ocultas para os resultados verificados. Este é um estudo que auxiliará, afinal, a identificação dos processos opacos que têm levado ao provável apagamento da manifestação, e, assim, buscar exercer práticas de resistência à opressão cultural. No mais, permitirá a constituição de uma base documental significativa que também poderá ser utilizada na elaboração de dicionários gerais e específicos, vez que a documentação lexicológica do vocabulário dos praticantes do samba de bumbo – e mesmo da respectiva época, naquelas localidades – é extremamente escassa.

Palavras-chave: Léxico. Samba de Bumbo. Cultura Caipira.

Referências bibliográficas:

ANDRADE, M. de. O Samba Rural Paulista. Anotado pelo autor. In: *Revista do Arquivo Municipal*. n° 41. São Paulo: Departamento de Cultura, 1937.

MANZATTI, M. S. *Samba Paulista, do centro cafeeiro à periferia do centro: estudo sobre o Samba de Bumbo ou Samba Rural Paulista*. 2005. fls. 377. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – PUC-SP, São Paulo, 2005.

BRITTO, I. M. *Samba na cidade de São Paulo (1900-1930): um exercício de resistência cultural*. São Paulo: EDUSP, 1986.

A semântica de frames na elaboração do dicionário da Copa

Maucha Andrade Gamonal (UFJF)

Daniela Simões Gomes (UFJF)

Maria Margarida Salomão (UFJF)

Tiago Timponi Torrent (UFJF)

O trabalho apresenta o papel da teoria linguística Semântica *Frames* (FILLMORE, 1982) e da metodologia da FrameNet (FILLMORE ET AL., 2003, RUPPENHOFER ET AL., 2010) para o desenvolvimento de recurso lexical eletrônico multilíngue, o Dicionário da Copa, que pode ser visualizado através do site <http://dicionariodacopa.com.br/>. O recurso lexical, elaborado em três línguas – Português do Brasil, Inglês e Espanhol – para os domínios do Turismo, do Futebol e da Copa, foi organizado pela FrameNet Brasil (Universidade Federal de Juiz de Fora) em parceria com o International Computer Science Institute (Berkeley, Califórnia) e com o grupo de pesquisa FrameCorp (Universidade do Vale do Rio dos Sinos). Considerada uma extensão da teoria linguística para a lexicografia computacional, a metodologia da FrameNet se insere como grande potencial na estruturação de recursos lexicais de uso humano e também para o aprendizado de máquinas. A metodologia utilizada se propõe a investigar o comportamento dos itens lexicais a partir dos eventos instanciados através de um viés semântico e sintático, o que confirma os pressupostos da Linguística Cognitiva ao considerar que a forma não apresenta significado, mas é responsável por escolher as regularidades que atuam durante todo o processo de significação (FAUCONNIER, 1997). No dicionário, isso é possibilitado a partir do conceito de *frame*, que pode ser compreendido como a modelagem linguístico-computacional responsável por representar os processos de significação de estruturas de conhecimento reconhecíveis em uma dada cultura. Os Elementos de *Frame* também destacados no dicionário são os atores, as ferramentas e as circunstâncias que modelam e constituem tais eventos. Toda a análise do *frame* e dos Elementos de *Frame* acontece a partir de Unidades Lexicais, que são o pareamento de uma forma, com todas as suas flexões, a um significado específico. Pelos pressupostos teóricos adotados, o recurso lexical é representativo das realidades linguísticas por utilizar *corpus* para subsidiar as escolhas e análises pelas entradas lexicais. Nesse sentido, o dicionário da Copa do Mundo ora apresentado se configura como uma proposta inovadora de recurso lexical eletrônico ao explorar a Semântica de *Frames* integrada à rede semântico-lexical FrameNet. Além da definição do *frame*, de seus elementos constituintes e dos itens lexicais evocados, que são ilustrados por sentenças retiradas de corpora específicos, o recurso também disponibiliza as relações entre *frames*, disponível pela opção Explorar a Rede. Através desse recurso, o usuário consegue escolher as relações semânticas desejadas e visualizar como acontece a relação

entre *frames* e, conseqüentemente, entre as Unidades Lexicais. A partir do *frame* Turismo de Atração, inserido no dicionário como cena que desloca o turista na busca por entretenimento, é possível verificar três relações de Perspectiva: Fazer Turismo, Atração Turística e Potencial Turístico. O primeiro destaca o turista como agente da atividade turística na descrição da cena, já o segundo insere a Atração Turística como centro perspectivado, por último, o *frame* Potencial Turístico insere lugares que favorecem a prática de atividades turísticas. Todas essas relações mostram como perspectivas específicas interferem nos padrões sintáticos e semânticos das Unidades Lexicais. Pretende-se mostrar ainda neste trabalho as demais funcionalidades apresentadas no Dicionário da Copa, úteis para uso humano e para o aprendizado de máquinas.

Palavras-Chave: Semântica de *Frames*; FrameNet Brasil; Processamento de Linguagem Natural

Referências bibliográficas:

- FAUCONNIER, G. *Mappings in Thought and Language*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997;
- FILLMORE, C. J. Frame semantics. In: *Linguistics in the Morning Calm*. Seul: Hanshin Publishing Co., 1982, p.111-137;
- _____. ; JONHSON, C.; PETRUCK, M. Background to FrameNet. In: *International Journal of Lexicography*. Oxford University Press, v. 16 n° 3, 2003, p. 235-250;
- RUPPENHOFER, J. et al., *FrameNet II: Extended theory and practice*. Berkeley: International Computer Science Institute, 2010. Disponível em: <<http://framenet.icsi.berkeley.edu/>>. Acesso em 21/05/14;

Transparência, opacidade e processamento discursivo na relação adverbial propósito no Português

Michel Gustavo Fontes¹⁴ (UFMS)/Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (UNESP)

Joceli Catarina Stassi-Sé¹⁵ (UFMS)

A Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF; cf. HENGEVELD; MACKENZIE, 2008) trata o pareamento entre significado (ou função) e forma a partir das relações de alinhamento entre os níveis da formulação – Interpessoal e Representacional – e o primeiro nível da codificação – Morfossintático. Alinhamento, nesse modelo gramatical, designa o mapeamento de unidades pragmáticas e semânticas em unidades morfossintáticas e pode ser (i) interpessoal (quando a organização morfossintática reflete a organização do Nível Interpessoal no que diz respeito às funções pragmáticas e às propriedades referenciais), (ii) representacional (quando a organização morfossintática reflete a organização do Nível Representacional no que tange às funções semânticas e à designação), e (iii) morfossintático (quando a organização morfossintática não espelha a organização do Nível Interpessoal e/ou Representacional, apresentando sua própria organização em termos de funções sintáticas ou de complexidade de constituintes).

Dessa forma, o Nível Morfossintático é dependente do *input* que lhe é fornecido pelos níveis da formulação. Esse *input* contém informações lexicais, que devem ser preservadas no *output*, e informações não-lexicais, como (i) informações a respeito de *dependência* (entre modificadores e núcleos ou entre atos), (ii) informações sobre *funções* (como as funções retóricas, pragmáticas e semânticas), (iii) informações sobre *operadores* e, por fim, (iv) informações abstratas que devem ser convertidas em proformas de várias espécies. O Nível Morfossintático deve estar organizado de forma a preservar todas essas informações e representá-las corretamente na estrutura morfossintática.

Devido a essa função, muito do que acontece no Nível Morfossintático é funcionalmente motivado por princípios como a iconicidade, a integridade de domínio e a preservação das relações de escopo. Cada um desses princípios contribui, à sua maneira, para maximizar o paralelismo entre as estruturas, aumentando assim a transparência e a fácil interpretabilidade da estrutura linguística.

A transparência caracteriza-se por uma relação biunívoca (um-para-um) entre os níveis da formulação e o nível formal. De acordo com Kusters (2001), segundo o princípio da transparência, a relação entre significado e forma deve ser tão clara quanto possível. Há, por outro lado, um conjunto de fenômenos que violam a transparência e, assim, tornam mais opaca a relação entre unidades discursivas e unidades formais, rompendo com o paralelismo entre os diferentes níveis gramaticais. De

¹⁴ Professor Assistente na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *campus* de Três Lagoas. Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, *campus* de São José do Rio Preto.

¹⁵ Professora Adjunta na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, *campus* de Três Lagoas.

acordo com Leufkens (2013), há três possibilidades de rompimento com a transparência linguística: redundância, desintegração de domínio e forma formalmente motivada.

Numa iniciativa em se tratar do conceito de transparência (ou opacidade) no português, sob a visão da GDF, este estudo reporta-se a um fenômeno específico: a relação adverbial Propósito, tradicionalmente denominada *finalidade*. O objetivo é determinar como distinções funcionais são mapeadas em unidades morfossintáticas no âmbito das construções adverbiais de Propósito. Para tanto, utilizam-se ocorrências reais de uso extraídas do *corpus* oral organizado pelo Centro de Linguística da Universidade de Lisboa, em parceria com a Universidade de Toulouse-le-Mirail e a Universidade de Provença-Aix-Marselha.

Em trabalhos anteriores, vem-se propondo três padrões de estruturação para a relação Propósito no português. Tais padrões podem ser descritos com base nos alinhamentos previstos pela GDF. Um primeiro padrão, exemplificado em (1), apresenta alinhamento representacional, já que a função semântica Propósito codifica-se por meio das Palavras Gramaticais *para* (cf. (1a)) ou *para que* (cf. (1b)), e morfossintático, já que a ordem final da oração Propósito é determinada pela sua complexidade estrutural. O segundo padrão, exemplificado em (2), apresenta, além do alinhamento representacional, alinhamento interpessoal, uma vez que a atribuição da função pragmática Tópico à oração Propósito condiciona sua ordem inicial. O terceiro padrão, por fim, enquanto instância de gramaticalização de verbos de movimento como *ir* e *vir* (cf. (3)), é de natureza opaca, por violar a projeção biunívoca entre função e forma, e, dessa forma, não pode ser descrito em termos de relações de alinhamento.

- (1) a. -> exactamente. eu queria era aproveitar, ver o que dava **para poder, assim, conhecer o lugar** (Bras80: SurpresasFotografia)
b. eu espero que no futuro as coisas tornam de uma maneira diferente **para que eles cheguem onde querem.** (CV95:AsMornas)
- (2) a. e depois **para se sair dali** tinha que se atravessar aquele bocado da areia e depois ia-se para a prisão... (PT95: Sonho)
b. E uma rainha, **para que possa agir sensatamente**, deve ficar a par de tudo o que se passa. (NEVES, 2011, p. 892)
- (3) a. ela foi lá **dar uma palestra para a gente**, não é, (Bras80: MundoDireito)
b. e viemos a casa **buscar os fachoqueiros** (PT95: Bruxedos)

Avançando na descrição das propriedades funcionais e formais desses padrões, e pautando-se nas questões de transparência/opacidade, este trabalho propõe que os dois primeiros padrões, por serem mais transparentes, têm maior facilidade de processamento discursivo e cognitivo, ao passo que o terceiro padrão, enquanto uma etapa de gramaticalização e sendo mais opaco, apresenta um maior custo cognitivo e discursivo de processamento, já que a função Propósito não se marca explicitamente por um relator, mas por um conjunto de mecanismos morfossintáticos que garantem, por inferência, tal significado.

Segundo Camacho (2012), transparência e opacidade podem estar em uma relação similar às motivações funcionais em competição (cf. DU BOIS, 1985). Nossa hipótese, para este trabalho, é a de que essa tensão entre transparência e opacidade pode se revelar nos padrões de estruturação da relação adverbial Propósito, principalmente por meio dos princípios de iconicidade e de forma formalmente motivada.

Palavras-chave: Transparência; Opacidade; Relação Propósito.

Referências bibliográficas:

- CAMACHO, R. G. Transparência e opacidade na seleção de estratégias de relativização no português. *Linguística* (Madrid), v. 27, p. 47-76, 2012.
- DU BOIS, John. Competing motivations. In: HAIMAN, J. (ed.). *Iconicity in syntax*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1985. p. 343-365.
- HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional Discourse Grammar. A typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

KUSTERS, Wouter. *Linguistic complexity: The influence of social change on verbal inflection*. Utrecht: LOT, 2003.
LEUFKENS, Sterren. The transparency of creoles. *Journal of Pidgin and Creole Languages*, 28 (2), p. 323-362, 2013.
NEVES, M. H. M. Gramática de usos do português. São Paulo: Editora da UNESP, 2001

Estudo semântico-lexical do item lexical “corrupção” em Cáceres-MT

Milena Borges de Moraes (UNEMAT/USP/FAPEMAT)

Ancorada no Projeto de Pesquisa *História e variedade do português paulista às margens do Anhembi*, coordenado pelo Prof. Dr. Manoel Mourivaldo Santiago Almeida, docente da Universidade de São Paulo – USP, esta comunicação objetiva contribuir para reflexão em torno da língua portuguesa que se expandiu para as regiões sudeste, sul e centro-oeste do Brasil, pelos caminhos das águas do rio Tietê, antigo Anhembi, dentre outras vias fluviais e terrestres, e por extensão para reflexão em torno da história da formação da língua portuguesa no Brasil, com base em uma discussão sobre manutenção, tendência à manutenção, desuso, tendência ao desuso e neologismo semântico do item lexical *corrupção*. Esse item lexical foi extraído do manuscrito “Memoria sobre o plano de guerra offensiva e deffensiva da Capitania de Mato Grosso”, um documento oficial datado de 31 de janeiro de 1800, no Forte Coimbra, Capitania de Mato Grosso, pelo Tenente-Coronel Engenheiro Ricardo Franco de Almeida Serra, a pedido do então Governador e Capitão-general da Capitania de Mato Grosso, Caetano Pinto de Miranda Montenegro. Para a realização deste estudo, utiliza-se as edições fac-similar e semidiplomática elaborada por Andrade, Santiago-Almeida, Baronas (2012). O mesmo item foi testado por meio de pesquisa de campo realizada no município de Cáceres-MT, a qual compreendeu dezesseis entrevistas, divididas entre oito informantes masculinos e oito femininos, entre duas faixas etárias distintas e quatro níveis de escolaridade distintas; naturalidade, nascidos no local e, de preferência, pais pertencentes à mesma comunidade linguística. As entrevistas foram realizadas mediante questionário linguístico de cunho semântico-lexical elaborado a partir dos pressupostos metodológicos elaborados pelo Comitê Nacional do Projeto ALiB, publicado em 2001, pela Universidade Estadual de Londrina. Além das respostas dos informantes acerca do item lexical *corrupção*, auxiliaram na análise semântico-lexical obras lexicográficas de língua portuguesa do século XVIII ao XXI, a saber: *Vocabulario Portuguez e Latino* (1712 - 1728), de Raphael Bluteau; *Diccionario da Lingua Portuguesa* (1813, 2. ed.), de Antonio de Moraes Silva; *Novo Dicionário da Língua Portuguesa* (1975, 1. ed.), de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira; *Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa* (2009), de Antônio Houaiss. Adotou-se como referencial teórico-metodológico as disciplinas de Dialectologia e, por extensão, a Geolinguística, a Lexicologia e a Lexicografia. A realização preliminar desse estudo semântico-lexical evidenciou que o item lexical *corrupção*, encontra-se preservado na fala corrente dos informantes de Cáceres, Mato Grosso, e nas obras lexicográficas pesquisadas, bem como sofreu alteração semântica. Este estudo faz parte da minha pesquisa de doutoramento vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo, bem como ao curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso e financiada pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Mato Grosso.

Palavras-chave: Manuscrito Oitocentista; ALMS; Semântico-Lexical.

Referências bibliográficas:

- ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. 3. ed. São Paulo: Ática, 2007.
ANDRADE, Elias Alves de; SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo; BARONAS, Roberto Leiser. *Plano de guerra da Capitania de Matto Grosso: janeiro de 1800*. Cuiabá: EdUFMT, 2012.
BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria lingüística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1978.
_____. A ciência da lexicografia. In: _____. (Org.) *Alfa. Revista de Linguística. Lexicologia e lexicografia*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, v. 28 (Suplemento), 1984, p. 1-26.
_____. As ciências do léxico. In: OLIVEIRA, Ana Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri (Orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia e terminologia*. Campo Grande: Ed. UFMS, 1998, p. 11-20.

- _____. Conceito linguístico de palavra. In: BASÍLIO, Margarida (Org.). *Revista Palavra. Volume Temático I: A delimitação de unidades lexicais*. Departamento de Letras. PUC-Rio. Rio de Janeiro: Grypho, p. 81-97, 1999.
- BLUTEAU, Raphael. *Vocabulário português e latino: aulico, anatomico, architectonico ...*. Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712 - 1728. 8 v. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/en/dicionario/edicao/1>>. Acesso em: 1 jul. 2013.
- CARDOSO, Suzana A. M. *Dialetologia: trilhas seguidas, caminhos a perseguir*. DELTA, vol. 17, 2001, p. 25-44.
- _____. *Geolinguística: tradição e modernidade*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALIB. *Atlas Lingüístico do Brasil: questionários 2001*. Londrina: Editora da UEL, 2001.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975.
- HOUAISS, Antonio. *Dicionário Houaiss eletrônico da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. 1 CD-ROM.
- MORAES SILVA, Antonio. *Diccionario da lingua portuguesa*. 2. ed. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/en/dicionario/edicao/2>>. Acesso em: 29 jun. 2013.

Crônica jornalística – por uma caracterização do gênero

Milton Gabriel Júnior (PUC-SP)/Universidade Paulista (UNIP)

Esta comunicação está situada na área da Análise Crítica do Discurso, Linguística Textual, Linguística Textual-Disursiva e da sócio-retórica na vertente americana, têm por objetivo analisar as sequências textuais nos textos denominados pelos jornalistas colunas, publicados nos jornais paulistanos, a fim de verificar se esses textos pertencem ao gênero crônica ou ao gênero artigo, uma vez que atualmente percebemos haver a tendência de classificar os textos opinativos-argumentativos, publicados em espaço reservado em cada caderno, como coluna e seus autores de colunistas não havendo uma delimitação ou classificação clara entre tais textos. Tais textos são utilizados em materiais didáticos e salas de aula como ferramentas de interpretação e compreensão, contudo as semelhanças levam a interpretações equivocadas por parte de alunos e docentes, quanto a genericidade assim objetiva-se investigar e apresentar em como as crônicas jornalísticas se organizam no plano textual-discursivo verificando como tais textos estão se tipificando em um novo conjunto de gêneros. Tem –se por pressupostos que a crônica e o artigo, apesar de serem publicados no mesmo espaço no jornal, são dois gêneros distintos possuidores de similitude, uma vez que são textos opinativo-argumentativos. Essa similitude é causadora de confusão no que concerne a categorização genérica da crônica jornalística, dessa forma procura-se inter-relacionar os postulados de Bazerman (2009), os esquemas textuais-discursivos de Adam (2010) e as categorias analíticas Discurso, Sociedade e Cognição da Análise Crítica do Discurso, van Dijk (1990, 1997, 2012) para dirimir as lacunas apresentadas no tocante a categorização do gênero crônica. Focaliza-se no material utilizado, colunas/crônicas dos jornais paulistanos. Para tanto, foram selecionados denominados de colunas para análise, de autores diferentes, publicados no jornal Folha S. Paulo e O Estado de S. Paulo; o método adotado para análise é o teórico-analítico. Justifica-se a análise, uma vez que os estudos já realizados sobre as crônicas nacionais apenas trataram de sua organização textual ou buscaram explicar sobre os aspectos da materialidade linguística que está sendo “guiada” pela situação de enunciação. Não se identificou até o momento estudo que inter-relacione a linguística textual e a linguística do discurso buscando apresentar a construção textual-discursiva das crônicas jornalísticas, por meio dela poderá verificar e apresentar a composição: do plano descritivo da estrutura composicional, das tipologias, das sequências típicas e assim explicar sobre os aspectos da materialidade linguística, a qual é guiada pela situação de enunciação, o que levou a re-categorização do gênero crônica. Os resultados obtidos indicam que a crônica esta em mutação, agindo e interagindo no meio social ao criar realidades ou fatos sociais; as crônicas jornalísticas se constituem ações sociais construídas pela linguagem, uma vez que cria um sistema de valores e significações através do texto produzido, as ações sociais nós conseguimos identificar através dos mecanismos de textualização e delimitar o interdiscurso, o intertexto e o gênero, fazendo com que a crônica possua uma função e lugar social específico, com valor recorrente, ao criar um sistema de valores, significações pelas estratégias utilizadas na sua organização textual-discursiva.

Palavras-chave: Crônicas Jornalísticas, Colunas Jornalísticas, Gênero Crônica.

Referências bibliográficas:

- ADAM, J. M. *Eléments de linguistique textuelle*. Liège: Mardaga. 1990.
- _____. *A linguística textual: introdução à análise textual dos discursos*. São Paulo: Cortez. 2008.
- ADAM, J.-M.; MAINGUENEAU, DOMINIQUE; HEIDMANN, UTE; (s.d.). *Análises textuais e discursivas: metodologia e aplicações*. São Paulo: Cortez, 2010.
- BAZERMAN, C. *Gêneros textuais, tipificação e interação*. orgs. Angela Paiva Dionisio, Judith Chambliss Hoffnagel. (J. C. Hoffnagel, & r. t. Vieira, Trans.) São Paulo: Cortez. 2009.
- BELTRÃO, L. *Iniciação à filosofia do jornalismo*. Rio de Janeiro: Agir. 1960.
- CHAPARRO, M. *Sotaques d'aquém e d'além mar*. Santarém: Jortejo. 1998.
- MELO, J. d. *A opinião do jornalismo brasileiro*. Petrópolis: Vozes. 1985.
- _____. *História social da imprensa: fatores socioculturais que retardaram a implantação da imprensa no Brasil*. Porto Alegre: EDIPUCRS. 2003b.
- _____. *Jornalismo Opinativo: gêneros opinativos no jornalismo brasileiro*. Campos do Jordão: SP: Mantiqueira. 2003c.
- _____. *A opinião no jornalismo brasileiro*. Campos do Jordão: Editora
- VAN DIJK, T. *Text and Context*. London: Longman. 1977.
- _____. *La noticia como discurso*. Comprension, estructura y producción de la información. Barcelona: Paidós. 1980.
- _____. *Studies in the pragmatic of discourse*. The Hague: Mouton. 1981
- _____. *La ciencia del texto: un enfoque interdisciplinario*. Barcelona, Buenos Aires: Paidós. 1983.
- _____. *Strategies of discourse comprehension*. New Your: Acadmic Press. 1983.
- _____. *Discourse studies: a multidisciplinary introduction*. London: Sage. 1997.
- _____. *Racismo y análisis critico de los medios*. Barcelona: Paidós. 1997.
- _____. *Discurso e contexto: uma abordagem sociocognitiva*. (R. Ilari, Trad.) São Paulo: Contexto. 2012.

Amostras do Português falado em Macau no século XXI

Nathalia Regina Pim do Nascimento (USP)

Na segunda metade do século XX, uma professora macaense chamada Graciete Batalha (1988:119) registrara em seu livro o que linguistas supunham ser o dialeto macaense. Ela confirmava que à época já se encontrava “em vias de total desaparecimento”.

Como na base desse dialeto sempre estiveram as grandes influências portuguesas, com o advento do *Handover*, em 1999, imaginava-se um futuro incerto para as heranças lusitanas. Isso se confirmou mesmo a despeito de se ter mantido o seu estatuto de língua oficial e um indício alarmante é silêncio dos linguistas sobre a evolução do fato naquele espaço.

Essa professora descreveu o aspecto léxico do macaísta e muito pouco de aspectos morfossintáticos, deixando, assim, um terreno virgem a ser trabalhado. Durante 2010-11, a orientadora deste projeto teve um estudo financiado para recolher amostras do português falado na região, bem como constituir um dossiê sobre a situação da língua portuguesa naquela região chinesa.

Vários registros foram realizados e muitos documentos foram digitalizados durante aquele período. A descrição dos usos linguísticos, porém, pouco ou quase nada ainda foi feito. Durante 2011, algumas parecerias foram realizadas para o estudo da atitude linguística de falantes macaenses (Lima-Hernandes), outros priorizaram a descrição dos processos de gramaticalização na língua de Macau (Rauber, Defendi, Bragança e Barbosa, 2011; Ribeiro e Yu, 2011; dentre outros) demonstrando haver uma variedade de língua portuguesa típica de Macau.

A situação do português de Macau tem sido cada mais conhecida e o Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa tem sido a vitrine dessa aproximação entre Oriente e Ocidente. Este estudo é mais um vinculado a essa cadeia de projetos, porém priorizando a língua falada pelos macaenses na composição de amostragens.

Objetivos:

Este projeto volta-se ao estudo das peculiaridades do português de Macau, porém, dado que estamos em fase inicial de tratamento dos dados recolhidos em trabalho de campo realizado em 2011, a tarefa primordial deste estudo é transcrever, editar e organizar as amostras de língua falada nesse espaço geográfico recentemente reincorporado à República Popular da China.

Metodologia:

Macau é uma península do sul da China, próxima a Hong Kong e à China continental. Os habitantes, durante o período colonial português, encerrado somente em 1999, distinguem-se pela etnia. A maioria é chinesa e não sabe o português. Uma minoria (4%) é portuguesa e alguns poucos são macaenses, ou seja, miscigenados de mulheres orientais e portugueses. Os falantes que temos gravados e selecionados para esta amostragem consideram-se macaenses, mas alguns detêm aparência mais chinesa do que portuguesa, falam fluentemente a língua da terra (o cantonês), mas são, em grande parte, analfabetos na língua chinesa e instruídos em colégios portugueses. Uma exceção se faz a uma das mulheres, que domina tanto o chinês quanto o português, inclusive, dominando a escrita do mandarim.

As amostras de língua falada podem ser divididas pelo sexo dos informantes: femininos e masculinos; para cada uma delas contamos com três células. Todos os informantes são adultos na faixa dos 50 anos aos 60 anos e dão a entrevista em português:

Nome	Sexo
Jorge Rangel	M
Francisco Manhão	M
Jorge Fão	M
Edith Silva	F
Marina Silva	F
Florinda Chan	F

Quanto aos traços coincidentes, podemos dizer que todos se dizem macaenses, mas têm passaporte português. Todos eles dominam a fala nas duas línguas oficiais de Macau, mas a língua chinesa é a língua familiar. Todos fazem uso de *codeswitching* em momentos variados da conversa informal com outros macaenses ou chineses, mas na situação de entrevista isso não é regra.

Transcrever essas entrevistas e disponibilizá-las para pesquisas em vários aspectos é o objetivo maior desta pesquisa. Cumprida a primeira etapa de transcrição, procederemos à identificação de traços típicos da variedade de língua portuguesa falada em Macau, em especial no que tange às interferências do chinês no português.

Palavras-chave: Macau; Amostras; Português.

Referências bibliográficas:

RAUBER, A; DEFENDI, C.L.; BRAGANÇA, R.; VICENTE, R. B. *Pronto, ainda que distante, é possível escutar, quer dizer, estudar o português falado em Macau: o processamento da informação na fala de alguns macaenses*. In: III Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa. China: Universidade de Macau, 2011.

RIBEIRO, Marcello; YU, Li. *A diferença do papel semântico entre os elementos inovadores correlativos mas e conforme, nas conversas macaense e brasileira: um processo cognitivo*. In: III Simpósio Mundial de Estudos de Língua Portuguesa. China: Universidade de Macau, 2011.

SILVA, R. T. E. ; LIMA-HERNANDES, Maria Célia . Anjos de Macau. Fragmentum (UFSM), v. 35, p. 1, 2012.

SILVA, R. T. E. ; LIMA-HERNANDES, Maria Célia . Ligas urganais, atitudes linguísticas na trama discursiva de macaenses e de paulistas caipiras.. Revista de Cultura, v. 35, p. 34-48, 2010.

As construções completivas impessoais com verbo ser +nome e o controle do sujeito

Nilza Barrozo Dias (UFF)

Este trabalho visa à investigação das construções completivas que se realizam, sintaticamente, como oração matriz, verbo *ser* + substantivo ou adjetivo modalizadores/avaliativos, seguida da oração/sentença completiva com função de sujeito oracional. A nossa hipótese prevê que o “espaço” inicial de uma sentença pode ser utilizado para expressar *atitude do falante*. A nossa atenção se voltará para a ordem das orações, já que a oração matriz(modalizadora/ avaliativa)

fica colocada na primeira posição, marcando a “voz” do falante, e a oração com função de sujeito aparece após a matriz, refletindo a situação ou evento selecionado pelo falante. A ordem preferencial é VS. Embora considere que, sintaticamente, temos uma estrutura oração matriz mais uma oração completiva sujeito, pode-se observar que o falante utiliza as estruturas predicadoras com verbos em 3ª pessoa do singular, unipessoais para Neves (1996:168-169), para facilitar uma leitura de não-pessoal, de generalidade. Desse modo, o falante pode minimizar a própria participação, descomprometendo-se da informação veiculada, apresentando soluções gerais. Ao mesmo tempo, o falante pode contrastar a informação da construção completiva com o entorno discursivo, geralmente em 3ª ou 1ª pessoa do plural. A nossa atenção se voltará ainda para o jogo complexo e harmônico entre a posição “marcada” do falante na oração matriz e a escolha entre formas finitas e não-finitas na oração completiva como sujeito oracional. Teoricamente, se temos as formas finitas, o falante não tem controle sobre o evento descrito na oração completiva. Mas, se temos as formas não-finitas, o falante teria mais controle sobre o evento descrito na oração completiva. Dependendo da amostra selecionada, o controle pode ser efetivo de modo diverso, ou melhor, encontramos orações completivas na forma não-finita, em que o falante passa o “controle” para algo acima dele, no nosso caso, as leis previstas na Constituição Brasileira. Selecionamos situações de fala institucional do Procon e de Audiências Cíveis da Zona da Mata, Minas Gerais, projetos coordenados respectivamente pelas Professoras Dras. Sonia B. Silveira e Amitza T. Vieira, ambas da UFJF, Minas Gerais. E também amostras de conversa espontânea de algumas regiões do Rio de Janeiro e de Minas Gerais. São os projetos: Discurso & Gramática/Niterói/UFRRJ, <http://www.discursoegramatica.letras.ufrj.br/>; e Censo/PEUL/UFRRJ, site: <http://www.letras.ufrj.br/peul/censo%202000.html>; projetos Fala Mineira, financiado pela FAPEMIG, coordenado pela Profª Nilza B. Dias, sediado na UFJF/MG; e projeto PORUS, sediado na UFF/Niterói, coordenado pelas Professoras Nilza B. Dias e Jussara Abraçado de Almeida. Utilizamos os pressupostos teóricos do Funcionalismo e da Semântica Cognitiva aplicados à análise de dados qualitativa. Os resultados nos levam a crer que o controle do falante no uso das construções completivas impessoais marca, de fato, a sua posição em relação ao evento selecionado (VESTERINAN, 2014), embora esteja escamoteada tal ideia. Parece-nos haver uma pista do controle do falante sobre a situação, não somente pela expressão não-finita do verbo, mas também pelo compartilhamento de informação entre falante e interlocutor, o que, dependendo do nome escolhido junto do verbo ser, na oração matriz, poderá indicar graus de proximidade ou de afastamento.

Palavras-chave: Impessoal; Controle do Falante; Subjetividade.

Referências bibliográficas:

- NEVES, M.H. A modalidade. IN: *Gramática do Português Falado*. KOCH (org.). Editora da Unicamp, 1996, volume 6, pp.163-195.
- VESTERINAN, Ranier. Impersonals with Ser (“to be”) and the domain of effective control. *Language Sciences*. 2014.

Aspectos cognitivos na Toponímia

Patricia Carvalhinhos (FFLCH-USP)

Enquanto elementos linguísticos, os nomes de lugares (topônimos) constituem uma categoria à parte, em termos de análise. Em primeiro lugar, nunca são passíveis de serem enquadrados em uma única classe de palavra (ainda que fique clara sua função substantiva), já que há nomes de lugares originados de um único elemento como um substantivo (*Riachão*, BA) ou um adjetivo (córrego *Azul*, TO), ou conjugando os dois (*Ribeirão Azul*, BA), ou mesmo expressões completas, nominais (*Nossa Senhora do Perpétuo Socorro do Rio do Peixe*, SP) ou verbais (*Arrasta Burro*, GO). Em segundo, podem ser analisados, *a priori*, conforme quaisquer teorias linguísticas, e, por isso, a linguística cognitiva poderá oferecer boas contribuições ao entendimento do processo mental de formação toponímica.

Causando estranheza em um primeiro momento, Dick afirmou (1990) que o signo toponímico possui dupla motivação. Levando em consideração a asserção saussureana que o signo é arbitrário, parece absurdo afirmar a dupla motivação dos nomes de lugares. Contudo, Dick apenas junta, à motivação lexical do signo (que, apesar de sua arbitrariedade possui motivação relativa, segundo Alinei 2002) a motivação do denominador (homem singular ou denominador coletivo, aquele que representa uma comunidade). O motivo do denominador no ato da eleição lexical pode estar imbuído de sentimentos ou apenas de

descriptividade. De qualquer modo, essa eleição lexical passa, sem dúvida, por processos mentais que comparam o dado externo com o acervo virtual do denominador.

O estudo das relações entre a Onomástica, ciência dos nomes, e a cognição é relativamente recente. A escola europeia já vem desenvolvendo, desde 2005, a relação entre as teorias cognitivas e a onomástica: LEINO 2005, KARPENKO 2012; BLANAR 2009; RESZEGI, 2014, baseados em LANGACKER (1987-1991). Vale lembrar que muitos topônimos (e também antropônimos) advêm de nomes comuns que, sob determinadas circunstâncias, podem mudar de *status* e transformar-se em nomes próprios. A relação inversa também existe e é nessa retroalimentação que o universo onomástico funciona.

Além de situar o aspecto cognitivo do topônimo quanto a sua elaboração mental é importante considerar o nome de lugar em sua função propriamente dita, ou seja, durante o ato de decodificação toponímica – que pode dar-se em tempo simultâneo à codificação ou não, intervalo cronológico o qual, muitas vezes, conduz à aderência de novos significados ao mesmo topônimo, divergentes de sua concepção etimológica.

Elementos que podem oferecer uma interessante perspectiva de análise são nomes de lugares que guardam uma relação de metáfora em sua elaboração. Em geral, a metáfora na toponímia pode dar-se com relação à forma ou cor, sendo mais frequente a forma. Outros tipos de denominação também poderão oferecer uma interessante perspectiva de estudo.

Pretende-se, neste primeiro momento, apenas trazer um apanhado geral das ideias dos autores mencionados e relacionar, de modo sucinto, como a linguística cognitiva impactou em alguns estudos publicados na área de onomástica. Além disso, alguns topônimos brasileiros serão analisados. As amostras serão coletadas apenas exemplificativamente e tomando por base alguns elementos retirados de um *corpus* bastante extenso oferecido pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o *Índice de Nomes Geográficos*, que apresenta nomes geográficos de elementos menores (como vilas e povoados, por exemplo). Espera-se oferecer uma reflexão sobre a aplicabilidade dos princípios da linguística cognitiva à onomástica brasileira.

Palavras-chave: toponímia; motivação toponímica; mecanismos de produção onomástica.

Referências bibliográficas:

- ALINEI, Mario. Il ruolo della motivazione nel lessico. ÁLVAREZ, R.; DUBERT GARCÍA, F.; SOUSA FERNÁNDEZ, X. (Ed.). *Dialectologia e léxico*. Inst. da Língua Galega, Consello da Cultura Galega: Santiago de Compostela, 2002. Pp. 15-28.
- BLANAR, V. Proper names in the light of theoretical onomastics. *Namenkundliche Informationen: Journal of Onomastics*. Bratislava, 2009. Disponível em http://www.namenkundliche-informationen.de/pdf/95_96/articles/NI%2095_96_2009_Blanar.pdf, acesso em 10 Set. 2014.
- DICK, M.V.P.A. *A motivação toponímica e a realidade brasileira*. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo, 1990.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. *Índice de Nomes Geográficos*, vol. I, escala 1:1. 000.000. Rio de Janeiro: IBGE, 2011.
- KARPENKO, Olena. Когнітивна Ономастика як новий напрямок вивчення власних назв (Cognitive Onomastics as a New Direction of Proper Names' Investigation). 2012. Disponível em: <http://karpenko.in.ua/wp-content/uploads/2012/12/46.pdf>, acesso em 10 Set. 2014.
- LANGACKER, R. W. *Foundations of Cognitive Grammar*, volume I: Theoretical Prerequisites. Stanford: Stanford University Press, 1987.
- _____. *Foundations of Cognitive Grammar*, volume II: Descriptive Application. Stanford: Stanford University Press, 1991.
- RESZEGI, Katalin. Cognitive approach in Hungarian toponymy. *Elhangzott a Trends in Toponymy 6.c. konferencián*. Heidelberg, 2013. 10. Pp. 7–10. Disponível em http://mnynk.unideb.hu/esemenyek/reszegi_katalin_eloadas201310.pdf, acesso em 10 Set. 2014.

Perseguição dos imigrantes japoneses em São Paulo: o contexto da Segunda Guerra Mundial

Patrícia Elisa Kuniko Kondo Komatsu (FFLCH/USP)

O tema da comunicação está vinculado ao Projeto Temático “História do Português Paulista” (USP/FAPESP) apresentando os resultados da pesquisa sobre a história social dos imigrantes japoneses em São Paulo e aspectos do português paulista da primeira metade do século XX. O momento histórico é o da adesão do Brasil à Segunda Guerra Mundial, quando aumentou a preocupação com os estrangeiros, principalmente com alemães, italianos e japoneses.

Desde que o arquivo de documentação do DEOPS-SP (Delegacia Especializada de Ordem Política e Social do Estado de São Paulo)¹⁶ foi transferido para o Arquivo do Estado de São Paulo, em 1991, muitos pesquisadores passaram a desenvolver trabalhos com objetivos vinculados às áreas de História e de Política socioeconômica com a documentação relativa à imigração alemã, italiana e japonesa. Não havia, contudo, nenhum trabalho que tivesse explorado mais profundamente as causas dos indiciamentos que levaram os imigrantes japoneses a serem chamados de “terroristas”, do mesmo modo que não havia, salvo engano, trabalhos de cunho linguístico sobre essa documentação, assim como não havia o acesso a edições dessa documentação.

A partir dos dossiês derivados dessas investigações, constituiu-se um *corpus* de 394 dossiês gerados pelo “Serviço Secreto” de DEOPS selecionados pelo critério da nacionalidade do investigado, qual seja, japonesa. Os “súditos do eixo”, forma pejorativa pelo qual os policiais tratavam os cidadãos japoneses, passaram a ser investigados com muito mais rigor. Aborda-se também os conflitos entre os próprios japoneses na colônia paulista, ao surgir a facção chamada “Shindô-renmei”, cujos membros foram indiciados como sabotadores de plantações de menta e do cultivo do bicho-da-seda. Esse é o recorte expositivo desta comunicação: apresentar a história social que fundou a necessidade de se organizarem dossiês a respeito de japoneses e, a reboque disso, identificar o material de pesquisa para o estudo do português culto paulista organizado por gêneros textuais.

Por outro lado, investir no estudo histórico de uma língua requer que se resgate, antes, a história social dessa mesma época. A formação do espaço linguístico brasileiro no século XX guarda, em diversa proporção, a mesma complexidade observada no espaço linguístico paulista. Dedicando-se à leitura de documentos da época com manuscritos em dossiês, que quase sempre são extensos relatos de fatos vivenciados durante a investigação, percebe-se que questões de alta relevância sociocultural podem aflorar. Verificou-se, por exemplo, que, quando um japonês que não domina a língua portuguesa falada é investigado e preso pela polícia secreta do DEOPS, ele invariavelmente tem a intermediação de um intérprete para responder ao interrogatório. No caso de uma carta apreendida para investigação, logo um tradutor é mobilizado para sua leitura e interpretação pelos membros investigadores. A realidade da maioria dos imigrantes investigados é a seguinte: os japoneses não sabiam, ao menos, assinar o próprio nome, tampouco falar.

Os dossiês com os quais se constitui o *corpus* potencializam trabalhos ligados à área de tradução, de transcrição de documentos, de estudos de gêneros discursivos dentre outras finalidades. A pesquisa, no entanto, privilegiou a edição diplomática de textos dos documentos escritos por investigadores e policiais em geral do DEOPS/SP. Também apresentou considerações sobre os termos qualificadores de japoneses, como forma de contribuir com aspectos discursivos-pragmáticos que poderiam estar presentes nas situações interativas de então.

Deve-se lembrar que o período em que se concentra o estudo contido neste artigo emoldura-se por uma época de nacionalismo exacerbado tanto por parte do Brasil quanto por parte do Japão¹⁷, os quais, então, eram inimigos. Era praticamente impossível para os japoneses, falantes de línguas de origem não-indo-europeia, tornarem-se fluentes e imperceptíveis como estrangeiros aos olhos e aos ouvidos dos brasileiros, razão por que se tornavam mais evidentes para os investigadores.

Estes foram os objetivos da pesquisa: (i) analisar a documentação que envolve a investigação de japoneses, produzida entre os períodos de 1942 a 1946, a fim de apreender a história social que envolveu as ações de imigrantes japoneses; (ii) editar alguns documentos desse período, a fim de constituir *corpus* parcial para o Projeto Temático “História do Português Paulista”, voltado para a descrição da língua escrita e falada do português do século XX; (iii) estudar os empregos léxicos que possam qualificar os imigrantes japoneses nos documentos de investigação, a partir da escrita de policiais do DEOPS.

Palavras-chave: português paulista, imigrantes japoneses, dossiês do Serviço Secreto - DEOPS e DOPS/SP.

Referências bibliográficas:

- ANDO, Zempati. *Estudos Sócio-Históricos da Imigração Japonesa*. São Paulo: Centro de Estudos Nipo-Brasileiros, 1976.
- AQUINO, Maria Aparecida de; MATTOS, Marco Aurélio Vannucchi Leme de;
- SWENSSON JR., Walter Cruz; MORAES, Maria Blassioli. *Dossiês DEOPS/SP: Radiografias do Autoritarismo Republicano Brasileiro - V.2. A CONSTÂNCIA DO*

¹⁶ As siglas DEOPS e DOPS não equivalem ao mesmo órgão oficial do Estado. A primeira refere-se à Delegacia Especializada de Ordem Política e Social, e a segunda à Delegacia de Ordem Política e Social. Em alguns trechos do trabalho de Carneiro (2000), encontramos também o seguinte desenvolvimento da primeira sigla: Departamento Estadual de Ordem Política e Social do Estado de São Paulo.

¹⁷ Esse período, na verdade, representou a época em que o mundo todo primava pelo nacionalismo exagerado.

- OLHAR VIGILANTE: A PREOCUPAÇÃO COM O CRIME POLÍTICO. São Paulo: Arquivo do Estado-Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- CORREIA, Kyohaku. *O que é Primordial – Budismo Cem Anos – Centenário da Imigração Japonesa*. São José dos Pinhais: Ed. RMC, 2008.
- LAPA, M. Rodrigues. *Estilística da Língua Portuguesa*. São Paulo: Martins Fontes. 1998.
- MONTEIRO, José Lemos. *A Estilística*. São Paulo: Editora Ática. 1991.
- MORAIS, Fernando. *Corações Sujos – A História da Shindô-Renmei* São Paulo: Editora Schwarcz, 2001.
- REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL. *Atos do Poder Executivo in: Leis do Brasil*. V.7. Rio de Janeiro: Coleção das Leis, 1942.
- SAKAMOTO, Tarô. *Nihonshi*. (A História do Japão). Tokyo: Editora Yamakawa, 1985.
- SHIBA, Sentarô. *O Último Shôgun, Tokugawa Yoshinobu*. Tóquio: N.H.K.- Nihon Hôshô Kyoku – Canal de Televisão Estatal Japonês. 2000.
- VARGAS. Getúlio. Atos do Poder Executivo, Decreto-Lei 4.766 in Leis Brasileiras. São Paulo: Arquivo do Estado de São Paulo.

A produção de texto infantil e as marcas de oralidade: atividades de textualização e revisão possibilidades e encaminhamentos

Patricia Klein Gomes (UNICSUL)

Vinculado à linha de pesquisa *Texto discurso e ensino: processos de leitura e produção de texto escrito e falado* e ao grupo de pesquisa *Teorias e práticas discursivas e textuais*, o presente trabalho tem por objetivo a **apresentação de pesquisa em desenvolvimento cujo escopo** é a utilização de marcas de oralidade na produção textual de alunos do Ensino Fundamental, especialmente os organizadores temporais e marcadores espaciais em textos narrativos. Sabemos que, para efetivamente aprender a ler e a escrever, é necessário que a criança tenha a oportunidade de construir conhecimentos conceituais, compreendendo o que a escrita representa, ou seja, o seu sistema, e quais características da linguagem se utilizam para escrever, sendo capaz de representar seus desejos por meio de diferentes textos. Compreendemos que aprender a escrever vai além de saber grafar palavras corretamente ou ainda simplesmente representar a expressão do pensamento. Escrever demanda se apropriar de conhecimentos específicos tanto da língua quanto dos gêneros textuais. É um processo que envolve o enunciador, o leitor e a intenção comunicativa. Dessa forma, entendemos que o aluno precisa vivenciar situações nas quais possa: estar em contato com textos de diferentes gêneros, participar de situações de escrita que envolvam a elaboração do que escrever (textualização) bem como sejam previstas situações de revisões para ajustes tanto quanto ao gênero como nos aspectos ligados as normas e estilos. A complexidade de tal tarefa demanda bons conhecimentos sobre a língua e os gêneros trabalhados em cada ano escolar. A criança precisa ainda dar conta de saber que podemos escrever tudo o que falamos, mas não exatamente como falamos, contar uma história é diferente de registrá-la uma vez que meu interlocutor estará distante e na verdade, quando a criança “cria” um narrador deixa de ser ela para assumir a voz de terceiro, mas em certos momentos tal distanciamento passa a não existir. Como podemos notar, a demanda de tarefas é grande e, numa pesquisa é importante delimitar. Estabelecemos como pergunta de pesquisa: quais estratégias para produção textual podem diminuir o uso de marcas de oralidade na produção textual de alunos do Ensino Fundamental. Nosso objetivo centra-se, por conseguinte, na busca de estratégias para diminuir o emprego de marcas de oralidade em textos escritos produzidos por alunos das séries iniciais no Fundamental, área em que atuamos. Apoiar-nos-emos nos estudos de Marchuschi (2008), sobre oralidade e escrita; Sparano et al (2012), Koch (2004) Marquesi e Cabral (2008) para as questões de texto e escrita. Estudos realizados por Ferreiro e Siro (2010) sobre educação também contribuirão para fundamentar nossas análises. Ao considerarmos a escrita um ato social, que será aprendida por meio de interações e “modelos” estabelecidos pelos usuários da língua, nos aproximaremos dos estudos de Vygotsky, para quem o desenvolvimento do sujeito tem início nas interações sociais, o sujeito é mesmo “ um resultado das formas de relação” (Vygotsky, 1991, p.119). A contribuição dessas diversas correntes teóricas em diálogo permite apontarmos o modo como concebemos a escrita e, paralelamente a linguagem, o texto e a constituição do aluno escritor. Ela possibilita, além disso, o desenvolvimento dos fundamentos que sustentarão nossa pesquisa. Se a aprendizagem da escrita acontece na interação entre sujeitos ativos (quem escreve e para quem se escreve) com intencionalidades

comunicativas, essa tarefa demanda a mobilização de certos conhecimentos que serão ora específicos, como as características do gênero, ora mais abrangentes, como as questões diretamente ligadas à ortografia das palavras, ora o ajuste entre como falamos e como escrevemos. Desse último ponto de vista, as marcas de oralidade se fazem presentes. Encontramos respaldo teórico e metodológico para a pesquisa no Mestrado em Linguística da Universidade Cruzeiro do Sul, especificamente no grupo de pesquisa *Teorias e Práticas Discursivas e Textuais*, na linha de pesquisa *Texto Discurso e Ensino: processos de leitura e produção de texto escrito e falado*, em que se insere a presente pesquisa.

Palavras chaves: Produção de texto; Oralidade; Aprendizagem.

Referências bibliográficas:

- ADAM, J.M. *A Linguística Textual: introdução à análise textual dos discursos*. Trad. Maria das Graças Soares Rodrigues, João Gomes da Silva Neto, Luis Passeggi, Eulália Vera Lúcia Fraga Leurquin. São Paulo: Cortez, 2008.
- FRANÇOIS, F. *Crianças e Narrativas: maneira de sentir, maneiras de dizer...* São Paulo: Humanitas, 2009.
- FERREIRO, E. SIRO, A. *Narrar por escrito do ponto de vista de um personagem: uma experiência de criação literária com crianças*. São Paulo: Ática, 2010.
- GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. São Paulo: Atlas, 2007.
- KERBRAT-ORECCHIONI, C. *L'énonciation*. Paris: Armand Colin, 1997 [1980].
- KOCH, I. V. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- _____. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.
- _____. *As tramas do texto*. Rio de Janeiro: Lucerna, 2008.
- KOCH, I. V.; BENTES, A. C. e CAVALCANTE, M. M. *Intertextualidade diálogos possíveis*. 2ª edição. São Paulo: Cortez, 2008.
- KOCH, I. V. e ELIAS, V. M. S. *Ler e escrever estratégias de produção textual*. São Paulo: contexto, 2009.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais: definição e funcionalidade in: BEZERRA, M. A., DIONISIO, A.P. e MACHADO, A. R. (org.) *Gêneros Textuais e Ensino*. Rio de Janeiro, Editora Lucerna, 2002.
- _____. *Cognição Linguagem e Práticas Interacionais*. Rio de Janeiro, Lucerna, 2007.
- _____. *Da fala pra a escrita atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.
- MARQUESI, S.C. & CABRAL, A. L. T. Enunciação e práticas discursivas na universidade: uma reflexão sobre dificuldades de escrita. In: MICHELETTI, G. (org.) *Enunciação e Gêneros Discursivos*. São Paulo: Cortez, 2008.
- MICHELETTI, G. (org.) *Enunciação e Gêneros Discursivos*. São Paulo: Cortez, 2008.
- SANDIG, B. O Texto como conceito prototípico. IN: WEISER, H. P. e KOCH, I. B. V. *Linguística Textual perspectivas alemãs*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2009.
- SANTOS, L. W. ; RICHE, R. C.; TEIXEIRA, C. S. *Análise e Produção de Textos*. São Paulo: Contexto, 2012.
- SEVERINO, A.J. *Metodologia do trabalho científico*. São Paulo: Cortez, 2000.
- SPARANO, M. E. et al. *Gêneros textuais: construindo sentidos e planejando a escrita*. São Paulo, Terracota, 2012

Solteiríssimo, solteiraço, solteirésimo: um caso de desencontro das propriedades semântico formais da construção superlativa sintética no Português do Brasil

Patrícia Miranda Machado (UFJF)

Neusa Salim Miranda (Orientadora/PPG-Linguística – CNPq (UFJF)

O presente estudo, cuja matriz teórica se vincula à Linguística Cognitiva (LAKOFF e JOHNSON, 1999; FAUCONNIER e TURNER 2002; CROFT e CRUSE, 2004; GOLDBERG, 1995, 2006; SOLOMÃO, 2005; ISRAEL, 2004, 2011; MIRANDA e SALOMÃO, 2009, dentre outros) e, em especial, a dois de seus mais relevantes modelos – a Semântica de Frames (FILLMORE, 1982; PETRUCK, 1996) e a Gramática das Construções (Fillmore 1989; Fillmore, Kay & O'Connor, 1988; GOLDBERG, 1995, 2006; FRIED & ÖSTMAN, 2004) busca investigar um dos nódulos da rede de construções superlativas mórficas do Português – aqui nomeado como *Construção Superlativa Sintética de Estados Absolutos* (CSSEA) do tipo:

- (1) A aprovação na terça-feira do projeto de lei que proíbe o transporte de combustível pelo território de Rio Preto é desde já **candidatíssima** ao título de bizarrice do ano.
http://www.diarioweb.com.br/noticias/body_colunas.asp?idCategoria=54&Data=26/07/2007
- (2) E o meu aniversário de 2008? Eu estava de repouso, **gravidésima** dos meninos, 2 dias antes deles nascerem!!
<http://www.mamaetaocupada.com.br/blog/2010/06/marcando-na-folhinha.html>
- (3) **Solteiríssimo**: Em São Paulo para eventos da Parada Gay, príncipe gay indiano bate papinho com o Mix.
http://pt.goldenmap.com/Manvendra_Singh_Gohil

Trata-se de uma construção morfológica formada a partir da integração de um núcleo que remete a um estado absoluto não-graduável (desempregada, casada, grávida) com operadores de grau (-íssimo, -érrimo, -ésimo, -aço, -ão, -ona). O resultado são types como desempregadíssima, casadésima, gravidaça e solteirona. Essa configuração nos aponta para o fenômeno do desencontro/*mismatch* (FRANCIS & MICHAELIS, 2000; MICHAELIS, 2004; TRAUOGOTT, 2007), uma vez que evidencia incongruências entre as propriedades semântico-formais dos sufixos operadores de grau e as do item lexical graduado por tal sufixo.

Esse conflito/ incongruência da construção pode ser compreendido a partir das relações polares de **contrário** e **contradição**, descritas por Israel (2004) que evidencia que, separadamente, o núcleo e o sufixo apontam para relações polares diferentes. Enquanto o radical estabelece relações de **contradição**, por ser um estado absoluto, não graduável, o sufixo, por ser um atribuidor de grau, estabelece relações **contrárias**.

Quanto aos aspectos formais, encontramos três padrões construcionais da CSSEA: (i) [$X_{adj} Y_{suf}$] (Estou **solteiraço** e vim aqui curtir a noite) (ii) [$X_{subs} Y_{suf}$] (E as **candidatíssimas** a pior atriz da década são: Lindsay Lohan, Jennifer Lopez, Madonna, Mariah Carey e... Paris Hilton!!!) e (iii) [$X_{adv} Y_{suf}$] (Tira essa idéia maluca de disputa da cabeça, viu Tatiana? Eu tô fora! – Fora?! Pois eu faço você **ficar dentríssimo!**).

No que se refere à Semântica da CSSEA buscou-se desvelar as cenas conceptuais a que se vinculam os types considerados no presente estudo e recobrir o novo perfilamento dado a essas cenas. Assim, postulamos a presença de dois tipos de perfilamento nos contextos discursivos da CSSEA: i. Perfilamento por Traços; ii. Perfilamento por contradição. Para além de identificar um estado, ambos os perfilamentos que envolvem a CSSEA atribuem-lhe propriedades consensuais, idealizadas e por isso aponta em direção à noção de protótipo.

O compromisso da Linguística Cognitiva com a empiria vem sendo, cada vez mais, reafirmado através dos estudos baseados em corpora naturais. Para tanto, a Linguística de corpus tem servido como uma fonte metodológica. Dentro dessa abordagem, procedeu-se à constituição de um corpus específico da construção baseado em dados reais e espontâneos de uso lingüístico (através do concordanciador eletrônico *Web Concordancer beta* - <http://webas Corpus.org/searchwac.html>). Nosso corpus se configurada a partir de 24 tipos/ types e 7.156 ocorrências/ tokens.

Nossas análises puderam consolidar a hipótese inicial de que a CSSEA se constituiem como um padrão construcional específico dentro da rede de Construções Superlativas do português. Atestam ainda, de modo reiterado, a relevância dos Modelos de Uso como aporte analítico e o papel dos processos de Desencontro na constituição e expansão da rede de construções de uma língua. Desse modo evidenciaram a produtividade da construção, assim como seu processo de convencionalização no Português do Brasil em ambientes discursivos marcados pela informalidade.

Palavras-chave: Gramática Das Construções; Desencontro/ *Mismatch*; Construções Morfológicas.

Referências bibliográficas:

- CROFT, W. & CRUSE, D. A. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.
- FAUCONNIER, G. e TURNER, M. *The way we think*. New York: Basic Books, 2002.
- FILLMORE, C. J. *Frame Semantics*. In: Linguistic Society of Korea (Ed.). *Linguistics in the Morning Call*. Seoul: Hánshin, 1982.
- FILLMORE, C. J. *Grammatical Construction theory and the familiar dichotomies*. In: DIETRICH, R. e GRAUMANN, C. (eds.) *Language processing in social context*. North-Holland: Elsevier Science Publishers B.V, p. 17-38, 1989.
- FILLMORE, C.; KAY, P.; O'CONNOR, M. *Regularity and idiomatcity in grammatical constructions: the case of 'let alone'*. *Language*, v. 63, n. 3, p. 501-538, 1988.

- FRANCIS, E. J.; MICHAELIS L. A. Approaches to mismatch: introduction. In: BUTT, M.; KING, T. H. (eds.). *Proceedings of the BFG00 Conference Workshops*. Stanford: CSLI Publication [online conference proceedings], 2000.
- FRIED, M & ÖSTMAN, J. *Construction Grammar in a cross-language perspective*. Amsterdam & Philadelphia: John Benjamins, 2004.
- GOLDBERG, A. *Constructions at work*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago and London: The University Chicago Press, 1995.
- ISRAEL, M. *The Grammar of Polarity: pragmatics, sensitivity, and the logic of scales*. Cambridge, Cambridge University Press, 2011.
- ISRAEL, M. The pragmatics of polarity. In Horn & Wards (eds) *The Handbook of Pragmatics*. Blackweel, p. 701-723, 2004.
- LAKOFF, G. e JOHNSON, M. *Philosophy in the flesh*. Chicago: The University Chicago Press, 1999.
- MICHAELIS, L. A. *Type Shifting in Construction Grammar: an integrated approach to aspectual Coercion*. *Cognitive Linguistics*, v.15, p.01-67, 2004.
- MIRANDA, N. S. e SALOMÃO, M. M. M. *Construções do Português do Brasil – da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- PETRUCK, M. R. L. Frame Semantics. In: VERSCHUEREM, J. et. al (eds.). *Handbook of Pragmatics*. Philadelphia: John Benjamins, 1996.
- SALOMÃO, M. M. M. *Construções no português do Brasil: integração conceptual na sintaxe e no léxico*. In: Miranda, N.S. & Name, M.C.L. (org.) *Linguística e Cognição*. Juiz de Fora: Ed.UFJF, 2005.
- TRAUGOTT, E. C. The concepts of constructional mismatch and type-shifting from the perspective of grammaticalization. *Cognitive Linguistics*, v.18, n.4, p. 523-557, 2007.

Conqueísmo: a extensão de uma construção com verbos de Dinâmica de Forças

Paulo Chagas de Souza (FFLCH/USP)

Esta comunicação tem o objetivo de discutir uma construção normalmente restrita a um único verbo, mas que gradativamente tem ensaiado seu uso com outros verbos da mesma classe. A construção, aqui denominada *conqueísmo*, utiliza a preposição *com* seguida de uma subordinada no subjuntivo. Normalmente essa construção só se encontra com o verbo *fazer*, como no exemplo de Borba (1990, 745): “O Padre vem por trás e dá uma pancada em seu braço, fazendo com que a faca vá cair no meio da praça.”

Embora ainda de maneira incipiente, essa construção tem ocorrido com outros verbos, além do verbo *fazer*. Um exemplo da internet é o seguinte: “Nem mesmo a goleada que os alemães aplicaram na Seleção Brasileira ... evitou com que a torcida torcesse para a seleção alemã.” Denomino esse uso *conqueísmo*, de forma paralela ao termo *dequeísmo*, utilizado, por exemplo, por Mollica (1995) “Eu poderia provar para o povo **de que** houve fraude nas eleições passadas.”

Os fenômenos do *dequeísmo* e do *queísmo* foram identificados inicialmente no espanhol do Chile por Rabanales (1974). As definições desses dois fenômenos utilizadas em Rabanales (2005) são as seguintes:

“En el ‘queísmo’ se trata de la tendencia a omitir la preposición de delante del que preferentemente gramemático, índice de cláusula con verbo en forma personal ... cuando la norma académica hace esperar su presencia.” (p. 25)

“En el ‘dequeísmo’, en cambio, se trata de la tendencia a anteponer la prep. de al que preferentemente gramemático, cuando la norma académica no hace esperar su presencia. De este modo, en vez de ‘creía que tenía la razón’, se dice ‘creía de que tenía la razón’.” (p. 26)

De forma paralela, defino o *conqueísmo* como o uso de *com que* em construções nas quais se esperaria que ocorresse apenas um *que*. Nesta comunicação discuto o *conqueísmo*

A análise se inspira na Gramática Cognitiva (Langacker 1997) e na Gramática das Construções (Goldberg 1995, 2006). Analiso essa construção como constituída de verbos factitivos ou verbos expressos como causativos de eventos, verbos compostos essencialmente de verbos que exprimem a dinâmica de forças (Talmy 1988, 2000; Jackendoff 1990).

Na Gramática Cognitiva, os membros de uma categoria não se distribuem igualmente. Alguns são mais centrais, mais

típicos, são os melhores exemplos de sua categoria. Entre os verbos factitivos do português, provavelmente o mais central deles é o verbo *fazer*. Primeiramente por ter um sentido bem subespecificado. Segundo por ser usado numa maior gama de construções, como *fez uma confusão*, *fez (com) que ele saísse*. Além disso, é um dos verbos mais frequentes em uso na língua portuguesa. Segundo Davies & Preto-Bay (2008), ele é o quarto verbo mais frequente, vindo atrás apenas dos auxiliares *ser*, *ter* e *estar*.

Uma construção na Gramática das Construções pode ser definida como um par convencional constituído de forma e função aprendido pelos falantes de uma língua. Esses pares podem se situar em níveis variados de complexidade e abstração (Goldberg 1995, relação ao léxico em geral, mas não é nada mais que uma construção que se estende, um dos principais mecanismos de mudança sintática (Harris & Campbell 1995).

Referências Bibliográficas:

Borba, Francisco da Silva (org.) (1990). Dicionário Gramatical de Verbos. São Paulo: Ed. UNESP.

Goldberg, Adele (1995). *Constructions*

Goldberg, Adele (2006). *Constructions at Work*.

Jackendoff, Ray (1990). *Semantic Structures*. Cambridge, MA: MIT Press.

Harris, Alice & Campbell, Lyle (1995). *Historical Syntax in Cross-Linguistic Perspective*. Cambridge: Cambridge Univ. Press.

Langacker, Ronald (1987). *Foundations of Cognitive Grammar*. Stanford: Stanford Univ. Press.

Mollica, Maria Cecília de Magalhães (1995). (De) que falamos? Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.

Rabanales, Ambrosio (1974). Queísmo y dequeísmo en el español de Chile. In: *Homenaje a Ángel Rosenblat en sus 70 años. Estudios filológicos y lingüísticos*. Caracas: Instituto Pedagógico, pp. 413-444.

Rabanales, Ambrosio (1995). Queísmo y dequeísmo en el español de Chile. In *Onomázein* 12 (2): 23-53.

Talmy, Leonard (1988). *Force Dynamics in Language and Cognition*.

Talmy, Leonard (2000). *Toward a Cognitive Semantics*. Cambridge, MA: MIT Press.

Comparativismo categorial e gramaticalização de construções de CÓPULA + COMITATIVO em Português e línguas Bantas

Paulo Jeferson Pilar Araújo (USP/FAPESP)

Este trabalho retoma os resultados apresentados em Araújo (2013) para os debates sobre a relação entre as construções locativas, existenciais e possessivas nas línguas do mundo (Heine, 1997; Stassen, 2009), dando especial atenção para o caso particular o português brasileiro em comparação com as línguas bantas. Para esse grupo de línguas, a estratégia prototípica para a expressão de posse predicativa é o uso de uma cópula juntamente com um morfema de valor comitativo, equivalente ao ESTAR + COM do português. Para esta apresentação, serão utilizados dados do português brasileiro, conforme exemplo em (1a-b), abaixo, e dados de línguas bantas, como no exemplo (2) do tsuana, fazendo-se uma discussão de comparativismo categorial (Haspelmath, 2010):

- (1) Português brasileiro
 - a. O homem **tem** um carro novo. (Possessivo tipo *have*)
 - b. O homem **tá com** um carro novo. (Possessivo tipo *with*)
- (2) Tsuana (S31) (Creissels, 2013, p. 469)
Ke na le ma-di.
1SG estar.com com CL6-dinheiro
'Eu tenho dinheiro.'

Considerar na análise as línguas bantas, para as quais o entendimento mais completo da relação entre locativos, existenciais e possessivos só se dá se o domínio conceitual do comitativo for também incluído na análise, contribuirá para uma alternativa às análises formalistas para as construções possessivas em português, vistas como resultado de derivações conforme a fórmula: "BE + WITH = HAVE" (Avelar, 2011). Nas análises formalistas, verbos do tipo "have" são produtos da incorporação de preposição, com valor locativo ou comitativo, em uma cópula. Essas análises são consideradas localistas por acreditarem que a base das construções possessivas são construções locativas. Faz-se também uma comparação entre essas propostas localistas e as propos-

tas não localistas, nomeadamente as de cunho funcionalista. Estas últimas buscaram identificar outros fatores na relação de possessivos e as demais construções que não se pautassem apenas no domínio conceitual do locativo. Toma-se para esta apresentação, os pressupostos da Gramática Cognitiva (Langacker, 2008), em específico o construto do Ponto de Referência, considerado como a base conceitual comum às quatro construções em questão: locativas, existenciais, comitativas e possessivas. A análise langackeriana do Ponto de Referência considera que as quatro construções acima compartilham da capacidade cognitiva humana de tomar um ponto para que se tenha acesso a outros elementos em um universo. Essa capacidade cognitiva abarca diversos processos de conceitualização e explicaria a proximidade entre possessivos e as construções correlatas. Os dados são descritos e analisados tomando-se os caminhos de gramaticalização que as línguas do mundo apresentam para as construções de CÓPULA + COMITATIVO. Para o português, são apresentados os domínios conceituais nos quais as expressões com ESTAR COM são utilizadas. São apontadas algumas hipóteses para a não ocorrência de um “have-drift” das construções ESTAR COM em português, diferentemente do que ocorre com as línguas bantas, que apresentam tal processo de gramaticalização. Nesse processo, o morfema com o valor comitativo passar a ser reanalisado como um verbo do tipo “have”. Atentar para os traços tipológicos das línguas bantas e a existência de uma estratégia de possessivo comitativo em português reforça a posição de Araújo (2013), contra as abordagens localistas para possessivos, de que a categoria semântico-gramatical Controle seja a categoria responsável por delimitar o domínio do possessivo das outras construções utilizadas pelas línguas para a expressão de posse predicativa.

Palavras-chave: Comparativismo Categorial; Comitativo; Ponto de Referência.

Referências bibliográficas:

- ARAÚJO, P. J. P. *Domínios conceituais das construções locativas, existenciais, comitativas e possessivas em línguas bantas*. 245p. Tese (Doutorado) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- AVELAR, Juanito Ornelas. The Comitative-Copular Basis of Possessive-Existential Construction in Brazilian Portuguese. In: NUNES, Jairo (org.) *Minimalist Essays on Brazilian Portuguese Syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 2009a.
- CREISSELS, Denis. Control and the evolution of possessive and existential constructions. In: GELDEREN, Elly van; CENNAMO, Michela; BARODAL, Jóhanna. *Argument Structure in Flux: The Naples-Capri Papers*. Amsterdam: John Benjamins, 2013, p. 459-476.
- HASPELMATH, Martin. Comparative concepts and descriptive categories in crosslinguistic studies. *Language*, vol. 86, n. 3, p.663-687, 2010.
- HEINE, Bernd. *Possession. Cognitive Sources, Forces, and Grammaticalization*. Cambridge: Cambridge University Press, 1997.
- LANGACKER, Ronald. *Cognitive Grammar: A basic introduction*. New York: Oxford University Press, 2008.
- STASSEN, Leon. *Predicative Possession*. Oxford: Oxford University Press, 2009.

Processos atencionais e linguagem em perspectiva cognitivista

Paulo Roberto Gonçalves Segundo (USP)

Maria Célia Lima-Hernandes (USP-CNPq-FAPESP)

Este trabalho visa a realizar reflexões acerca da interface entre atenção e linguagem, buscando compreender o fenômeno em perspectiva biológica e cognitiva a fim de dimensionar sua importância e sua influência no que tange à produção e à interpretação do sentido em contextos reais de uso da linguagem.

Para Sternberg & Sternberg (2012: 137), “a atenção é o modo pelo qual processamos ativamente uma quantidade limitada de informação a partir de uma enorme quantidade de informação disponível pelos sentidos, pela memória e por outros processos cognitivos [...], incluindo tanto processos conscientes quanto inconscientes”. Por conseguinte, ela está ligada tanto a processos automatizados quanto a processos conscientes, de modo que se pode afirmar que atenção e consciência encontram-se em intersecção.

Posner & Rothbart (2007), em uma revisão dos estudos em Neurociência da Atenção, propõem três subfunções da atenção, organizadas segundo a área cerebral envolvida, os neurotransmissores implicados e os resultados da disfunção do sistema. Sternberg & Sternberg (2012) sintetizam os achados da seguinte forma:

1. A primeira das subfunções seria o *alerta*, responsável não só por preparar o organismo para um evento iminente, quanto para sustentar o foco nessa atividade. O funcionamento indevido deste sistema estaria associado, por exemplo, a sintomas de Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade (TDAH).

2. A segunda subfunção consistiria na *orientação*, ligada à seleção dos estímulos para os quais se deve focar, como numa busca visual. A disfunção deste sistema liga-se, por exemplo, ao autismo.

3. A terceira grande subfunção consiste na *atenção executiva*, que abarca processos de monitoramento e resolução de conflitos ente pensamentos, sentimentos e respostas. A disfunção deste sistema pode estar associada à Doença de Alzheimer, ao transtorno de personalidade borderline e à esquizofrenia.

Vê-se, portanto, que a atenção realiza interface, por um lado, com a percepção sensorial e com as rotinas motores, e, por outro, com a coordenação de sistemas de motivação e de memória. À primeira dessas interfaces, ou seja, à relação entre atenção e os sistemas motor e perceptual, Oakley (2011) denomina *senciência subsidiária* (*subsidiary awareness*); à segunda, *senciência focal* (*focal awareness*).

O autor busca entender o comportamento humano, especialmente, o linguístico-discursivo a partir de como ele se inter-relaciona com os processos cognitivos, dentre os quais a atenção assume uma importância fundamental. Nessa visão, “a atenção consiste simplesmente na atividade global que inicia e mantém comportamentos orientados a metas na face de múltiplas distrações que competem entre si” (Oakley, 2011: 287).

Em sua proposta, a *senciência subsidiária* seria constituída por três atividades elementares: o *alerta*, a *orientação* e o *compartilhamento*, ao passo que a *senciência focal* seria formada de quatro componentes: a *seleção*, a *sustentação*, o *controle* e a *harmonização*. Em outros termos, aquilo que Posner & Rothbart (2007) denominaram *atenção executiva* parece equivaler, grosso modo, ao que Oakley (2011) denomina *senciência focal*.

Desse modo, buscar-se-á, neste trabalho, mostrar perspectivas de estudos relativas a essas atividades propostas por Oakley (2011) e refletir acerca de possíveis relações com quatro principais tarefas viabilizadas pelo componente atencional: a detecção de sinais e a vigilância, a busca, a atenção seletiva e a atenção dividida. Para isso, tomar-se-á como base as propostas já consolidadas por Langacker (1987; 1991; 2008) e Talmy (2000) sobre a correlação linguagem-atenção e verificar em que medida fenômenos linguísticos e discursivos do Português Brasileiros podem ser explorados por esse viés.

Palavars-chave: atenção; linguagem; cognição.

Referências bibliográficas:

- LANGACKER, Ronald. **Foundations of Cognitive Grammar: theoretical prerequisites.** Stanford: Stanford University Press, 1987.
- LANGACKER, Ronald. **Foundations of Cognitive Grammar: descriptive applications.** Stanford: Stanford University Press, 1991.
- LANGACKER, Ronald. **Cognitive grammar: a basic introduction.** New York: Oxford University Press, 2008.
- OAKLEY, Todd (2011). Attention and Rhetoric: Prolepsis and the Problem of Meaning. In: MEYER, Christian; GIRKE, Felix. **The Rhetorical Emergence of Culture.** New York: Berghahn Books, p. 282-303.
- POSNER, M. I., & ROTHBART, M. K. (2007). Research on attention networks as a model for the integration of psychological science. **Annual Review of Psychology**, 58, 1–23.
- STERNBERG, Robert; STERNBERG, Karin (2012) **Cognitive Psychology.** 6ª ed. Belmont: Wadsworth Cengage Learning.
- TALMY, Leonard. **Towards a Cognitive Semantics.** Vol. 1. Cambridge: MIT Press, 2000.

(Re)alinhamentos interacionais em entrevistas com integrantes do centro de convivência de afásicos do IEL/Unicamp
Rafahel Jean Parintins Lima (IEL/UNICAMP)

O objetivo deste trabalho é observar relações entre alinhamentos interacionais, intercompreensão e situação comunicativa. Para isso, analisamos trechos de entrevistas realizadas com integrantes afásicos do Centro de Convivência de Afásicos (CCA/IEL/UNICAMP), mostrando a ocorrência de movimentos de colaboração e intercompreensão realizados pelos sujeitos. Adotamos os pressupostos teóricos da Sociolinguística Interacional (RIBEIRO & GARCEZ, 2002), entendendo, assim, que a

compreensão é um processo inferencial de reconstrução do sentido construído pelo outro. Ela nunca se realiza na perspectiva de apenas um dos interlocutores: é preciso que as ações interacionais alinhem-se para que ela ocorra. A concepção de alinhamento destacada nas análises compreende a adotada por Goffman (2002 [1979]), segundo a qual os sujeitos agem de acordo com suas metas interativas, em uma relação estabelecida entre os interlocutores em relação à interação em processo. Um dos materiais com os quais trabalham os sujeitos no processo de intercompreensão são as chamadas pistas de contextualização, utilizadas para indicar as intenções comunicativas dos interlocutores e a própria efetuação da compreensão (GUMPERZ, 2002 [1982]). O Centro de Convivência de Afásicos (CCA) é um espaço de interação de sujeitos afásicos e não afásicos, localizado no IEL/UNICAMP, cujo objetivo é oferecer experiências interacionais cotidianas, em meio a rituais sociais e circunstâncias significativas da vida em sociedade (MORATO, 2007). De uma forma geral, estudos têm colaborado para a demonstração de que as dificuldades de sujeitos afásicos não necessariamente alteram diversos tipos de processos linguísticos, nem processos interacionais e sociocognitivos afeitos à linguagem (cf. MORATO, 2012; 2008a; 2008b; HEBLING, 2009; CAZELATO, 2006; 2003; MACEDO, 2003). Os afásicos do CCA, particularmente, não possuem graves problemas de compreensão, nem deixam de produzir textos verbais ou não verbais compreensíveis. Diversas pesquisas têm sido realizadas com esses sujeitos (por exemplo, LIMA, 2014; VEZALI, 2012; MIRA, 2002; 2007; TUBERO, 2006). A interação verbal e não verbal com sujeitos afásicos pode, no entanto, envolver vários momentos de má compreensão, seguidos de ações que buscam intercompreensão, como o uso de marcadores conversacionais. Essas ações permitem que observemos como os interlocutores (re)alinham-se sociocognitivamente para compreender-se. Os dados analisados consistem em entrevistas realizadas com 2 (dois) afásicos do grupo. O protocolo dessas entrevistas abrangeu perguntas sobre a participação e a experiência desses sujeitos no CCA. O sistema de transcrição utilizado foi o *AphasiAcervus*, versão 2011, adotado pelo Grupo de Pesquisa COGITES (“Cognição, Interação e Significação”). Nossas análises identificaram ações constantes de alinhamento e realinhamento interacional em relação às intenções e à efetuação da compreensão do outro, o que envolve também a operação inferencial de saber se o mesmo conhecimento é ativado conjuntamente. Considerando que a intercompreensão é intersubjetiva, sugerimos, assim, que ela é a partilha de uma perspectivação comum em relação à situação e ao enunciado, decorrente do processo colaborativo e da estabilidade das significações e das perspectivas convencionalizadas na linguagem. Nesse sentido, a interação é, além de uma troca, uma partilha de perspectivas. Sugerimos, por fim, que as ações de intercompreensão são guiadas pelo reconhecimento mútuo, em nossos dados, da situação comunicativa de entrevista e dos papéis interativos que ela envolve.

Palavras-chave: Alinhamento; Compreensão; Interação.

Referências bibliográficas:

- CAZELATO, Sandra Elizabete de Oliveira. *A interpretação de provérbios equivalentes por afásicos: um estudo enunciativo*. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2003.
- _____. A ocorrência espontânea de expressões formulaicas no contexto patológico: estudo da competência pragmático-discursiva. *Estudos Linguísticos* 35: 1786-1792, 2006.
- GOFFMAN, Erving. Footing. In: RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro. *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2002 [1979].
- GUMPERZ, John. Convenções de contextualização. In: GARCEZ, Pedro; RIBEIRO, Branca Telles (org.). *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2002 [1982].
- HEBLING, Carolina Barbosa. *Atividades de reformulação na conversação entre afásicos e não afásicos*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2009.
- HILGERT, José Gaston. *A paráfrase: um procedimento de constituição do diálogo*. Tese (doutorado) - Universidade de São Paulo, 1989.
- MACEDO, Heloísa Oliveira. O uso do computador como propiciador da emergência de processos metacognitivos em atividades de leitura e escrita com sujeitos afásicos. *Veredas*, 7: 279-293, 2003.
- MIRA, Caio César Costa Ribeiro. *O CCA como uma comunidade de práticas: uma análise das interações do Centro de Convivência de Afásicos*. Dissertação (mestrado) -

- Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2007.
- _____. *Afasia e interação: uma análise da dinâmica de turnos e da gestão do tópico nas práticas conversacionais de sujeitos afásicos e não-afásicos*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2012.
- MORATO, Edwiges Maria. Aportes do ponto de vista sociocognitivo às ações terapêuticas: a experiência do Centro de Convivência de Afásicos (CCA-Unicamp). In: SANTANA, Ana Paula; GUARINELLO, Ana Cristina; MASSI, Giselle (orgs.). *Abordagens grupais em Fonoaudiologia: contextos e aplicações*. São Paulo: Plexus, 2007.
- _____. O caráter sociocognitivo da metafóricidade: contribuições do estudo do tratamento de expressões formulaicas por pessoas com afasia e com Doença de Alzheimer. *Revista de Estudos Linguísticos*, 16(1): 157-177, 2008a.
- _____. Da noção de competência no campo da Linguística. In: SIGNORINI, Inês (org). *Situar a língua(gem)*. São Paulo: Parábola, 2008b.
- _____. Referenciação metadiscursiva no contexto das afasias e da Doença de Alzheimer. *Letras de hoje*, 47(1): 45-54, 2012.
- LIMA, Rafahel Jean Parintins. *Perspectivação social no Centro de Convivência de Afásicos do IEL/UNICAMP*. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2014.
- RIBEIRO, Branca Telles; GARCEZ, Pedro. *Sociolinguística interacional*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- TUBERO, Ana Lucia. *A construção conjunta de objetos de discurso: a experiência do Centro de Convivência de Afásicos no processo de elaboração do livro Sobre as afasias e os afásicos*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2006.
- VEZALI, Patrik. *A dêixis na interação entre afásicos e não afásicos: conjugação indicial fala/gesto*. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, 2012.

Corpo, mente e leitura: alguns diálogos possíveis

Raul de Souza Püschel (IFSP)

O que acontece aos brasileiros, quando, eles, ao empregarem uma mesóclise, revelam uma espécie de falta de espontaneidade em termos de postura corporal? O que surpreende o leitor, ao ver escrito em *1984*, de Orwell, que, de modo inesperado, uma mentira pôde ser proferida sem quebra de sintaxe? O que acontece ao se sentir medo ou excitação face à leitura de certa passagem de uma obra ficcional? Como a pontuação, em uma perspectiva diacrônica, revela não só a aceleração da sociedade contemporânea, como também o modo de se expressar mais rápido e tenso do indivíduo que é movido, como diria Walter Benjamin, por certos “chocs”, tal como se vê em Poe e em Baudelaire? Pensando ainda em termos de percepção e cognição, como a sintaxe dos sonetos da terceira fase de Mallarmé antecipa as fraturas e quebras tipográficas do *Lance de dados*, e como este último antecipa a leitura permutacional do projeto de *Le livre*? Qual a correlação entre a poesia concreta, de um lado, e a industrialização brasileira e o projeto da construção de Brasília, de outro lado? Que técnicas são estilisticamente produzidas para se criar uma conjunção favorável na produção de certos estados mentais e corporais? Qual a conexão entre adensamento semântico, formulação e a percepção do sujeito como corpo no mundo fenomenológica e cognitivamente?

Neste trabalho será discutida como se valer da articulação entre um estudo de António Damásio (*E o cérebro criou o homem*) e algumas produções teóricas da literatura para se enxergar a correlação corpo/mente, a partir da perspectiva do polo comunicativo a que chamamos leitor. Em suma, como, na recepção, o texto pode produzir, entre outros estados, medo, angústia, felicidade, surpresa, desejo de participação, olhos arregalados, contração corporal, aceleração e desaceleração?

Serão utilizadas várias passagens literárias para se discutir tais fenômenos, com o intuito de revelar a abertura que tal conjunção teórica proporciona, e para se entender melhor aspectos do fenômeno da leitura de ficção. Vê-se aqui o que um texto estrutura para o leitor, provocando-lhe uma gama de sentimentos e emoções que ajudam a revelar também aspectos do funcionamento do corpo e da mente.

De certa forma, o recorte aqui não deixará de ser também uma leitura comentada de *E o cérebro criou o homem*, pontuada por um diálogo – como diria Merleau-Ponty – com a linguagem falante da literatura. Assim, aparecerão muitas

passagens expressivas acerca do par cognição/linguagem literária em Dante, mas também em Homero, Cervantes, Calderón de la Barca, Molière, Flaubert, Eça de Queiroz, Machado de Assis, Clarice Lispector, Guimarães Rosa, Drummond, Mário de Andrade, Rabelais, Knut Hamsun, Comarc McCarthy, Rubem Braga, Hans Ruesch, Proust, Sófocles, Hoffmann, Swift, Italo Calvino, e.e.cummings, Mallarmé, Hemingway, Goethe, Bandeira, entre tantos outros.

A teoria literária articulará conceitos como os de contar e mostrar, estranhamento (cf. Chlosvski) graus de dificuldade do texto poético (de George Steiner), ponto de vista (cf. Norman Friedman) mimesis (de Auerbach), dialogismo (de Bakhtin), texto/ não texto (dos semioticistas russos), o ato de ler e a teoria de recepção (de Iser e Jauss, respectivamente), além de alguns conceitos de Haroldo de Campos e outros de Walter Benjamin. Só que a função da teoria será unicamente a de atuar como um elemento que desdobre nossa capacidade de explorar dada passagem e permitir o enriquecimento do diálogo entre linguagem literária e cognição. Os pontos fulcrais e basilares não serão as diversas teorias e autores citados, mas sim como a obra citada de Antônio Damásio enriquece nossa compreensão da linguagem literária, de um lado, e como simbioticamente a linguagem literária ilumina *E o cérebro criou o homem*, de outro lado.

Palavras-chave: Cérebro; Corpo; Literatura; Teoria Literária.

Referências bibliográficas:

- AUERBACH, E. *Mimesis*. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- BAKHTIN, M. A cultura popular na Idade Média e no Renascimento. 3. ed. Brasília/São Paulo: Ed. Unesp/ Hucitec, 1993.
- BAKHTIN, M. Problemas da poética de Dostoiévski. 3. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2002.
- BEMJAMIN, W. *Os pensadores*. 2. ed. São Paulo: Abril, 1980.
- CHLOVSKI, V. Arte como procedimento. In: TOLEDO, D. (org.) *Teoria da literatura: formalistas russos*. Porto Alegre: Globo, 1971.
- DAMÁSIO, A. *E o cérebro criou o homem*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.
- ECO, U. Metáfora e semiose. *Semiótica e filosofia da linguagem*. São Paulo: Ática, 1991.
- FRIEDMAN, N. Point of view in fiction. In STEVIC, P. *The theory of the novel*. New York: The Free Press, 1967.
- ISER, Wolfgang. *O ato de leitura*. São Paulo: 34, 1996 (vol. 1) e 1999 (vol. 2).
- LUBBOCK, P. *A técnica de ficção*. São Paulo: Edup/Cultrix, 1976.
- MERLEAU-PONTY. *O homem e a comunicação: a prosa do mundo*. Rio de Janeiro: Bloch, 1968.
- PÜSCHEL, R. S. Mallarmé sob o signo do estilhecimento. In: *Revista Itinerários*, n. 26, Araraquara: Unesp, 2008.
- ROBERT, J.-M. *Para compreender o nosso cérebro*. Lisboa: Universo da Ciência/ Edições 70, 1987.
- ROSENFELD, A. Reflexões sobre o romance moderno. 5. ed. Texto/contexto 1. São Paulo: Perspectiva, 1996.
- STEINER, G. On difficulty. In: *On difficulty and other essays*. New York: Oxford University, 1978.
- TOMASELLO, M. *Origens culturais da aquisição do conhecimento humano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

Iniciar um texto é a parte mais difícil?

Renata Barbosa Vicente (UFRPE/USP)

“Iniciar um texto é a parte mais difícil.” Essa situação, relatada por muitos alunos, foi mote para que nos inspirássemos a realizar esta pesquisa. O texto, sendo uma unidade linguística que materializa o discurso, ou seja, as posições discursivo-pragmáticas dos indivíduos, em sua forma escrita, muitas vezes torna-se um obstáculo intransponível para que a comunicação se efetive. Em situações interativas, via escrita formal, como é o caso das redações da Fundação Universitária para o Vestibular da Universidade de São Paulo (FUVEST), o usuário da língua deve afastar-se da oralidade e organizar o que pretende comunicar basicamente em três blocos: início, meio e fim. O início é o lugar mais comumente associado à alta dificuldade, daí nosso interesse.

Seria justo perguntar por que a *introdução* é considerada tão complexa em sua execução. E a resposta é óbvia: tentar estabelecer o diálogo em algumas situações de nosso dia a dia demanda a busca não somente por adequação de abordagem, mas também por adequação linguística. A busca da forma eficiente de aproximação com o outro no ponto de ônibus, no elevador, na fila do caixa de supermercado sempre tem seus efeitos como uma incógnita, que só se resolve no andar da conversa.

Muitas são as formas de se iniciar uma conversa, mas essas formas de se iniciar uma dissertação de vestibular não são tão variadas assim.. A despeito desse amplo leque de formas muitas vezes variantes para preencher a posição inicial de um texto falado ou escrito, regras de convivência social (no caso da fala) e regras de ordem linguística (no caso da escrita) confluem para atender ao mesmo princípio universal: todo início de conversa deve prever o compartilhamento de algum interesse, de alguma informação, de algum traço.

Entendemos que é na parte da *introdução* que a unidade linguística começa tomar forma, mas para muitas pessoas esta unidade linguística é um obstáculo. A pergunta, então, é: por que nos aproximamos de nossos semelhantes e com eles conversar torna-se uma atividade tão difícil? Será que o texto nasce pronto ou ele toma forma previamente na mente humana? Afinal, se no plano oral, mentalmente o indivíduo busca uma estratégia de contato, então na estratégia escrita talvez isso não fosse diferente. Para dar conta dessa questão, apoiamo-nos em pressupostos funcionalistas, e voltamos a atenção para o paralelo existente entre codificação linguística e intenção humana.

O que trazemos aqui permite uma paráfrase com o que afirmou Givón (1979) em sua célebre declaração: “a estrutura da língua reflete a estrutura da mente”.: as regras de convivência e de aproximação interativa humana apresentam um paralelo no momento de se construir o primeiro parágrafo de um texto dissertativo. Mesmo o indivíduo pouco tímido sofre com esse primeiro contato. Então, o momento de iniciar um texto qualquer é o momento de maior dificuldade mesmo para o escrevente habilidoso. Achar um liame, uma forma de interação com elementos compartilhados é um obstáculo inicial que se revela suplantado, recorrentemente, pelo que de mais básico e comum temos filogênica e ontogenicamente: as categorias cognitivas de *espaço e tempo*.

Uma vez transposto o obstáculo do início do texto, a escrita flui desordenadamente e, muitas vezes, sem uma organização definitiva. A escolha da introdução se deve, então, ao que ela representa para todos os escreventes: um obstáculo a ser transposto e um estágio necessário para que a interação se estabeleça. Considerando esse contexto, começam a surgir os primeiros questionamentos acerca de que fatores podem estar relacionados com esse obstáculo.

De acordo com Brandão (2004) as emoções básicas vivenciadas pela espécie são codificadas no cérebro e as respostas biofísicas originam-se de comandos dessa região. Diante disso, considerando que o vestibular seja uma situação de tensão, de emoção e se manifesta como o momento de maior dificuldade na produção de um texto dissertativo, *perguntamo-nos se as emoções poderiam ser codificadas na linguagem via sintaxe*.

Se esse indivíduo carrega essas emoções para uma situação nova, ou mesmo que conheça a situação, mas não tenha o domínio dela, considerando a produção escrita, *questionamo-nos como o indivíduo baseia-se numa situação já conhecida ou similar, para atuar na nova situação*.

Diante desses primeiros questionamentos, consideramos relevante compreender os processos cognitivos que envolvem o processamento da linguagem na mente humana. Para isso, estabelecemos um diálogo entre cognição e linguagem. Esse diálogo não é, como se poderia supor, no entanto, inédito. Mesmo as áreas da neurociências, da psiquiatria e da psicologia têm reconhecido na linguagem um objeto eficiente para alcançar processos mentais. Isso nos permitirá recorrer a vozes de autores como Del Nero (1997) e Damásio (2011), dentre outros. Damásio, por exemplo, defende a ideia de que processamentos mentais remetem a camadas evolutivas da mente. Seus resultados permitem identificar camadas de *self* (*protossself*, *self central* e de *self autobiográfico*) aliados à complexidade de operações que o indivíduo passa a ter competência de realizar conscientemente.

Neste trabalho, um dos pontos que já podemos evidenciar é que algumas estratégias guiam nossa mente na construção do primeiro parágrafo de um texto. Há graus de complexidade envolvidos na decisão do que pode compor esse momento de chegada para a interação. Esse processamento textual é empreendido com base no conhecimento gramatical e lexical, no conhecimento sobre o mundo, bem como conhecimentos alusivos a vivências pessoais e eventos espaço - temporalmente situados e, por fim, no conhecimento das formas de interação por meio da linguagem. Entendemos que esses conhecimentos contribuem para a formulação das primeiras palavras do texto.

Palavras-chave: Cognição; Texto Dissertativo-Argumentativo; Categoria Cognitiva.

Referências bibliográficas:

- BRANDÃO, Marcus Lira. **As bases biológicas do comportamento: Introdução à neurociência**. São Paulo: EPU – Editora Pedagógica e Universitária, 2004.
- DAMÁSIO, António R. **E o cérebro criou o homem**; tradução Laura Teixeira Motta _ São Paulo: Companhia das Letras, 2011 [2009].
- DEL NERO, H. S. **O Sítio da Mente: Pensamento, Emoção e Vontade no Cérebro Humano**. São Paulo. Editora Collegium Cognitio, 1997.
- GIVÓN, T. **On Understanding Grammar**. New York: Academic Press, 1979.

As relações intersubjetivas em correspondências administrativas setecentistas

Renata Ferreira Munhoz (FFLCH/USP)

Esta comunicação baseia-se na tese, por ora em andamento, provisoriamente intitulada “*Os recursos avaliativos no discurso da administração setecentista – a união da Filologia e da Análise do Discurso no estudo de correspondências do governo do Morgado de Mateus*”. Com o objetivo primeiro de ampliar o conhecimento da Língua Portuguesa empregada no período setecentista, serão estudados exemplares da documentação oficial recebida e enviada à Coroa portuguesa pelo Morgado de Mateus, o Dom Luís Antônio de Sousa Botelho Mourão (1722-1798) enquanto Governador e Capitão-General da Capitania de São Paulo, entre os anos de 1765 e 1775. Além da observação de ordem estritamente linguística, intenciona-se promover a análise de aspectos discursivos relacionados às questões sociais presentes nessas correspondências manuscritas que regulamentaram a governança do século XVIII.

Para tanto, segue-se a metodologia de empregar a função substantiva da Filologia como ponto de partida, intencionando a restituição fidedigna do texto produzido naquele momento histórico. Elencou-se, diante dessa pretensão, a transcrição semidiplomática como base às edições dos cem manuscritos setecentistas selecionados para comporem o *corpus*. Esse conjunto contempla 60 documentos oriundos da correspondência ativa do governador e capitão-general da capitania de São Paulo, o Morgado de Mateus enquanto autor intelectual. Em acréscimo, incluem-se 40 manuscritos passivos, recebidos pelo governador de São Paulo como interlocutor da Coroa Portuguesa, personificada pela autoridade superior do Rei Dom José, pelo ministro do Reino, o Conde de Oeiras (o Marquês de Pombal) e por dois secretários do Reino, o Francisco Xavier de Mendonça Furtado e o Martinho de Melo e Castro. Com base nas demais funções filológicas, a adjetiva e a transcendente, analisam-se os dados que remetem às informações de cunho histórico e, sobretudo, os discursos veiculados no *corpus*.

Por se considerar o texto manuscrito como um “tecido”, em que se entrelaçam fatores como “as condições de sua instauração, o contexto social no qual se instaura e, em particular, a estrutura do grupo no qual se realiza” (BOURDIEU, 1983, p. 163), optou-se pela análise de enfoque discursivo. Embora o discurso contido na documentação oficial administrativa tenha comumente caráter formal e objetivo, bastante marcado pela existência de elementos da linguagem formulaica coeva, intenciona-se conceber a constante ocorrência da intersubjetividade dos autores e de seus interlocutores.

Verifica-se, com isso, a maneira como se delinearão as esferas de hierarquia previamente definidas socialmente na materialização das relações pessoais. Assim, o reconhecimento de como o *ethos* do autor era construído/mantido pode ser melhor constatado por meio da *Teoria da Avaliatividade*, formulada por Martin & White (2005). Estudadas a partir de pressupostos teóricos atuais da Análise do Discurso, as marcas textuais de cunho avaliativo presentes no discurso administrativo oficial permitem compreender instâncias que, além dos limites da linguagem, contemplavam os princípios ideológicos fundamentais à sociedade coeva.

Intenciona-se verificar, portanto, em que medida os princípios ideológicos vigentes, tais como os iluministas, legitimavam/questionavam o poder e a hegemonia monárquica no período do governo pombalino. Comprova-se, em acréscimo, o fato de não haver “razão para incompatibilidades entre o linguista e o filólogo, ambos empenhados em procurar o agente das realidades palpantes da vida através do estudo das grandes línguas de civilização” (CUNHA, 2004, p. 354).

Palavras-chave: Filologia; Análise do Discurso; Avaliatividade.

Referências Bibliográficas:

- BOURDIEU, P. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- CUNHA, C. *Sob a pele das palavras*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira: Academia Brasileira de Letras, 2004.
- MARTIN, J.; WHITE, P. (2005). *The language of evaluation: Appraisal in English*. Basingstoke: Palgrave Macmillan.

Gramaticalização das construções correlativas condicionais (com “se..., é porque”)

Renata Margarido (USP)

O presente trabalho tem como objetivo estudar, com base no funcionalismo, a gramaticalização das correlativas condicionais do tipo “se..., é porque”. Os objetivos específicos são estes: i) analisar a gramaticalização da correlativa condicional sob uma perspectiva sincrônica no português escrito (séculos XX e XXI); ii) identificar os sentidos e as funções presentes em cada um dos segmentos da correlação; iii) verificar as particularidades semânticas e pragmáticas das construções correlativas condicionais em relação às construções “subordinadas” adverbiais condicionais e às construções subordinadas adverbiais causais/coordenadas explicativas. Levando-se em consideração tais aspectos, foram levantadas as seguintes hipóteses: i) nas correlativas em questão, o primeiro segmento pode expressar condição eventual ou factual; ii) nas construções, pode ser expressa a ideia de tempo (normalmente, quando se indica habitualidade); iii) as construções que expressam condição factual podem retomar, na primeira oração da construção, uma informação conhecida, possuindo, muitas vezes, um uso retórico; iv) ao contrário do que ocorre nas subordinadas condicionais e nas subordinadas causais/coordenadas explicativas, nas correlativas condicionais, o segundo segmento pode denotar tanto causa (ou explicação) quanto conclusão; por outro lado, em alguns contextos, há a presença somente do valor de causa (ou explicação) ou apenas a noção de conclusão; v) nas correlativas, quando aparece o valor de conclusão, este se manifesta por meio da dedução ou da abdução; vi) nas construções em pauta, o verbo “ser” é utilizado para focalizar, sobretudo, informação nova; vii) nas construções, são apresentadas variadas intenções comunicativas: informar, opinar, elogiar, criticar, defender-se, ironizar, convencer, refutar. O exame das questões elencadas mostra-se pertinente porque se tem como objeto de estudo a estrutura condicional “se..., é porque”, ainda pouco discutida por linguistas. Neste estudo, interessa mostrar, entre outros aspectos, que a estrutura a ser aqui analisada envolve grande complexidade, dado que, à primeira vista, pode parecer, meramente, uma junção de uma oração condicional com “se” com uma oração causal ou explicativa com “porque”, mas, em uma investigação mais acurada, verifica-se, na construção, o surgimento de novos sentidos. A partir disso, será possível colocar em xeque valores predeterminados pela gramática tradicional a essas orações. Para a análise das construções em questão, como se informou, utilizam-se os pressupostos teóricos do funcionalismo. De acordo com Neves (2006), o funcionalismo se ocupa das funções dos meios linguísticos de expressão. Assim, as estruturas linguísticas são configurações de funções, e as diferentes funções são os distintos modos de significação do enunciado, que conduzem à eficiência da comunicação. Um dos aspectos abordados na teoria funcionalista é a gramaticalização, considerada um fenômeno de mudança linguística que consiste na passagem de um item mais concreto para um mais abstrato. Utilizam-se, sobretudo, dois conceitos concernentes à gramaticalização: o de eclipse, tido como o abandono de propriedades antes ativadas no discurso (CASTILHO, 2010), e o de metonímia, processo que envolve a especificação de um sentido em termos de outro que está presente (mesmo que encoberto) no contexto (TRAUGOTT & KÖNIG, 1991). Em relação à metodologia, identificaram-se 533 ocorrências com “se..., é porque” em uma amostra de textos retirados do Jornal “Folha de São Paulo” (maio até dezembro de 2011) e da Revista “Veja” (janeiro de 1996 até dezembro de 2011). Com esses dados, empreendeu-se uma análise quantitativa e qualitativa. A partir do exame desses dados, observou-se que as correlativas condicionais podem expressar ideia de tempo (em 11,4% dos casos), a qual é favorecida pela manifestação da habitualidade. A noção de habitualidade faz com que as estruturas com noção temporal estejam mais associadas a ideias genéricas ou indefinidas (expressas no primeiro segmento da correlação) do que as com valor unicamente condicional. Além disso, identificaram-se 74,1% de condicionais factuais, 20,8% de eventuais, 4,8% com interpretação ambígua (eventual e factual) e 0,1% de contrafactuais. O predomínio da factualidade pode se justificar pela própria presença da conjunção “porque” (tipicamente factual) e pela natureza essencialmente argumentativa dos contextos analisados. Nas correlativas condicionais factuais, é comum a retomada de informação conhecida no primeiro segmento e a focalização de informação nova no segundo. Tal estrutura se mostrou produtiva para a manifestação de uma

opinião e de uma refutação. Por fim, verificou-se que a correlativa com “se..., é porque” expressa, basicamente, causa/explicação e conclusão (havendo ou dedução ou abdução) na segunda oração. A presença do valor de conclusão seria favorecida pela ocorrência da oração condicional, que, por si só, já implica a apresentação de um resultado (trata-se do processo de metonímia). No entanto, encontraram-se ocorrências em que se denota apenas causa/explicação ou somente conclusão, manifestando-se, nesse caso, o fenômeno da elipse. Esses resultados parciais levam a concluir que, na construção estudada, há, entre outros aspectos, a sobreposição ou a elipse de sentidos, que podem servir como indícios do processo de gramaticalização.

Palavras-chave: Correlativas Condicionais; Sobreposição de Sentidos; Elipse.

Referências bibliográficas:

- CASTILHO, A. T. de. *Nova gramática do português brasileiro*. São Paulo: Contexto, 2010.
- NEVES, M. H. de M. Uma introdução ao funcionalismo: proposições, escolas, temas e rumos. In: CRISTIANO, M. E. A.; SILVA, C. R.; HORA, D. da. (Orgs.). *Funcionalismo e gramaticalização: teoria, análise, ensino*. João Pessoa: Idéia, 2004.
- TRAUGOTT, E. & KÖNIG, E. The semantics-pragmatics of grammaticalization revisited. In: TRAUGOTT, E.; HEINE, B. (Orgs.). *Approaches to grammaticalization*. Amsterdam: John Benjamins, 1991.

A construção de interfaces entre linguagem e cognição na competência leitora em Inglês

Rita Angélica de Oliveira Luz (PUCRS)

O presente artigo visa contribuir e enriquecer o trabalho metodológico-pragmático na construção de sentidos do processo de competência leitora em Inglês, considerando o contexto das interfaces que se estabelecem entre Cognição e Linguagem. Neste trabalho é verificado o processamento da leitura para a compreensão de textos autênticos em Inglês como Língua Estrangeira mediante uma análise pragmática sustentada pela Teoria das Interfaces ou Metateoria das Interfaces (CAMPOS, 2007). A análise é feita a partir de três arcabouços teóricos. O primeiro, nas perspectivas psicolinguísticas e das ciências cognitivas que defendem a importância dos aspectos cognitivos e metacognitivos desenvolvidos através de estratégias de leitura, no processo de fundamentação da metodologia de leitura em Inglês Instrucional, visto que o status de língua franca do inglês motiva a demanda por cursos de capacitação leitora em LI¹⁸, cada vez mais crescentes na maioria dos cursos em instituições superiores, para exames de proficiência leitora em língua inglesa nos Programas de Pós-graduação. O segundo, à luz da teoria de construção de interfaces ou da Metateoria de Interfaces (CAMPOS, 2007) e da teoria funcionalista, (DIK, 1989), até porque ambas as teorias têm defendido a competência pragmática na relação interativa entre texto, leitor e autor. O terceiro, a partir de estudos sobre linguagem (JACKENDOFF, 2005) tanto de pesquisas que examinam os componentes da capacidade de linguagem além da capacidade de usá-las para o código e divulgar o pensamento, (LAKOFF, 1999), (LANGACKER, 1999), (GEERAERTS, 2006). Esses autores surgem da nova tendência dentro da linguística utilizando termos como “cognição” ou “cognitivismo” para designar o modo de analisar as línguas. Com essa proposta de mudança de perspectiva no estudo da linguagem, colocando os usuários da língua no centro da construção do significado, o falante passa a ser um produtor de significados em situações comunicativas reais. Considerando o aporte teórico baseado no pensamento dos autores citados acima, bem como as pesquisas realizadas sobre a importância da metalinguagem e da consciência metalinguística (GOMBERT, 2003) apresenta-se um quadro ilustrativo referente a uma descrição metodológica no processamento da leitura em inglês. Nesse processo de desenvolvimento de habilidades das estratégias para a competência leitora nota-se que há um movimento articulado entre os aspectos linguísticos e cognitivos conscientes com as experiências na prática de leitura e compreensão de textos. Com esta descrição pretende-se a partir de construção das interfaces entre linguagem e cognição fundamentar a metodologia de aquisição de leitura em Inglês Instrucional. Nesse contexto, acredita-se que esta metodologia proposta pode capacitar o leitor a acessar e identificar no texto os aspectos gramaticais e seus níveis de representação morfológica, léxico-semântica, sintática e pragmática. A articulação que é promovida no processamento da leitura com o desenvolvimento de

¹⁸ LI – Língua Inglesa.

habilidades metalinguísticas (consciência morfológica, consciência sintática e consciência pragmática) dar-se-á através dos recursos facilitadores presentes em textos em LI, para efetivar a compreensão da informação e a construção de sentidos a partir do conhecimento das estruturas linguísticas tanto em LM¹⁹, quanto em LI.

Palavras-chave: Cognição; Teoria das Interfaces; Competência Leitora.

Referências bibliográficas:

- CAMPOS, Jorge. *A Lingüística Atual e o Ensino de Línguas*. EDIPUCRS / PUCRS. Porto Alegre. 2008
- _____. *Filosofia da Lingüística, Filosofia da Ciência e Metateoria das Interfaces*. EDIPUCRS/ PUCRS. Porto Alegre. 2007
- _____. *Inferências Lingüísticas nas Interfaces*. EDIPUCRS/ PUCRS. Porto Alegre. 2009
- _____. *A relevância da pragmática na pragmática da relevância*. EDIPUCRS/ PUCRS, Porto Alegre, 2008.
- CAVALCANTI, M.C. *Interação leitor- texto: Aspectos de Interpretação Pragmática*. UNICAMP. São Paulo. 1989.
- CASTILHO, Ataliba T. *Lingüística Cognitiva E Tradição Funcionalista*. USP. São Paulo. 2012.
- COSTA, J. C. Apresentação. In: SILVEIRA, J. R.C. & FELTES, H.P.M. *Pragmática e Cognição*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.
- DASCAL, Marcelo. *Interpretação e compreensão*. In: *Cap. I. Pragmática e Intenções Comunicativas - 3.Contexto*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2006
- DEL RÉ, A. *Aquisição da linguagem – uma abordagem psicolinguística*. 2 ed. São Paulo: Contexto: 2010.
- DIK, Simon C. *The theory of functional grammar*. Pt. I: The structure of the clause. Dordrecht-Holland/Providence RI - USA: Foris Publication, 1989
- FILLMORE, Charles J. *On generativity*. In *The Goals of Linguistic Theory*. Stanley Peters (ed.), 1–19. Englewood Cliffs: Prentice Hall.
- GEERAERTS, Dirk. *Cognitive linguistics : basic readings*. New York. 2006.
- GOODMAN, K. S. *O processo de leitura: considerações a respeito das línguas e do desenvolvimento*. In: FERRERO, E.; PALÁCIO, M. G. *Os processos de leitura e escrita*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.
- _____. *Unidade na leitura – um modelo psicolinguístico transacional*. Letras de Hoje, n. 86, p. 9-43. Porto Alegre: EDIPUCRS, dez. 1991.
- GOMBERT, J. E. *Metalinguistic Awareness*, 2001
- _____. 1993. “*Metacognition, metalanguage and metapragmatics*”, em *International Journal of Psychology*, 28 (5), pp: 571-580.
- JACKENDOFF; PINKER. *The nature of the language faculty and its implications for evolution of language (Reply to Fitch, Hauser, and Chomsky)*. Center for Cognitive Studies, Department of philosophy, Tufts University, Medford, MA 02155, USA. 2005.
- KASPER, G. *Pragmatics in language teaching*. Cambridge University Press. Cambridge. 2001
- LAKOFF, George and JOHNSON, Mark. *Review of Philosophy in the Flesh: The embodied mind and its challenge to Western thought*. 1999
- LANGACKER, Ronald. *Concept, Image and Symbol: the Cognitive Basis of Grammar*. Berlin and New York: Mouton de Gruyter. 1990.
- _____. *Foundations of Cognitive Grammar*, vol. 2, Descriptive Application. Stanford: Stanford University Press. 1991.
- LO CASTRO, Virgínia. *An Introduction to Pragmatics*. The University of Michigan Press. Michigan. 2006
- MOLSING, Karina Veronica. *The Present Perfect: An exercise in the study of events, pluraty and aspect*. PUCRS. Porto Alegre. 2010
- MORAIS, José. *Criar Leitores*. Universidade Livre de Bruxelas(ULB). Bélgica. 2013.
- OTHA, A.S. *Interlanguage pragmatics in the zone of proximal development*. System 33. Seattle. USA. 2005

¹⁹ LM – Língua Materna.

PACHECO, Raqueo Lazzari. *A competência em leitura em L1 e a consciência linguística em L2 como facilitadoras da compreensão leitora em L2*. Santa Cruz do Sul: UNISC. Dissertação (Mestrado em Leitura e Cognição) Faculdade de Letras, Universidade de Santa Cruz do Sul, 2007.

TOMICH, L.M.B. *Aspectos Cognitivos e Instrucionais da Leitura*. EDUSC. SC. 2008

Subjetificação na narração de futebol: o caso do verbo sair

Rodrigo Lazaresko Madrid (USP/CNPq)

A narração de futebol transmitida por rádio apresenta-se como um recurso valioso para os estudos linguísticos que baseiam suas análises na língua em situação de uso, não apenas pela riqueza de unidades e estruturas utilizadas em um período breve de tempo, mas também por se tratar de um caso de fala espontânea. Esta apresentação tem o objetivo de introduzir uma análise inicial de questões de subjetificação nesse tipo de produção linguística (LANGACKER, 1985; 1991; 2000; 2006), tomando como suporte principal os variados usos do verbo *sair*.

Apresenta-se aqui o resultado inicial de uma pesquisa sendo desenvolvida em nível de mestrado que busca compreender os fenômenos semânticos encontrados numa narração transmitida pela rádio CBN, no dia 1 de setembro de 2013, da partida de futebol entre as equipes de Corinthians e Flamengo. Para isso, a metodologia de trabalho inclui a transcrição de 45 minutos de uma partida que registra, além das falas do narrador principal, dos repórteres de campo e dos comentaristas, também elementos dos eventos ocorridos no campo de jogo, por meio da transmissão televisiva da mesma partida. Essa transcrição foi realizada com base na proposta desenvolvida pelo Laboratório Linguagem, Interação, Cognição da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, sistematizada nos artigos de McCleary e Viotti (2007) e McCleary, Viotti e Leite (2010).

Esse método de transcrição mostrou-se válido uma vez que propicia a análise conjunta do áudio da narração e das imagens do jogo por meio do uso do software ELAN – Eudico Linguistic Annotator, do Instituto Max Plank de Psicolinguística. As imagens transmitidas pela televisão não são, evidentemente, uma reprodução da conceitualização do narrador, mas fornecem dados valiosos sobre os eventos ocorridos no campo de jogo que são (ou não) codificados em língua na narração do rádio – fundamentais para uma análise dos dados pelo prisma da subjetificação.

O conceito de subjetificação é utilizado aqui como “uma alteração ou extensão semântica em que uma entidade originalmente construída objetivamente passa a integrar uma construção mais subjetiva” (LANGACKER, 1991; p. 215). O grau de subjetividade de uma determinada estrutura é observável a partir da maior ou menor presença do conceitualizador na construção semântica de determinado evento. Nos casos em que o conceitualizador se encontra maximamente subjetivo e o objeto conceitualizado maximamente objetivo, temos o que Langacker (1985) chama de *arranjo perspectival ótimo*. Em outras palavras, é quando o conceitualizador encontra-se totalmente apartado da cena que ele conceitualiza.

Ao *arranjo perspectival ótimo*, opõe-se o *arranjo perspectival egocêntrico*, em que o conceitualizador é parte integrante da cena observada, ou seja, ele conceitualiza a si mesmo em cena e não apenas esta última. Esses dois extremos formam uma “escala de subjetividade”, que corresponde a uma gradação de unidades linguísticas, que apresentam estruturas semânticas conceitualizadas ora menos ora mais subjetivamente, expandindo seu potencial simbólico.

Essas alterações semânticas têm se mostrado visíveis na narração futebolística em diferentes instâncias das quais este trabalho destaca aquelas referentes ao verbo *sair*. Prototipicamente, o verbo *sair* pode ser compreendido como a conceitualização de um evento de deslocamento de um trajetor (TR) de dentro para fora de um marco (LM), ocorrido durante uma passagem temporal (cf. TAYLOR, 2002). Nesta construção, ambos os elementos e a relação entre eles são perfilados, ao longo do tempo. Deste modo, a metáfora do CONTÊINER (LAKOFF e JOHNSON, 1980) é essencial para a conceitualização do verbo *sair*.

Palavras-chave: Subjetificação; Futebol; Rádio.

Referências bibliográficas:

- LAKOFF, G. e JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: University of Chicago Press, 1980.
- LANGACKER, R. W. Observations and speculations on subjectivity. In: HAIMAN, J. (org.) **Iconicity in syntax**. Amsterdã: Benjamins, 1985. p. 109-150.
- _____. **Foundations of cognitive grammar: descriptive application**. v. 2. Stanford: Stanford University Press, 1991.
- _____. **Grammar and Conceptualization**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2000.
- _____. Subjectification, grammaticization, and conceptual archetypes. In: ATHANASIADOU, A.; CANAKIS, C.; CORNILLIE, B. (org.) **Subjectification: various paths to subjectivity**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2006.
- McCLEARY, L. E.; VIOTTI, E. Transcrição de dados de uma língua sinalizada. In: SALLES, H. (org.), **Bilinguismo dos surdos: questões linguísticas e educacionais**. Goiânia: Cãnone Editorial, 2007. p. 73-96.
- McCLEARY, L. E.; VIOTTI, E.; LEITE, T. A. Descrição das línguas sinalizadas: a questão da transcrição de dados. **Revista Alfa**, São Paulo: v. 54, n. 1, p. 265-289, 2010. Disponível em: <<http://seer.fclar.unesp.br/alfa/article/view/2880/2654>>. Acesso em: 24 set. 2014.
- TAYLOR, J. R. **Cognitive Grammar**. Oxford: Oxford University Press, 2002.

A escolarização como fator fundamental na formação da prosódia caipira paulista na região do Médio Tietê

Rosicleide Rodrigues Garcia (USP)

O falar de diversas regiões do interior de São Paulo é foco de discussão desde a publicação de “O dialeto caipira” de Amadeu Amaral (1920). Tendo em vista que as características desse dialeto vão além da presença do /r/ retroflexo e de algumas variações que estão presentes em todo o Brasil, esta pesquisa estuda a prosódia caipira, levando em consideração os falantes com mais de 60 anos de idade e baixo grau de escolaridade, de sete cidades do interior paulista nascidas a partir da expansão das bandeiras e monções: Pirapora do Bom Jesus, Santana de Parnaíba, Tietê, Itu, Piracicaba, Porto Feliz e Capivari. Para isso, foram selecionados 2 homens e 2 mulheres de cada município, e gravaram-se entrevistas sem o uso de questionários, de modo a coletar falas espontâneas (CHACON, 1998; PACHECO, 2006). Para haver uma base comparativa, primeiramente estabeleceu-se, como controle estatístico, a fala neutra (BARBOSA, 2002, p.36) de 4 jornalistas de um telejornal paulistano. Além disso, realizou-se uma pesquisa com portugueses nativos, originários de Braga, Bragança e Vila Real – regiões da Reconquista ou Formação de Portugal, pertencentes às áreas do Minho-Douro e Trás-os-Montes -, e com as mesmas características dos entrevistados do interior paulista. Sendo assim, foram coletadas 220 frases, sendo 140 de indivíduos do Médio Tietê; 20 para o controle; e 60, portugueses. A edição das vozes foi realizada no programa *Audacity 1.3.12 Beta*; após, realizou-se a conversão da curva de frequência fundamental e da curva de intensidade produzidas pelo software *Speech Filing System* (HUCKVALE, 2008), e o estudo dos dados pelo aplicativo *ExProsodia* (FERREIRA-NETTO, 2008; 2010; PERES et alii, 2011). Com os cálculos, seguiu-se a base teórica desenvolvida por Waldemar Ferreira Netto (2006), em que se analisa a prosódia como cadeia segmental por meio do estudo de f_0 , intensidade e duração, e verificou-se que existe diferença significativa ($P < 0,05$) de tom médio (TM) e tom final (TF) entre os falares. Justapondo-se o TM e TF, demonstrou-se que o dialeto caipira possui traços plagais semelhantes a estudos realizados sobre a prosódia de línguas indígenas (BAZ; COSTA, 2011) e aos falantes do norte de Portugal, cujos resultados também demonstraram resultados análogos; enquanto o dialeto do controle tem uma cadência acentuada do TF. Desta forma, foi confirmado que não só o meio, como também a escolarização, são elementos imprescindíveis na mudança prosódica de seus falantes.

Palavras-chave: Prosódia Caipira, Médio Tietê, Análise De F_0 , Traço Plagal.

Referências bibliográficas:

- AMARAL, Amadeu. O dialeto caipira. São Paulo: Anhembi, 1955.
- BASSETTO, Bruno F. *Elementos de Filologia Românica*. São Paulo: Edusp, 2001.
- CAMPOS, Vinício Stein. *Fundações Municipais Paulistas Nos Séculos XVIII e XIX*. Volume 1. São Paulo: Impres, 1952.
- CANDIDO, Antônio. *Os parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida*. 8. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1998.
- CARMO JR, José R. *Melodia e prosódia: um modelo para interface música-fala com base no estudo comparado do aparelho*

- fonador e dos instrumentos musicais reais e virtuais. p.192. Tese (Doutorado em Linguística. Área de concentração: Semiótica e Linguística em geral). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.
- CATEN, Carla S.; RIBEIRO, José Luís D. *Controle estatístico de processo: Cartas de controle para variáveis, cartas de controle para atributos, função de perda quadrática, análise de sistemas de medição*. Rio Grande do Sul: FEENG, 2012.
- COHEN, Antonie; T'HART, Johan. On the anatomy of intonation. In: *Língua*, v. 19, n. 2, p. 177-192, 1967.
- COSTA, Natalina S. A. *Variações entoacionais na língua portuguesa falada por mulheres guatós*. p. 131. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa. Área de concentração: Fonologia). Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2011.
- COSTA, Natalina S.A. *Variações entoacionais na língua portuguesa falada por idosos guatós e não-índios*. In: *EPOG*, São Paulo, 2009.
- FALÉ, Isabel; FARIA, Isabel H. Percepção Categorial de contrastes entoacionais em Português Europeu. *Actas do XXI Congresso da Associação Portuguesa de Linguística*, Porto, p. 341-348, 2006.
- FERREIRA NETTO, Waldemar, et al. Finalizações de frase em leituras e frases espontâneas em PB. In: 57º SEMINÁRIO DO GEL, 2009, Ribeirão Preto: UNAERP. Jul. 2009. Disponível em https://www.academia.edu/2272648/Finalizacoes_de_frase_em_leituras_e_fala_espontanea_no_PB. Acesso em 08 jan 2014.
- FERREIRA NETTO, Waldemar. A entoação da língua portuguesa. Aula para concurso de professor titular da Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Ciências Humanas. São Paulo, 2010.
- FERREIRA NETTO, Waldemar. Decomposição da entoação frasal em componentes estruturadoras e em componentes semântico-funcionais. In: IV CONGRESSO INTERNACIONAL DE FONÉTICA E FONOLOGIA, 2008, Niterói. Caderno de Resumos. Niterói: UFF, 2008. v. 1. p. 26-27.
- FERREIRA NETTO, Waldemar. ExProsodia. *Revista da Propriedade Industrial – RPI*, 2038, pág. 167, item 120, em 26/out/2010. Disponível em <http://revistas.inpi.gov.br/pdf/PATENTES2038.pdf> Acesso em 20 jul 2013.
- GARCIA, Rosicleide R. Os metaplasmos de Amaral: demonstração de variações caipira ou brasileira? In: *Anais de resumo do II Congresso Internacional De Linguística Histórica*. São Paulo: USP, 2012.
- HOLANDA, Sérgio B. *Monções*. v. 8. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976.
- HUCKVALE, Mark A. *Speech Filing System v.4.7/Windows SFSWin Version 1.7*, em 17/02/2008. Disponível para download em <<http://www.phon.ucl.ac.uk/resource/sfs>> . Acesso em 20 jul. 2013.
- LIMA, Marisa R. R. *Harmonia: uma abordagem prática*. Parte 1. São Paulo: Embriform, 2010.
- MAEDA, Shinji. *A characterization of American English intonation*. p. 334. Doutorado. Massachusetts Institute of Technology, Boston, 1976.
- MEDEIROS, Beatriz R. Em busca do som perdido: o que há entre a linguística e a música. In: ILARI, B. S. (Org.). *Em busca da mente musical: ensaios sobre os processos cognitivos em música – da percepção à produção*. Curitiba: UFPR, 2006. p. 189-227.
- MORAES, João A. Intonational Phonology of Brazilian Portuguese, ms. In *Workshop on Intonational Phonology: understudied or fieldwork languages*, ICPhS 2007. Satellite Meeting, Saarbrücken, 5 ago. 2007.
- PIERREHUMBERT, Janet. *The phonology and phonetics of English intonation*. p. 401. Doutorado. Massachusetts Institute of Technology, Boston, 1980.
- PIERREHUMBERT, Janet B.; BECKMAN, Mary E. *Japanese tone structure*. Cambridge: The MIT Press, 1980.
- RIBEIRO, João. *História do Brasil*. Rio de Janeiro: Livraria Cruz Coutinho, 1901.

Investigando a metaforicidade dos *phrasal verbs* sob a ótica da semântica cognitiva

Samanta Kélly Menoncin Pierozan (UNISINOS)

Phrasal verbs (PVs) são ‘construções verbo-partícula’ muito utilizadas entre falantes nativos da língua inglesa e têm sido considerados tópicos problemáticos para aprendizes de inglês como língua estrangeira (LE), uma vez que se tratam de estruturas distintas às da língua portuguesa. A complexidade da estrutura semântica das construções dos PVs está relacionada a extensões do significado. Sendo assim, por meio deste trabalho, uma dissertação de mestrado em desenvolvimento, investiga-se o fenômeno PV

* Mestranda em Linguística Aplicada pelo PPGLA UNISINOS. Bolsista CAPES/PROSUP.

pela abordagem da semântica cognitiva, em especial no que diz respeito às metáforas conceituais, de modo a analisar e descrever as propriedades linguísticas das partículas que constituem os PVs, em especial as de ordem semântica e metafórica. Para isso, considera-se a Teoria da Metáfora Conceptual, a fim de fornecer suporte para explicar a semântica das construções verbo-partícula, PVs.

Tendo como foco principal às propriedades metafóricas das partículas dos PVs busca-se (i) refletir sobre as propriedades gerais dos PVs, constituídos pelas partículas 'up' e 'down', em especial as que dizem respeito à idiomatidade, (ii) averiguar qual é a relação da idiomatidade com os PVs separáveis e não separáveis e (iii) verificar em que medida a metáfora das partículas ocorrem e/ou se caracterizam. Portanto, faz-se necessário evidenciar o fenômeno investigado. Assim, para atingir os objetivos propostos, utiliza-se a Linguística de *Corpus* como metodologia para a coleta de dados. Os resultados são obtidos a partir da análise semântica de mil concordâncias contendo a partícula 'up' e outras mil contendo a partícula 'down'.

Logo, apesar de não se tratar de um estudo de caráter pedagógico e o trabalho ainda não estar concluído, acredita-se que a partir das investigações e análises seja possível contribuir, de alguma forma, com o ensino e aprendizagem dos PVs. Isso é possível se considerarmos a substituição das estratégias de memorização pelo aprendizado efetivo, uma vez que os aprendizes podem se tornar conscientes quanto à orientação do sentido das partículas, extensões metafóricas e demais particularidades do fenômeno.

Palavras-chave: *Phrasal Verbs*; Semântica Cognitiva; Metáforas Conceituais.

Referências bibliográficas:

- BERBER SARDINHA, Tony. **Linguística de Corpus**. Barueri, SP: Manole, 2004.
- CRUSE, Alan. **Meaning in Language**. 3. ed. Oxford: Oxford University Press, 2011. p.86.
- DAVIES, Mark. **The Corpus of Contemporary American English: 450 million words, 1990-2012**. Disponível em: <<http://corpus.byu.edu/coca/>>. Acesso em: 14 jul. 2014.
- _____. The 385+ million word Corpus of Contemporary American English (1990-2008+): Design, architecture, and linguistic insights. **International Journal of Corpus Linguistics**, v.14:2, p.159-190, 2009. Disponível em: <<https://benjamins.com/#catalog/journals/ijcl.14.2.02dav/details>>. Acesso em: 15 jul. 2014.
- EVANS, Vyvyan. **A Glossary of Cognitive Linguistics**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007.
- EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. **Cognitive Linguistics: an introduction**. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.
- GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. **Introducing Cognitive Linguistics**. In.: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert (Eds). **The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- JACKENDOFF, Ray. **Foundations of Language**. New York: Oxford University Press, 2002. p.339.
- KOVÁCS, Éva. **The Traditional vs. Cognitive Approach to English Phrasal Verbs**. [2008?]. p.144. PDF
- KÖVECSES, Zoltán. **Metaphor: A Practical Introduction**. New York: Oxford University Press, 2002.
- KÖVECSES, Zoltán; SZABÓ, Péter. **Applied Linguistics**, v. 17, n.3, p.326-355, 1996. Disponível em: <<http://applied-oxfordjournals-org.ez101.periodicos.capes.gov.br/content/17/3/326.full.pdf+html>>. Acesso em: 14 jul. 2014.
- LAKOFF, George. **Women, Fire, and Dangerous Things**. Chicago: The University of Chicago Press, 1990. Originalmente publicado em 1987.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 2003. Originalmente publicado em 1980.
- _____. **Philosophy in the flesh: The embodied mind and its challenge to western thought**. New York: Basic Books, 1999.
- LINDNER, Susan. **A lexico-semantic analysis with verb-particle constructions with UP and DOWN**. 260p. Tese de Doutorado. Universidade da Califórnia, San Diego, 1981.
- Macmillan Phrasal Verbs Plus. Oxford: Macmillan, 2005.
- NUNBERG, Geoffrey; SAG, Ivan A.; WASOW, Thomas. Idioms. **Language**, v. 70, n. 3, p. 491-538, Set. 1994. Disponível em: <<http://www-jstor-org.ez101.periodicos.capes.gov.br/stable/416483>>. Acesso em: 14 jul. 2014.
- O'KEEFE, Anne; MCCARTHY, Michael. **The Routledge Handbook of Corpus Linguistics**. 1.ed. New York: Routledge, 2010.
- PALMER, Frank Robert. **The English Verb**. 2. ed. New York: Longman, 1987. p.215-239.
- RUDZKA-OSTYN, Brygida. **Word Power: Phrasal Verbs and Compounds**. Berlin: Mouton de Gruyter, 2003.

TAGNIN, Stella E.O.; VIANA, Vander (Org.). **Corpora no Ensino de Línguas Estrangeiras**. São Paulo: HUB, 2011.

TAGNIN, Stella E. O.; Glossário de Linguística de Corpus. In.: TAGNIN, Stella E.O.; VIANA, Vander (Org.). **Corpora no Ensino de Línguas Estrangeiras**. São Paulo: HUB, 2011.

_____. **O jeito que a gente diz**. São Paulo: DISAL, 2013.

TYLER, Andrea; EVANS, Vyvyan. **The semantics of English prepositions: spatial scenes, embodied meanings and cognition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003

A inclusão de alunos com deficiência no ensino superior e a percepção de suas identidades sociais: uma análise comparativa entre Brasil e Espanha

Saulo César Paulino e Silva

As políticas públicas para a educação inclusiva, particularmente no Brasil, têm feito progressos significativos no início do século XXI. Porém no ensino superior esse tema ainda necessita de estudos que contribuam para se ampliar o debate.

Nessa perspectiva, questiona-se como o aluno com alguma deficiência, ao ingressar no ensino superior, percebe suas identidades sociais, a partir de uma visão que tem de si mesmo e da sociedade onde está inserido.

Essa percepção está associada à construção de uma imagem positiva ou negativa de si mesmo e do outro por meio dos posicionamentos assumidos em seu discurso (SILVA, 2009). Propõem-se, portanto, neste trabalho, uma análise comparativa das marcas lingüísticas no discurso de alunos universitários de Brasil e Espanha que possam indicar como ocorreria a percepção de suas identidades sociais e conseqüentemente a construção de sua imagem.

Atualmente é relevante o número de brasileiros que vão estudar nesse país e estudantes espanhóis que chegam ao Brasil. Objetiva-se, dessa forma, investigar como as diferenças sociais, econômicas e históricas de ambos países poderiam influenciar na percepção das identidades sociais desses alunos.

A metodologia de pesquisa utilizada para desenvolver este estudo tem como base um conceito qualitativo, pois, de acordo com Denzin e Lincoln (1998), esta pesquisa se concentra em vários métodos, envolvendo uma abordagem interpretativa. A pesquisa qualitativa envolve o uso cuidadoso de uma variedade de dados empíricos como estudo de caso, a experiência pessoal, visão, histórias de vida, entrevistas, observação, história, interação e textos visuais que descrevem momentos de rotina e questões além do significado na vida dos indivíduos.

Embora com a pesquisa em andamento, alguns resultados preliminares revelam, pelo menos no caso brasileiro, algumas pistas lingüísticas em que a imagem social positiva da pessoa com deficiência estaria associada a uma auto-avaliação. Por outro lado, a percepção de uma imagem negativa estaria associada a uma avaliação externa ou seja do outro ao se referir à pessoa com deficiência.

Palavras-Chave: Ensino Superior; Deficiência, Identidade Social; Discurso

Referências bibliográficas:

BRASIL. Projeto de decreto regulamenta a lei no. 10.436 que dispõe sobre a língua de sinais, 2005. Disponível em <http://www.dicionariolibras.com.br/website/artigo.asp?cod=124&idi=1&moe=6&id=784>. Acesso em 19 de novembro de 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Portaria normativa no. 14, de 24 de abril de 2007. Disponível em http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/programa_incluir.pdf. Acesso em 18 de novembro de 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Projeto de lei no. 3627/2004. Disponível em http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ref_projlei3627.pdf. Acesso em 16 de novembro de 2009.

CAVALIERI-BLANCO, Simone Regina (1997). As diferentes formas de linguagem nas interações em sala de aula de crianças surdas. <http://lael.pucsp.br/intercambio/06indice.ps.pdf>. Acesso em 31 de julho de 2011.

CUNHA, L.A. O ensino superior no octênio FHC. Educ. Soc. Vol. 24, no. 82, Campinas, Abril de 2003. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S010173302003000100003&script=sci_arttext. Acesso em 19 de novembro de 2009.

- DENZIN, Norman K. e LINCOLN, Yvonna S. *The landscape of qualitative research*. London: SAGE, 1.998
- ERICKSON, Frederick (1986). *Qualitative Methods in Research on Teaching*, in M.C. Witt R (org). *Handbook of Research on teaching*. New York: Mac Millan, 1986.
- FONTANA, M.V. L; NUNES, E.L.V. Educação e inclusão de pessoas cegas: da escrita braille à internet. Disponível em http://www.fafibe.br/revistaonline/arquivos/marcusfontana_educacaoeinclusaoedepessoascegas.pdf. Acesso em 15 de novembro de 2009.
- HERMIDA, Jorge Fernando. Políticas para o ensino superior, políticas de ação afirmativa (PAA), inclusão educacional e o problema da desigualdade social. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/27/gt11/t117.pdf>. Acesso em 16 de novembro de 2009.
- MASSINI, E.S; BAZON, F. A inclusão com deficiência no ensino superior. gt: psicologia da educação. agência Cnpq. Disponível em <http://www.anped.org.br/reunioes/28/textos/gt20/gt201195int.rtf>. Acesso em 18 de novembro de 2009.
- MELO, S.C; LIRA.S.M; FACION. J R. Políticas Inclusivas e implicações no ambiente escolar. In: FACION, J.R. (Org). *Inclusão escolar e suas implicações*. Curitiba: IBPEX, 2009. p.53 - 75.
- MOEHLECKE, S. Ações afirmativas no ensino superior entre a excelência e a justiça racial. *Educ. Soc.* Vol. 25, no. 88, especial, Campinas, outubro de 2004. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v25n88/a06v2588.pdf>. Acesso em 19 de novembro de 2009.
- MOITA LOPES, Luiz Paulo da. *Identidades fragmentadas*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.
- PRIETO, Rosangela Gavioli. Políticas públicas de inclusão: compromisso do poder público, da escola e dos professores. Disponível em http://www.adefib.org.br/links/Artigos/Políticas_publicas_de_inclusao.doc. Acesso em 19 de novembro de 2009.
- SARUP, M. *Identity, culture and postmodern world*. USA: The University of Geórgia Press, 1996.
- SASSAKI, Romeu K. *Inclusão: construindo uma sociedade para todos*. Rio de Janeiro: WVA, 1997.
- SILVA, Saulo Cesar da. *Percebendo o ser*. São Paulo: Lcte, 2009.
- SVERDLICK, I; FERRARI, P; JAIMOVICH, A. Desigualdade e inclusão no ensino superior: um estudo comparado em cinco países da América Latina. *Serie ensaios y investigaciones*, no. 10. Buenos Aires, 2005. Trad. Ana Carla Lacerda. Disponível em http://www.lppbuenosaires.net/LPP_BA/Publicaciones/documentos/EI10_Universidad_Portugues.pdf. Acesso em 17 de novembro de 2009.

Dialeto caipira na região paulista do Médio Tietê

Projeto de registro de variações fonético-fonológicas e semântico-lexicais

Selmo Ribeiro Figueiredo Junior (USP)

A pesquisa de que se trata aqui tem por objetivo central conceber um atlas parcial fonético-fonológico e semântico-lexical da região do Médio Tietê, circunscrevendo dez municípios paulistas — Araçariquama, Capivari, Itu, Piracicaba, Pirapora do Bom Jesus, Porto Feliz, Santana de Parnaíba, São Roque, Sorocaba e Tietê —, tendo por base teórico-metodológica fundamental a Geolinguística, com utilização de parâmetros e instrumentos de coleta de dados do Projeto Atlas Linguístico do Brasil (Projeto ALiB).

Tais parâmetros dizem respeito (i) às variações, (ii) ao perfil dos informantes e (iii) à rede de pontos:

- (i) diatópica, diastrática, diagenérica e diageracional, variações que serão observadas na variedade do dialeto caipira utilizada pelos falantes do campo de abrangência da investigação; as variáveis a serem controladas são as que se constituem pelas variantes fonético-fonológicas e semântico-lexicais (variáveis linguísticas) e as de sexo, idade, escolaridade (variáveis não linguísticas);
- (ii) os indivíduos deverão ser:
 - a. de preferência, ligados a atividades rurais,
 - b. de preferência, naturais, com pais na localidade e com nenhum ou pouco afastamento da localidade,

- c. de preferência, analfabetos ou no máximo com o equivalente ao nono ano do ensino fundamental cursado,
 - d. equitativamente divididos por sexo (feminino/masculino) e por duas faixas etárias (18 a 30 / 50 a 65); e deverá ter:
 - e. um indivíduo de cada faixa etária e cada sexo por ponto;
- (iii) um ponto por localidade; portanto, totalizando 40 informantes.

Os instrumentos de coleta são o Questionário Fonético-Fonológico (QFF), com 50 perguntas, e o Questionário Semântico-Lexical (QSL), com 202, do Projeto ALiB, versões 2001, a serem aplicados parcialmente²⁰.

Em fase anterior à pesquisa de campo, alguns resultados até o momento são:

- concepção inicial de um sistema computacional para organização dos dados oriundos das respostas dos informantes ao QSL que fornece uma plataforma para (a) codificação das respostas, (b) formação do banco de dados e geração automática de (c) tabelas que apresentem a ocorrência total de cada variante lexical em cada ponto da rede em correlação com às variáveis não linguísticas e (d) um gráfico sinóptico que apresenta a prevalência de todas as variantes que constituem as variáveis não linguísticas em relação às variantes lexicais;
- proposta de ajustes na formulação verbal de questões do QSL e nas estratégias não verbais de eliciação, sob o propósito de evitar ao máximo o enviesamento da pesquisa.

Uma vez a pesquisa de campo realizada e os dados organizados, será de interesse identificar as normas fonético-fonológicas e as semântico-lexicais da região, tomando-se como norma a variante cuja ocorrência esteja em distribuição regular (aparecimento em todos os pontos de inquérito) e tenha alta frequência relativa (e" 50%).

Parte importante das obras do embasamento teórico é: Aguilera (1994, 1998, 2006, 2013), Amaral (1955), Aragão e Bezerra de Menezes (1984), Brandão (1991), Coseriu (1980, 1982), Ferreira e Cardoso (1994), Jordan (1962), Muller (1973), Nascentes (1958), Oliveira e Isquardo (2001), Radtke e Thun (1999), Razky (2003, 2004), Rossi (1965), Santiago-Almeida (2009, 2013) e Silva Neto (1955).

O propósito da comunicação oral do estudo ora resumido é divulgar seu andamento e pôr aos pares as questões de seu encaminhamento, com vistas ao debate orientado à obtenção de contribuições e melhoramentos.

Essa pesquisa se apresenta como uma das tarefas programáticas relativamente à elaboração de atlas linguísticos da região paulista do Médio Tietê, tarefas essas que estão no âmbito do "História e variedade do português paulista às margens do Anhembi", subprojeto do "Projeto de História do Português Paulista" (PHPP - Projeto Caipira), Projeto Temático/FAPESP, processo 2011/51787-5 (AU).

Palavras-chave: Geolinguística; Dialeto Caipira; Variações Fonético-Fonológicas e Semântico-Lexicais.

Referências bibliográficas:

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. *A geolinguística no Brasil: caminhos e perspectivas*. Londrina: Ed. UEL, 1998.
- _____. A geolinguística no Brasil: estágio atual. In: ABRALIN, [S.l.], n. 1, 2, v. 5, dez. 2006, p. 215-238.
- _____. (org.). *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos a percorrer*. Londrina: Eduel, 2013.
- _____. *Atlas lingüístico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial do Estado do Paraná. 1v., 1994.
- AMARAL, Amadeu. *O dialeto caipira*. São Paulo: Anhembi, 1955.
- ARAGÃO, Maria do Socorro Silva de; BEZERRA DE MENEZES, Cleusa Palmeira. *Atlas lingüístico da Paraíba*. Brasília: UFPB/CNPq, Coordenação Editorial, 1984. v. 1, 2
- BRANDÃO, Silvia Figueiredo. *A geografia lingüística no Brasil*. São Paulo: Ática, 1991.
- COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB (Brasil). *Atlas Lingüístico do Brasil:*

²⁰ Está em andamento o exame linguístico e sociocultural preliminar do campo de abrangência de investigação para se decidir sobre o recorte dos QFF e QSL, tendo em vista o melhor ajuste da relação questões-realidade regional e, adicionalmente, viabilidade da pesquisa.

questionários 2001; Ed. UEL, 2001.

COSERIU, Eugeniu. *Lições de linguística geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1980.

_____. *O homem e sua linguagem*. Rio de Janeiro: EDUSP, 1982.

FERREIRA, Carlota; CARDOSO, Suzana Alice. *A dialetologia no Brasil*. São Paulo: Contexto, 1994.

IODAN, Iorgu. *Introdução à linguística românica*. 2.ed. Lisboa: Fundação Calousete Gulbenkian, 1962.

MULLER, Charles. *Estatística lingüística*. Madrid: Gredos, 1973.

NASCENTES, A. *Bases para a elaboração do atlas lingüístico do Brasil*. Rio de Janeiro: MEC; Casa de Rui Barbosa, v. 1, 1958.

OLIVEIRA, Maria Pinto Pires de; ISQUERDO, Aparecida Negri. *Ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2.ed. Campo Grande: Ed. UFMS, 2001.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Novos caminhos da geolingüística românica: um balanço. In: *Cadernos de Tradução*, Instituto de Letras, Porto Alegre, n. 5, 1999, pp.31-51.

RAZKY, Abdelhak (org.) *Atlas lingüístico sonoro do Estado do Pará (ALiSPA 1.1)*. Belém: s/ed., 2004.

_____. Construção de atlas sonoros: procedimentos metodológicos para o ALiSPA. In: _____, org. *Estudos geo-lingüísticos no Estado do Pará*. Belém: Gráfica e Editora Grafia. p. 173-183. 2003

ROSSI, Nelson. *Atlas prévio dos falares baianos*. Introdução. Questionário comentado. Elenco das respostas transcritas. Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro, Ministério da Educação e Cultura, 1965.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. *História e variedade do português paulista na região do Médio Tietê: Projeto Pq/CNPq*. São Paulo: Mimeo, 2013.

SANTIAGO-ALMEIDA, Manoel Mourivaldo. *et al.* Aspectos lingüístico-culturais na rota caipira. In: CASTILHO, Ataliba Teixeira de (org.) *História do português paulista*. Série Estudos I. Campinas, SP: UNICAMP/Publicações IEL/FAPESP, 2009. pp.165-172.

SILVA NETO, Serafim da. *Guia para estudos dialectológicos*. Florianópolis: PUC-RJ, 1955.

Coesão, coerência e referenciação: processos sociocognitivos e suas implicações para a produção escrita

Silvia Albert Bachur (PUC-SP)

Investir no pensamento da escrita, isto é, no próprio processo de escrever, é uma forma de auxiliar alunos e professores a vencerem os desafios em relação à produção de textos escritos bem sucedidos. Nesse contexto, esta comunicação tem por objetivo abordar os princípios de coesão e coerência relacionados à referenciação, estabelecendo um diálogo entre os estudos da Linguística Textual, de perspectiva sociocognitiva e interacional, e os Estudos da Cognição e suas implicações para o ensino e aprendizagem da produção escrita, no sentido de orientar esse processo para o desenvolvimento da proficiência escritora. Temos como base os postulados teóricos de autores como Van Dijk (1988), Koch (2006), Marcuschi (2006; 2008), Cavalcante et al. (2010) e Bentes (2012) que, em seus estudos, retomam a relação texto e contexto e evidenciam a importância da cognição social para a produção de sentidos. Assumimos, com Van Dijk (1988), a partir de sua teoria sobre modelos cognitivos, que o uso do conhecimento é estratégico e depende dos objetivos do usuário, da quantidade de conhecimento disponível no texto e no contexto, além do nível de processamento exigido para a compreensão. Para o autor, as crenças e avaliações pessoais são necessárias para estabelecer certos tipos de coerência local e global. Nessa mesma direção, seguem os estudos de Cavalcante et al.(2010) quando asseveram que a coerência é estabelecida por um processo de inferência, para o qual concorrem as marcas linguísticas, a interação entre os co-participantes da enunciação e o contexto. Bentes (2012) corrobora esses postulados ao defender que estabelecemos o sentido global aos textos com que lidamos cotidianamente, não especificamente pela decodificação linguística, mas porque estamos imersos, inseridos na sociedade como um todo. A assunção dos aspectos sociodiscursivos implicados no estabelecimento da coesão e da coerência determina que, para produzir sentidos na escrita, os sujeitos da enunciação operam processos cognitivos complexos em três níveis: conceitual, textual e lingüístico. Destacamos a referenciação como um dos processos de estruturação do texto que remetem à construção da coesão e da coerência, respaldados em Koch (2006), que identifica nos textos dois grandes movimentos – retrospectão e prospecção –, realizados em grande parte por meio dos recursos coesivos, como determinantes para a construção da coerência. Na mesma

direção, Marcuschi (2006) assevera que a atividade referencial constitui uma espécie de base e a referenciação providencia as pistas sugestivas para a produção de sentidos. Para esse autor, a coerência e a referenciação são atividades imbricadas e essencialmente co-determinadas, realizando-se tanto global quanto localmente. Para Cavalcante et al.(2010), a noção de referenciação está constitutivamente ligada às situações em que ela se desenvolve, e o referente é um objeto de discurso que não se relaciona apenas às marcas co-textuais explícitas, mas configura-se como uma entidade também construída na interação e representada na mente dos sujeitos da enunciação. Em nossa comunicação, atemo-nos a evidenciar a relação entre coerência e coesão relacionadas à progressão referencial, a qual ocorre numa complexa relação entre linguagem, mundo e pensamento estabelecida no discurso. Os postulados teóricos que respaldam nosso trabalho pressupõem uma concepção dialógica, heterogênea e interativa da língua; uma noção de texto que engloba aspectos linguísticos e contextuais; além da participação de sujeitos ativos, situados sócio-histórica e culturalmente, e inseridos numa dada prática social. Sendo assim, para o estabelecimento de um texto coeso e coerente concorrem não só dados do cotexto, mas também aspectos da interação entre os sujeitos da enunciação, a ativação de modelos cognitivos armazenados na memória e elementos contextuais, em particular de ordem sociocognitiva e interacional. A título de exemplificação da implicação dessa abordagem teórico-metodológica no ensino e na aprendizagem da escrita, realizamos a análise de duas redações de vestibular, com o intuito de mostrar como o uso de formas nominais na referenciação pode corroborar para a construção da coesão e da coerência e, conseqüentemente, para a produção de sentidos. Destacamos no *corpus* as escolhas lexicais e as orientações semânticas que norteiam a produção de sentidos relacionadas a um projeto de dizer, numa perspectiva sociocognitiva e interacional, em que não se leva em conta apenas os elementos linguísticos. Para isso, cotejamos as redações, evidenciando os aspectos elencados, mostrando, de um lado, um texto bem sucedido em seu projeto de dizer e, de outro, um exemplo que apresenta falhas na produção de sentidos. Nesse trabalho, pretendemos mostrar que, ao tomarmos a noção de coesão e de coerência relacionada à referenciação, numa perspectiva sociocognitiva e interacional, ampliamos também o escopo de atuação para o ensino e a aprendizagem da escrita, abrindo possibilidades de intervenção por parte do professor. Compreender a estreita relação entre referenciação e produção de sentidos, no texto do aluno, pode determinar critérios diferentes para a avaliação de uma redação quanto ao sucesso ou insucesso relativo ao estabelecimento da coerência e da coesão e, por conseguinte, da construção de um projeto de dizer. Afinal, nessa perspectiva, escrever é um processo complexo que se realiza na interação entre sujeitos sociais que operam cognitivamente com o conhecimento e com a linguagem.

Palavras chave: Produção Escrita; Processos Sociocognitivos; Coesão e Coerência.

Referências bibliográficas:

- BENTES, A.C. 2012. Linguística Textual in: MUSSALIM, F; BENTES, A,C. *Introdução à Linguística: Domínios e Fronteiras*. São Paulo: Cortez, 2012, p. 261-301.
- CAVALCANTE, M. M. et al. Dimensões textuais nas perspectivas sociocognitiva e interacional. In: BENTES, Anna Christina; LEITE, Marli Quadros (orgs.). *Linguística de texto e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil*. São Paulo: Cortez, 2010, p. 225-261.
- KOCH. I.V. *Introdução à Linguística Textual*. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- MARCUSCHI, L.A. Referenciação e Progressão Tópica: aspectos cognitivos e textuais. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. Campinas, v.48, n.1, p.07-22, 2006.
- _____. *Produção Textual, Análise de Gêneros e Compreensão*. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- VAN DIJK, T.A. Modelos na Memória - O papel das representações da situação no processamento do discurso,1988. In: *Cognição, discurso e interação*. São Paulo: Contexto, 2011. P. 158-179

Parameters of conditionality and conditional constructions

Taisa Peres de Oliveira (UFMS)

This paper attempts to provide a full account of conditional clauses in Portuguese. Following the assumption that conditional may be conceived as a kind of construction (Dancygier, 1998), the analysis of conditional clauses proposed here

will focus on explaining how different aspects of conditional meaning can be associated with a variety of forms, thus resulting in different constructions.

First, I analyze the full range of conditionals clauses in Portuguese according to their formal and lexical properties, namely (i) the causality of the relation between *p* and *q*; (ii) the non-assertiveness of the construction; (iii) the verb forms selected; and (iv) mental space setting. These parameters are mapped in different ways giving rise to different conditional meanings. Usually these meanings are regarded as prediction, epistemic distance, alternativity, givenness, background, hypotheticality.

Then, a second part of this paper is to show how these fore mentioned parameters of conditionality are associated with the so-called types of conditional clauses, namely content domain conditionals; epistemic domain conditionals; speech act domain conditionals and metatextual domain conditionals (Sweetser, 1990; Dancygier, 1998). This association is given as follows:

Content	conditionals	Epistemic conditionals	Speech act	Metatextual
>		>	conditionals >	conditionals
givenness;		givenness; background;	givenness;	givenness;
background;		prediction; epistemic	background;	background;
prediction;		distance;	prediction;	prediction;
			epistemic	epistemic
			distance;	distance;
			alternativity	alternativity

The different aspects of conditional meaning clearly follow a scale of (inter)subjectivization (Traugott, 2011). The most basic type of conditional meaning is associated with the notions of prediction and givenness, which are extended via metaphor into more abstract and (inter)subjective meanings, as predicted by the scale. As more to the right of this scale the more conventionalized is the meaning of the construction.

This approach poses several advantages for conditionals understanding. Conditionality is considered a conceptual category which ensembles different exemplars, some more close to the prototype nucleus and some more distant, but yet still related to it. Therefore it is possible to account for constructions introduced by *se*, the conditional conjunction *par excellence* in Portuguese, and for less prototypical types of constructions, which are introduced by other connectors, such as *desde que*, *contanto que*, *somente se*, *exceto se*, *supondo que*, *uma vez que*, and others that undoubtedly contributes to category conceptualization. At the end this research aims to provide a uniform framework that goes beyond the description of particular conditional forms as it contributes to the understanding of how the specificities of conditional meaning arises from formal and lexical aspects.

The analysis carried out here is based on the assumption (i) that language structure is determined by usage patterns and (ii) that categories are not strict, but involves the notion of a nuclear prototype and resemblance between members. The data analyzed was collected on the web *corpus* www.corpusdoportugues.org (Davies, Ferreira, 2006). (This research is sponsored by CNPq register number 409002/2013-5)

Key-words: Conditional Construction; Conditional Connector; Conditionality.

References:

DANCYGIER, B. *Conditionals and predication* (Cambridge Studies in Linguistics). Cambridge: Cambridge University Press, 1998.

DAVIES, M.; FERREIRA, M. *Corpus do Português: 45 million words, 1300s-1900s*. Available online at <http://www.corpusdoportugues.org>, 2006.

SWEETSER, E. E. *From etymology to pragmatics: metaphorical and cultural aspects of semantic structure*. (Cambridge Studies in Linguistics, 54). Cambridge: Cambridge University Press, 1990.

TRAUGOTT, E. C. Grammaticalization and (inter)subjectification. In: HIROYUKO, T.; SHIINA, M.; ONODERA, O. (Eds) *Introduction to Historical Pragmatics*. Tokyo: Taishukan, 2011, p. 59-89.

Quando um linguista propõe-se a analisar aspectos gramaticais de determinada língua, seja observando um dialeto ou idioleto, busca, em verdade, a apreensão de um fenômeno psicológico, ao que podemos pressupor que toda manifestação linguística é parte de um investimento psicológico. Além disso, devemos considerar que aquilo que nos chega é apenas uma representação linguística, não o sistema, se entendermos “sistema” como o organizador profundo da massa amorfa linguística. É o sistema, por sua vez, que nos permite partir de um *input* altamente limitado à formulação de organizações linguísticas complexas sujeitas a regras, que antecedem o falante, pois comunicar-se infere (re)conhecer e (re)produzir o jogo linguístico. Sobre isso, Langacker (1977:61) afirma que “cada ato de fala é, até certo ponto, um ato criativo.” Assim, podemos indicar que é importante termos claro que há um constructo organizador e formulador do material linguístico a que temos acesso. Aqui, as teorias divergem quanto à natureza do mesmo. Para os proponentes gerativistas (CHOMSKY, 1998; HYAMS, 1986), tal organizador é inato e parte de um “aparato biológico”, que indicaria um salto evolutivo do homem em relação aos demais animais, incluso primatas aproximados. Para os funcionalistas (CROFT, 2001; CROFT; CRUSE, 2004; DIK, 1997), a fala denota uma capacidade de ordem biológica, mas incapaz de se manifestar, senão através de interação. No material linguístico produzido, podemos realizar, ainda, uma divisão entre aspectos puramente gramaticais e estudos do léxico. Nesse ponto, a linguística cognitiva propõe que se observe tal divisão em termos de um *continuum*. Assim, almejamos com tal discussão abordar, pelo viés funcionalista da linguística cognitiva, o *continuum* que permeia a classe dos verbos de uma língua indígena denominada Pykobjê-Gavião (SILVA, 2012). O Pykobjê-Gavião é, segundo Rodrigues (1986), uma das sete línguas que fazem parte do Grupo Timbira (Tronco Linguístico Macro Jê, Família Jê). O povo indígena homônimo (cerca de 600 indivíduos) vive a sudoeste do estado do Maranhão, na micro-região de Imperatriz, dividido em quatro aldeias: Governador, Rubiácea, Riachinho e Aldeia Nova. Sobre a tipologia da ordem dos constituintes (GREENBERG, 1963; DRYER, 1992; PAYNE, 1997), observamos que o Pykobjê-Gavião deixa entrever uma ordem básica do tipo APV. Sobre a categoria verbal, Payne (1997:47) afirma que as propriedades morfossintáticas de verbos podem ser divididas em “propriedades distribucionais” e “propriedades estruturais”. As propriedades distribucionais observam como os verbos se apresentam em frases, sentenças ou textos. Em Pykobjê-Gavião, os verbos podem servir como núcleo de VP (*Verbal Phrase*) e/ou núcleo de predicado. Já as propriedades funcionais têm a ver com a estrutura interna do verbo. Como o Pykobjê-Gavião é uma língua de tipologia mais analítica do que sintética, não encontramos estruturas morfológicas associadas ao lexema verbal. Retomando Schachter (*apud* SHOPEN, 2007), observamos que os verbos do Pykobjê-Gavião fazem uso de algumas categorias. Há marca de modo *irrealis* (*ha*), cuja ordem atestada é pós-S (Ex.: *wa ha cõ japrõ* – eu comprarei água); distinção indicativo *vs* subjuntivo, que costuma ser realizada por meio do pronome independente de 3ª pessoa do singular (*quë*), o qual tende a aparecer associado ao modo *irrealis* (*quë ha*), podendo indicar uma expressão de uso similar ao “tomara!” do PB (Ex.: *quë ha to amjõ jaracwar jõwahe* – que eu consiga cumprir a promessa!); há outra marca de modo do Pykobjê-Gavião, que serve para indicar as distinções declarativo *vs* interrogativo (*të*) e declarativo *vs* imperativo (*to*), sendo, portanto, o declarativo a forma não marcada. A marca de interrogação deve ocupar a posição de tópico frasal (Ex.: *tëjyprù?* – eu sou bonita?), ao passo que a marca de imperativo tende a anteceder o verbo (Ex.: *to haahy* – faça-o!). Sobre os predicados verbais (DIK, 1997:195), observamos dois tipos: predicados nominais (N) (Ex.: *wa ha j-pë profësör* – eu serei professora) e predicados verbo-adjetivais (VA). Dentre os predicados VA, destacamos: verbos intransitivos simples ativos (Ex.: *jõm craa hyocrõn* – o ser criança dança), verbos intransitivos estado (Ex.: *weewee cate'te* – a borboleta é grande), verbos intransitivos processo (Ex.: *hõmre-mù e'-cre'cret* – o homem sente medo), verbos intransitivos estendidos, sempre membro da sub-classe dos verbos ativos (Ex.: *ropre hõmre awjahë a'cët cùm* – o gato caça na mata), verbos transitivos simples (Ex.: *aa-te cwyr cor* – você comeu mandioca) e verbos transitivos estendidos (Ex.: *aa-te cõ mù cõ jõor* – você deu água para ele). Neste trabalho, discutiremos, mais detidamente, como a sintaxe vinculada ao verbo demanda conhecimento do *frame* do sujeito e do tipo verbal, tal qual ocorre na escolha de uso entre a partícula {*te*}, indicativo de ergatividade, e {*my*}, que marca dativo. Se o sujeito e o predicado remeterem a um processo do tipo psicológico, então será requerido o uso de {*my*}, contudo se em igual contexto de tempo, aspecto e modo, o verbo for mais próximo da escala ativa, o uso demandado será {*te*}, conforme apresentado nos exemplos dispostos acima, para disposição dos tipos de verbos propostos para o entendimento de tal língua.

Palavras-chave: Linguística Cognitivo-Funcionalista; Classe de Verbos; Língua Indígena Brasileira.

Referências bibliográficas:

- CHOMSKY, Noam. *Language and problems of knowledge: The Managua Lectures*. Cambridge/Mass: MIT Press, 1988.
- CROFT, William. *Syntactic categories and grammatical relations: The cognitive organization of information*. Chicago/London: University of Chicago Press, 1991.
- CROFT, William; CRUSE, Allan. *Cognitive linguistics*. London: Cambridge University Press, 2004.
- DIK, Simon C. *The theory of functional grammar*. Part 1: The structure of the clause. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 1997.
- DRYER, Matthew S. The greenbergian word order correlations. *Language*, vol. 68, n. 1, 1992, p. 81-138.
- GREENBERG, Joseph. H. Some universals of grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In: _____. (Ed.) *Universals of language*. Cambridge/Mass: MIT Press, 1963, p. 73-113.
- HYAMS, Nina. The Acquisition of Clausal Complementation. *Proceedings of the West Coast Conference on Formal Linguistics*, vol. 4, 1986.
- LANGACKER, Ronald W. *A linguagem e sua estrutura*. Petrópolis/RJ: Editora Vozes Ltda., 1977.
- PAYNE, Thomas. E. *Describing morphosyntax – a guide for field linguists*. New York: Cambridge University Press, 1997.
- RODRIGUES, Aryon D. [1986] *Línguas brasileiras: para o conhecimento das línguas indígenas*. 4. ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- SCHACHTER, Paul. Parts-of-speech systems. In: SHOPEN, T. (Ed.) *Language Typology and Syntactic Description*. vol.1. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 3-61.
- SILVA, Talita R. *Descrição e análise morfosintática do nome e do verbo em Pykobjê-Gavião (Timbira)*. Amtsgricht München: Lincom Europa Academic Publications, 2012.

O ensino de português brasileiro aos chineses

Tang Sijuan (SISU/USP)

Esta comunicação discute o ensino de português brasileiro aos chineses da área continental. Um dos aspectos interessantes é que, embora o português tivesse sido por séculos a língua de região chinesa mais ao sul, o português ensinado naquela região sempre foi o português de Portugal. Sendo assim, as situações pedagógicas em Macau e na parte continental são totalmente diferentes, pois partem de interesses diversos também. Na China continental, o início de ensino de português se deu em 1960 na Universidade das Comunicações da China, porém, esse curso foi suspenso até 2000 por algumas razões. No entanto, a Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim (BFSU), sendo a segunda a abrir o curso de graduação de português o manteve até os dias atuais, o que revela o papel muito importante dessa Universidade no desenvolvimento do ensino de língua portuguesa na China. Entre 2000 e 2014, foram surgindo mais universidades com cursos de língua portuguesa, representando o período de maior interesse por esse idioma na área continental da China. Como a dimensão desse curso está se ampliando muito, também nos encontramos com muitos desafios e problemas, os quais atingem tanto os alunos quanto os docentes. Entre os problemas que encontramos estão a falta de experiência docente e a confusão de trabalho docente em algumas instituições que acabaram de começar o curso, dentre outros aspectos. O problema que enfatizo nesta apresentação é o do material didático de português brasileiro. Dado que o livro didático é o que primeiramente entra pelos olhos dos aprendizados como fonte do que de fato é a língua portuguesa e as culturas lusófonas, é preciso distinguir inicialmente as variedades dessa língua e as diferenças culturais entre os povos que falam essas línguas. Um livro didático mais prático e útil precisaria estimular o interesse dos alunos e também facilitar o trabalho dos professores. O que motiva repensar o livro didático na China é que categoricamente o atual material apresenta o português de Portugal como a única língua portuguesa do mundo; é necessário repensar as grandes diferenças, inclusive lexicais de cada uma das variedades, em especial a do português do Brasil. É relevante que: os docentes estudem português como uma língua que detém diferenças regionais e também diferenças culturais muito importantes; que os professores priorizem materiais didáticos que deem visibilidade a essas diferenças. Essas

questões todas são alvo de discussão em minha dissertação de mestrado na Universidade de São Paulo, pois pesquisei idéias e opiniões dos aprendizes chineses e dos docentes ao adotarem livros didáticos na China, pois hipotetizo que essas são as bases para se compreender, de um lado, as necessidades de aprendizagem dos alunos chineses e, por outro, que os professores se mobilizem para a seleção de materiais que priorizem variação e diversidade cultural.

Palavras-chave: ensino de português; diversidade; português na China.

Os esquemas imagéticos e a motivação conceptual da construção binominal de quantificação indefinida do PB

Tatiane Silva Tavares (UFJF)

Orientadora: Profa. Dra. Thais Fernandes Sampaio (UFJF)

Este trabalho vincula-se ao macro projeto *FrameNet Brasil* e, mais especificamente, ao *Frames e Construções*, projeto dedicado à implementação de um *Constructicon* (FILLMORE, et al, no prelo) para o Português do Brasil. O objetivo deste estudo é analisar a motivação conceptual da **Construção Binominal de Quantificação Indefinida (CBQI)**, uma estrutura produtiva de quantificação do PB, a qual pode ser ilustrada pelos seguintes exemplos: (i) *uma avalanche de denúncias*; (ii) *um bocado de gente*; (iii) *um bando de estudantes*; (iv) *uma ponta de ironia*; (v) *um pingo de modéstia*. A pesquisa se baseia nos pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva (LAKOFF, 1987, 2007; JOHNSON, 1987, 2005), a partir dos quais se discute a participação de instrumentos de organização, processamento e construção de sentido, provenientes de nossa experiência sensorial com mundo. A Gramática das Construções (CROFT, 2007; GOLDBERG, 1995, 2006) juntamente com a Semântica de Frames (FILLMORE, 1982; 2008; PETRUCK, 1996) também nos oferecem o instrumental teórico necessário para a análise e descrição de nosso objeto investigativo. A escolha metodológica recai sobre a *Linguística de Corpus* (SARDINHA, 2004), acompanhando o forte compromisso da Linguística Cognitiva com a empiria e tendo em vista a relevância da dimensão do uso nesta investigação. Dentro dessa abordagem, constituiu-se um banco de dados específico, baseado em dados reais do uso linguístico, no qual se encontram 36 tipos e 756 ocorrências da CBQI. A construção, entendida como um pareamento forma-sentido, resulta da associação entre a estrutura N1 de N2 e o frame de Quantidade Indefinida. Neste esquema, N1 representa o Quantificador da construção, enquanto N2, a Entidade quantificada. Nossa hipótese inicial é de que tal construção é fortemente motivada por domínios elementares da experiência - os esquemas imagéticos. A proposta de análise da CBQI a partir dos esquemas imagéticos envolvidos pode enriquecer, consideravelmente, as discussões a respeito do polo conceptual da construção, além de ser um avanço, no sentido de reconhecer um sistema coerente e fortemente motivado.

Palavras-chave: Gramática das Construções; Esquemas Imagéticos; Quantificação Indefinida.

Referências bibliográficas:

- CROFT, W. **Construction Grammar**. In: GEERAERTS, D. & CUYEKENS, H. *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford – New York: Oxford University Press, 2007, p. 463 – 508.
- FILLMORE, C. J. **Frame Semantics**. In: Linguistic Society of Korea (Ed.) *Linguistics in the Morning Call*. Seoul: Hánshin, 1982.
- GOLDBERG, A. E. *Constructions: A Construction Grammar Approach to Argument Structure*. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- _____. **Constructions at work**. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- JOHNSON, M. **The body in the mind**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- _____. **The philosophical significance of image schemas**. In: HAMPE, Beate & GRADY, Joseph E. *From Perception to Meaning*. Image Schemas in Cognitive Linguistics. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 2005, p. 15-33
- LAKOFF, George. **Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind**. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.
- _____. **The neural theory of metaphor**. In: GIBBS JR, *The metaphor handbook*. Oxford: Oxford University Press, 2007.
- PETRUCK M. R. L. **Frame Semantics**. In: Jef Verschuerem et. al (Eds.). *Handbook of Pragmatics*. Philadelphia: John Benjamins, 1996.

A motricidade e a direcionalidade dos verbos: um estudo experimental

Thalita Maria Lucindo Aureliano (UFPB)

Danielly Lopes de Lima (UFCCG/ UFPB)

Jan Edson Rodrigues Leite (UFPB)

Diante de estudos que vêm abordando uma correlação entre as áreas referentes à linguagem e às atividades motoras, grandes debates e pesquisas têm se desenvolvido na área da linguística, dentre eles, as contribuições de Richardson, Spivey, Barsalou, & McRae (2003) e Spivey, Richardson, Gonzalez-Marquez (2005) sobre esquemas imagéticos de orientação em verbos e; Gold & Shadlen (2000), Spivey, Grosjean, & Knoblich (2005) e Richardson & Matlock (2007) sobre rastreamento ocular e manual. Estas teorias fundamentaram o presente trabalho uma vez que se pretendeu compreender como a percepção e a motricidade estão conectadas às atividades cognitivas estruturadas linguisticamente. Nesta perspectiva, o nosso objetivo foi testar se os verbos de movimentos ascendente, descendente e horizontal eram influenciados pelos tons agudo e grave nas sentenças apresentadas. A hipótese do trabalho foi de que o tipo de movimento indicado no verbo associado ao tom em que as sentenças experimentais eram ouvidas interferia diretamente na direção em que o informante colocaria o marco em um alvo. Para corroborar nossa hipótese empiricamente, baseamo-nos em Glenberg & Kaschak (2002), Richardson & Matlock (2007) e Nazir (2008). A aplicação da teoria em uma prática deu-se através do experimento que tinha duas variáveis dependentes e três variáveis independentes. As variáveis dependentes foram o tom agudo e o tom grave com que as frases foram gravadas. E as variáveis independentes consistiam na direcionalidade dos verbos, sendo ascendente, descendente e horizontal. O grupo experimental constitui-se de vinte universitários na faixa etária de 18 a 21 anos, sendo dez do sexo masculino e dez do sexo feminino. As hipóteses experimentais foram: quando o indivíduo ouvia frases com verbos ascendentes ditas em tom agudo, ele tenderia a depositar o marcador nos quadrantes superiores e distantes do centro do alvo. No entanto, quando ouvia frases com verbos ascendentes com tom grave, depositaria o marcador nos quadrantes superiores próximos ao eixo horizontal. Com verbos descendentes em tom grave, os indivíduos colocariam o marcador mais distante do alvo e nos quadrantes inferiores. Diferentemente do que aconteceria quando os mesmos verbos descendentes eram ouvidos em tom agudo, o que levaria a marcação do alvo mais próximo do eixo horizontal nos quadrantes inferiores. Com os verbos horizontais, o tom não influenciaria no distanciamento do alvo, mas os marcadores seriam postos mais próximos do eixo horizontal. O experimento conteve quatro etapas: na primeira, o indivíduo era familiarizado com o experimento e informado que, durante todo o processo, ficaria com os olhos vendados; na segunda etapa, as sentenças eram ouvidas; na terceira etapa, o informante colocava o marcador no alvo, que se encontrava a setenta centímetros de distância; por fim, a última etapa era direcionada a medição da distância entre o marcador e o ponto central do alvo, que foi dividido em quadrantes. Os resultados obtidos ratificaram as nossas hipóteses e deram indícios de que os movimentos dos participantes tiveram maior distanciamento do alvo na posição superior quando a sentença ouvida continha verbos ascendentes agudos. Com verbos descendentes graves, os indivíduos marcaram o alvo nos quadrantes inferiores com maior distanciamento do centro. Com verbos ascendentes no tom grave e com verbos descendentes com tom agudo, os indivíduos colocaram os marcadores mais próximos do eixo horizontal. Os verbos horizontais não tiveram influência do tom grave nem do tom agudo. Este experimento foi elaborado originalmente em língua inglesa por M. Spivey e K. Cooperider e o Laboratório de Compreensão Neurocognitiva da Linguagem (LACON) replicou em língua portuguesa com pequenas variações.

Palavras-chave: Motricidade; Direcionalidade de Verbos; Cognição.

Referências bibliográficas:

- Glenberg, A. M.; Kaschak, M. P. Grounding language in action. *Psychonomic Bulletin & Review*, Vol 9 (3), Sep 2002. pp. 558-565.
- Gold, J. I.; Shadlen, M. N.. Representation of a perceptual decision in developing oculomotor commands. *Nature*, Vol 404, 200. Pp. 390-394.
- Richardson, D.C.; Matlock, T.. The integration of figurative language and static depictions: An eye movement study of fictive motion. *Cognition*, Vol 102, 2007, pp. 129-138.
- Richardson, D. C.; Spivey, M. J.; Barsalou, L. W.; McRae, K.. Spatial representations active during real-time comprehension

of verbs. *Cognitive Science*, Vol 27, 2003, pp. 767-780.

Spivey, M. J.; Grosjean, M.; Knoblich, G. Continuous attraction toward phonological competitors. In: Proceedings of the National Academy of Sciences of the United States of America, 2005.

Spivey, Richardson, D. C.; Gonzalez-Marquez, M.. On the spatial and image-schematic underpinnings of real time language processing. In: R Zwaan & D. Pecher (eds), *The Grounding of Cognition: The Role of Perception and Action in Memory Language, and Thinking*. Cambridge University Press, 2005.

Construções sinalizadoras de “planos e desejos” e de “desânimo, decepção e resignação” em relatos de pessoas com envelhecimento normal e com Doença de Alzheimer

Tomás Reis Barreto Penha (USP)

Objetivos:

O projeto de iniciação científica propõe-se a analisar se idosos portadores da Doença de Alzheimer codificam suas intenções linguísticas marcadoras de planos e de fracassos da mesma forma que os idosos sem essa doença. Em outras palavras, pretende-se investigar a externalização de emoções e sentimentos relacionados a planejamentos e decepções em idosos com e sem Alzheimer, visando compreender como se dá a formulação de uma intenção linguística no discurso dos indivíduos acometidos pela doença. Como inúmeros outros fatores relacionados ao modo como um indivíduo se expressa podem dizer tanto quanto o seu próprio discurso, pretende-se atentar não apenas para o conteúdo das manifestações verbais, mas para o conjunto de aspectos contidos no seu processo de formulação.

Embasamento teórico:

Três foram os principais estudos até aqui analisados para construir este projeto: Carvalho e Ferreira (2002), Sayeg (2011) e Kuhlmann (2012). O estudo de Carvalho e Ferreira (2002) demonstrou que os afetados pelo Alzheimer apresentam índices avaliativos muito próximos das pessoas com envelhecimento normal no que se refere à instância fonológica, se levarmos em conta que a fluidez conversacional permite selecionar inconscientemente 180 palavras por minuto.

Já Sayeg (2011) analisou o uso linguístico dos idosos com Alzheimer do ponto de vista não fonológico. Segundo ele, aspectos linguísticos podem contribuir para a realização de diagnósticos mais precisos da doença, já que entraves dessa natureza impactam a capacidade de raciocínio lógico, de codificação imediata e de organização da ideia. Elaborar, então, perguntas que provoquem o processamento de memória e a formulação de julgamento de valor pode constituir estratégia interessante para a recolha de dados.

Um mais recente trabalho de pesquisa é o de Kuhlmann (2012), que estuda a interferência das degenerações decorrentes da doença de Alzheimer nas formas de referência manifestadas pelos idosos. Já no estudo-piloto, a pesquisadora demonstra que, nos lapsos de esquecimento conhecidos como “brancos”, elementos metafóricos são apresentados, o que denunciaria que essa estratégia altamente complexa serve-se do recurso básico chamado de analogia. Nesse sentido, o indivíduo afetado pela doença pode selecionar um item aparentemente descabido para a referência, porque sofreu degeneração no campo do léxico, mas, dadas suas experiências, a resposta torna-se produtiva e pertinente.

Metodologia:

A pesquisa consiste, num primeiro momento, na elaboração de perguntas pessoais que questionem os entrevistados acerca de acontecimentos passados e intenções futuras. As entrevistas serão feitas com idosos dos sexos masculino e feminino, em envelhecimento normal e portadores de Alzheimer, moradores dos estados de São Paulo e de Minas Gerais, totalizando 16 entrevistados. Em seguida, tais entrevistas – que, com a devida autorização, serão gravadas em vídeo – serão transcritas segundo um modelo de registro sociolinguístico e nelas serão também relatadas expressões corporais relevantes. Por fim, será feita a identificação das construções sinalizadoras ligadas a frustração de planos e intenções futuras, a descrição linguística de tais construções e a organização dos resultados em relatório. Ocorrerão, ainda, elaboração de artigo científico e apresentação no SIICUSP.

Resultados:

O projeto já conta com um estudo-piloto no qual foram entrevistados 4 idosos, sendo dois portadores de Alzheimer de sexo, faixa etária e nível de agravamento distintos e seus respectivos controles. Tendo sido as entrevistas pensadas para que se aproximem o máximo possível de uma interação casual, a fim de proporcionar diálogos espontâneos, já é possível, no estudo-piloto, observar diversos aspectos que distinguem o discurso e o comportamento dos idosos com Alzheimer daqueles em envelhecimento normal.

Os portadores da doença entrevistados não apresentam discursos fluidos, mas caracterizados por constantes pausas, seja antes de responder uma pergunta ou durante as suas respostas. A falta de contato visual com o entrevistador é outro aspecto comum entre eles. Com olhares muitas vezes “perdidos”, parecem, em certas ocasiões, falarem para si próprios, e não para quem lhes pergunta. Já os idosos em envelhecimento normal discursam de forma muito mais coesa, com incidência bastante inferior de pausas ao longo da fala e, quando não respondem prontamente, demoram pouco para fazê-lo.

Essas observações iniciais já dão cabo de uma efetiva diferença discursiva e pragmática entre idosos com e sem a Doença de Alzheimer. Tais observações são, porém, ainda muito genéricas, mas novas entrevistas farão com que aspectos diferenciadores mais específicos venham à tona, por meio dos quais será possível analisar mais pormenorizadamente as intenções linguísticas desses idosos e o modo como eles se expressam ao discorrer sobre planos para o futuro e decepções quanto ao passado.

Palavras-chave: Alzheimer; Codificação; Subjetividade.

Referências bibliográficas:

- CARVALHO, I. A. M.; ASSÊNCIO-FERREIRA, V. J. Análise de habilidades fonológicas no envelhecimento normal e na doença de Alzheimer. *Revista CEFAC* 4 (3), 2002, pp. 235-40.
- DEL NERO, Henrique Schützer. *O sítio da mente*. São Paulo: Collegium Cognition, 2002 [1997].
- KUHLMANN, Mariana Corallo. *A linguagem do envelhecer: A relação entre o processamento de metáforas e a Doença de Alzheimer*. Projeto de iniciação científica. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2013.
- LIMA-HERNANDES, Maria Célia. *Uma conversa sobre a arqueologia do corpo humano*. Inédito. Apresentado em 2013, na UFF.
- MITHEN, Steven. *A pré-história da mente*. São Paulo: Editora da Unesp, 2002[1996].
- ORTIZ, K.; BERTOLUCCI, P. *Alterações de linguagem nas fases iniciais da doença de Alzheimer*. *Arquivos de Neuropsiquiatria*. v. 63, 2005. In: Lessa, Adriane Tavares Maurício. *Tempo em Alzheimer: Linguagem, Conceito e Memória*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2010
- SAYEG, Norton; GORZONI, Milton. Doença de Alzheimer. *Revista Brasileira de Medicina* 50.11 (1993).
<http://economia.uol.com.br/noticias/redacao/2013/11/22/cinco-estados-concentram-652-do-pib-de-acordo-com-ibge.htm>

A multi-dimensional perspective on metaphor use in english

Tony Berber Sardinha (São Paulo Catholic University)

Corpus-based research into metaphor has provided valuable insights into a range of aspects of metaphor use, including frequency, patterning and distribution within and across texts. Evidence of a relationship between metaphor use and specialized texts is offered both directly and indirectly in the literature (e.g. Steen, 2010). The goal of the present study is to use the Multi-Dimensional (MD) framework (Biber, 1988 et seq.) as a means to examine the interplay between register variation and metaphor use in English. The MD approach was developed by Biber (1988) with the aim of finding the communicative parameters that underlie register variation. The MD approach has been applied to a number of different contexts. The corpus used for this study was the VUAMC (Vrije University Amsterdam Metaphor Corpus), which in turn is a sample of BNC Baby that was hand coded for metaphor by the members of the Metaphor in Discourse project (Steen et al., 2010). The corpus was downloaded off the Oxford Text Archive and after processing with the Biber tagger, it had the size and composition as shown below.

Register	Tokens	Texts
Academic	68,276	15
Conversation	48,768	11
Fiction	45,663	12
News	46,208	46
Total	208,915	84

The corpus had its original tags removed and was then tagged over with the Biber tagger, a software program regularly employed in MD research that automatically identifies over 400 different grammatical features. It was later post-processed by the Biber Counter program, which calculated the frequencies of 127 selected features. To identify semantic features, the EngCG tagger was used.

A review of the metaphor literature indicated the following features as potentially relevant:

- Metaphor frequency: density of metaphor use differentiates registers, as noted in the introduction.
- Metaphor signaling: words that act “as a signal that a cross-domain mapping may be at play” are considered metaphor signals, or flags (Steen, et al., 2010 :26).
- Metaphor manifestation: metaphors can be expressed:
 - a. Directly: Words whose metaphorical status is signaled directly (Steen, et al., 2010 :39), by words such as *resembling, like* and *as*. Eg: words *started* as a *coat-hanger* to *hang pictures on*.
 - b. Indirectly: Words whose metaphoricity is not explicitly signaled (Steen, et al., 2010 :33). This is how metaphors manifest themselves by default. Eg: *high wages*.
 - c. Implicitly: Words whose metaphorical status is realized by substitution (e.g. *it* in *to embark on such a step is not necessarily to succeed immediately in realizing it*, where *it* refers back to the metaphorically used word *step*) or ellipsis (*but he is [an ignorant pig]*, where *is* receives the code for implicit, elliptical metaphor, in place of the omitted fragment in brackets).
- Metaphor clustering: Metaphor cases are distributed unevenly in text, forming clusters of neighboring metaphors (Cameron & Stelma, 2004).
- Metaphor conventionalization: Conventionalized metaphors, or those that “go unnoticed in everyday life” (Deignan, 2005 :5, 40-47), represent a large share of metaphor use.
- Metaphor semantics: Assigning metaphor cases to semantic groupings is useful in categorizing metaphor use (Cameron & Maslen, 2010). In addition, semantic fields have been used as a starting point for metaphor detection (Krennmayr, 2011).
- Metaphor word class: Previous studies found that frequency of different parts of speech distinguishes registers.

For reasons of space, further details about the method cannot be provided here but will be given in the paper presentation.

This study revealed a number of different findings about the relationship between metaphor and register in English, which are summarized below given space constraints.

The first main finding is the identification of two metaphor dimensions of variation in English, one related to metaphor density, where metaphor is the chief element, and the other to opinion elaboration, where metaphor plays a marginal role.

The second main finding is that metaphor accounts for 41% at most of register variation in English. Grammar, on the other hand, captures twice as much variation. Nevertheless, being a much less common feature of language use than grammatical structure, it is striking that metaphor can predict register by such a degree.

The third main finding is that metaphor cannot be accounted for by the existing dimensions for English. Simply knowing how a text scores on each of the main five dimensions of variation in Biber (1988) does not enable us to predict metaphor use. As a result, metaphor must be explicitly factored in in MD analyses, which was done here.

The fourth main finding is that structural variables tend to segregate metaphors, and vice-versa. This indicates that metaphor and grammar are two distinct levels of language that give rise to different frequencies and distributions in text, thus

splitting apart onto different dimensions. In other words, although grammar and metaphor are associated, they provide a different perspective each on register variation.

And the final main finding relates to the two text types detected, which embody the linguistic characteristics mutually shared across the texts with respect to the dimensions.

Overall, the study shows that a relationship seems to exist between text varieties and metaphor use in English along dimensions of register variation, with implications both to how we perceive the role of metaphor use in language and to cognitive models of metaphor processing.

Key words: Metaphor, Corpora, Variation.

References:

- Biber, D. (1988). *Variation across speech and writing*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Cameron, L., & Maslen, R. (2010). *Metaphor Analysis: Research Practice in Applied Linguistics, Social Sciences and the Humanities*. London: Equinox.
- Cameron, L., & Stelma, J. H. (2004). Metaphor clusters in discourse. *Journal of Applied Linguistics*, 1(2), 7-36.
- Deignan, A. (2005). *Metaphor and Corpus Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins.
- Krennmayr, T. (2011). *Metaphors in newspapers*. PhD dissertation, Vrije University, Amsterdam.
- Steen, G. (2010). *A method for linguistic metaphor identification : from MIP to MIPVU*. Amsterdam ; Philadelphia, Pa.: John Benjamins Pub. Company.
- Steen, G., Dorst, A. G., Herrmann, J. B., Kaal, A. A., Krennmayr, T., & Pasma, T. (2010). *A Method for Linguistic Metaphor Identification: From MIP to MIPVU*. Amsterdam: John Benjamins.

O gênero no ensino de língua estrangeira na perspectiva da ISD

Vanessa Cavalcante Pequeno (UFPE)

Sandra Ataíde Ferreira (UFPE).

Introdução:

O presente trabalho é um recorte do que vem sendo desenvolvido em uma pesquisa de mestrado acerca do ensino de língua estrangeira para crianças (LEC), em particular, a língua inglesa, com o enfoque nos gêneros postulados por Bronckart, nas perspectiva através do Interacionismo Sócio Discursivo, doravante (ISD).

O ISD é definido como corrente teórica que enxerga as condutas humanas como produto de socialização, que são, portanto, “ações significantes, ou como ações situadas, cujas propriedades estruturais e funcionais são, antes de mais nada, um produto da socialização” (BRONCKART, 2003, p.13). Dessa forma, defende que é a interação verbal que regula e media o ser humano, pois é através do efeito mediador do agir comunicativo que ele transforma o meio.

Nessa perspectiva, os gêneros de texto são definidos como construtos históricos que se adaptam permanentemente de acordo com a evolução das questões sociocomunicativas, se modificando-se constantemente de acordo com as novas intenções dos mediadores, permitindo assim uma dinamicidade.

A partir dessa noção de gênero podemos compreender todas as ações comunicativas, sejam elas escritas ou orais. Nesse sentido, compreende-se que o papel dos gêneros no ensino de línguas estrangeiras é relevante porque perpassa as diversas relações e interações humanas.

Objetivos:

Este trabalho apresenta como objetivo geral compreender de que forma o gênero textual vem sendo utilizado no ensino de inglês, Língua Estrangeira, apresentando como objetivos específicos fazer um levantamento dos estudos que foram realizados nos últimos sete anos sobre a perspectiva do gênero textual postulada por Bronckart no Interacionismo Sociodiscursivo (ISD), verificar as modalidades de gêneros utilizadas nas pesquisas encontradas.

Metodologia:

Para a realização do presente estudo foi realizada uma pesquisa bibliográfica nos periódicos: CAPS e Scielo, buscando identificar os estudos que estão sendo desenvolvidos na perspectiva da ISD postulada por Bronckart, evidenciando os gêneros, bem como trabalhos que visem o ensino de inglês, língua estrangeira. Nesse sentido, foram pesquisados artigos, e dissertações que apresentassem nas palavras-chave, gênero textual e/ou ISD. Após a pesquisa alguns artigos e dissertações foram selecionados, totalizando onze pesquisas que foram analisadas a partir de seus conteúdos.

Resultados:

Diante do cenário atual de estudos realizados na área evidenciando a divulgação dos estudos desenvolvidos por Bronckart, percebe-se que todos apresentam autores advindos do campo de estudos da linguística e das letras, demonstrando que poucos estudos nessa área são desenvolvidos por pesquisadores de outros campos do conhecimento. Falar sobre os estudos que vem sendo realizados nessa área e mostrar sua ampla realização apenas no campo da linguística, delinea um campo de estudos a ser explorado pela psicologia. Sobretudo pela psicologia cognitiva, apresentando como enfoque dos processos cognitivos envolvidos, que são ainda pouco explorados.

Por outro lado, mesmo este campo sendo predominantemente estudado por pesquisadores da área da linguística, pouco se tem encontrado no que diz respeito aos gêneros orais, já destacados por Marcuschi (2008). Se tornando então um campo que necessita de ampliações em termos de pesquisas empíricas, que temos intuito de realizar como continuação dessa pesquisa.

Palavras-chave: Ensino de Língua Estrangeira; Gênero Textual; Perspectiva da ISD.

Referências bibliográficas:

- BEATO-CANATO, Ana Paula Marques. O trabalho com línguas para fins específicos em uma perspectiva interacionista sociodiscursiva. *Rev. bras. linguist. apl.* vol.11 no.4 Belo Horizonte 2011.
Acessado em 01 de setembro de 2014: <http://dx.doi.org/10.1590/S1984-63982011000400004>
- BEATO-CANATO, Ana Paula Marques. A (in)utilidade de Fichas de Segurança de Laboratório questionada nas aulas de inglês para fins específicos. *Jornada de Estudos de Linguagem*, 2010.
- BRONCKART, Jean- Paul. *Atividade de linguagem, textos e discursos: por um interacionismo sócio-discursivo*. São Paulo: EDUC, 2003.
- CRISTOVÃO, Vera Lúcia Lopes, FERRARINI, Marlene Aparecida, PETRECHE, Célia Regina Capellini & SILVA, Maristela Miranda da. *Elaboração de sequencias didáticas para o Ensino de Língua Estrangeira: uma produção coletiva*.
- FUZETO, M. G.; BELCHIOR, M. I.; SANTOS, R.; FERREIRA, P.R.W.; AIZAWA, G.; GODOY, I.C.; ROCHA, M. A. (PIBID INGLÊS/ UENP). Orientadoras: Célia Regina Capellini Petreche e Eliane Segati Rios Registro. Supervisora: Miriam Rocha. *As Contribuições da Sequência Didática por meio de Gêneros Textuais no Ensino de Língua Inglesa*. 2013
- FERRARINI, Marlene Aparecida. O gênero textual conto de fadas didatizado para o ensino de produção escrita em língua inglesa. Universidade Estadual de Londrina, dissertação, 2009.
- LOPES, Denize Alves. Os gêneros textuais como objetos de ensino. *Unioeste*, 2008.
- MARCUSCHI, Luiz Antônio. *Produção Textual, análises de gêneros e compreensão*. São Paulo: Editora Parábola, 2008.
- MARTINS, Evanilde Gimenez & BORGHI, Carmen Ilma Belincanta. O gênero textual “rótulos de embalagens” como instrumento de ensino aprendizagem da leitura em língua inglesa. Trabalho de conclusão do curso de capacitação desenvolvido no Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE), da Secretaria de Educação do Estado do Paraná, UEM, 2007.
- MORAES, Elkerlane Martins de Araújo. Implicações da leitura na produção de um blog em Língua Inglesa: uma reflexão acerca das capacidades de linguagem em uma sequência didática. Universidade Federal da Paraíba, dissertação em linguística, 2010.
- PETRECHE, Célia Regina Capellini. A sequência didática nas aulas de Língua Inglesa no Ensino Médio e o desenvolvimento de capacidades de linguagem. Universidade Estadual de Londrina, Dissertação, 2008.
- REIS, Iremar Sebastião dos, SABOTA, Barbra Sabota. *Anais do Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (MIELT). Leitura Crítica em sala de aula de Língua Inglesa: Um estudo de caso sobre a percepção de graduandos frente a temas polêmicos em nossa sociedade*. 2012.

SANTOS, Cileni Vieira dos. Gêneros textuais e o Ensino/aprendizagem de Leitura e produção de texto em língua estrangeira moderna (inglês) – E-MAIL espaço virtual de ação e interação, leitura e produção de textos e mundos. Ana Paula TREVISANI (Orientadora UEM) e Luciana Cabrini Simões CALVO (Orientadora – UEM), 2007.

Acessado em 01 de setembro de 2014:

http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/producoes_pde/artigo_cileni_vieira_santos.pdf

TOGNATO, Maria Izabel Rodrigues. Ensino de gêneros: produção textual a partir da compreensão dos gêneros textuais da língua materna para a língua inglesa no ensino médio. Profes orientadora IES: Carmen Ilma Belincanta Borghi, 2007.

As construções binominais N-de-N no Constructicon do Português do Brasil

Vanessa Gonçalves Ferreira²¹ (UFJF)

Thais Fernandes Sampaio²² (UFJF)

A FrameNet é um projeto léxicográfico computacional, desenvolvido no ICSI (International Computer Science Institute) em Berkley, na Califórnia, que identifica e descreve frames semânticos. A FrameNet Brasil (FN-Br), projeto que vem sendo desenvolvido na Universidade Federal de Juiz de Fora, em parceria com o projeto supracitado, objetiva construir uma fonte de pesquisa lexical para o Português do Brasil (PB) baseada em frames e sustentada por evidências de *corpus*. Além disso, a equipe da FN-Br trabalha na implementação de um “Constructicon”, um acervo, eletronicamente acessível, de Construções Gramaticais do PB descritas e anotadas. Desenvolvendo-se, portanto, no âmbito do projeto Frames e Construções, esta pesquisa tem por objeto as construções binominais de tipo N-de-N (*casa da Maria, dente de leite, prefeito da cidade*) no Português Brasileiro. A proposta de descrição e análise dessa rede construcional é desenvolvida à luz da Gramática das Construções (GOLDBERG, 1995; CROFT, 2007) e da Semântica de Frames (FILLMORE, 1982, PETRUCK, 1996). Uma série de trabalhos têm investigado as Construções Binominais do tipo N-de-N em outras línguas e nosso projeto pretende, entre outras coisas, comparar as funções que tal padrão assume no PB com aquelas já identificadas para o padrão equivalente no Inglês (AARTS, 1998; KAY, 1997; TRAUGOTT, 2007, 2008) e no italiano MASINI (no prelo). Para isso, o grupo de pesquisa constituiu um banco de dados com aproximadamente 1.200 ocorrências do padrão investigado. Em termos metodológicos, o projeto adota os pressupostos de um Modelo Baseado no Uso (BYBEE, 1985, 1995), com práticas de coleta e tratamento de dados características da Linguística de *Corpus*, combinados a uma análise qualitativa dos dados. Desse modo, respeitando um pressuposto básico da Linguística Cognitiva _ de que o conhecimento sobre a linguagem deve emergir do uso linguístico (CROFT; CRUSE, 2004) e a própria proposta da FrameNet _ de descrever e anotar sentenças sustentadas por evidência de *corpus* _, a pesquisa se propõe a analisar dados reais de uso da língua. Mais especificamente, o banco de dados desta pesquisa foi constituído através da ferramenta de busca Sketch Engine, que extraiu as ocorrências do corpus Cetenfolha que, por sua vez, reúne textos do Jornal Folha de São Paulo. A análise inicial dos dados revela que, no Português, o padrão sintático N-de-N é frequente e consideravelmente produtivo. Verificou-se, até o momento, que o padrão investigado se associa, por exemplo, às noções de especificação (*o casaco de couro*), quantificação (*uma fatia de bolo*), posse (*o gato de Maria*), identificação (*um tipo de fruta*), aproximação (*uma espécie de bazar*), avaliação (*um amor de pessoa*) e aspecto (*ataque de ira*). Temos, portanto, uma rede composta por, pelo menos, sete construções diferentes. Avançando no trabalho de descrever e analisar essa rede de construções, considerando seus aspectos sintáticos, semânticos e pragmáticos, a pesquisa objetiva ajudar a preencher uma lacuna no que tange ao estudo das construções binominais no PB. Além disso, tendo em vista o macroprojeto ao qual está vinculado, um dos produtos do estudo será a descrição de cada uma das Construções Binominais identificadas no Constructicon, acompanhada de um conjunto de sentenças anotadas que represente os contextos de uso das Construções N-de-N no Português do Brasil.

Palavras-chave: Construções Binominais; Gramática das Construções; Constructicon.

²¹ Mestranda do Programa de Pós- Graduação em Linguística da UFJF

²² Professora Orientadora. Faculdade de Letras. Universidade Federal de Juiz de Fora.

Referências bibliográficas:

- AARTS, B. Binominal noun phrases in English. In: *Transactions of the Philological Society*, 96 (1), 1998, p. 117-158.
- CROFT, William; CRUSE, Alan D. *Cognitive Linguistics*, Cambridge, Cambridge University Press, 2004.
- GOLDBERG, A. *Constructions: A Construction Grammar Account of Argument Structure*, Chicago, University of Chicago Press, 1995.
- _____. *Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language*, Oxford, Oxford University Press., 2006.
- _____. Construcionist Approaches. In: HOFFMAN, T. & TROUSDALE, G. *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. New York: Oxford University Press, 2013, p. 32-47.
- FILLMORE, C. J. *Encounters with Language*. *Computational Linguistics*, 38(4), p. 701-718, 2012.
- _____. Berkeley Construction Grammar. In: HOFFMAN, T. & TROUSDALE, G. *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. New York: Oxford University Press, 2013, p. 111-132.
- FILLMORE, C.J. & ATKINS, B. Toward a Frame-Based Lexicon: the semantics of RISK and its neighbors. In: LEHRER, A. & KITTAY, E. *Frames, Fields and Contrast*. New York: Routledge, 1992.
- FILLMORE, C. J.; LEE-GOLDMAN, R. & ROMIEUX, R. The FrameNet Constructicon. In: BOAS, H. & SAG, I. *Sign-Based Construction Grammar*. Stanford: CLSI, 2012, P. 309-372.
- KAY, P. The Kind of / Sort of Constructions. In: KAY, P. *Words and the Meaning of Context*, Stanford, CSLI Publications, 1997, p. 145-158.
- MICHAELIS, L. Sign-Based Construction Grammar. . In: HOFFMAN, T. & TROUSDALE, G. *The Oxford Handbook of Construction Grammar*. New York: Oxford University Press, 2013, p. 133-153.
- PETRUCK, M. Frame Semantics. VERSCHUEREN, J., OSTMAN, J., BLOMMAERT, J. and BULCAEN, C. (eds.) *Handbook of Pragmatics*. Philadelphia: John Benjamins, 1996.
- SALOMÃO, M. M. M. FrameNet Brasil: um trabalho em progresso. *Calidoscópico*, São Leopoldo: UNISINOS, vol. 7 n. 3, p. 171-182, set/dez 2009a.
- _____. Tudo certo como dois e dois são cinco. Todas as construções de uma língua. In: MIRANDA, N. S. & SALOMÃO, M. M. M. (Org.). *Construções do Português do Brasil: da gramática ao discurso*. Belo Horizonte: UFMG, 2009b.
- SAMPAIO, T.F. *A família de Construções de Argumento Cindido no Português do Brasil*, 2010. Tese (Doutorado em Linguística) – PPG em Lingüística – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2010.
- SARDINHA T, Berber. *Linguística de Corpus*. Barueri, SP: Manole, 2004.
- TRAUOGOTT, E. C. The concepts of constructional mismatch and type-shifting from the perspective of grammaticalization. In: *Cognitive Linguistics*, 18 (4), 2007, p. 523–557.
- _____. The grammaticalization of NP of NP constructions. In: BERGS, A. & G. Diewald (eds.). *Constructions and Language Change*, Berlin, Mouton de Gruyter, 2008, p. 23 45

As formas de tratamento em documentos paulistas do século XVIII

Vanessa Martins do Monte (FFLCH-USP)

A comunicação tem por objetivo apresentar um estudo comparativo do uso de formas de tratamento em um conjunto de documentos manuscritos lavrados na capitania de São Paulo durante o século XVIII, constituído predominantemente por cartas. Os documentos são comparados tanto internamente, dentro do conjunto, quanto externamente, com documentos de natureza semelhante produzidos em outros locais da colônia, a saber: capitanias do Rio de Janeiro, de Santa Catarina e da Bahia. São levados em consideração os seguintes critérios filológico-linguísticos para a seleção da documentação: espécie documental (carta), categoria socioprofissional do remetente e do destinatário — de acordo com abordagem teórica desenvolvida por Marquilhas (2000) —, naturalidade do remetente e autoria (preferencialmente manuscritos autógrafos). Os documentos foram editados semidiplomaticamente, de acordo com as “Normas para transcrição de documentos manuscritos para a história do português do Brasil” (MEGALE; CAMBRAIA; CUNHA, 2001), que preservam os dados linguísticos constantes dos manuscritos. Alterou-se, porém, a norma relativa às fronteiras de palavras, que foram estabelecidas durante a edição. Realizou-se um detido exame paleográfico das FT’s, que aparecem abreviadas em 100% das ocorrências, como é frequente em

documentos coevos. A literatura sobre formas de tratamento (FT's) seleciona predominantemente cartas por seu caráter interativo, o que garantiria a presença das FT's nos documentos (LOPES, 2012). Espécies documentais semelhantes, como ofícios e bilhetes, também podem apresentar FT's para se dirigir ao interlocutor, por isso não são excluídos da pesquisa. A categoria socioprofissional, tanto do remetente quanto do destinatário, é fator relevante para a escolha de formas, conforme demonstrado por Monte (2013), contrariando literatura da área, que privilegia o caráter simétrico/assimétrico da correspondência (LOPES, 2006; RUMEU, 2004) e leva em conta a teoria do *Poder e da Solidaridade*, desenvolvida por Brown e Gilman (1960). O tratamento entre a categoria socioprofissional dos militares, por exemplo, dá-se quase exclusivamente por *vossa mercê*, independente da simetria/assimetria da interlocução, enquanto eclesiásticos marcavam linguisticamente as posições hierárquicas superiores por meio do uso de FT's de alto valor honorífico, como *vossa senhoria* e *vossa reverendíssima*. A naturalidade do remetente é dado essencial, tendo em vista a necessidade de aliar à data tópica do documento a informação genealógica de seu autor, o que enriquece a pesquisa e o levantamento comparativo de dados. Privilegiam-se os documentos comprovadamente autógrafos, ainda que o autor intelectual tenha ditado a carta a um escriba, autor material do documento. O estudo comparativo realizado aponta para um uso bastante uniforme das formas de tratamento de acordo com a categoria socioprofissional do remetente, independente do local de produção do documento ou da relação simétrica ou assimétrica entre remetente e destinatário. No entanto, cabe ressaltar que as categorias socioprofissionais não se distribuíam uniformemente pela colônia. Assim, haveria número maior de militares de média e baixa patente nas capitânicas do sul (São Paulo, Santa Catarina e Rio Grande de São Pedro) do que nas capitânicas do Rio de Janeiro e da Bahia. Dessa forma, será mais frequente encontrar documentos do sul em que os interlocutores se tratem por *vossa mercê*, justamente pelo fato de os militares que assim se tratavam estarem concentrados nessa região. A hipótese, portanto, é de que a investigação da documentação produzida pelas categorias socioprofissionais mais frequentes em cada capitania possa auxiliar as pesquisas linguísticas, revelando hábitos e características próprias das categorias predominantes de cada região.

Palavras-chave: Formas De Tratamento; Cartas Paulistas; Século XVIII.

Referências bibliográficas:

- BROWN, R.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEOK, T. A. (Ed.). **Style in language**. Cambridge: MIT Press, 1960. p. 253-449. Disponível em: <<http://www.researchschool.org/intranets/Brown%20and%20Gilman%201960.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2014.
- LOPES, Célia Regina dos Santos. Correlações histórico-sociais e lingüístico- discursivas das formas de tratamento em textos escritos no Brasil - séculos XVIII e XIX. In: CIAPUSCIO, Guiomar et al. (Ed.) **Sincronia y diacronia: de tradiciones discursivas en Latinoamérica**. Madrid/Frankfurt: Iberoamericana/Vervuert, 2006. p. 187-214. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/laborhistorico/12-lobes.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2014.
- _____. Tradição Textual e mudança linguística: aplicação metodológica em cartas de sincronias passadas. In: MARTINS, Marco Antonio; TAVARES, Maria Alice. (Org.) **História do Português Brasileiro no Rio Grande do Norte: análise linguística e textual da correspondência de Luís Câmara Cascudo a Mário de Andrade - 1924 a 1944**. 1 ed. Natal: EDUFRN, 2012, v.1, p. 17-54. Disponível em: <<http://www.letras.ufrj.br/laborhistorico/producao/UFRN.pdf>>. Acesso em: 29 set. 2014.
- MARQUILHAS, Rita. **A Faculdade das Letras: leitura e escrita em Portugal no séc. XVII**. Lisboa: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 2000.
- MEGALE, Heitor; CAMBRAIA, César Nardelli; CUNHA, Antonio Geraldo. **A Carta de Pero Vaz de Caminha**. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2001. (Série Diachronica, 1).
- MONTE, Vanessa Martins do. **Correspondências paulistas: as formas de tratamento em cartas de circulação pública (1765-1775)**. 2013. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-18062013-103230/pt-br.php>>. Acesso em: 29 set. 2014.
- RUMEU, Márcia Cristina de Brito. **Para uma História do Português no Brasil: formas pronominais e nominais de tratamento em cartas setecentistas e oitocentistas**. 2004. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Curso de Pós-graduação em Letras Vernáculas. Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro. 2004.

A importância da neurolinguística discursiva para a recuperação da capacidade comunicativa de sujeitos com lesão cerebral: um estudo sobre o agramatismo e a afasia semântica

Vivian Meira²³ (UNEB/Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB))

Esta pesquisa apresenta uma análise de dados de linguagem patológica de adultos com lesão cerebral, portadores de afasia, tendo como base a teoria da Neurolinguística Discursiva (ND). Parte-se da hipótese de que a prática clínica da ND é fundamental tanto para a recuperação da capacidade comunicativa do sujeito com lesão cerebral quanto para sua (re)inserção social. Além disso, acredita-se que é possível caracterizar diferentes tipos de afasias fazendo uso de diferentes teorias linguísticas. A afasia é uma patologia que pode afetar tanto a competência linguística quanto o desempenho linguístico do falante com lesão. A depender da severidade do quadro patológico, um ou mais níveis do sistema linguístico podem ser afetados, mas essas alterações apenas serão percebidas no uso, daí a necessidade da ND para diagnóstico e intervenção. Nesse processo de tratamento do distúrbio linguístico, o sujeito afásico faz uso de diferentes estratégias para recuperar sua capacidade comunicativa alterada e/ou perdida. E é nesse sentido que o conceito de linguagem assumido pela ND toma sentido, pois o diálogo é construído, mesmo que haja um nível lesionado, o contexto pragmático ajuda o sujeito a constituir sentido(s) através da interlocução. Foram realizadas análises de dados de um tipo de afasia, o agramatismo, em um sujeito com lesão cerebral, denominado P²⁴ e de um sujeito com afasia semântica, RS. E para comprovar a atuação da prática da ND, foram apresentados dados linguísticos desses sujeitos a partir de uma análise longitudinal. A pesquisa foi realizada no Centro de Convivência de Afásicos, no período de 2009 a 2010. Pesquisadores como Novaes (2006) tem desenvolvido estudos de dados patológicos a partir da teoria gerativa e assume que os problemas apresentados por alguns indivíduos afásicos podem ser decorrentes não da incapacidade desses indivíduos de formar cadeias, estruturas, mas do fato de os traços formais das categorias funcionais estarem ausentes, o que impediria algumas operações. Ele se baseia numa ideia já difundida na literatura de que há necessidade de um diálogo entre teorias propostas para indivíduos normais e teorias propostas para explicar as alterações linguísticas registradas em sujeitos com lesão cerebral. Nesse sentido, fazemos uso de postulados da Teoria de Princípios e Parâmetros (cf. Chomsky, 1981) e de análises estruturais e sintáticas por ela desenvolvida, para melhor visualizar o que dificulta a comunicação do agramático e esperamos que esse dado contribua para a prática clínica. As afasias podem fazer referência exclusivamente à fala, ser uma expressão dela e não do conhecimento linguístico sobre a linguagem (cf. Tumiati, 2007), e para outros (cf. Grodzinsky, 1990; Novaes, 2006), os déficits de linguagem podem se relacionar a habilidade cognitiva, já que linguagem é uma dessas habilidades. Nosso interesse em abordar a Teoria Gerativa e a ND é mostrar: (i) como é possível caracterizar o agramatismo fazendo uso de diferentes teorias linguísticas e (ii) como a prática da ND contribui para a recuperação da capacidade comunicativa do sujeito com lesão cerebral. Para se trabalhar com dados patológicos do agramatismo, uma análise sintática pode fornecer um meio direto para verificar o que de linguístico, mais especificamente, de sintático, foi alterado. Para o processo de recuperação e intervenção na prática clínica, defendemos, como Coudry (2002), que a linguagem deve ser vista como uma atividade significativa, uma prática discursiva, uma vez que o uso efetivo da língua em práticas sociais, no decorrer do acompanhamento dos sujeitos afásicos, fará com que estes se interajam com a própria língua, com si mesmos, com o mundo, expondo suas dificuldades, não só as linguísticas, como também as sociais, visto que a língua será um meio de expor o quadro patológico do sujeito, a partir de sua própria interação com o linguístico e sua recuperação se dará também através desse mesmo “canal”. De fato, essa prática clínica vai mostrando aos sujeitos as várias formas de (re)inserção no meio social. Chegamos à conclusão, através de uma análise longitudinal, que P alcançou evolução em seu quadro patológico, pois foi registrado melhor desempenho em suas atividades comunicativas e seu quadro evoluiu para menos grave, pois houve uma recuperação da capacidade comunicativa a partir do uso de diferentes recursos, o que demonstra como a Neurolinguística Discursiva tem contribuído para a recuperação de afásicos. No decorrer dessa pesquisa, denominamos o processo de recuperação de um sujeito agramático e com outras afasias como *recuperação da capacidade comunicativa* a partir da plasticidade neural, diferentemente de autores como Gregolin-Guindaste (1996) que acredita que, no quadro do agramatismo, pode ocorrer *reaquisição de linguagem*. Costuma-se falar em aquisição de linguagem para crianças normais, mas quando o foco

²³ Professora Adjunta da Universidade do Estado da Bahia e pesquisadora da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia – FAPESB.

²⁴ Agradeço a Maria Irma Hadler Coudry por me ter cedido os dados de P.

são adultos que sofreram lesão na região da linguagem, não há evidências de *(re) aquisição de língua*. De fato, não achamos conveniente chamar de *reaquisição de linguagem* o processo de *recuperação da capacidade comunicativa* de um quadro patológico, pois implica trazer questões relacionadas à aquisição em desenvolvimento natural.

Palavras-chave: Neurolinguística Discursiva; Afasia; Capacidade Comunicativa.

Referências bibliográficas:

- CHOMSKY, N. (1981). **Lectures on Government and Binding**. Holland: Foris Dordrecht Publications.
- COUDRY, M. I. H. (2002). Linguagem e Afasia: Uma abordagem discursiva da Neurolinguística *In: Cadernos de Estudos Linguísticos*, 42, Campinas, UNICAMP.
- ___ (1996). O que é o dado em Neurolinguística. In: CASTRO, M.F.P (Org.) **O método e o dado no estudo da linguagem**. Campinas: Ed. UNICAMP.
- GREGOLIN-GUINDASTE, R. (1996). **O agramatismo: um estudo de caso em Português**. Campinas: Unicamp (Tese).
- GRODZINSKY, Y. (1990). **Theoretical perspectives on language deficits**. Cambridge: MIT Press.
- NOVAES, C. (2006). **Teorias da Linguagem: A Gramática Gerativa e as Patologias da Linguagem**. II Fórum de Linguagem, Natureza e Cultura. UFRJ: Rio de Janeiro.
- TUMIATE, C. (2007). **Considerações sobre o agramatismo: Seus traçados e tropeços**. Dissertação. PUC: SP.

Ponto de vista e construal: estratégias cognitivas nos dêiticos

“nós” e “a gente”

Viviane da Fonseca Moura Fontes (UFRJ)

Orientadora: Lilian Vieira Ferrari (UFRJ)

Esta pesquisa tem como objetivo principal identificar os diferentes sentidos que compõem a categoria dêitica formada pelas estruturas semânticas “nós” e “a gente”, detalhando os seus respectivos processos cognitivos com base nas noções de ponto de vista e *construal* (Langacker, 2008).

Numa visão cognitivista, a construção do significado decorre do fenômeno da conceptualização que alinha o conteúdo conceptual ao ponto de vista do falante. Ou seja, o ato de conceptualizar revela uma experiência mental que possibilita a elaboração de estratégias cognitivas diferentes de construção do significado linguístico. Assim, tendo como fundamento o aparato da Linguística Cognitiva, defendemos que a diferença entre as formas dêiticas “nós” e “a gente” evidenciam mapeamentos cognitivos diversificados de conceptualização da cena comunicativa. Cada uma das formas “nós” e “a gente” projeta a organização da categoria radial da dêixis, da qual fazem parte um núcleo prototípico (em que são identificados falante e ouvinte(s), além das noções de tempo e espaço) e elementos que se afastam do protótipo. Esses outros elementos apontam significados diferentes que resultam de processos de mesclagem conceptual e refletem *construals* distintos sobre a mesma base conceptual (dêixis de primeira pessoa do plural).

Tendo como objeto de estudo as expressões “nós” e “a gente”, busca-se uma análise contextualizada desses dêiticos em dados de fala espontânea de origem midiática. O *corpus* desta pesquisa enfatiza assuntos políticos discutidos em debates televisionados entre candidatos a cargos de gerência pública, como prefeitos, governadores e presidentes nos anos de 2012 e 2014.

Numa análise preliminar, verificou-se que o uso de “nós” torna mais saliente a identificação individual dos participantes da cena comunicativa, destacando falante e seu(s) interlocutor(es) como figura na interação. A percepção dessas entidades dêiticas é mais transparente. Já com relação ao uso de “a gente”, percebeu-se que essa expressão coloca em proeminência a relação que se estabelece entre os participantes, deixando as informações sobre os interlocutores relegadas ao fundo da cena comunicativa. Com isso, a percepção das entidades dêiticas fica embaçada.

Por fim, propõe-se uma análise cognitiva das diferenças e semelhanças que caracterizam a construção do significado para os usos dêiticos de primeira pessoa do plural “nós” e “a gente”. A investigação desse fenômeno linguístico envereda pelos caminhos da Linguística Cognitiva, mais precisamente no que tange aos estudos sobre a construção do significado dêitico,

envolvendo as noções de categorização radial, mesclagem conceptual, *construal* e ponto de vista.

Palavras-chave: Categorização; Conceptualização; Ponto de Vista.

Referências Bibliográficas:

FAUCONNIER, G. *Mental spaces*. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

_____. *Mappings in Thought and Language*. Cambridge University Press, 1997.

FERRARI, L. A construção do significado. In: MOLLICA, M. C. (org). *Linguagem: para a formação em Letras, Educação e Fonoaudiologia*. São Paulo: Contexto, 2009c. pp. 66-71.

_____. *Introdução à Linguística Cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FONTES, V. F. M; FERRARI, L. Dêixis e mesclagem: a expressão pronominalizada “a gente” como categoria radial. *Revista Linguística* (Revista do Programa de Pós-graduação em Linguística da UFRJ). Rio de Janeiro: Imprinta, v. 6, n. 2, 2010. pp 44-63.

FONTES, V. F. M. *Dêixis e mesclagem: a expressão pronominalizada “a gente” como categoria radial*. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado em Linguística, Faculdade de Letras. UFRJ, 2011.

LANGACKER, R. *Foundations of cognitive grammar: Theoretical prerequisites*. Standford: Standford University Press, v. 1, 1987.

MODALIDADE: PÔSTER

Construções gramaticais bitransitivas: elementos estruturais e cognitivos

Andréa de Oliveira Gomes Martins (UFPB, CNPq)

Lucas Emmanuel da Silva Lourenço (UFPB, CNPq)

Jan Edson Rodrigues Leite (UFPB, CNPq)

A noção de conhecimento linguístico enquanto emergente e estruturado a partir do uso da linguagem contribui para a sistematização conceitual das construções dos códigos linguísticos. Construções são aqui entendidas como estruturas que pareiam esquemas e podem conectar esquema formal (fonológico, morfológico, sintático) a esquema de sentido (conceitual, semântico). O arcabouço teórico deste trabalho foi baseado na Semântica Cognitiva com o conceito da Gramática da Construção e a relação do predicado CAUSAR-RECEBER associado à construção bitransitiva que pode sofrer alteração no argumento (sujeito) com um possível apagamento (GOLDBERG, 2006). A proposta de Lakoff (1987) sobre a existência de uma instância prototípica e de várias subconstruções relacionadas radialmente a esse núcleo e as afirmações de Ferrari (2011) sobre a não concepção da gramaticalidade em frases isoladas sem considerar as pressuposições do mundo também embasaram teoricamente o presente artigo. Os padrões gramaticais possuem natureza lexical e construcional. Com relação à construção gramatical bitransitiva do Português Brasileiro, sabemos que a sua configuração sintática corresponde a Sujeito + Verbo + Objeto 1 + Objeto 2 [SUJ V OBJ1 OBJ2]. Essas construções podem ser vistas em uma interpretação geral, obtendo uma construção argumental estruturada com o verbo principal e seus argumentos. Os papéis dos argumentos do verbo bitransitivo na configuração cognitiva evocam a construção CAUSAR-RECEBER e podem corresponder aos papéis temáticos de agente e paciente, pois são definidos de acordo com construções dos papéis argumentais tradicionais. Em outras palavras, os papéis do argumento da construção e do verbo bitransitivo são integrados. As construções compreendem o conhecimento gramatical de uma língua como um todo e fornecem a relação entre a forma e os aspectos gerais da interpretação. Esta fundamentação teórica foi escolhida em virtude dos dois objetivos propostos, que foram: investigar as variantes morfossintáticas percebidas quando comparadas à norma padrão da linguagem e analisar os efeitos dos processos cognitivos na constituição da variação morfossintática, quantificando a variabilidade de valências verbais quanto à gramaticalidade evocada em um enquadre sobre a cena conceptual. A análise foi feita a partir do *corpus* do Projeto Variação Linguística do Estado da Paraíba – VALPB (HORA & PEDROSA, 2001), tendo como variáveis a faixa etária (15-25 anos, 26-49 anos e mais de 50 anos) e o nível de escolaridade (nenhum ano, 1-4 anos, 5-8 anos, 9-11 anos e mais de 11 anos). Com relação à faixa etária, pudemos constatar que o maior número de ocorrências foi no grupo de 15-25 anos com 773 ocorrências das construções com verbos bitransitivos com estrutura CAUSAR-RECEBER; seguido da faixa mais de 50 anos com 646 ocorrências e por último a faixa etária de 26-49 anos com 632. Observamos também que, na variável nível de escolaridade, a maioria das ocorrências foi mais significativa com informantes com nenhum ano de escolarização (526), quando comparado aos demais níveis de 1 a 4 anos (480), de 5 a 8 anos (427), de 9 a 11 anos (324) e mais de 11 anos (294). Os dados levantados demonstraram que as construções bitransitivas mantêm o sentido pretendido nas ocorrências encontradas no *corpus* mesmo quando há o apagamento dos argumentos. Estes resultados nos levam a compreender que as unidades linguísticas não podem ser estudadas isoladamente, pois o conhecimento gramatical de uma língua corresponde à própria construção da língua.

Palavras-chave: Construções Gramaticais, Construção Bitransitiva,. Papéis Argumentais.

Referências bibliográficas:

FERRARI, L.V. Introdução à linguística cognitiva. São Paulo: Contexto, 2011.

GOLDBERG, A. E. *Constructions at work: the nature of generalization in language*. Oxford: Oxford University Press, 2006.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things: what categories reveal about the mind*. Chicago and London: The University of Chicago press, 1987.

MIRANDA, N.S.; SALOMÃO, M. M. (orgs.). *Construções do português do Brasil: da gramática ao discurso*. 1ª ed. Belo Horizonte: UFMG, 2009.

Deficiência visual e usos de palavras – o caso da palavra ATRAVÉS

Um projeto da Pré-Iniciação Científica

Anna Rebeca Águas Schunemann

Bianca Maia Machado

Jaqueline Rocha dos Anjos

João Pedro da Silva Salomé

Lucas Serradella de Paula

Supervisão:

Moisés Carlos Ferrer – ETEC Guaracy Silveira

Isabela Pereira da Silva – USP

Esta exposição tem por objetivo apresentar os resultados de análise do uso da palavra “através” por deficientes visuais, abordando também questões do ensino e de aprendizagem, além da questão sociocultural. Para desenvolver a pesquisa, nossa metodologia baseou-se em reuniões semanais em que debatíamos tópicos como preconceito, educação especial, acessibilidade, entre outros. Embora nossa pesquisa tenha cunho mais prático, envolvendo atividades como vistas a escolas e museus, fizemos uso de diversos materiais, como por exemplo, documentários (Janela da Alma, A Pessoa é Para o que Nasce), filmes (Hoje eu quero voltar sozinho) e textos (Ver e Não Ver -) para levantar questionamentos não apenas sobre a construção “Através” mas também sobre o deficiente visual na sociedade em geral. Nossa pesquisa visa obter resultados através de testes e entrevistas com deficientes visuais e não deficientes, bem como entrevistas com educadores, contato com instituições de atendimento especializado, cuja função é tornar o cego mais independente. Com o decorrer do projeto, através de trabalho de campo, conseguimos identificar algumas dificuldades recorrentes na vida do deficiente visual. Por exemplo, acreditamos que a entrada do deficiente visual na universidade possa ser dificultada por questões referentes a estrutura da escola regular. Por isso, acreditamos que o atendimento especializado e o ensino especial é imprescindível. Sobre a construção *através*, embora tenhamos começado a pesquisa acreditando que o deficiente visual pudesse ter problemas com uma construção que envolve percepção espacial, ao fim da pesquisa, passamos a acreditar que o deficiente visual é capaz de compreender e utilizar a expressão em seu dia a dia sem grandes dificuldades. Isso porque acreditamos que o deficiente é capaz de criar referentes espaciais através de outros sentidos e fazendo uso de resquício visual (quando possui) e recorrendo a sua memória visual. Ao longo de nossa pesquisa percebemos que a construção “Através de” é mais restrita ao meio escrito, logo acreditamos que o deficiente visual também é capaz de adquirir este vocabulário por meio de textos acessíveis (livros em braile, audiolivros, sistemas de leitura digital, entre outros). De todo modo, acreditamos que a educação especial e o acompanhamento psicológico se faz necessário para que o deficiente se desenvolva cognitivamente de maneira completa. Vale reforçar que consideramos a educação regular também uma fonte importante de conhecimento, pois ela propicia uma interação entre deficiente e não deficiente. Durante o trabalho de campo, pudemos observar uma falta de equipamentos que possibilitem ao deficiente visual uma série de direitos, como o acesso a cultura, ou então o próprio direito de ir e vir, já que a grande maioria das ruas da cidade de São Paulo não está apta para que um deficiente visual caminhe com tranquilidade, sem depender do auxílio de terceiros. Devido ao fato de que a sociedade chega a tratar o cego como inferior (inclusive intelectualmente) nos sentimos na obrigação de levantar dados que desmistificassem a imagem “coitadista” atribuída ao deficiente. Por meio de dados levantados na Fundação Dorina Nowill, constatamos que o deficiente visual chega a ler mais livros por mês (nove livros/mês), média maior do não deficiente, que geralmente, lê entre um ou dois livros ao mês. Além disso, tivemos contato com cegos extremamente ativos e produtivos no trabalho.

Palavras-chave: Deficiente visual, Acessibilidade, aspectos socioculturais.

A linha de errância do autismo e o método-pensamento de Fernand Deligny: onde a linguagem se ausenta, o que há?

Caroline Paola Cots (UNIFESP)

Partindo da noção de sujeito - que se constitui pela língua e através dela, tema recorrente em algumas áreas de estudo, como por exemplo a área da linguística -, podemos evocar o estudo de Benveniste (1976:285): “(...) é um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com o outro homem, e a linguagem ensina a própria definição de homem”; e

partindo dos estudos de antropologia desenvolvimentista de Tomasello (2003:07), no qual o autor afirma que um ser humano se diferencia das demais espécies devido a sua capacidade única de “(...) compreender os co-específicos como seres iguais a ele, com vidas mentais e intencionais iguais às deles. (...)”, e por isso, é capaz de acumular conhecimentos através da transmissão das práticas culturais ou sociais (Tomasello, 2003:07), perguntamos-nos: o que resta quando as condições fundantes de um sujeito estão ausentes ou estabelecidas em outras bases? Quando a linguagem verbal não aparece como a mais óbvia, para o que devemos olhar? Quais outros resíduos ficariam e que permitiriam criar esferas comunicacionais, intersubjetivas? O autismo - “cujas características envolvem alterações qualitativas e quantitativas da comunicação, da interação social e do comportamento”* -, como contexto patológico, nos fornece essa possibilidade de (re)pensarmos as relações entre sujeito, língua e mundo, já que no contexto patológico se evidenciam padrões linguístico-interacionais distintos dos observados em contextos sem alterações patológicas (cf. Cruz, 2008). Com os objetivos de refletir sobre o autismo e seu modo de existência - pensados a partir da experiência particular com a interação social, com a linguagem e com os outros sujeitos -, e observar as práticas cotidianas de uma criança com autismo, nosso estudo propõe mapear, a partir da linha de errância e costumeira (método Deligny 1968-1977), as interações de uma criança autista (denominada Luiza). Nossa investigação está sendo guiada, principalmente, pela pergunta: Como Luiza produz sentidos e significados em suas interações com ou sem linguagem verbal? Para fundamentar nosso estudo a respeito do autismo e das possíveis formas de linguagem (verbal ou não verbal) usadas pelos autistas, traremos os pensamentos e os métodos de investigação e trabalho de Fernand Deligny (1913-1996) - ainda pouco divulgado no Brasil - e suas propostas para pensar, criar ou potencializar condições de vida ou modos de existência diferentes do convencional, como o modo de existência autista. Com um método menos entendido como uma forma de adaptação do autista ou inserção à sociedade, Fernand Deligny volta-se à sociedade para perguntar-se sobre suas formas de entender e conceber as existências possíveis. Buscamos em suas obras conceitos, ideias e métodos que levam-nos a uma reflexão sobre modos de existência, relação entre sujeitos, língua, linguagem e interação com o outro explorando como, para Deligny, se desenha essa relação língua, autismo e linguagem/ou linguagens. Procuramos entender como seria o fora da linguagem proposta por Deligny - o autor criou uma rede que buscava “permitir” uma “vida possível” para autistas -; bem como essa forma de comunicação, de interação com o mundo e com o outro, feita pelos autistas. Os métodos e pensamentos de Deligny (1913-1996) ainda nos permitirá (re)pensar a fronteira entre o normal e o patológico; os padrões de linguagem e interação, e, possivelmente, aventar novas formas de olhar e entender o autismo. Esta pesquisa está sendo realizada na Universidade Federal de São Paulo - campus Guarulhos, com financiamento do PIBIC e orientação da professora Dr. Fernanda Miranda da Cruz.

*Protocolo do Estado São Paulo de Diagnóstico, Tratamento e Encaminhamento de Pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA)

Palavras-chave: Linguagem; Autismo; Fernand Deligny; Interação.

Referências bibliográficas:

- BENVENISTE, E. Da subjetividade na linguagem. In: _____. Problemas de linguística geral. Tradução: Maria da Glória Novak e Luiza Neri; Revisão do Prof^o Isaac Nicolau Salum. São Paulo. Ed. Nacional, Ed. da Universidade de São Paulo, 1976, p. 284-293.
- CRUZ, F.M. Linguagem, interação e cognição na doença de Alzheimer. Campinas: Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, 2008 (tese).
- DELIGNY, F. Cartes et legendes, 1968 – 1977. In: TOLEDO, S.A. (org.) Fernand Deligny Oeuvres (1913-1996). Paris, França: Edição L'arachneen, 2007, p. 1058-1083.
- TOLEDO, S.A. (org.) Fernand Deligny Oeuvres (1913-1996). Paris, França: Edição L'arachneen, 2007.
- TOMASELLO, M. Origens culturais da aquisição do conhecimento humano; Tradução: Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2003. (coleção tópicos).

Linguagem não literal no envelhecimento: uma análise por meio de provérbios

Karoline Pimentel dos Santos (UFSC)

Daniel De Martino Ucedo (UFSC)

Introdução:

Katz et al. (1998) afirma que o uso figurativo da linguagem parece fazer parte do cotidiano e está longe de ser concebido como adorno estético da língua. De acordo com Rapp et al (2012), o fato de a linguagem não literal e literal apresentarem a mesma velocidade de compreensão/interpretação parece indicar que linguagem não literal apresenta processamento linguístico direto, independente da forma literal. Metáforas, provérbios, idiomatismos, metonímia, expressões irônicas e sarcásticas estão entre as mais importantes formas de linguagem não literal. A interpretação de provérbios envolve, dentre outras estratégias, inferências e pressuposições, de maneira que é frequentemente usada para medir os efeitos de danos cerebrais em pensamento abstrato (BRUNDAGE e BROOKSHIRE, 1995), e danos por degeneração (COUTO et. al., 2011; HUR e CAIXETA, 2013). Além de populares e frequentes, os provérbios exigem potencial metalinguístico e sociocognitivo para sua adequada compreensão (OBELKEVICH, 1997). Os provérbios são comumente usados em diferentes contextos porque os falantes tendem a conceitualizar eventos figurativamente, a maior parte, em termos metafóricos, reconhecendo e criando, flexivelmente, conexões metafóricas entre a mensagem do provérbio e as diversas situações vivenciais (GIBBS e BEITEL, 1995). A literatura aponta que a idosos normais apresentam problemas de inferência, pressuposição (DAMASCENO, 1999) e dificuldades relacionadas à interpretação proverbial (Succi, 2006).

Objetivo:

Mediante as considerações feitas, o objetivo deste estudo é apresentar uma avaliação a interpretação de provérbios, enquanto um gênero de linguagem não literal, em idosos saudáveis.

Metodologia:

Uma lista de cinco provérbios - “Água mole em pedra dura tanto bate até que fura”, “Cada macaco no seu galho”, “Caiu na rede é peixe”, “A esperança é a última que morre” e “Depois da tempestade vem a bonança” - extraídos da tese de doutorado de Sé (2011) foi apresentada oralmente à seis sujeitos idosos (60-80 anos), de diferentes escolaridades ((4 (2); 8 (2) and >8 (2)), sem queixas de danos neurológicos. Os provérbios foram apresentados um a um e individualmente para cada sujeito, gravados e transcritos ortograficamente. As respostas dos participantes foram analisadas segundo a teoria *Great Chain Metaphor* (LAKOFF e TURNER, 2009), baseada em esquemas metafóricos para interpretação de provérbios. Nesta proposta, as relações de causalidade entre eventos contidas numa estrutura metafórica geral (do provérbio em questão) são extraídas pelo falante e, assim, passíveis de serem enquadradas a inúmeras possibilidades de situações com as mesmas relações de causalidades entre eventos. A *Great Chain Metaphor* não é uma metáfora isolada, mas um conjunto de elementos, composto por: uma metáfora única de nível genérico (*Generic is specific*) + uma escala categorial de seres e coisas (*The Great Chain*) + uma teoria do senso comum (Natureza de coisas) + um princípio linguístico comunicativo (Máxima de quantidade). Este estudo foi feito mediante consentimento dos participantes e aprovação do Comitê de Ética da Universidade Federal de Santa Catarina (02674912.0.0000.0121).

Resultados:

A análise mostrou a escolaridade é um fator determinante no desempenho dos participantes, mostrando-se diretamente proporcional à adequação interpretativa – quanto maior foi a escolaridade, melhor foi o resultado. Nenhum sujeito apresentou interpretação literal, embora seis das trinta interpretações proverbiais tenham sido consideradas inadequadas.

Discussão:

Os resultados indicaram haver uma similaridade entre as linguagens literal e não literal, de maneira que ambas são influenciadas pela escolaridade. Além disso, linguagem não literal, assim como a linguagem literal, mantem-se relativamente preservada na idade idosa, reforçando a ideia de que ambas sejam igualmente essenciais e funcional na comunicação. A relação

diretamente proporcional entre adequação interpretativa e escolaridade é consonante ao encontrado na literatura (DE OLIVEIRA WACHHOLZ e YASSUDA, 2011). Sujeitos com mais escolaridade apresentam maior reserva cognitiva, funcionando como uma proteção aos sintomas de degeneração normais causado por idade. Acredita-se que estudos com maior número de sujeitos possam contribuir com conclusões sobre a interpretação de provérbios, enquanto instrumento de avaliação de linguagem abstrata.

Palavras-chave: Envelhecimento; Provérbio; Linguagem.

Referências bibliográficas:

- BRUNDAGE, Shelley B.; BROOKSHIRE, Robert H. A system for scoring proverb interpretations provided by non-brain-damaged adults and aphasic adults. **Clinical Aphasiology**, v. 23, p. 165-177, 1995.
- COUTO, Genaina Cristina Alexandre et al. Teste de Rastreo da Doença de Alzheimer com Provérbios: desempenho de idosos saudáveis e com doença de Alzheimer na fase inicial. **Geriatrics & Gerontology**, p. 1, 2013
- DAMASCENO, Benito Pereira. ENVELHECIMENTO CEREBRAL. **Arq Neuropsiquiatr**, v. 57, n. 1, p. 78-83, 1999.
- DE OLIVEIRA WACHHOLZ, Thalita Bianchi; YASSUDA, Mônica Sanches. The interpretation of proverbs by elderly with high, medium and low educational level. Abstract reasoning as an aspect of executive functions. **Dementia & Neuropsychologia**, v. 5, n. 1, p. 31-37, 2011.
- GIBBS, Raymond W.; BEITEL, Dinara. What proverb understanding reveals about how people think. **Psychological Bulletin**, v. 118, n. 1, p. 133, 1995.
- HUR, Mariana Ribeiro; CAIXETA, Leonardo. Non-literal language and semantic dementia. **Dementia & Neuropsychologia**, v. 7, n. 4, p. 424-427, 2013.
- KATZ, A. et al. „Figurative language and figurative thought “. **Figurative language and thought**, p. 3-44, 1998.
- LAKOFF, George; TURNER, Mark. **More than cool reason: A field guide to poetic metaphor**. University of Chicago Press, 2009.
- OBELKEVICH, J. Provérbios e história social. In: Burke, P. & Porter, R. **História Social da Linguagem**. São Paulo Fundação Editora da Unesp, 1997, p.43-81.
- RAPP, Alexander M.; MUTSCHLER, Dorothee E.; ERB, Michael. Where in the brain is nonliteral language? A coordinate-based meta-analysis of functional magnetic resonance imaging studies. **Neuroimage**, v. 63, n. 1, p. 600-610, 2012.
- SÉ, E. V. G. Interpretação de provérbios por sujeitos com Doença de Alzheimer em fase inicial. Tese de doutorado –UNICAMP, Campinas, SP, 2011.
- SUCCI, T. M. **Os provérbios relativos aos sete pecados capitais**. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista, São José do Rio Preto, SP, 2006.

A construção da identidade do deficiente intelectual por meio da sua inclusão profissional no ramo farmacêutico na cidade de São Paulo.

Gláucia Ono Fujita Pereira (IC Instituto Sumaré de Ensino Superior)

Orientador: Saulo César Silva (IC Instituto Sumaré de Ensino Superior)

A condição socioeconômica, o contexto histórico, a etnia, estão relacionados à cultura e influenciam diretamente no desenvolvimento humano; além de fatores intrínsecos como a subjetividade. A inclusão não se trata mais de uma questão individual, mas social, e por meio da inclusão profissional a construção da identidade do deficiente pode ser influenciada, fazendo com que ele possa se sentir participante e produtivo para a sociedade em que está inserido. A nossa sociedade é preconceituosa e excludente historicamente e os deficientes são excluídos de três formas: biologicamente, socialmente e economicamente. (CORRER, 2003, p. 26).

Palavras-chave: identidade; inclusão profissional; preconceito.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objetivo geral compreender como ocorre a construção da identidade profissional do deficiente intelectual segundo sua própria visão e como isso pode contribuir na sua percepção de mundo.

A autora D ANTINO, descreve sobre uma longa história de exclusão, em que as pessoas com deficiência embora dotadas de alma, não desfrutavam de igualdade moral, teológica e civil, eram vistas como personagens exóticos, “peças” de estudos científicos na área médica; ela descreve sobre a prática do infanticídio em Esparta, caso o recém-nascido não correspondesse aos ideais espartanos; da distância das Leis (direitos dos cidadãos e deveres do Estado) e da precariedade da situação real, onde a sociedade preferia manter as pessoas com deficiência longe dos olhos, em instituições. E de que a nossa cultura atual continua impregnada desses valores. (D ANTINO, Maria Eloisa, 2011).

Muitos dos estudos sobre inclusão apresentavam dados sobre as pessoas com deficiência, desde o momento do período gestacional, até sua escolarização, mas poucas retratavam a vida adulta e profissional do deficiente.

A construção da identidade de uma pessoa está relacionada à sua cultura, que é um fenômeno social de mudança, ou seja, não se pode construir uma identidade segundo um único parâmetro, mas a partir de vários assim como gênero, etnia, nacionalidade; e tudo isso acaba por questionar o conceito que temos de nós mesmos. (HALL, 2003. P. 09).

O trabalho constrói a realidade humana, forma o homem, e produz a sua existência, além de definir também a sua história. O Homem transforma a natureza para criar um mundo humano que vai se ampliando com o passar do tempo. (SAVIANI, 2003)

Esta pesquisa tem caráter qualitativo, pois segundo NEVES, 1996, esse tipo de pesquisa compreende um conjunto de diferentes técnicas interpretativas que visam a descrever e a decodificar os componentes de um sistema complexo de significados, tem por objetivo traduzir e expressar os sentidos dos fenômenos do mundo social, trata-se de reduzir a distância entre indicador e indicado, entre teoria e dados, entre contexto e ação. Dela faz parte a coleta de dados descritivos mediante contato direto e interativo do pesquisador com a situação objeto de estudo.

Nas pesquisas qualitativas, é frequente que o pesquisador procure interpretar os fenômenos, segundo a perspectiva dos participantes da situação estudada e, a partir, daí relacione sua interpretação com os fenômenos estudados.

A análise dos dados coletados será realizada por meio da aplicação de entrevistas semiestruturadas, assim como a redação final do trabalho terá como base as linhas teóricas identificadas na bibliografia estudada.

Os resultados preliminares indicam que a preocupação com a inclusão profissional da pessoa com deficiência começa, a se estender para o meio empresarial, somente a partir da aprovação de leis específicas que tentam assegurar esse direito em 1990/1991, Leis nº. 8.112, de 11 de dezembro de 1990, que define em até 20% o percentual de vagas em concursos públicos, e nº. 8.213, de 24 de julho de 1991, que determina uma cota de vagas para a pessoa com deficiência, variando de 2 a 5 %, junto às empresas privadas com mais de 100 funcionários (BRASIL, 1999a; 1999b)

Referências bibliográficas:

BRASIL. Decreto nº 3.298 de 20/12/1999. Regulamenta a Lei no 7.853, de 24 de outubro de 1989, dispõe sobre a Política Nacional para a Integração da Pessoa Portadora de Deficiência, consolida as normas de proteção, e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, 21 dez. 1999.

CORRER, Rinaldo. Deficiência e Inclusão Social - Construindo Uma Nova Comunidade. Bauru, SP: EDUSP, 2003.

D ANTINO, Maria Eloisa F. – Deficiência e a mensagem reveladora da instituição especializada: dimensões imagética e textual – São Paulo, s.n., 2001. Tese (doutorado) Instituto de Psicologia da USP, 272 p.

HALL, Stuart, A identidade cultural na Pós Modernidade; tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro – 8. Ed. – Rio de Janeiro: DP&A, p.07-67, 2003.

MANTOAN, A integração de pessoas com deficiência. Contribuições para uma reflexão sobre o tema. Sp.1997

MANZINI, E.J. Profissionalização de indivíduos portadores de deficiência mental: visão do agente institucional e visão do egresso. 1989. Dissertação (Mestrado em Educação Especial) -Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Identidades fragmentadas: a construção discursiva de raça, gênero e sexualidade em sala de aula. São Paulo: Mercado de Letras, p.9-81, 2002.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. Discurso de identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família. Campinas, SP: Mercado de Letras, p. 11-38, 249-271, 2003.

MARX, Karl. & Engels, Friederich. A Ideologia Alemã. São Paulo: Boitempo, 2007. p. 29-76.

MARX, Karl. Manuscritos Econômico-filosóficos. São Paulo: Boitempo, 2004.

PAN, Miriam Aparecida Graciano de Souza. O direito à diferença: uma reflexão sobre deficiência intelectual e educação inclusiva. Curitiba: Ibpex, p. 14-70, 131-199, 2008.

RIBEIRO, Alice. Passaporte básico para a autodeterminação de pessoas com deficiência intelectual. Portal dos psicólogos.

SAETA, Beatriz Regina Pereira. O indivíduo portador de deficiência mental: encontros e desencontros do processo de preparação profissional. São Paulo, 1995. Dissertação de Mestrado – Universidade Mackenzie/Pós-graduação em “Distúrbios do Desenvolvimento

SAETA, Beatriz Regina Pereira. O contexto social e a deficiência. São Paulo, v.1, n.1, p. 51-55, 1999. Revista Psicologia teoria e prática Mackenzie.

SILVA, Saulo César da. Percebendo o ser. São Paulo: LCTE Editora, p.41-54, 2009.

A construção da (des)cortesia na interação criança-adulto em perspectiva funcionalista e conversacional

Karoline Santiago de Macedo (FFLCH/USP)

As interações adulto-criança consistem em aspecto fundamental da socialização humana. Por meio delas as crianças adquirem conhecimento, aprendem a interagir nos mais variados contextos, incluindo modelos de produção e compreensão textual. Entretanto, apesar dessa inegável relevância, nem a Análise da Conversação, nem os Estudos de Polidez ou ainda o Funcionalismo voltaram sua atenção, de forma explícita, para esse fenômeno.

No presente trabalho será apresentado um recorte da pesquisa que tem como objetivo estudar a interação adulto-criança em contextos privados de maneira a apreender suas especificidades interacionais. Para tanto, serão observados os fenômenos relacionados à polidez (Brown & Levinson, 1978), avaliatividade (Martin & White, 2005) e reformulação (Barros, 2010; Hilgert, 2010), considerando que estes estão ligados às relações intersubjetivas que são construídas no intercurso da conversação. Assim, propõe-se a exposição de uma análise baseada na convergência entre teorias que envolvam a perspectiva funcionalista e a abordagem pragmático-conversacional.

Para o desenvolvimento do estudo, utilizar-se-ão os pressupostos teóricos da Análise da Conversação e as noções de paráfrase e correção propostas, respectivamente, por Hilgert (2010) e Barros (2010). A primeira consiste numa relação de equivalência semântica entre enunciado fonte e enunciado reformulador, que contribui, inicialmente, para a garantia de intercompreensão e progressão textual, ao passo que a segunda configura-se em uma relação de contraste entre enunciado de origem e o reformulado, diretamente ligada à questão da cortesia verbal. Para o tratamento da polidez, por sua vez, a pesquisa embasar-se-á na teoria de Brown & Levinson (1978), focando nos padrões de face negativa e positiva, verificando-se estratégias de polidez e como determinados enunciados podem ser considerados pelo interlocutor um ataque à sua face, mas, como será visto, as estratégias de reparação são diferenciadas ou inexistentes.

Por fim, as questões de perspectiva e avaliação serão analisadas a partir da teorização oriunda da Linguística Sistêmico-funcional (Halliday & Matthiessen, 2004), em especial, da Teoria da Avaliatividade (Martin & White, 2005), que permite a apreensão de padrões de construção da *atitude*, do *engajamento* e da *gradação* na linguagem.

Assim, para o desenvolvimento deste trabalho, será utilizado um segmento de uma conversação espontânea entre uma criança de nove anos com um familiar, em que se analisarão as estratégias de reformulação e cortesia verbal, mostrando especificidades, no *corpus* pesquisado, como o não abandono do tópico por parte da criança mesmo quando tem sua *face* atacada e a instauração de uma polêmica em que os interlocutores não chegam a um acordo sobre o assunto discutido.

Palavras-chave: Cortesia Verbal; Discurso Infantil; Função Interpessoal.

Referências bibliográficas:

BARROS, D. L. P. de. Procedimentos de reformulação: a correção. In: PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais**. 7. ed. São Paulo: Humanitas, 2010.

- BRANTS, B. W. Aspectos da cortesia verbal no discurso infantil. *Letra Magna*, v. n. 11, p. 1-12, 2009.
- BROWN, P.; LEVINSON, S. C. **Politeness**: some universals in language usage. 17 reimpressão. Ed. Revista. Cambridge: Cambridge University Press, 2008 [original: 1978; revisão: 1987]
- HALLIDAY, Michael & MATTHIESSEN, Christian (2004) **Introduction to Functional Grammar**. 3ª ed. London: Hodder Arnold.
- HALLIDAY, Michael; WEBSTER, Jonathan (org.). **Continuum Companion to Systemic Functional Linguistics**. London: Continuum, 2009
- HILGERT, J. G. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In: PRETI, Dino (Org.). **Análise de textos orais**. 7. ed. São Paulo: Humanitas, 2010.
- MARTIN, James & WHITE, Peter (2005) **The language of evaluation: appraisal in English**. New York/Hampshire: Palgrave Macmillan.

Investigação qualitativa dos processos de interpretação de metáforas em textos literários

Mara Sophia Zanotto (PUC-SP)

Este trabalho faz parte de um projeto de pesquisa que tem como objetivo central investigar empiricamente os processos sociocognitivos envolvidos na interpretação de metáforas em textos literários, de modo a contribuir para elucidar a complexidade da significação da metáfora em uso. Como a metáfora é um fenômeno indeterminado (Zanotto & Palma, 2008; Moura e Zanotto, 2009), que possibilita múltiplas leituras, essa questão tornou-se o foco central da pesquisa. Assim, para investigar as possíveis múltiplas leituras da metáfora, construídas por leitores reais e não apenas pela introspecção do pesquisador, foi necessário construir um desenho metodológico que possibilitasse responder às questões de pesquisa: a) quais são os processos sociocognitivos envolvidos na construção das leituras? b) as leituras variam entre os leitores do mesmo grupo e entre diferentes grupos de leitores? c) há variação de processos na construção de uma mesma leitura? A metodologia adotada é a qualitativa, de orientação interpretativista (Denzin & Lincoln, 1998), a qual se caracteriza por ter a preocupação de ouvir as vozes/interpretações dos participantes das práticas sociais investigadas. Além disso, o interpretativismo rejeita o estabelecimento de teoria a priori, mas aceita a busca de teoria(s) relevante(s) a partir dos dados. Por essa razão, as teorias que têm se revelado pertinentes são a Teoria da Metáfora Conceptual (Lakoff e seus seguidores), Estudos da interação metáfora e metonímia, (Goossens, 2003; Barcelona, 2007), Teoria cognitivistas de leitura (Kato, 1985; Kleiman, 1989) e de letramento (Street, 1984), Teoria da Relevância (Carston, 2002). O método principal é o *Pensar Alto em Grupo* (Zanotto, 1995), que consiste numa prática de letramento (Street, 2000), dialógica e colaborativa (Bakhtin, 2003; Tomasello, 2014), em que um grupo de leitores pode ler e interpretar livremente um texto literário, revelando espontaneamente os processos sociocognitivos na interpretação de metáforas e metonímias. O *Pensar Alto em Grupo* é resultado de uma adaptação do Protocolo verbal (Ericsson & Simon, 1984), para se adequar às questões de pesquisa, que focalizam a questão das múltiplas leituras das metáforas/ metonímias. Tal adaptação implicou numa mudança epistemológica do monologismo para o dialogismo (Marková, 1997). Para verificar se há variação das leituras, o *Pensar Alto em Grupo* é vivenciado por vários grupos de leitores (de 4 a 6) lendo o mesmo texto, constituindo, assim, um *estudo de caso coletivo* (Stake, 1998). Algumas metáforas no texto literário constituem um desafio intelectual desestabilizador, devido às suas incongruências, que desautomatizam o processo de leitura, por constituírem um enigma a ser resolvido. Por essas características, esse tipo de metáfora favorece a externalização de raciocínios e a comparação de leituras num processo de intersubjetividade e de percepção de alteridades. Dois estudos de caso coletivos foram realizados, nos quais os leitores leram, respectivamente, os poemas *Fraga e Sombra* (Zanotto & Palma, 2008, Moura & Zanotto, 2009) e *A Montanha Pulverizada* (Zanotto, 2010, Zanotto, 2014), de Carlos Drummond de Andrade. Nesta apresentação, farei o confronto das análises dos processos de construção das múltiplas leituras (de uma metáfora-problema para os leitores, em cada texto lido) evidenciados nos dados gerados pelos grupos. Dos resultados das análises e do confronto agora realizado emergiram novas e interessantes questões, que serão discutidas nesta apresentação. Em primeiro lugar, houve nos dois estudos de caso uma variação na interação de processamentos metafóricos e metonímicos: no primeiro estudo de caso, ocorreu *metaftonímia integrada* (Goossens, 2003), ou seja, o processamento metafórico e o metonímico atuaram de forma integrada na construção

de uma leitura. No segundo estudo de caso, a interação entre os dois processamentos se caracterizou como uma *metaftonímia cumulativa*, ou seja, uma cadeia de processamentos metonímicos possibilitou a construção de uma leitura metafórica, resultando em diferentes leituras. Em segundo lugar, houve variação nos processamentos *bottom-up* (ascendente) e *top-down* (descendente), na construção da mesma leitura, sendo que o descendente ocorreu por ativação de metáfora conceptual e o ascendente, por construção de raciocínios inferenciais metafóricos e metonímicos, construídos em cadeia inferencial (Hilpert, 2007; Zanotto, 2010), revelando uma coerência construtiva da leitura, que constituirá um critério importante para discutir a leitura do ponto de vista da relevância, na abordagem de Carston (2002), que é foco do novo projeto em construção. *A questão que surge agora é: Esses dois tipos de interação - dos processamentos metonímicos e metafóricos e dos ascendente e descendente - ocorrerão em outros estudos de caso?*

Referências bibliográficas:

- BAKHTIN, Mikhail. 2003. *Estética da Criação Verbal*. Trad. Paulo Bezerra. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes.
- BARCELONA, Antonio. 2007. The role of metonymy in meaning construction at discourse level: A case study. In GÜNTER Radden, Klaus-Michael KÖPCKE, Thomas BERG and Peter SIEMUND (Eds.) *Aspects of Meaning Construction*. Amsterdam: John Benjamins, 51-75.
- CARSTON, Robyn. 2002. *Thoughts and Utterances – The Pragmatics of Explicit Communication*. Oxford: Blackwell.
- DENZIN, Norman, K. & LINCOLN, Yonna S. (Eds.) *Strategies of Qualitative Inquiry*. London: Sage.
- ERICSSON, K. Anders & SIMON, Herbert A. 1984. *Protocol Analysis*. Cambridge, Mas.: MIT Press.
- GOSENS, Louis. 2003. Metaphonymy: The interaction of metaphor and metonymy in expressions for linguistic action. In René DIRVEN and Ralf PÖRINGS (Eds.) *Metaphor and Metonymy in Comparison and Contrast*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 349-377.
- HILPERT, Martin. 2007. Chained metonymies in lexicon and grammar. In GÜNTER Radden, Klaus-Michael KÖPCKE, Thomas BERG and Peter SIEMUND (Eds.) *Aspects of Meaning Construction*. Amsterdam: John Benjamins, 77-98.
- MARKOVÁ, Ivana. 1997. Language and an Epistemology of Dialogism. In STAMENOV, Maxim I. *Language Structure, Discourse and the Access to Consciousness*. Amsterdam: John Benjamins, 227-250
- MOURA, Heronides M. M. & Mara S. ZANOTTO. 2009. Investigando teórica e empiricamente a indeterminação da metáfora. *Gragoatá*, 26: 9-42.
- STAKE, Robert E. 1998. Case studies. In Norman, K. DENZIN & Yonna S. LINCOLN (Eds.) *Strategies of Qualitative Inquiry*. London: Sage, 86-109.
- TOMASELLO, Michael. 2014. *A Natural History of Human Thinking*. Cambridge, Mass., London: Harvard Univ. Press.
- ZANOTTO, Mara Sophia. 1995. Metáfora, cognição e ensino de leitura. *D.E.L.T.A.*, 11/2: 241-254.
- _____. 2010. The multiple readings of ‘metaphor’ in the classroom: Co-construction of inferential chains. *D.E.L.T.A.*, 26: especial: 615-644.
- _____. 2014. A construção de uma prática de letramento para o ensino e pesquisa de leitura da ‘metáfora’ em textos literários. In Aldo de LIMA (Org.) *A Propósito da Metáfora*. Recife: Editora da UFPE/ Cátedra UNESCO de leitura/PUC-Rio, 193-241.
- ZANOTTO, Mara Sophia & PALMA, Dieli V. 2008. Opening Pandora’s Box: Multiple readings of a ‘metaphor’. In Mara Sophia ZANOTTO, Lynne CAMERON and Marilda CAVALCANTI (Eds.) *Confronting Metaphor in Use: An Applied Linguistic Approach*. Amsterdam: John Benjamins, 11-43.

Construções superlativas morfológicas do português – considerações sobre os desafios da utilização de corpora eletrônicos e ferramentas computacionais²⁵

Pilar Silveira Mattos²⁶ (UFJF)

Leila Cruz Magalhães²⁷ (UFJF)

Orientadora: Neusa Salim Miranda²⁸ (UFJF)

“Construções Superlativas Morfológicas do Português” (MIRANDA 2012, 2014) é um macroprojeto vinculado à linha de pesquisa Linguística e Cognição do PPGLinguística-UFJF e à FrameNet Brasil, em sua linha Frames e Construções. Tal projeto tem como escopo teórico a Linguística Cognitiva (LAKOFF & JOHNSON (1980, 1999); LAKOFF (1987); CROFT, W. & CRUSE (2004); SALOMÃO (2009) e MIRANDA (2002, 2008b)) e, em especial, alguns constructos teóricos desse paradigma, como a Teoria da Gramática das Construções e seus Modelos de Uso (GOLDBERG (1995, 2006); TOMASELLO (2003); CROFT, W. & CRUSE (2004);) e a Semântica de Frames (FILLMORE, 1977; FILLMORE, JOHNSON & PETRUCK, 2003). Como principal objetivo projeto busca trazer para o campo morfológico contribuições analíticas erigidas pelos modelos de Gramática das Construções. Relacionadas a essa meta, três teses estão em curso, recortando os seguintes objetos: construções com prefixos superlativos (“hiper desconto”, “super indico”, “uber-brega”, etc (CARRARA-2011-2015)); construções superlativas com base de estados absolutos mais sufixos superlativos (“gravidíssima”, “solteiríssima”, forésimo, etc. (MACHADO, 2011-2015)); construções quantificadoras mórnicas (“lixaiada”, “berraria”, “bebedeira” etc. (COSTA, 2011-2015)). O alinhamento de paradigmas construcionistas da gramática e do léxico com os chamados Modelos de Linguagem Baseados no Uso trouxe a necessidade de que os dados a serem analisados originassem de fontes naturais da linguagem, como os *corpora* de natureza eletrônicos. Assim sendo, o caminho metodológico desses estudos está fundamentado em uma Linguística Cognitiva baseada em Corpus. Tal escolha metodológica nos permite o acesso a um instrumental que nos auxilia na observação das construções em seu habitat discursivo real, com suas configurações probabilísticas de uso. Entretanto, em cada uma das pesquisas em andamento nos deparamos com um tortuoso fator: a ausência de *corpora* representativos de Língua Portuguesa que englobem não apenas a linguagem atual, mas também os mais diversos usos da linguagem, de modo a permitir o estudo tanto de estruturas mais regulares como de fenômenos mais marginais. Em vista desse entrave, o presente trabalho discute as diferentes estratégias que têm sido implementadas com a finalidade de se construir corpora significativos em cada estudo de caso vinculados ao macroprojeto. É neste ponto que a contribuição da Iniciação Científica ganha inegável importância, visto que nosso trabalho nesta fase é contribuir na definição de caminhos viáveis para a construção dos corpora das três pesquisas. Para tanto, o ponto de partida das buscas são os escassos corpora tratados disponíveis na web, como o Corpus do Português (<http://www.corpusdoportugues.org/>) e os *corpora* do projeto AC/DC (<http://www.linguateca.pt/ACDC/>), vinculados à Linguateca. Resultados de buscas limitados nestes corpora conduzem, via de regra, ao um refazer contínuo de metodologias de buscas mediante o uso de ferramentas eletrônicas como os concordanciadores Web Concordancer (<http://webascorpus.org/searchwac.html>) e WebCorp Live (<http://www.webcorp.org.uk/live/>) que envolvem sites de buscas como Bing e Google. Apesar destes obstáculos, os resultados analíticos alcançados apontam para a clara vantagem de se associarem tais pesquisas a uma abordagem metodológica empirista e coerente com os axiomas básicos das teorias assumidas, fornecendo dados de linguagem como realmente são utilizados pelos usuários da língua e possibilitando, através das análises de frequência de *token* e *type*, um trato probabilístico dos fenômenos mórnicos em estudo.

Palavras-chave: Corpora Eletrônicos, Gramáticas das Construções, Morfologia.

Referências bibliográficas:

- BYBEE, J. Regular Morphology and the lexicon. In: *Language and Cognitive Process* 10, 425-455, 1995.
CROFT, W. e CRUSE, A.D. *Cognitive Linguistics*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

²⁴ Financiadores: CNPq - Auxílio financeiro / CNPq - PIBIC - Bolsa / Universidade Federal de Juiz de Fora – Bolsa.5

²⁶ Graduando em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora, bolsista de iniciação científica PIBIC/CNPq - pilarsilmattos@hotmail.com

²⁷ Graduando em Letras/Linguística pela Universidade Federal de Juiz de Fora, bolsista de iniciação científica da mesma universidade - leilinhmagalhaes@yahoo.com.br

²⁸ Professora do curso de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora e do PPGLinguística da mesma universidade. Doutora em Educação pela UFMG - neusasalim@oi.com.br

- FILLMORE, C. *Innocence: a second idealization for linguistics*. University of California at Berkeley, 1976.
- FILLMORE, C. J. *Frame Semantics*. In: THE LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (org.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin, 1982.
- FILLMORE, C. *On Grammatical Constructions*. Berkeley: University of California, 1988.
- FILLMORE, C. KAY, P., O'CONNOR, K. Regularity and idiomaticity in grammatical constructions: the case of let one. In *Language*, 64:501-538, 1988b.
- FILLMORE, C. *Beyond The Core (BTC) Project*. 2007(inédito)
- GOLDBERG, A.E. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago and London: The University Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, A.E. *Constructions at work*. Oxford: Oxford University Press. 2006.

A modalidade deôntica no Português Brasileiro: uma abordagem cognitivista

Virgínia Comazzetto (FFLCH/USP) – Bolsa Ensinar com Pesquisa

O presente estudo visa a analisar as realizações da modalidade deôntica no Português Brasileiro, tendo como base tanto a abordagem interpessoal da linguagem proposta por Halliday & Matthiessen (2004), no âmbito da Linguística Sistêmico-Funcional, quanto o princípio linguístico-cognitivo de Dinâmica de Forças, apresentado por Talmy (2000).

A primeira perspectiva propõe explicar a relação dinâmica entre a língua e a sociedade, opondo-se às abordagens formalistas – estruturalismo e gerativismo – rejeitando a premissa de autonomia da linguagem. Assim, a língua – tida como atividade sociocultural – é vista como um potencial de significado, flexível e aberto a mudanças derivadas do contexto ecossocial, e orientado tanto para a ação quanto para a reflexão. Em consequência disso, entende-se que o sistema e o texto formam um *continuum* atravessado por três grandes funções: a ideacional, a interpessoal e a textual.

Já a segunda linha teórica – a Linguística Cognitiva – concebe uma interdependência entre língua e mente propondo uma interpretação do comportamento linguístico como consequência, principalmente, das experiências humanas em suas ações culturais, sociointeracionais e individuais, que envolvem categorização, perspectivização, atenção, memória, processamento, percepção, dentre outras capacidades humanas (CUNHA & BISPO & SILVA, 2013; GRADY, 2005; GEERAERTS, 2010). Nesse sentido, pressupõe-se uma não separação entre conhecimento semântico (linguístico) e enciclopédico (extralinguístico) e defende-se que a estruturação da linguagem deriva da experiência corporeada, de modo que as categorizações são entendidas como resultado dessas experiências, e os conceitos abstratos, de extensões metonímicas e metafóricas delas derivadas (MARTELOTTA & AREAS, 2013; FAUCONNIER & TURNER, 2002).

A adoção de uma análise a partir de ambas as correntes se justifica, uma vez que as perspectivas se complementam e partilham de diversos pressupostos teórico-metodológicos, como a incorporação da semântica e da pragmática às análises, a rejeição da proposta de autonomia da linguagem e o estabelecimento de estreita relação entre a estrutura da língua e o uso em contextos reais de comunicação.

O estudo foi subdividido em várias etapas, ainda em andamento. A primeira constituiu-se na coleta de um corpus composto por gêneros da esfera do cotidiano (BAKHTIN, 2004) e do ambiente virtual, como comentários em murais e conversas privadas na rede social *Facebook*, além de publicações em sites ou blogs. Posteriormente, realizou-se um levantamento de dados, focado nas instâncias deônticas de natureza verbal, como os modais *dever*, *precisar*, *poder*, *permitir*, *ter que*, a fim de possibilitar o início da etapa seguinte: a análise.

Como parâmetros, escolheram-se os seguintes elementos:

- a. categorização, a partir do modelo de Talmy (2000) das entidades de força - agonista (AGO) e antagonista (ANT) -, sua tendência intrínseca – voltada ao movimento ou ao repouso –, o equilíbrio de forças – mais forte e mais fraco - e a resultante da interação das entidades – voltada à ação ou à estaticidade, em termos factuais ou potenciais;
- b. classificação das entidades de força (AGO e ANT) a partir dos traços semânticos animado -*humano e não humano* - e inanimado — *objeto e evento*.
- c. descrição da função sintática e do caráter objetivo ou subjetivo (LANGACKER, 2008) das entidades de força.

- d. análise, segundo Halliday & Matthiessen (2004), da configuração objetiva e subjetiva, explícita ou implícita, do recurso modal, assim como do escopo de incidência da polaridade negativa nos complexos oracionais, procurando descrever e contrastar as diferenças quando esse valor está associado ao elemento modal (*modus*) ou ao conteúdo proposicional (*dictum*).
- e. apreensão do tempo associado às formas verbais.
- f. proposta de uma escala de autoridade, resultante da análise correlacionada dos fatores anteriormente elencados, em face dos contextos de ocorrência das instâncias analisadas.

Assim, busca-se entender que fatores condicionam e explicam o uso e a configuração da modalidade deôntica em língua portuguesa, a partir de um diálogo teórico trinocular, que abarca linguagem, cognição e sociedade.

Palavras-chave: Modalidade Deôntica, Dinâmica de Forças, Linguística Cognitivo-Funcional.

Referências bibliográficas:

- BAKHTIN, M. M. (2004) *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 11ª ed. São Paulo: Editora Hucitec.
- CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo; SILVA, José Romerito (2013). “Linguística funcional centrada no uso: conceitos básicos e categorias analíticas. In: CEZARIO, Maria Maura; CUNHA, Maria Angélica (org.) *Linguística Centrada no uso: uma homenagem a Mário Martelotta*. Rio de Janeiro: Mauad X/FAPERJ, pp. 13-39.
- FAUCONNIER, Gilles & TURNER, Mark (2002) *The way we think: Conceptual blending and the mind’s hidden complexities*. New York: Basic Books.
- GEERAERTS, Dirk. Recontextualizing grammar: Underlying trends in thirty years of Cognitive Linguistics. In: Tabakowska, E. et al. *Cognitive Linguistics in action: from theory to application and back*. Berlin: De Gruyter, 2010, p. 71-102.
- GRADY, Joseph E. (2005) Image schemas and perception: Refining a definition. In: HAMPE, Beate & GRADY, Joseph E. (org.) *From perception to meaning: image schemas in Cognitive Linguistics*. Berlin: Mouton De Gruyter pp. 35-55.
- HALLIDAY, Michael & MATTHIESSEN, Christian (2004). *Introduction to Functional Grammar*. 3º ed. London: Hodder Arnold.
- LANGACKER, Ronald (2008). *Cognitive grammar: a basic introduction*. New York: Oxford University Press.
- MARTELOTTA, Mário Eduardo; AREAS, Eduardo Kenedy (2003). “A visão funcionalista da linguagem no século XX”. In: CUNHA, Maria Angélica; OLIVEIRA, Mariangela Rios de; MARTELOTTA, Mário Eduardo (orgs.) *Linguística funcional: teoria e prática*. Rio de Janeiro: DP&A.
- TALMY, Leonard. *Towards a Cognitive Semantics*. Vol. 1. Cambridge: MIT Press, 2000.

A espetacularização da vida privada: um estudo sobre julgamentos acerca de família e de sexualidade no gênero terapêutico da TV brasileira

Winola Weiss Pires Cunha (FFLCH/USP) – Bolsista RUSP

O objetivo deste trabalho é analisar a configuração dos modelos mentais (VAN DIJK, 2000) de família e de sexualidade, a partir de um corpus formado por dois episódios do programa de televisão aberta *Casos de Família* – “Mesmo vendendo meu corpo, eu faço parte dessa família” (exibido em 25/01/2014) e “Ninguém merece uma família tão preconceituosa” (exibido em 01/02/2014) –, considerados por Volpe (2013) como instâncias espetacularizadas do gênero terapêutico.

O programa analisado é categorizado por Silva (2009) como *trash talk*, isto é, um *talk show* que traz à cena acirradas discussões familiares e pessoais de “anônimos”. Os *talk shows*, em geral, são tomados como gêneros ligados a uma “esfera pública alternativa” por tratarem de assuntos pouco convencionais e até mesmo “marginalizados”, como são comumente os debates sobre sexualidade. Os *trash talks*, nesse sentido, extrapolam essa concepção, uma vez que permitem sobremaneira a autorrepresentação de indivíduos que, de outra forma, não teriam a possibilidade de expressarem-se na cena televisiva, criando uma espécie de espetacularização da vida privada. Sendo entendido como um palco que possibilita uma autorrepresentação

informal de certos atores sociais, normalmente excluídos do contexto televisivo, acredita-se que os *trashtalks* são uma importante fonte de análise para o estudo linguístico-discursivo.

Para tanto, são utilizados, sobretudo, os pressupostos teóricos da Linguística Sistêmico-Funcional (HALLIDAY, 2004), com ênfase na Avaliatividade (MARTIN & WHITE, 2005), da Análise Crítica do Discurso (MELO, 2009; VAN DIJK, 2000) e da Linguística Cognitiva (SILVA, 1997). Cada teoria, ainda que enxergue a linguagem a partir de uma certa perspectiva, possui pressupostos teóricos complementares, viabilizando uma compreensão trinocular sobre a semiose, que envolve a interface com a mente e a sociedade.

A Linguística Cognitiva aborda seu objeto de estudo como um sistema mental não-autônomo, isto é, entende que as unidades e estruturas linguísticas são manifestações de capacidades cognitivas gerais, que a língua não forma um sistema modular independente de outras competências cognitivas e que o uso linguístico está atrelado ao conhecimento enciclopédico e ao corporeamento (SILVA, 1997).

A Linguística Sistêmico-Funcional, por sua vez, abarca a língua tanto por um viés sistêmico — analisando sua estrutura e configuração internas — quanto por um viés textual — observando sua relação com fatores extralinguísticos. A partir desse olhar, a LSF entende que a língua não é apenas um meio de criar significados, mas também se constitui em uma rede de recursos que viabiliza ação e reflexão (HALLIDAY, 2004).

A Análise Crítica do Discurso trata dos processos de produção e compreensão textuais a partir de uma interface com as estruturas e práticas sociais, por um lado, e a construção linguística por outro, permitindo desvelar também os discursos subjacentes (ideologias) ao texto. Com isso, torna-se possível analisar os processos de reprodução, manutenção, confrontação e transformação discursiva (ou semiótica) que permeiam a sociedade (MELO, 2009; VAN DIJK, 2000).

Para este trabalho, selecionou-se a categoria ATITUDE, ligada à Teoria da Avaliatividade (MARTIN & WHITE, 2005), uma vez que sua análise permite depreender as diversas visões autorais, envolvendo julgamentos, apreciações e afetos, acerca das noções de família e de sexualidade. Assim, torna-se possível verificar que valores estão associados a esses *frames*, quais são considerados positivos e negativos e de que modo essas representações ratificam ou confrontam o discurso hegemônico.

Palavras-chave: Avaliatividade, Sexualidade, Família.

Referências bibliográficas:

- MELO, I. F. Introdução aos Estudos Críticos do Discurso: Teoria e Prática. 2012. Campinas: Pontes. 2012.
- HALLIDAY, M.A.K. Introduction to Functional Grammar. 3ª ed. Revisada por C. Matthiessen. London: Hodder Arnold. 2004.
- MARTIN, J. R. WHITE, P. R. R. The Language of Evaluation. Appraisal in English. New York. PALGRAVE MACMILLAN. 2005.
- SILVA, A. S. A Linguística Cognitiva: Uma breve introdução a um novo paradigma em linguística. Revista Portuguesa de Humanidades, v.1, p.59-101, 1997.
- SILVA, F. M. Talk show: um gênero televisivo entre o jornalismo e o entretenimento. revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação | E-compós, Brasília, v.12, n.1, jan./abr. 2009. Disponível em: <<http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/289/315>> Acesso em: 03/04/2014.
- VAN DIJK, T. A. Ideology and Discourse. A Multidisciplinary Introduction. English version of an internet course for the Universitat Oberta de Catalunya (UOC). 2000.
- VAN LEEUWEN, T. Representação dos atores sociais. IN: PEDRO, E. R. Análise crítica do discurso: aspectos teóricos, metodológicos e analíticos. Lisboa: Caminho, p. 169-222, 1997.
- VOLPE, M. M. O Divã no Palco: Discurso Terapêutico, Indústria Cultural e a Produção de Bens Culturais com Pessoas Comuns. 2013. 230 f. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2013.

Sumário

PROGRAMAÇÃO	6
SESSÕES DE COMUNICAÇÃO E MESAS	9
PÔSTERES	17
CADERNO DE RESUMOS	19
APRESENTAÇÃO	20
MODALIDADE: COMUNICAÇÃO ORAL	21
Prog. Univer. na melhoria da escrita e leitura: gêneros e sequências textuais na construção do conhecimento para produção escrita	21
Aila Maria Leite Figueiredo (UNICSUL)	
Semiótica hiperprofunda e cognição: como a mente concebe a realidade	22
Aldo Luiz Bizzocchi (FFLCH/USP)	
A “álgebra mágica” de Guimarães Rosa: linguagem, mito e pensamento	24
Alessandra Maria Mamere Caixeta Martins (UFU)	
A percepção de intencionalidade e de causalidade no uso linguístico por crianças portadoras de TEA de alto funcionamento	25
Alexandre Yuri Ribeiro Guerra (USP)	
O discurso reportado como estratégia comunicativa na fala espontânea de crianças com transtorno do espectro autista1 ..	27
Aline Bisotti Dornelas (UFJF)	
Esther Pascual (University of Groningen)	
Concepções de significado prototípico na Semântica Cognitiva Lexical: implicações metodológicas	29
Ana Flávia Souto de Oliveira (UFRGS)	
Maity Simone Guerreiro Siqueira (UFRGS)	
A pesquisa em cognição: um andaime para um ensino do texto do gênero literário crônica no Ensino Fundamental	30
Ana Lúcia Farias da Silva (UFRRJ)	
Atenção conjunta: sinalizadores de polidez no mandarim, no coreano e no português	31
Andréia Hiromi Mano (FFLCH/USP)	
A construção superlativa prefixal: uma abordagem construcionista da morfologia derivacional	33
Anna Carolina Ferreira Carrara (UFJF)	
Neusa Salim Miranda (UFJF)	

Common ground, atenção conjunta e recursividade: processos cognitivos e gramaticalização	36
Anna Karolina Miranda Oliveira (Colégio Miguel de Cervantes)	
Análise do discurso e realismo experiencial: implicações para uma memória cognitivo-discursiva	38
Argus Romero Abreu de Moraes (UFMG)	
Cartas do editor da revista claudia: Estudo das escolhas lexicais para a construção da identidade feminina	39
Bianca de Andrade Mantovani (FFLCH-USP)	
Orientadora: Prof. Dr. Maria Lúcia da Cunha Victório de Oliveira Andrade	
Influência social na aprendizagem: uma abordagem evolucionista	41
Briseida Dogo de Resende (IP/USP)	
Considerações preliminares sobre o diálogo entre notícia do Brasil e Tratado Descritivo do Brasil em 1587	42
Bruna Baldini de Miranda (DLCV – FFLCH – USP)	
A gestualidade como ação antecipatória na produção de enunciados discordantes	43
Cacilda Vilela de Lima (FFLCH/USP)	
Esquemas imagéticos, metáforas conceituais e metonímias na produção de narrativas orais de crianças em período escolar: uma breve análise	45
Camila Aparecida Martins (UFMG)	
Henrique Alvarenga Cosenza (UFMG)	
História para boi casar: o hibridismo verbo-visual e a estilística em textos para crianças	46
Carlos Augusto Baptista de Andrade (UNICSUL)	
Magalí Elisabete Sparano (UNICSUL)	
Linguagem e cognição: compreensão de provérbios por pessoas com acidente vascular cerebral no LPI e/ou Alzheimer conhecidas de professores-alunos do Programa Plataforma Freire da UNEB	48
Cesar Costa Vitorino (UNEB)	
Um olhar sobre um letramento especial: o das crianças com Síndrome de Down	49
Cláudia Madalena Feistauer (UNEB)	
(Inter)subjetivação no processo de conclusão textual	50
Cristina Lopomo DEFENDI – (IFSP)	
Causalidade e aspectos cognitivos de sua codificação: os conectores causais da língua alemã.	62
David Edson Farah (Doutorando, DLM/FFLCH/USP)	
Onde não haveria nada. Interação social, linguagem e cognição humana: algumas questões a respeito dessas relações observadas a partir do autismo	53
Débora Klemens Oliveira (UNIFESP)	

O comportamento do adjetivo privativo ‘falso’ na perspectiva da linguística cognitiva	55
Dedilene Alves de Jesus (UFRJ/CAPES)	
Orientadora: Maria Lúcia Leitão de Almeida (UFRJ)	
Idiomaticidade e subjetificação em uma rede de construções gramaticais do português brasileiro	57
Diogo Pinheiro (UFRJ)	
Karen Alonso (UFRJ)	
Análise do processo de organização tópica em cartas de redatores de jornais paulistas do século XIX	59
Eduardo Penhavel (UNESP)	
Alessandra Regina Guerra (PG/UNESP)	
O processo interacional: intenções e avaliações do falante	60
Elaine Cristina Silva Santos (DLEs/UFS)	
O português de herança em territórios de língua oficial espanhola	61
Elisangela Baptista de Godoy Sartin ⁸ (UNIB/USP-PG).	
Acessibilidade e percepção visual na USP	63
Fabiana Francisca Santos da Silva (FFLCH)	
Isabela Pereira da Silva (FFLCH)	
Consciência Fonológica e a aprendizagem do português como língua de herança	64
Felicia Jennings-Winterle (MA)	
O papel dos frames semânticos como ferramentas de descrição e explicação da significação discursiva	65
Fernanda Raquel Oliveira Lima (UFJF)	
Neusa Salim Miranda (UFJF)	
Gradação e prototopia nos transtornos do espectro do autismo (TEA): testes de produção comunicativa	68
Flaviana Veríssimo da Silva (USP)	
Choque cultural de alunos guineeses na USP	70
Florsil Alfredo Mendonça (USP)	
A construção dos sentidos sob o prisma da integração conceptual	72
Francisco das Chagas de Sousa (UFPB)	
Aquisição de l2 sob a luz da hipótese do período crítico	73
Francisco das Chagas de Sousa (UFPB)	
Alguns aspectos semânticos da construção concessiva comparativa (ccc) “para x, y” como recurso avaliativo	75
Gabriela da Silva Pires (UFJF)	
Luiz Fernando Matos Rocha (UFJF)	
O tratamento dos conceitos e preconceitos via leitura das expressões homofóbicas segundo a Teoria da Metáfora Conceitual de Lakoff	76
Giselli Freitas Neves ¹ (UFC)	

A crise econômica mundial e as imagens de suas repercussões na imprensa espanhola e brasileira	77
Ieda Maria Alves (USP)	
Iolanda Galanes Santos (Universidad de Vigo)	
A plasticidade da visão: o lugar da fala	78
Isabela Pereira da Silva (USP)	
Compreensão de inferências na doença de alzheimer	80
Jan Edson Rodrigues Leite (UFPB/CNPq)	
Mábia Nunes Toscano (UFPB/Capes)	
Marinésio J. Gonçalves (UFPB)	
A fonte para a construção de um contexto: a relação entre faixa etária, tamanho de contexto em pessoas típicas e com transtornos	81
Joice da Silva Moreli (USP)	
Ensino de pontuação na escola primária e a noção de script	83
José Hamilton Maruxo Junior (UNIFESP)	
Construções completivas impessoais: verbo ser+nome	84
Jocineia Andrade de Ramos	
Os tempos de enunciação, referência e evento numa análise semântica do tempo em espanhol andino colombiano	85
Juliana Ángel-Osorno - Programa de Pós-Graduação em Semiótica e Linguística Geral	
Gramaticalização e subjetificação no estudo do futuro perifrástico no português brasileiro	86
Jussara Abraçado (UFF)	
A construção de empatia no discurso de mulheres vítimas de violência conjugal	87
Kaline Girão Jamison (UFC)	
Ana Cristina Pelosi (UFC)	
O papel dos mecanismos da analogia e da reanálise na mudança linguística	88
Lauriê Ferreira Martins (UFJF)	
Nathália Félix de Oliveira (UFJF)	
Manuscritos da escravidão (sécs. XVIII e XIX): edição e estudo	90
Letícia Costa Feiteira (USP)	
As construções de polaridade negativa como pista linguística evidenciando o processo de estigmatização sobre o grupo de etnia considerada cigana	91
Lídia Spaziani (USP)	
Competência leitora: inter-relação de aspectos cognitivos entre ler em LM e em LE de alunos calouros de Letras Inglês da UNIFESSPA	92
Luciana Kinoshita Barros (USP)	

Variantes terminológicas em uma ontologia do domínio jurídico brasileiro	94
Luciana Monteiro Krebs (Unisinos)	
O transtorno de linguagem e o uso das tic: um estudo de caso	95
Luciel Pereira de Jesus	
Ildelávio dos Santos Silva	
As metáforas conceituais na imprensa do setor canavieiro no Brasil	97
Luís Henrique Serra (FFLCH – USP/CNPq)	
Estudo da expectativa numa perspectiva cognitiva	99
Luiz Carlos Cagliari (Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho – UNESP – FCLAR – DL (Campus de Araraquara)	
Construções metafóricas convencionais e não convencionais: um estudo com idosos portadores de Alzheimer e idosos não patológicos	100
Mábia Nunes Toscano (CAPES/UFPB)	
Jan Edson Rodrigues Leite (CNPq/UFPB)	
Can deaf people understand primary metaphors?	102
Maity Siqueira (UFRGS)	
Daniela Marques (UFRGS/Hospital de Clínicas de Porto Alegre)	
Processos de referenciação em Redações Científicas: uma abordagem sociocognitivo-interacionista	102
Marcela de Almeida Moschem (Unicamp/IEL)	
Esquematicidade das orações encaixadas subjetivas em processo de gramaticalização	104
Marcela Zambolim de Moura (UFJF)	
Patrícia Fabiane Amaral da Cunha Lacerda (UFJF)	
O papel funcional-discursivo das correlativas adversativas: um exercício cognitivo	105
Marcello Ribeiro (UNINOVE)	
Construções com verbo suporte: graus de lexicalização	106
Marcia dos Santos Machado Vieira (UFRJ)	
An empirical-experimental study of problem solving in the translation of linguistic metaphors from Chinese into Portuguese ..	107
Márcia Schmaltz (University of Macau)	
A metáfora da fôrma	108
Marcos Gonzalez (Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro)	
Contribuições da consciência metatextual para o letramento linguístico	109
Marcus Vinicius Brotto de Almeida (IFRJ / UFRJ)	

Diagnóstico auxiliar de autismo: problemas e encaminhamentos da linguagem.....	110
Maria Célia Lima-Hernandes (USP-CNPq-FAPESP)	
Marcelo Módolo (USP)	
O papel da argumentação crítico-dialógica na construção de tomadas de decisão entre professores em formação via Facebook	111
Maria Cristina Damianovic (UFPE)	
Iago Broxado (UFPE)	
Bumbos em batuques: estudo do vocabulário do samba de bumbo	112
Mario Santin Frugiuele (USP)	
A semântica de frames na elaboração do dicionário da Copa.....	113
Maucha Andrade Gamonal (UFJF)	
Daniela Simões Gomes (UFJF)	
Maria Margarida Salomão (UFJF)	
Tiago Timponi Torrent (UFJF)	
Transparência, opacidade e processamento discursivo na relação adverbial propósito no Português.....	114
Michel Gustavo Fontes ¹² (UFMS)/Universidade Estadual Paulista Júlio Mesquita Filho (UNESP)	
Joceli Catarina Stassi-Sé ¹³ (UFMS)	
Estudo semântico-lexical do item lexical “corrupção” em Cáceres-MT	116
Milena Borges de Moraes (UNEMAT/USP/FAPEMAT)	
Crônica jornalística – por uma caracterização do gênero.....	117
Milton Gabriel Júnior (PUC-SP)/Universidade Paulista (UNIP)	
Amostras do Português falado em Macau no século XXI	118
Nathalia Regina Pim do Nascimento (USP)	
As construções completivas impessoais com verbo ser +nome e o controle do sujeito	119
Nilza Barrozo Dias (UFF)	
Aspectos cognitivos na Toponímia	120
Patrícia Carvalhinhos (FFLCH-USP)	
Perseguição dos imigrantes japoneses em São Paulo: o contexto da Segunda Guerra Mundial.....	121
Patrícia Elisa Kuniko Kondo Komatsu (FFLCH/USP)	
A produção de texto infantil e as marcas de oralidade: atividades de textualização e revisão possibilidades e encaminhamentos	123
Patricia Klein Gomes (UNICSUL)	
Solteiríssimo, solteiraço, solteirésimo: um caso de desencontro das propriedades semântico formais da construção superlativa sintética no Português do Brasil.....	124
Patrícia Miranda Machado (UFJF)	
Neusa Salim Miranda (Orientadora/PPG-Linguística – CNPq (UFJF)	

Conqueísmo: a extensão de uma construção com verbos de Dinâmica de Forças	126
Paulo Chagas de Souza (FFLCH/USP)	
Comparativismo categorial e gramaticalização de construções de CÓPULA + COMITATIVO em Português e línguas Bantas	127
Paulo Jeferson Pilar Araújo (USP/FAPESP)	
Processos atencionais e linguagem em perspectiva cognitivista	128
Paulo Roberto Gonçalves Segundo (USP)	
Maria Célia Lima-Hernandes (USP-CNPq-FAPESP)	
(Re)alinhamentos interacionais em entrevistas com integrantes do centro de convivência de afásicos do IEL/Unicamp ...	129
Rafahel Jean Parintins Lima (IEL/UNICAMP)	
Corpo, mente e leitura: alguns diálogos possíveis	131
Raul de Souza Püschel (IFSP)	
Iniciar um texto é a parte mais difícil?	132
Renata Barbosa Vicente (UFRPE/USP)	
As relações intersubjetivas em correspondências administrativas setecentistas	134
Renata Ferreira Munhoz (FFLCH/USP)	
Gramaticalização das construções correlativas condicionais (com “se..., é porque”)	135
Renata Margarido (USP)	
A construção de interfaces entre linguagem e cognição na competência leitora em Inglês	136
Rita Angélica de Oliveira Luz (PUCRS)	
Subjetificação na narração de futebol: o caso do verbo sair	138
Rodrigo Lazaresko Madrid (USP/CNPq)	
A escolarização como fator fundamental na formação da prosódia caipira paulista na região do Médio Tietê	139
Rosicleide Rodrigues Garcia (USP)	
Investigando a metaforicidade dos phrasal verbs sob a ótica da semântica cognitiva	140
Samanta Kélly Menoncin Pierozan (UNISINOS)	
A inclusão de alunos com deficiência no ensino superior e a percepção de suas identidades sociais: uma análise comparativa entre Brasil e Espanha	142
Saulo César Paulino e Silva	
Dialeto caipira na região paulista do Médio Tietê	
Projeto de registro de variações fonético-fonológicas e semântico-lexicais	143
Selmo Ribeiro Figueiredo Junior (USP)	
Coesão, coerência e referenciação: processos sociocognitivos e suas implicações para a produção escrita	145
Silvia Albert Bachur (PUC-SP)	

Parameters of conditionality and conditional constructions	146
Taisa Peres de Oliveira (UFMS)	
Os verbos do Pykobjê-Gavião (Timbira) vistos sob a perspectiva da linguística funcionalista cognitiva	148
Talita Rodrigues da Silva (USP)	
O ensino de português brasileiro aos chineses	149
Tang Sijuan (SISU/USP)	
Os esquemas imagéticos e a motivação conceptual da construção binominal de quantificação indefinida do PB.....	150
Tatiane Silva Tavares (UFJF)	
Orientadora: Profa. Dra. Thais Fernandes Sampaio (UFJF)	
A motricidade e a direcionalidade dos verbos: um estudo experimental	151
Thalita Maria Lucindo Aureliano (UFPB)	
Danielly Lopes de Lima (UFCG/ UFPB)	
Jan Edson Rodrigues Leite (UFPB)	
Construções sinalizadoras de “planos e desejos” e de “desânimo, decepção e resignação” em relatos de pessoas com envelhecimento normal e com Doença de Alzheimer	152
Tomás Reis Barreto Penha (USP)	
A multi-dimensional perspective on metaphor use in english	153
Tony Berber Sardinha (São Paulo Catholic University)	
O gênero no ensino de língua estrangeira na perspectiva da ISD	155
Vanessa Cavalcante Pequeno (UFPE)	
Sandra Ataíde Ferreira (UFPE)	
As construções binominais N-de-N no constructicon do Português do Brasil.....	157
Vanessa Gonçalves Ferreira ²⁰ (UFJF)	
Thais Fernandes Sampaio ²¹ (UFJF)	
As formas de tratamento em documentos paulistas do século XVIII	158
Vanessa Martins do Monte (FFLCH-USP)	
A importância da neurolinguística discursiva para a recuperação da capacidade comunicativa de sujeitos com lesão cerebral: um estudo sobre o agramatismo e a afasia semântica	160
Vivian Meira (UNEB/Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia (FAPESB))	
Ponto de vista e construal: estratégias cognitivas nos dêiticos “nós” e “a gente”	161
Viviane da Fonseca Moura Fontes (UFRJ)	
Orientadora: Lilian Vieira Ferrari (UFRJ)	

MODALIDADE: PÔSTER	163
Construções gramaticais bitransitivas: elementos estruturais e cognitivos	164
Andréa de Oliveira Gomes Martins (UFPB, CNPq)	
Lucas Emmanuel da Silva Lourenço (UFPB, CNPq)	
Jan Edson Rodrigues Leite (UFPB, CNPq)	
Deficiência visual e usos de palavras – o caso da palavra ATRAVÉS	165
Um projeto da Pré-Iniciação Científica	
Anna Rebeca Águas Schunemann	
Bianca Maia Machado	
Jaqueline Rocha dos Anjos	
João Pedro da Silva Salomé	
Lucas Serradella de Paula	
Moisés Carlos Ferrer – ETEC Guaracy Silveira	
Isabela Pereira da Silva – USP	
A linha de errância do autismo e o método-pensamento de Fernand Deligny: onde a linguagem se ausente, o que há?	165
Caroline Paola Cots (UNIFESP)	
Linguagem não literal no envelhecimento: uma análise por meio de provérbios	167
Karoline Pimentel dos Santos (UFSC)	
Daniel De Martino Ucedo (UFSC)	
A construção da identidade do deficiente intelectual por meio da sua inclusão profissional no ramo farmacêutico na cidade de São Paulo.	168
Gláucia Ono Fujita Pereira (IC Instituto Sumaré de Ensino Superior)	
Orientador: Saulo César Silva (IC Instituto Sumaré de Ensino Superior)	
A construção da (des)cortesia na interação criança-adulto em perspectiva funcionalista e conversacional	170
Karoline Santiago de Macedo (FFLCH/USP)	
Investigação qualitativa dos processos de interpretação de metáforas em textos literários	171
Mara Sophia Zanotto (PUC-SP)	
Construções superlativas morfológicas do português – considerações sobre os desafios da utilização de corpora eletrônicos e ferramentas computacionais ²⁴	173
Pilar Silveira Mattos (UFJF)	
Leila Cruz Magalhães (UFJF)	
Orientadora: Neusa Salim Miranda (UFJF)	
A modalidade deôntica no Português Brasileiro: uma abordagem cognitivista	174
Virgínia Comazzetto (FFLCH/USP) – Bolsa Ensinar com Pesquisa	
A espetacularização da vida privada: um estudo sobre julgamentos acerca de família e de sexualidade no gênero terapêutico da TV brasileira	175
Winola Weiss Pires Cunha (FFLCH/USP) – Bolsista RUSP	